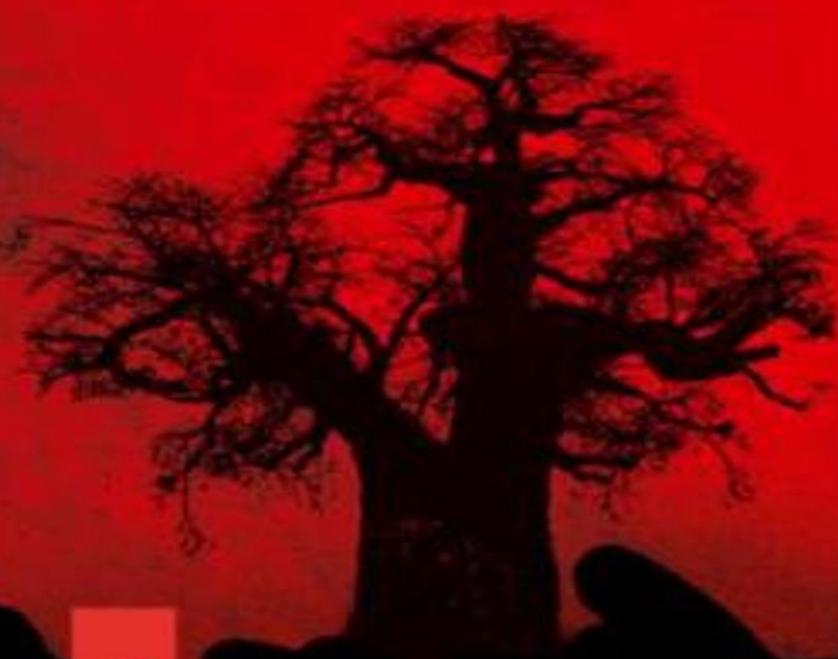


PRÉMIO LEYA 2009

O OLHO DE HERTZOG

JOÃO
PAULO
BORGES
COELHO

MOCANBIQUE
NE RECALDO DA
GRANDE GUERRA



LeYa

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Ficha Técnica

Título: *O OLHO DE HERTZOG*
Autor: João Paulo Borges Coelho

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789896600976

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010, Leya, SA

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Muitos actos que adiante se relatam foram reais, embora se suspeite que a realidade não passa de uma massa de contornos imprecisos. Quanto a quem os praticou, reais ou não, são – parafraseando Durrell – animais que não existem.

*...descobrir que todos os momentos do tempo existiram
simultaneamente, caso em que nada do que a
história conta seria verdadeiro, os acontecimentos não
aconteceram, estão à espera de acontecer no momento
em que pensarmos neles, embora, naturalmente, a
perspectiva pouco animadora de eterna infelicidade
e interminável dor fique assim em aberto.*

W. G. Sebald, *Austerlitz*

*Finalmente a viagem conduz à cidade de Tamara.
Entra-se nela por ruas peçadas de letreiros que
sobressaem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas
sim figuras de coisas que significam outras coisas
[...]. O olhar percorre as ruas como páginas escritas.*

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*

Índice

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

AGRADECIMENTOS

1

Não fosse o calor nem esta vegetação tão particular, não trouxesse o ar este vago cheiro a queimado, e .Hans Mahrenholz dirse-ia de volta a uma sua muito antiga vida. Hamburgo talvez, quando era criança e cruzou as desconhecidas praças dessa cidade levado pela mão grossa do pai, fustigados ambos por uma chuva miúda mas inclemente. Hamburgo, desta vez sem a mão que lhe abria os caminhos. Hamburgo às cegas. Não fosse esta luz crua que subsiste apesar da chuva e lhe castiga os olhos.

Recua ligeiramente para se proteger debaixo do avançado de lona riscada – velha e quebradiça, coçada pelo sol e pelo sal – e continua a observar com atenção a linha de costa. A maresia inchou-lhe os dedos, a ondulação provocou nele uma náusea leve e persistente.

A chuva desaba agora com fragor, formando manchas eriçadas na pele do mar (pequenas ilhas de inquietude na ampla superfície). Tem sido assim desde ontem, estes soluços molhados do tempo. Mais perto, a nova descarga salpica a balaustrada, as gotas escorrem como um óleo espesso no metal rugoso da amurada, alastram pelo convés.

A galera entra na barra, devagar. Chama-se *Ferreira* e ninguém tem razões para suspeitar de que esta será a sua última viagem à baía de Lourenço Marques. Para trás ficaram dias gloriosos em que, com o nome de *Cutty Sark*, foi a embarcação mais veloz a sulcar os mares do mundo, isso antes de ser adquirida pela firma Joaquim Antunes Ferreira & Cia., da cidade do Porto, e se tornar naquilo que é: uma embarcação cansada, merecedora das águas paradas de algum cais, enquanto peça de museu, mais que de confrontar assim o irascível mar Índico.

Mas não é por causa dessa glória – porventura inútil, neste momento nem sequer notada – que os burgueses encasacados acorrem ao cais apesar da chuva e do calor, unindo-se aos estivadores, marinheiros e vendedores que ali passam a vida, para formarem todos juntos a pequena multidão que

espera; nem sequer pela imponência dos seus três mastros ou pela elegância do seu casco de madeira com mais de 90 metros de comprimento fora-a-fora. Estariam aqui mesmo que fosse outra embarcação qualquer, fazem-no sempre que uma vela ou um mastro assomam no horizonte, promessa de excitação trazida a uma cidade que no resto dos dias permanece modorrenta.

Por ora a *Ferreira* apalpa atentamente o canal que leva ao porto, passando não muito longe de um punhado de navios quietos, fundeados. Da amurada, o comandante Vieira de Sousa, há quatro anos no governo da galera, vai explicando aos seus cinco passageiros o historial de cada um desses navios: o *Niassa*, que foi *Bulow* antes de ser há dois anos capturado pelas autoridades portuguesas; o velho *Admiral*, glória da German East Africa Line, também ele obrigado a ser *Lourenço Marques*; e finalmente o *Beira*, nome pintado de fresco por cima de outro nome que ainda se consegue ler, por estar marcado em relevo leve na chapa negra do casco.

Herzog é o nome, e Hans Mahrenholz é percorrido por um estremecimento quando o consegue ler. *Herzog*. Não por causa da história que este velho navio também terá, as rotas que percorreu, os passageiros que transportou (entre eles um jovem de nome Fernando Pessoa em solitária viagem de regresso a uma pátria desconhecida). *Herzog* é o nome, palavra ducal que igualmente pode ser *Herzig*, *Gertzog*, *Hertogs* – e também *Hertzog*, como se verá – a raiz é sempre a mesma, a utilização é que foi variando, são as mesmas as armas com as cores amarela, azul e negra, as três estrelas, o elmo guerreiro e as asas imperiais. *Herzog*. E escurece ainda mais o humor de si já melancólico de Hans Mahrenholz, trazendo-lhe à ideia um outro tempo que vai ter de convocar.

Ondulam levemente, dóceis animais de carga retemperando forças gastas em intermináveis viagens. *Herzog*, murmura Hans Mahrenholz agora que o tem perto. Massa enorme projectando escura sombra sobre um mar de si já escuro.

Felizmente que tudo se torna mais leve com o lento avanço da galera, com as explicações do comandante e as exclamações dos restantes passageiros. São quatro: um jovem casal de missionários americanos e duas

senhoras que o referido casal trataria com muito mais circunspeção se soubesse que não são quem dizem ser, esposas vindas para se juntar a supostos maridos, um deles engenheiro do caminho-de-ferro, o outro representante de uma companhia de recrutamento de indígenas.

Ira Edmond Gillet, o missionário, mal consegue reprimir a curiosidade, e o comandante passa à descrição do arvoredo cerrado e escuro lá em cima, pontado de casinhas (o arrabalde novo da cidade), da ferida de terra vermelha aberta na encosta e que a chuva fez tornar a sangrar; de mais arvoredo junto à linha de água, envolvendo o edifício alvo do Grémio Náutico, na praia da Polana; e finalmente, mais para a esquerda, que é para onde lentamente se dirigem, o imponente edifício Capitania Buildings cercado de um casario denso que corresponde à cidade propriamente dita: Lourenço Marques.

Mais uma vez a sirene anuncia a presença da galera na barra; no cais, um *frisson* percorre a pequena multidão.

A viagem foi muito acidentada: após uma calmaria que durava desde a largada, o vento rondou subitamente a sudeste por alturas de Richards Bay e, conquanto agilizasse o andamento, veio a fustigá-los sem tréguas, sobretudo ao largo de um lugar da costa chamado Milibangalala, de tal modo que Edith Riggs, a esposa do missionário, fez o resto da viagem encerrada no camarote, sofrendo de enjoos que as atenções dos restantes passageiros – chá preto, álcool nas têmporas, vinagre no nariz e lascas de bacalhau bem salgado – não conseguiam aplacar.

Felizmente que a ondulação acalmou assim que rondaram a ilha da Inhaca pelo norte, apesar dos perigos das baixas profundidades e fortes correntes que ali há, após o que passaram a poder respirar com mais alívio. E este súbito interesse pelos sinais que se descortinam na costa, este esmiuçar das casinhas e das minúsculas criaturas (da inquietante agitação para lá dos limites da cidade), além de ser o interesse normal de quem se aproxima do destino é também uma maneira de expressar o dito alívio.

Chega enfim o momento de lançar âncora. A chalupa que vem em busca dos passageiros vence o tortuoso percurso até se encostar à galera, ondulando muito mais do que ela.

Sobe o oficial de polícia a verificar os passaportes dos estrangeiros. O casal de missionários vem do distante Ohio e vai para a missão de Kambine em trabalho de evangelização. Olham o oficial com desconfiança, último obstáculo entre si e o cumprimento de um desígnio desde há muito estabelecido. O oficial, por seu turno, retorque com um franzir do sobrolho, suspeitando de um Deus que não fala o português. Mas tudo está em regra, não há como não carimbar os documentos e desejar-lhes as boas-vindas da praxe. Quanto às duas senhoras (que já se sabe não virem ao que dizem vir), cerca-as uma luminosidade tal que por si só obriga a aligeirar os procedimentos.

Finalmente, Hans Mahrenholz. Nos documentos, Henry Miller, súbdito inglês embarcado na cidade de Durban, viajando para Lourenço Marques em sondagem de oportunidades de negócio. E que negócio seria esse? Aquele que desse mais garantias de sucesso: minérios, comércio geral, mão-de-obra, difícil de precisar antes que seja levada a cabo a referida sondagem.

O polícia volta a franzir o sobrolho, afaga o espesso bigode. A água escorre-lhe pela capa de oleado. Felizmente que não pergunta que contactos tem o recém-chegado na cidade para o ajudar nessa tarefa, felizmente que se contenta com o que tem na frente: um nome estampado num documento de viagem e a revelação de um propósito. Se cofia o bigode é apenas para dar tempo a que um inesperado acaso revele mais qualquer coisa que acaba por não vir. Talvez porque não haja, pensa ele, apegado desde há muito ao ópio da rotina.

Uma rabanada de vento agita os papéis, quase os faz voar. Seria embaraçoso para todos que voassem para o mar. Parece que vai voltar a chover. Carimba.

As senhoras mostram receio em descer pela escada de cordame, em trocar um espaço a que apesar de tudo já se haviam habituado por esta insegura promessa de chegar a terra firme. Embora a costa esteja próxima, o mar é aqui mais escuro e oleoso, de certa forma mais sinistro.

Sorri o comandante, segurando-lhes o braço para que ganhem confiança; riem mais abertamente os marinheiros que, em baixo e segurando o

corrimão, as incentivam com gestos a que desçam sem temor. Elas temem o mar e os sorrisos destes homens rudes.

Descem por fim os dois estrangeiros e o polícia, descem as malas e os baús (um quase se perde, o seu peso surpreendeu quem o transportava), e a chalupa solta-se do casco da galera e larga a braço vigoroso dos remadores, lutando com as piores ondas, aquelas que já bateram no muro do cais e voltam sem tino, enfurecidas pela descoberta de um limite.

Cantam os marinheiros, uma toada que incute neles a força de remar e que os recém-chegados não sabem distinguir se é alegre, se um lamento. Sobe e desce o cais de pedra a uma certa distância, o mesmo cais onde, da mancha que era a multidão, vão surgindo agora largos acenos e cada vez mais nítidas feições, chapéus e bengalas, bigodes, oleados para proteger da chuva à mistura com os troncos húmidos e nus de mais marinheiros que, de mãos esticadas, aguardam que lhes sejam atiradas as cordas para prender a chalupa às grossas argolas de ferro do paredão.

Com o ondular da terra firme na visão, volta a Edith Riggs a indisposição, nela mais forte ainda do que o medo. Segura o braço do marido com a mão enclavinhada.

Ao lado, Hans Mahrenholz, aliás Henry Miller, perscruta uma a uma as fisionomias do cais procurando descobrir um olhar particular de quem o espere.

Passam às escadas de pedra, sobem-nas e internam-se na multidão tacteando com estranheza a terra firme, quase sem se despedirem uns dos outros. Facto lamentável, tanto mais que uma viagem assim costuma criar nos passageiros uma especial intimidade.

Um homem magro, de chapéu na mão, leva o casal de missionários. As duas mulheres, seguidas por um enxame de crianças, desaparecem sem deixar rasto. Hans torna a olhar em volta, mas não há ninguém que se aproxime e apresente.

Felizmente que era rebate falso, que desta vez a chuva não voltou. Resignado, avança titubeante pela Praça 7 de Março arrastando o malão atrás de si. Finge que não escuta os homens que o seguem, pedindo-lhe com insistência que os deixe arcar com esse peso a troco de uma moeda.

O sol rompeu por entre as nuvens, é agora claro que não vai voltar a chover. E com ele um calor feroz que se junta ao peso da mala para o fazer derreter dentro da casaca ainda húmida da chuva, e agora do suor.

Olha esta praça, afinal distante de Hamburgo, povoada de gentes tão distintas, moldada pelos caprichos de quem a foi edificando, que a salpicou de pequenos quiosques, estranhas construções encimadas por minaretes de ferro forjado, chinesices. *Leão d'Ouro, de João da Silva Alcobia, Servem-se bebidas e refeições, Asseio e prontidão.*

As pessoas passam apressadas; os eléctricos, vagarosos, tilintam. À vozearia junta-se o som ritmado dos calceteiros malhando nos passeios. *Oriental Kiosk, Bebidas espirituosas e sorvetes, Servem-se refeições para fora.* Cheiros fortes e desconhecidos sobrevoam a praça: do querosene dos motores, da água da chuva secando ao sol, da serapilheira húmida que os marinheiros da chalupa envergavam (um cheiro que ainda o persegue), das cozinhas dos quiosques.

Continua a vaguear por ali até acabar por escolher um desses quiosques, que por qualquer razão lhe pareceu conveniente. *Pavillion Kiosk de Cândido de Sousa Teixeira e dona Carlota Fornazini de Sousa Teixeira, Bebidas geladas nacionais e importadas da Metrópole, do Transval e das principais capitais europeias, Tremoços e pipis, Refeições ao gosto do cliente, Almoços elegantes.* Senta-se a uma das mesas da esplanada e pede uma cerveja. Precisa de aplacar a sede que o assola, e também de pensar no que fazer.

As coisas começam mal. Glück garantiu-lhe que estava tudo arranjado, que iriam esperá-lo, que lhe dava um endereço apenas para o caso improvável de as coisas correrem mal. Pois bem, é isso mesmo que acontece: as coisas correm mal.

Passam dois polícias anafados, com grandes bigodes, olhando em volta e girando na mão os cassetetes. Na praça tornam-se todos menos veementes: esperam talvez que os polícias se afastem.

Hans fixa os olhos nos rebordos curiosos dos telhados dos quiosques, nas delirantes estalagmites, flores-de-lis, dragões, parras e perversos anjos;

depois, na cerveja que tem na frente. Imagina e lembra, faz as suas contas. Amaldiçoa Glück.

O tempo que passou no mato foi demasiado para que pudesse agora olhar em volta e ver simplesmente uma cidade. Os arbustos da savana espalhavam vultos e ameaças; os charcos, sempre que chovia, traziam mil olhos à superfície; a luz da lua lambia os canos das espingardas. É isso ainda que vê nestes edifícios, nos postes, nos sofridos corpos que são as árvores urbanas, no inquietante padrão repetitivo das cercas de ferro forjado e da calçada, nas mensagens ocultas que os dizeres dos anúncios e dos cartazes calam: perversidade, dissimulação.

Em frente, um deles anuncia em grossas letras vermelhas e negras: *Teatro Varietá (African Theatres), Repetição das melhores películas da semana em matinée especial: «Sylvia do Serviço Secreto» (fita policial em 5 partes), «Testemunha Silenciosa» (drama em 5 partes), «Quando as más-línguas falam» (drama em 5 partes).*

Tudo o que é anunciado lhe parece de duplo sentido, as pessoas movem-se com inconfessados propósitos, a cidade é um prolongamento do mato. *F. Bridler & Cia Lda, Vendas por atacado de toda a espécie de fazendas, Artigos diversos, Bebidas, Géneros de mercearia e confeitaria, Vinhos, Charutos, Licores, Bon-bons das mais acreditadas marcas nacionais e estrangeiras, Telefones 230 e 139.*

Faz um sinal ao ardina que passa, compra-lhe um jornal. Quer ver confirmada em letra de imprensa a notícia que o comandante da galera, alegremente lhes transmitira, acabada de chegar: o general LettowVorbeck rendera-se!

Procurou na altura saber de pormenores, mas as notícias eram lacónicas. Aparentemente a rendição dera-se em Abercorn, na Rodésia do Norte, assim que Lettow tivera conhecimento do armistício na Europa. A resistência perdera o sentido, se é que ainda tinha algum. O comandante abrira uma garrafa de champanhe para celebrar com os passageiros, e Hans fora obrigado a beber um gole a contragosto. O gole que simbolizava a traição.

Sorri amargamente. Folheia o jornal. Segundo um despacho da Agência Havas, o presidente da República Portuguesa, doutor Sidónio Pais, foi assassinado com três tiros quando embarcava para o Porto. Ao lado, enquadrado por dois filetes grossos, um anúncio dos milagrosos produtos Melcin. *Curam-se todas as doenças secretas e doenças de pele, o nosso maravilhoso tratamento nunca falha, mesmo nos casos desesperados, Melcin é um purificador de sangue de força dupla que pode curar V. Excia rápida e permanentemente de doenças embora de longa data, Quer padeça de dores na garganta ou em qualquer outra parte do corpo, de manchas da cor de cobre ou escamas, de sífilis ou de eczemas, o nosso preparado Melcin curá-lo-á, A garrafa incluindo porte custa 21 xelins, Pedidos a Treye Pharmacy, Commissioner & Treye Street, Box 5595 Joanesburgo, A Tintura Melcin cura as manchas na cara, sarna e qualquer doença de pele, custa 3 xelins e 6 pences cada boião.*

Vira a página, suspirando. Será que o Melcin serviria para lhe limpar a alma? Dá enfim com uma notícia curta.

Nota Oficiosa. A Nossa Acção Contra os Alemães em África. Telegrama recebido de Sua Excelência o Comandante em Chefe das forças aliadas operando contra a África Oriental Alemã, General Van Deventer: «Na conclusão das operações na África Oriental agradeço muito sinceramente a V. Excia pelo pronto auxílio que V. Excia sempre me concedeu de bom grado. Lembrar-me-ei sempre com orgulho que tive a honra de comandar tropas portuguesas cooperando com as minhas na campanha. Rogo aceite felicitações pela gloriosa vitória das armas aliadas sobre um inimigo comum, vitória que estou certo estreitará ainda mais os laços que sempre nos ligaram à nossa mais velha aliada, e transmitti os meus melhores agradecimentos aos comandantes, tropas e funcionários civis portugueses, na África Oriental Portuguesa, pelo seu valioso trabalho na Campanha de 1918.»

E, em seguida, a resposta do Governador-Geral:

«Agradeço a V. Excia seu amável telegrama. É meu desejo significar V. Excia neste momento a satisfação e orgulho sentidos pelos resultados

conseguidos pelas tropas inglesas e portuguesas sob o enérgico e inteligente comando de V. Excia na Campanha agora terminada.»

Fecha o jornal e perde-se em divagações. Por isso quase não sentia o homem magro que se aproxima, de calções e pés descalços. Por um momento convence-se de que é quem o vem buscar. Mas não, trata-se apenas de um simples condutor de riquexó.

‘Patrão, posso levá-lo onde quiser.’

Com a mão direita, Hans faz que não e finge concentrar se na cerveja. O homem não insiste. Mantém-se porém por perto, na esperança de que o estrangeiro reconsidere.

Hans olha-o de soslaio. Realmente magro, um nariz aquilino, como se no seu sangue africano houvesse vestígios árabes ou indianos, embora remotos. Talvez mesmo chineses, a deduzir da curiosidade semicerrada com que o observa. Como confiar num homem assim?

Todavia, por algum motivo – talvez pela sua discreta atitude –, o homem desperta nele uma certa simpatia. Já viu muita gente assim. No início pareciam-lhe figuras de cartão movendo-se num cenário, figuras sem qualquer relevância. Só mais tarde, muito mais tarde, houve alguns a quem pediu protecção.

‘Como te chamas?’

‘O meu nome é Obede.’

‘Obede, queres uma cerveja?’

Obede não parece perceber a oferta. O fosso que existe entre os dois é demasiado fundo para que ele de imediato a percebesse. Todavia, assim que a entende recusa com uma espécie de reverência. Mais por respeito do que propriamente por gratidão; pelo esforço feito pelo estrangeiro para cobrir esse tal fosso que os separa.

Volta o silêncio entre os dois. Mas por pouco tempo, dado que Obede não se satisfaz com uma única recusa.

‘O patrão quer vender ouro?’

Explora caminhos alternativos que conduzam aonde quer chegar.

‘Ouro?’

Hans surpreende-se.

Obede explica que desde que a guerra acabou vêm aqui muitos estrangeiros, grande parte deles tentando vender ouro. Ele sabe de bons preços, melhores ainda se o negócio for feito com uns certos compradores que só ele conhece.

O oficial de polícia, de carimbo na mão, teria agora mais qualquer coisa a perguntar-lhe, isso se Hans trouxesse ouro para uma primeira oportunidade de negócio.

Quem será este Obede?, pergunta-se. E responde-lhe que não.

A menção à guerra inquietou-o. Ela e os dois polícias anafados que voltam a passar, girando sempre nas mãos os cassetetes. Tenta concentrar-se na cerveja.

Obede também não parece interessado em atrair a atenção da autoridade. Afasta os olhos de Hans. Mas, assim que sente a costa livre, volta a cravá-los nele.

‘Se o patrão quiser ir a algum lado é só dizer. Conheço bem a cidade, não encontra um riquexó mais barato do que o meu.’

Hans fica um momento pensativo. Depois, puxa da carteira e tira de dentro dela um papel. Estende-lho.

‘Conheces este lugar?’

Obede olha o papel, interessado, após o que abana a cabeça em desalento.

‘Não sei ler.’

Hans volta a pegar no papel e lê em voz alta:

‘Escritório de Joaquim Pereira, Rua Araújo 101, Lourenço Marques.’

O olhar de Obede ilumina-se.

‘É muito perto. Posso levá-lo lá.’

‘Se é assim tão perto, não preciso que me leves. Basta que me indiques o caminho.’

Obede simula um ar de espanto. É matreiro.

‘Não fica bem a um branco andar pelas ruas a arrastar uma mala. Toda a gente vai olhar e achar estranho.’

O par de polícias barrigudos refugia-se agora na sombra rala da Casa Amarela, de onde lobriga a praça. Um par de pastores cuidando do seu rebanho. Hans acaba por ceder.

‘Leva-me então a mala. Mas eu vou a pé.’

Obede coloca a mala no riquexó e põe-se a caminho, assobiando alegremente. Hans vai atrás dele. Deixam a praça, evitando um eléctrico que passa devagar, e internam-se numa rua estreita e movimentada. *Manuel de Abreu, Comissões e consignações, Negócios por grosso e a retalho, Especialidades em bebidas tais como cognacs e whisky, Licores nacionais e estrangeiros, Vinhos verdes e maduros engarrafados ou em garrações de 5 litros importados directamente de Portugal, Farinha de milho, luzerna, capim, farelo, etc., Oficinas de serralharia e carpintaria, Executam-se reparações e consertos em carroças e carros com a máxima perfeição para o que se possuem bons mestres, Venda de gado muar e cavalos sempre em stock.*

O chão empedrado está transformado num lamaçal, as poças de água revelam o quanto choveu; em cima, pequenas sacadas de madeira e ferro forjado recortam-se contra um céu de um azul outra vez tão intenso que quase cega. Gente por toda a parte, uma verdadeira multidão caminhando em todos os sentidos e que eles têm de vencer como a um mar rebelde. *Moçambique Agencies Lda, Negociantes, Expedições, desembarques, Comissões, Representantes de T. W. Beckett & Co. Ltd, Pretoria, Joanesburgo e Durban. Pelo ar voam os pregões, cristalinos e cortantes, anunciando pequenas coisas na esperança de que quem os ouça possa afinal vir a precisar delas. Jolanda, Fábrica de gelo, Águas minerais, Frigorífico, Proprietário Giuseppe Cavallari.*

Obede pára o riquexó em frente a uma porta escura.

‘É aqui.’

‘Podias ter-me dito que era assim tão perto.’

‘Eu disse que era perto.’

Hans encolhe os ombros, pede-lhe que aguarde, empurra a porta e entra. Lá dentro, pisca os olhos para se habituar à escuridão. Sobe umas escadas íngremes que desembocam num pequeno patamar para o qual dão três portas. Três possibilidades envoltas num intenso cheiro a desinfectante. Uma delas ostenta um letreiro austero: *Dr Palma Callado, Sífilis e doenças venéreas, Doenças das senhoras, Clínica geral, Consultório.* Das outras

duas, uma está entreaberta. Bate nela ligeiramente, com os nós dos dedos. Ninguém responde. Está aqui mais fresco.

Espreita. Dá para uma sala comprida que termina em novas portas, estas com gelosias de madeira. Calcula que abram para a varanda de ferro forjado que se via lá de baixo. Dentro, três escrivaninhas desarrumadas, alguns armários encostados às paredes, tudo mal iluminado por uma luz crua retalhada pelas gelosias. No interior das tiras de luz, pequenas partículas de pó vogam lentas como minúsculos peixes num aquário. Há também um cheiro indistinto do qual fazem parte velharias, madeira escura, humidade, verniz e algum tabaco.

Apenas uma das escrivaninhas está ocupada, por um homenzinho entroncado, em mangas de camisa protegidas por essas braçadeiras de alpaca negra tão ao gosto dos amanuenses. Tem o chapéu de feltro descaído para a nuca, está concentrado nuns papéis que lê e risca e escreve.

Hans pigarreia para se anunciar. O homem vira-se, surpreendido. Talvez também um pouco receoso.

‘Que deseja?’

‘É aqui o escritório de Joaquim Pereira?’

‘Sim, é aqui.’

‘Procuro o senhor João Albasini.’

‘Sou eu. O que me quer?’

‘Trago instruções para o procurar. O meu nome é Henry Miller.’

O homem ouve aquele nome e parece indeciso, tomado de um certo embaraço. Levanta-se e arrasta outra cadeira para junto de si.

‘Henry Miller, claro! Sente-se aqui. Não me diga que já chegou?! Claro, claro que chegou, que estupidez a minha! Estava aqui a fazer horas para o ir esperar ao barco e acabei por distrair-me. Desculpe.’

‘Não tem importância.’

O homem põe-se subitamente muito sério.

‘Alguém o viu entrar?’

E vira-lhe as costas para ir à varanda espreitar.

Assim que escancara as gelosias a luz inunda a sala de um jorro só. É mais que entroncado, quase gordo. É mestiço. Debruça-se e examina

atentamente a rua, como se procurasse algo por baixo dos sons que pairam sobre ela. Está agitado.

Hans procura tranquilizá-lo.

‘Não se preocupe, não vi nada de suspeito, ninguém me seguiu.’

O homem vira-se, mais calmo.

‘Ah, antes assim. E mais uma vez, desculpe. Perdi-me na escrita de um editorial, não dei pelo passar das horas. É para o meu novo jornal, chamado *O Brado Africano*, que sai daqui a dias. Leia-o e diga-me o que acha.’

Estende a Hans uma das folhas de papel. Este, surpreso com o gesto, não tem outro remédio senão pegar nas folhas e começar a ler. O título, *Assestando Baterias*, parece-lhe algo belicoso. O texto começa no mesmo tom.

Todo aquele que não luta pelo seu Direito condena-se voluntariamente a ser capacho dos outros. Parar é morrer. Aos povos subjugados, então, mais do que aos outros, esse dever é uma religião. Ante o Altar do Dever prostremo-nos pois e façamos por nos fazer ouvir nas nossas queixas, nos nossos brados, nas nossas súplicas! Programa... Para quê a explanação aqui de um programa, se todos sabem ao que vimos e o que queremos? Vamos seguir a mesmíssima senda que encetámos ao fundar O Africano em 1908.

Em seguida, o tom radical atenua-se um pouco, oferecendo uma mão a um entendimento social adequado à quadra que se vive.

Por uma curiosa coincidência este «número programa» também sai em dia de Natal – aquele em que a cristandade celebra o Advento do Justo e o calendário da República Portuguesa nos aponta para nele celebrarmos a Festa da Família – o dia da Fraternidade Humana.

Aos poucos, porém, volta o tom crispado.

Uma e outra vez nos curvamos pois ante o Presépio a pedir, para nós também, a parcela dessa Justiça, dessa Verdade e dessa Igualdade; e, como cidadãos de uma mesma Pátria, depois de beijar os emblemas sagrados nos templos, fazendo uso da Consciência – dom magnânimo de Deus – saímos destes para a vida larga da rua livre a pelejar pela doutrina igualitária de Cristo, pelo emblema da República, a pugnar pelo direito das gentes, a

exigir – com correcção, com ordem, sim, mas com firmeza – o cumprimento da Lei. A Lei igual para todos é um princípio que não queremos ver traído. E por isso, e só para isso, a açodada pressa com que novamente se cerram fileiras à roda da nossa já muito gasta energia, da nossa abalada e magoada fé! É que áspera foi a caminhada até aqui e curtas as vidas para jornada tão longa. Mas... avante, e que O Brado Africano penetre em todas as frinchas das portas dos poderosos a gritar pela Santa Causa da Justiça; que nas mansardas dos pobres e palhotas desmanteladas dos contribuintes do Estado dê notícias, lhes diga que viva quem pela Justiça se deixará matar – porque não se deixar pisar é dever de todo o homem que tem noção da sua dignidade... É assim mesmo e assim esperamos que será sempre, custe o que custar!

Finda a leitura, Hans fica sem saber o que dizer. Escapou-lhe metade do sentido do texto. Quanto à outra metade, parece toda ela um desafio. Sente os olhos do homem cravados em si e não ousa levantar os seus.

‘Então, o que acha?’

Hans coça a cabeça, procurando desesperadamente ganhar tempo até que lhe chegue uma ideia.

‘Não sei bem... Talvez o final esteja um pouco agressivo...’

João Albasini parece surpreso, depois pensativo.

‘Acha mesmo?’

Arranca-lhe os papéis das mãos e volta a sentar-se à secretária, onde de imediato se põe a escrever. Escreve intercalando tiradas furiosas com curtas suspensões passadas a olhar o tecto, como se lá houvesse uma reserva de palavras penduradas para escolher. Esqueceu completamente o visitante. Por vezes retoma tão rápido uma frase que vêm de arrasto palavras indesejáveis, que risca com a mesma fúria com que as escreveu. O bico da pena mergulha de quando em quando no tinteiro com movimentos bruscos de ave de rapina. Ao mesmo tempo vai murmurando essas palavras como uma espécie de reza com múltiplas entoações, em busca de uma que lhe agrade a ponto de a deixar sobreviver na forma escrita. Quando as ideias se esgotam, escarafunha as pilhas de papel que tem em volta para achar alimento com que prosseguir. Finalmente, com uma última mirada, parece

dar-se por satisfeito. Passa o mata-borrão em cima da folha, como que para amansar o texto, levanta-se e estende-a a Hans.

‘Veja agora.’

Hans não tem outro remédio senão voltar a ler.

Mas hoje é dia de Natal... Haja fraternidade... Boas-Festas e abracemo-nos, portugueses, num grande amplexo neste Natal doloroso, triste, pesado de negras sombras, em que estoiram tiros fratricidas e se jogam os nossos destinos numa Grande Conferência... na qual, pela certa, só será salvo, e ficará evidente e triunfante, o velho aforismo de que lobo não come lobo...

‘E então, que acha agora?’

‘Parece-me bem, embora termine de um modo um pouco enigmático.’

João Albasini sorri.

‘É para os manter entretidos a imaginar onde raio quero chegar.’

‘Ah.’

Depois, arranca subitamente as mangas de alpaca dos braços, atira-as para cima da secretária e estende a mão na direcção do bengaleiro, em busca de um casaco de linho imaculadamente branco. Veste-o, ao mesmo tempo que procura mais qualquer coisa em volta.

‘Ora esta!?’

‘Que foi?’

‘Procuro o meu chapéu, não sei onde o deixei.’

‘Tem-no na cabeça.’

João Albasini leva a mão à cabeça.

‘Tem razão, que estupidez a minha! Vamos então. Eu levo o ao hotel e aproveito para deixar o texto na tipografia.’

Abandonam o escritório. João Albasini vai na frente, descendo os degraus com uma agilidade surpreendente. Falando e gesticulando sempre.

‘Não tem bagagem?’

‘Deixei-a aqui à porta, com um condutor de riquexó.’

Saem para a rua, onde Obede aguarda sorridente. João Albasini olha-o com certa surpresa, após o que lhe atira uma moeda.

‘Leva a bagagem do senhor ao Hotel Clube. Já lá vamos ter.’

E fica pensativo a vê-lo partir. Depois, põe-se subitamente a caminhar num sentido diverso, com tal resolução que Hans tem dificuldade em segui-lo. De quando em quando leva a mão à cabeça, a certificar-se de que não esqueceu o chapéu.

Caminham pelas ruas agitadas desta cidade brilhante como se o fizessem pelos carreiros do mato: os edifícios, árvores; os transeuntes, capim. Hans vai no entanto mais tranquilo, por não ter de ser ele a escolher, em cada cruzamento, uma alternativa. É reconfortante limitar-se a seguir aquele apressado casaco branco, entregar-se nas suas mãos. Ouve os nomes das ruas, palavras opacas sem nada que o ajude a desvendá-las; vê passar uma mesquita. Atravessam uma rua larga. *António José Escudeiro, Importador e exportador de géneros nacionais e estrangeiros, Comércio geral, Especialidade em bebidas engarrafadas, Prontidão e seriedade.* Saltitam entre as poças de chuva. João Albasini pragueja para os automóveis e caleches que descuidadamente as pisam, salpicando de lama os transeuntes. Zela pelo seu casaco branco.

Nova avenida larga, que cruzam, e entram enfim num edifício amplo, o Mercado Municipal. Percorrem os húmidos caminhos de pedra entre as bancas de produtos que João Albasini vai inspeccionando atentamente, sem no entanto abrandar o passo. É como se os vendedores, organizados por raças, tomassem parte no empreendimento colectivo de revelar as cores que existem na paleta da natureza. Os europeus propondo uma vasta gama desde os verdes dos legumes aos vermelhos das carnes, os indianos ripostando com a gradação completa dos temperos, do amarelo ao castanho passando pelo laranja vivo e por um vermelho de fogo. *Lugar Económico de Pedro de Melo no Mercado Municipal, Chouriço de carne, morcela, farinheira, mouro e sangue, Carne salgada, Feijão de todas as qualidades, Azeitonas do Douro e Elvas, Frutas verdes, secas e cristalizadas, Leite fresco para doentes e crianças a 500 réis o litro, Leite do Umbelúzi a 400 réis o litro, Encarregam-se de levar as compras a casa dos fregueses.*

Ao mesmo tempo, de costas, Albasini vai falando sem cessar, o que incute em Hans, para além do referido conforto, um difuso sentimento de inferioridade. Refere querelas municipais, amaldiçoa portarias a seu ver

completamente injustificadas, desnuda intrigas com um trejeito irónico, convida o interlocutor a tomar partido. E Hans sempre sem saber o que dizer.

O homem voa sobre os assuntos como uma águia, embora com inflexões súbitas de passarinho. *José de Carvalho Junior, Negociante de carnes verdes, Carne do Transval, Prontidão, asseio e correcção, Talho do Mercado, Lojas 17 e 18.* Estão já nas traseiras do mercado, às quais se segue um baldio pejado de vendedeiras negras sentadas no chão enlameado, expondo os seus produtos sobre esteiras de palha semiapodrecida ou pequenas caixas de madeira, desta feita sem quaisquer anúncios que os nomeiem – montículos de frutas, legumes e folhagens, muitas delas desconhecidas, pequenos potes de barro com um arroz amarelo, milho grosso, gergelim, amendoim, piripiri. Aqui, porque mais desordenadas, as cores parecem traduzir com rigor a espontaneidade da natureza.

Evitando cuidadosamente as poças de água do chão, João Albasini prossegue a sua inspecção.

‘Explique-me então qual é exactamente o objectivo da sua visita. É que a mensagem que o nosso amigo me enviou, anunciando a sua vinda, não era inteiramente clara...’

Debruça-se para pegar numa manga, apalpa-a, leva-a ao nariz e devolve-a ao monte, decepcionado.

‘Vê-se que foi colhida antes do tempo. Ainda faltam umas semanas para a altura delas. Mas, ia dizendo?!...’

Tal como o polícia na galera, também Albasini quer saber das suas intenções. Ao que veio. Muitas vezes Hans reviu com Glück estes momentos, o que lhe perguntavam, como respondia.

As traseiras confusas do mercado – onde se torna impossível encontrar um padrão simples que seja – fazem lembrar a maneira como as tropas estacionavam após os rigores do combate. Como se à meticulosa organização devesse seguir-se o caos para ficar reposto o equilíbrio. Esforça-se por expulsar estes pensamentos, a fim de ser capaz de responder.

‘Oficialmente sou um empresário em sondagem de oportunidades de negócio, mas na verdade venho ao serviço de um jornal sulafricano, o *Rand*

Daily Mail. Pretendo escrever uma reportagem sobre as condições de recrutamento dos trabalhadores das minas.’

Assim mesmo, tal como Glück lhe sugerira que dissesse.

‘Ah, interessante. Estamos entre jornalistas, portanto. Entre jornalistas com uma causa, o que torna as coisas bem mais fáceis. Esta parece boa, não acha?’

E estende a Hans uma enorme papaia ainda esverdeada. Hans segura-a, sem saber o que dizer. Leva-a ao nariz, fazendo um ar entendido.

João Albasini larga uma sonora gargalhada.

‘As papaias não cheiram, meu amigo. A elas há que apalpá-las, descobrir-lhes pelo peso e pela cor se estão no ponto. Acho bem que faça esse trabalho, e que o faça desta maneira, vindo de perto como vivem as pessoas. É preciso cheirar o suor do medo e da miséria, conhecer-lhes a cor, para sabermos do que falamos.’

E devolve a papaia à vendedeira, insatisfeito. Talvez por estar demasiado apalpada.

A mulher encolhe os ombros, resignada. O dia está no fim, falta-lhe vigor para argumentar. Atrás dela pulsa um pequeno volume envolto num pano velho, depositado sobre uma esteira no chão. Pelo calor e leve tremor que dele emana, adivinha-se ali uma criança. A mulher baixa-se e embala-a levemente, sem deixar com isso de ter o caixote com os seus produtos debaixo de olho.

Ao lado, mais mulheres fazem o mesmo: vendem as suas coisas enquanto embalam também as respectivas crianças, todas elas enroladas em panos velhos; montículos de frutas ou legumes, brilhantes de uma água suspeita com que constantemente os aspergem para que ao menos a aparência do viço não se perca. Compra-se pouco, a avaliar pelo que está ainda envelhecendo nos improvisados mostruários. Algumas iniciam a recolha dos seus produtos, que depositam em grandes cestas que levarão à cabeça (às crianças, levá-las-ão às costas). Fazem-no com muito cuidado, para amanhã os poderem voltar a mostrar com o aspecto que têm hoje. Como se fossem imunes ao passar do tempo.

Por toda a parte fumegam panelas amolgadas e negras de fuligem em fogos feitos no chão, panelas que elas espreitam sempre que as crianças lhes dão descanso. Há também outros fumos de origem mais difusa, todos eles soltando os respectivos cheiros acres. Fumos do calor que se acumulou no chão e agora se escapa, primeiras manchas da noite que desce.

‘Compre-me a papaia, patrão. Para ajudar a criança.’

Hans surpreende-se com a serenidade com que estas palavras são sopradas, com a firmeza com que o atraem para um mundo que desconhece. Com este derradeiro esforço da mulher: Compra-me a papaia e revelar-te-ei o segredo destas panelas fervendo a nossa sobrevivência, o segredo destes pequenos volumes enrolados em panos velhos por cima de uma qualquer esteira, desafiando, obstinados, o destino.

No mato da sua lembrança estes vultos eram meros adereços dos combates, aqui deixa-se prender pelo fogo do seu olhar. Não tem pois como não levar a mão à carteira, para pagar. Houve alturas recentes da sua vida em que uma papaia destas seria uma preciosidade. É nisso que pensa para justificar o gesto. Suspeitasse disso a mulher e sem dúvida pediria três vezes o que pede por ela.

Entretanto, João Albasini já vai longe. Inspecciona os produtos de uma outra mulher, encarando duvidoso um pequeno monte de folhas verdes. São folhas de cacana, e a infusão que a partir delas se faz vai atenuar-lhe a dor que sente nos rins de quando em quando, sobretudo depois de longas horas sentado à secretária a escrever. Parecem-lhe bem, pois com um gesto seco indica à vendedeira que as embrulhe, levando, também ele, a mão ao bolso.

Sem dúvida que o mercado é um lugar de encontro entre dois mundos, um deles repetindo sem cessar o gesto de tirar a carteira, o outro embrulhando e despedindo-se de pequenas coisas trazidas sabe-se lá de onde.

‘Quer então ver como se tratam aqui os pretos...’

Vira-se, levemente intrigado com a falta de resposta.

Hans não o ouviu, está ainda lá atrás acertando as contas da papaia. João Albasini aguarda que ele se aproxime, observa sem comentar uma papaia que quase foi sua, despropositada nas mãos do estrangeiro. No seu silêncio

talvez haja algum despeito, uma surda irritação por Hans não ter seguido o seu conselho. Há por ali papaias bem melhores que aquela. Em seguida, dirige-se para os limites daquele emaranhado de gente onde tudo cabe menos os diálogos cristalinos (o som que dele emana é apenas um leve murmúrio indistinto, a reza baixa das transacções).

Chega à rua e entra nela. *E. Nichols, Único agente para toda a Província de Moçambique dos Automóveis Ford, Carros de 5 assentos e camiões, Extraordinária redução de preços.* Caminha depressa, sem se certificar se Hans o segue. Caminha e vai falando.

‘Amanhã é um bom dia, dia de chamada. Eu venho buscá-lo para o levar lá.’

‘Chamada?’

‘Sim, dia de virem buscar quem precisam, de selecção daqueles cujos braços parecem mais fortes, cujos peitos musculados maiores garantias dão de albergarem pulmões são.’

‘E os restantes?’

‘Quem?’

‘Aqueles que não são recrutados?’

Albasini ri da ingenuidade do estrangeiro. Intimamente, agradece-lhe porém esta ideia dos indígenas recusados, excelente tema para um futuro editorial. Vai até imaginando o respectivo texto, enquanto caminham.

Para onde são então precipitados os milhares de indígenas que não reúnem as condições exigidas? Precipitados ao vazio e vazio da Era inicial, protoplasmas que depois se aderirão e agregarão e formarão o protoplasto da nova humanidade que irrompe do tumulto belicoso empunhando os estandartes da libertação, caminhando triunfante e seguro sob a cadência estridente da Internacional?

E sorri da força do texto.

Mudam de rua. Na Avenida Arriaga o movimento de pessoas é bem menor, talvez por o dia estar chegando ao fim. *Simão & Paizana, de José Dias Simão & Cia, Especialidade em carnes de porco, azeite e toda a qualidade de legumes recebidos directamente da Província, Sola, cabedal e pelicas recebidas directamente das fábricas, Armazém na Av. Central*

(antigos escritórios de Pinho, Santos & Cia, e Ribeiro e Levy). Em cima deles, o céu é uma violenta mancha cor de sangue. Apesar de ser mais alto, Hans tem de fazer um esforço para acompanhar a passada do homenzinho.

‘Diga-me, porque não comprámos dentro do Mercado? As coisas pareciam ali tão mais limpas, tão mais bem apresentadas...’

‘Não comprámos lá porque é preciso dar uma oportunidade aos de fora, àqueles que não têm licença de vender lá dentro.’

A distância não é grande, depressa chegam à entrada do hotel. Em cima, um grande cartaz anuncia: *Clube Hotel, de Lage & Selig, Um dos melhores edifícios da cidade com fundas vistas para o mar, Próximo dos jardins e repartições públicas, Carros eléctricos à porta constantemente, Fornece em condições económicas, Serviço de cozinha à portuguesa e inglesa, Todo o pessoal europeu completamente habilitado, As mais higiénicas instalações de luxo e óptimas casas de banho.*

Sobem os onze degraus e, na varanda, João Albasini estende-lhe a mão num gesto de despedida.

‘Está entregue. Desculpe a pressa, mas tenho de passar ainda pela tipografia. Amanhã venho buscá-lo.’

Num impulso, Hans estende-lhe a papaia.

‘Leve-a, dê-a às crianças lá em casa. Estarei amanhã à sua espera.’

João Albasini recebe a papaia sem uma palavra. Revira-a, observa as manchas e pisadelas que o levaram a recusá-la. Encolhe os ombros. Vira as costas e desce os degraus saltitando, pondo-se a caminhar velozmente pela avenida abaixo. É uma figura alegre e ágil, uma mão segurando a papaia e as folhas, a outra aconchegando o bolso dentro do qual leva o editorial.

* * *

Arruma as suas coisas no quarto, toma um banho e desce para jantar. Segue absorto os gestos dos criados que acendem, um a um, os candeeiros das mesas e das paredes. Inspira fundo. Sente no ar um leve cheiro a petróleo, acre.

São múltiplos os caminhos que tem na frente, o problema é que não consegue ver aonde vão dar. Glück sugeriu-lhe que começasse por um certo Rapsides, e que tivesse muito cuidado com ele. Todavia, para ter cuidado com ele, terá primeiro de o encontrar, o que sabe ser muito difícil!

Enrola pequenas migalhas de pão entre os dedos, sobre a toalha de linho, imune ao som dos talheres que começam a ouvir-se em volta, à agitação das primeiras mesas e ao passar atarefado dos criados com as bandejas ao ombro.

Pela descrição, Rapsides terá uma grossa cicatriz desde a orelha até à boca, uma cicatriz que lhe distorce e congela a expressão. Embora não o impedisse de manifestar as disposições mais gerais – se estava alegre ou irado, por exemplo – essa cicatriz tornava impossível saber de estados de alma mais finos como a ironia ou o sarcasmo. Difícil, portanto, pormo-nos em guarda. Hans que tivesse muito cuidado com esse tal Rapsides!

Manda retirar a sopa quase sem lhe tocar, mordisca o bife com as palavras de Glück a rondar-lhe as ideias. Acaba por desistir de comer. Está exausto. Pede um *brandy*. Pede também um fósforo para o charuto, que o criado, pressuroso, acende. Agradece e levanta-se, de cálice na mão, e é nessa altura que nota um aceno vindo de outra mesa, perto da janela.

Tal como haviam desaparecido no nada, do nada reaparecem as suas duas companheiras de viagem na *Ferreira*. Não tem pois como evitar dirigir-se-lhes.

A mais nova, Florence Greeff, é também a mais extrovertida. No barco, imitava as indisposições da esposa do pastor Gillet, interpelava o comandante segurando-lhe o braço com desconcertante intimidade e cercava o próprio Hans com embaraçantes jogos de palavras. Aqui, foi ela que acenou e é ela que, sem pejo, encara Hans de cima a baixo, como se procurasse avaliar que marcas um dia nesta cidade deixara na sua figura.

A seu lado, Natalie Korenico, mais marcada (conquanto se vejam nela traços de algum fulgor), é o símbolo da polida e conveniente distância.

Hans não vê naquela mesa o engenheiro do caminho-de-ferro e o recrutador de indígenas que, no barco, elas tão pomposamente anunciavam. Duvida agora que estes tenham alguma vez existido e suspeita que outra

história correrá atrás daquelas belas máscaras. Por outro lado, a sua desconfiança leva-o a dar-se conta de que elas poderão vê-lo da mesma maneira. Também ele tem outra história correndo atrás da sua própria máscara, embora não saiba ainda bem qual seja. Albasini, Rapsides e, por detrás deles, Sebastian Glück. Não ousa, portanto, perguntar.

No sorriso irónico que não larga nunca os lábios de Florence Greeff, Hans vê confirmada a sua suposição: não há engenheiro algum, nem tão-pouco um recrutador de indígenas. Ela pergunta-lhe se já achou alguma possibilidade de negócio. Mas, como responder com a verdade a quem parece sustentar tão bem mentiras, ironias, duplos significados? Sobretudo depois de Florence, em resposta à sua anunciada intenção de dar um passeio, lhe dizer que tivesse cuidado com a noite; que aqui as ruas, por detrás da sua placidez, escondem muitas armadilhas.

Hans desvia o olhar por um momento, seguindo com ele um dos criados que tropeçou e quase deixava cair a bandeja. Acaba por responder que não, que não há ainda qualquer negócio em vista, que continua em sondagem, não sabe por quanto tempo. Afinal, um dia é muito pouco para se descobrirem os segredos de uma cidade; as possibilidades que, como ela própria deu a entender, as suas ruas encerram.

Cansa-se dos jogos de palavras, levanta-se. Precisa de ar. Pede licença às duas para se retirar. Chega à varanda e fica ali um tempo ouvindo os grilos e esperando uma lufada de ar fresco que não chega. O tempo abafado e os sons da noite trazem-lhe à lembrança um outro tempo, tão distante e ao mesmo tempo tão recente. Leva o cálice aos lábios, dá um trago fundo e sente um fogo alastrando velozmente pelas veias.

Larga o cálice no parapeito, desce os degraus e segue pela berma da avenida como se sentisse necessidade de fugir às casas e às luzes numa urgência de escuridão. Noutras circunstâncias, seria numa altura como esta que alguém se aproximava para lhe transmitir uma versão fantasiosa do passado de Glück. Versão que ele encararia com profundo cepticismo.

Passa junto de dois ou três riquexós estacionados, cujos condutores, cansados de esperar um estrangeiro caprichoso que deles precisasse àquela hora, dormitam. De longe, um deles parecia Obede. A mesma silhueta. Mas

é afinal mais gordo e velho. Hans transforma o gesto que quase ia fazendo num cumprimento impessoal.

‘Boa noite.’

Estremunhados, os homens surpreendem-se. É natural que pensem ser alguém necessitado dos seus serviços. Que branco se daria ao trabalho de uma tal atenção a não ser que tivesse em vista uma corrida? Levantam-se, atabalhoados, cada qual querendo ser o primeiro a servir. Mas, para surpresa geral, Hans já vai adiante, sinal de que cumprimentou por cumprimentar.

Caminha depressa. No chão, um som cavo e uma ligeira vibração anunciam a passagem de um último eléctrico a recolher, vazio. Volta novamente a chuva, uma chuva miudinha que ora não se vê, ora – se lhe bate a luz de um candeeiro – é um pó de ouro descendo lentamente até ao chão. Na sua frente surge um muro caído que lhe chega pelo ombro. Segue a seu lado até que este se interrompe, deixando ver, do outro lado de um velho portão enferrujado, um mato com cheiros que fazem lembrar os cheiros que traz no pesadelo. Põe-lhe as mãos e o portão cede com um ruído de gonzos que fere o silêncio. Deixa a rua e penetra no capinzal, sem saber se é um amplo jardim maltratado, se o início do mato (não consegue ver-lhe os limites). Aqui e além, algumas árvores, mais capim. Caminha sempre, sentindo em volta uma natureza cada vez mais ativa e desgrenhada. Por vezes sobrevoam-no as copas negras das árvores e, perdido nesse labirinto alto, um morcego de voo cego e desvairado; outras, é simplesmente o céu húmido e quente. Esforça os olhos para não perder o caminho que pisa, cheio de curvas, mas sente um chão fofo debaixo dos pés, enlameado, sinal de que já o perdeu.

E se encontrasse o tal Rapsides nesta altura, o que lhe diria? Boa noite, o coronel Sebastian Glück sugeriu-me que falasse consigo? Um absurdo. Antes de o procurar terá portanto de saber bem o que quer dele, com que tom lhe falará.

Leva o resto do charuto aos lábios e sente-o molhado. Deita-o fora. Estranha cidade esta, onde a chuva vai e vem sem se fazer anunciar e que se deixa atravessar assim, até ao âmago, por um mato quase virgem (fortaleza

recente mas já com fundas brechas). Sente, contudo, neste mato uma diferença em relação ao outro que ainda não consegue precisar. Será das luzes que por vezes descortina entre as árvores, mantendo a noite em respeito? Será dos sons, aqui mais delicados, distintos dos sons roucos e repentinos das feras, dos gritos agudos das aves de voo longo? Será do sopro constante de um vento que lá desconhecia limites e que aqui não passa de um suspiro?

Aguça o ouvido, à procura dessas diferenças, e é então que nota um estalido de ramos que não vê, um ofegar que não é o seu, um vulto que não sabe se é uma árvore retorcida.

‘Quem está aí?’

Mas o único movimento é o das folhas vergadas pelo peso da chuva miúda, o único som é o do ranger dessas folhas quando se vergam. Logo em seguida chega-lhe um novo som, cortante, de vidros partidos a seus pés. Baixa-se, tateia o chão e encontra, entre esses restos de garrafa, um bocado de papel. Desdobra-o. Quer lê-lo mas não tem fósforos. Olha em volta.

‘Quem está aí?’

Outra vez o movimento das folhas e o som do seu farfalhar. O sopro do vento num capim que não se vê. No mato os acontecimentos eram repentinos e brutais; aqui, os mistérios são mais leves, mais rendilhados. Parece que vai voltar a chover.

Procura regressar por onde veio mas não dá com o caminho. Quase corre sobre o chão enlameado até descortinar o vulto comprido do muro. Segue ao longo dele, ofegante, parece-lhe que não acaba nunca. Dá enfim com o portão, fechado. Não se lembra de o ter fechado quando entrou. Será o mesmo portão? Empurra-o e ele não se move, sólido como uma rocha. Sente uma necessidade imperiosa de deixar aquele lugar. Tropa pelo muro, passa as pernas para o outro lado e, com um salto, está novamente na avenida. A chuva é já forte, embora quase silenciosa.

Volta-lhe a sensação de segurança. Examina os sapatos em baixo de um candeeiro, completamente enlameados. Aproveita a luz para ler o papel, onde está escrita uma única palavra:

‘WENELA.’

Está encharcado. Pragueja, retomando apressadamente o caminho do hotel. Chega aos degraus e sente, mais do que vê, uma presença. Do outro lado da rua os condutores dormitam por baixo dos riquexós. Nenhum daqueles vultos parece ter acabado de chegar, em nenhum nota o ar ofegante de quem tivesse corrido atrás de si para lhe atirar uma garrafa com uma mensagem dentro. Levanta a cabeça para olhar uma janela vazia do primeiro andar.

Será que foi impressão sua ou estava ali, recortada contra a luz trémula do quarto, a silhueta de Florence Greeff? Será que imaginou, ou também ela está sofrendo o calor infernal deste Dezembro?

Entra, fingindo que não a viu.

2

Conheci o coronel Sebastian Glück há pouco mais de um ano, precisamente a 24 de Novembro. Era um dia de muito sol. Não é por isso que me lembro bem da data, não é por causa dessa luminosidade febril, que de resto nos acompanharia quase todos os dias, contrastando com um espírito sombrio, lento mas inexorável a descer sobre nós, como uma maldição difícil de dissipar. Lembro-me porque foi nas vésperas de Ngomano, o primeiro combate em que participei; por isso jamais me sairá da cabeça. O combate e o coronel, devo dizer.

Desde Chiwata – onde o general LettowVorbeck concentrara as suas forças após as escaramuças de Mahiwa – que Glück andava na boca de toda a gente pelas melhores e piores razões. Aparentemente, soubera tirar proveito da reputação conquistada em combate, que lhe merecera um elogio público do próprio Lettow, mas, por outro lado, parecia ter a infortunada arte de se meter nas situações mais complicadas. Ficou famoso um episódio em que, de garrafa em punho e transtornado pelo álcool, insultou o general Wahle à entrada do comando, acusando-o de pôr de lado a eficácia em nome de princípios que ninguém sabia bem para que serviam. Os companheiros de libação ainda tentaram suavizar o incidente, procurando arrastá-lo para longe ao mesmo tempo que apresentavam desculpas a Wahle. Este, muito vermelho e dando sinais de lhe ir faltar o fôlego, ficara sem saber como reagir. E eis que Glück consegue desenvencilhar-se dos braços que o seguravam, voltando à carga: Com generais daquele calibre jamais ganharíamos a guerra!, terá dito.

De modo que o assunto teve mesmo de seguir para as instâncias apropriadas, onde mais uma vez foi Lettow quem o tirou de apuros, conseguindo que a pena, a princípio pesadíssima, ficasse reduzida a um mero destacamento para os arredores de Lindi, em missão de reconhecimento das posições inimigas. Não sei como Lettow convenceu

Wahle a desdramatizar o assunto; ou melhor, seio: Wahle era um velho general já retirado, exsudando moral e bons princípios por todos os poros, realistado devido apenas à escassez de oficiais e à pressão dos acontecimentos. O *kommandant*, apaziguador, terá argumentado que era preciso relevar, ter em conta que os homens andavam todos com os nervos em franja. Não fosse isso, mais a fidelidade canina que Wahle devotava a Lettow, e seguramente que Glück teria não apodrecido na prisão (nessa altura era já praticamente impossível permanecer mais que um par de dias em qualquer lugar, e portanto deixara de haver prisões) mas sido sumariamente fuzilado. Afinal, tratava-se de uma evidente insubordinação na frente de combate.

Enfim, quando cheguei ao comando já ele havia cumprido o *castigo* e errava por parte incerta, deixando atrás de si um rasto de histórias tão ou mais mirabolantes do que esta. O verdadeiro mistério, aqui, é o que levava Lettow – o grande Lettow de Tanga e de Mahiwa – a estender a mão a este homem problemático, este homem que não tinha *pedigree*, que não frequentara qualquer academia militar conhecida, este homem que, dizia-se à boca cheia, nem sequer era alemão! Devia haver uma razão muito forte, e relacionada com a guerra, pois Lettow era conhecido pela sua nobreza de carácter.

Uns dias mais tarde, já depois de chegar ao contacto com Glück, soube da verdadeira razão do ressentimento que ele guardava do general Wahle. Largos meses antes, em Março ou Abril, penso eu, Wahle, que já havia retirado de Tabora para sul, despachou o major Kraut em direcção à fronteira portuguesa, no Rovuma ocidental, a fim de identificar zonas onde as tropas pudessem abastecer-se. Tratava-se de um caso de vida ou morte, uma vez que os mantimentos há muito se haviam esgotado. Kraut marchou até às margens do rio e estabeleceu ali o seu comando. A ele se reuniu Glück, enviado por Lettow com a missão de reconhecer as disposições portuguesas.

De início os dois deram-se bem, o que não deixa de ser curioso (digo isso tendo em conta o difícil carácter de Glück). O problema surgiu quando Kraut começou a organizar a força que deveria penetrar em território

português e que pretendia pôr sob o comando de Glück a solicitação do próprio. Não se sabe bem como, o general Wahle teve conhecimento das intenções de Kraut e enviou um despacho com indicações inequívocas de que devia ser um certo capitão Stümer a dirigir as operações, de forma que Kraut não teve outro remédio senão comunicar a Glück a decisão que o preteria. Adivinha-se o raciocínio de Wahle: ninguém conhecia o coronel Glück, as únicas credenciais que tinha eram as de um cão de guerra caído nas boas graças do *kommandant*.

Quanto a Glück, aparentou aceitar a decisão com bom espírito, até porque não tinha como desafiá-la uma vez que o destacamento comandado por Stümer acabou por revelar-se altamente eficiente, deambulando impune pelos postos e aldeias da região (todos eles com os celeiros cheios), e conseguindo mesmo atrair chefes importantes para o nosso lado. Apesar de tudo, como se viu, não foi por isso que Glück deixou de ter o velho general Wahle atravessado na garganta.

Muito mais tarde, conhecendo Glück melhor, o episódio que acabo de relatar ajudou-me a perceber a razão da força deste homem tão particular: a capacidade que tinha de concentrar e dirigir os ódios, a facilidade de os guardar. E, como se verá, uma quase demoníaca atenção aos pormenores.

Adiante. Quando me apresentei, o grosso da força agrupava-se já a certa distância de Nevala procurando desesperadamente reorganizar-se. Wahle acabava de chegar, com os ingleses de O'Grady a morder-lhe os calcanhares desde Nyango; Theodore Tafel, perseguido pelas forças conjuntas de Lindi e Kilwa, estava ainda em parte incerta tentando a todo o custo juntar-se a Lettow. E este, pressionado por todos os lados, parecia sem saída. Quanto a mim, presenciava a inquietação do bivaque, escutava as graves e desencontradas notícias que não cessavam de chegar, apimentadas pelas excentricidades de Glück, e nada compreendia.

Devo dizer que essa minha incompreensão não se devia apenas à complexidade da situação que se vivia. Tomava-me também um estado de torpor que me toldava o entendimento, como se a água que era obrigado a beber constantemente para repor as humidades que perdia fosse antes puro absinto. A viagem que empreendera para ali chegar justificava essa minha

exaustão, uma viagem atribulada a ponto de todos, incluindo Lettow, a considerarem como um duplo milagre: o milagre de terem recebido reforços (embora simbólicos, reduzidos à minha pouco mais que irrelevante pessoa), e também o milagre que as extraordinárias circunstâncias que envolveram essa mesma viagem por si só representava. Vale a pena referir tais circunstâncias, uma vez que elas explicam como me vi envolvido na campanha de Lettow, e portanto como cheguei ao contacto com Glück, que é o que interessa nesta história.

* * *

Quatro meses antes da minha chegada ao contingente de Lettow nada fazia prever que o meu destino se enredaria assim neste bocado esquecido do mundo. Eu era um jovem acabado de sair da academia militar, estávamos em guerra, e a vontade que tinha, tal como todos os jovens alemães da minha geração, era simplesmente a de cumprir o meu dever (quanto envelheci num par de anos, meu Deus!). Mas a minha família tinha ideias diferentes, achava que as guerras eram cegas a matar e eu era filho único, o único tesouro que tinham. De modo que, de lenço de cambraia empapado em lágrimas e voz fanhosa de choro, que era a sua arma mais eficaz para obter tudo o que queria, a minha mãe conseguiu convencer o meu pai, um importante industrial relacionado com a fábrica aeronáutica de Friedrichshafen, a exercer as suas influências para me colocarem numa secretaria perdida nos labirintos do Almirantado.

O destino sabe contudo ser irónico, e foi exactamente nessas funções de amanuense que conheci e me comecei a interessar por um estranho projecto, até aí rodeado do maior segredo, que me viria a trazer directamente para esta longínqua frente de combate. Consistia esse projecto no envio, por meios aéreos, de armamento e medicamentos para as forças de Lettow-Vorbeck, na África Oriental. A ideia era peregrina, daquelas que só no contexto de uma guerra podem ser equacionadas, uma vez que só nas guerras nos obcecamos pelos fins a ponto de desconsiderarmos os meios para lhes chegar. Mas, se os fins eram nobres, os meios colocavam no

entanto problemas que nas semanas que se seguiram viriam a revelar-se quase intransponíveis.

A primeira tentativa de pôr o projecto em prática consistiu na adaptação do maior dirigível que o Almirantado então possuía, que acabou por explodir no voo experimental, em princípios de Outubro, quando pousava na base aérea de Jüterborg. Felizmente que os sinais de que algo de muito grave estava para acontecer se tornaram evidentes quando o aparelho tocava já o solo, de modo que houve tempo de se porem todos a salvo. De qualquer maneira, tanto esforço desperdiçado numa silenciosa explosão de labaredas que, tendo consumido o gás, o combustível e as lonas, deixaram no ar apenas faúlhas negras levadas pelo vento quente do desastre, como folhas de um Outono de uma ideia que encerrara até então tantas promessas!

Contra todas as expectativas, as autoridades ordenaram de imediato a preparação de um novo dirigível, o *L-59*, cujo nome de baptismo, *Navio Aéreo África*, reflecte bem o quanto o projecto era paradoxal. Digo bem, paradoxal, e em vários sentidos, pois a ideia era levar auxílio às nossas forças, embora sem se saber onde entregá-lo uma vez que as últimas notícias davam Lettow em permanente movimento, escapando-se continuamente por entre os dedos ingleses; a ideia era levar o máximo de equipamento e ao mesmo tempo o dirigível devia ser leve para se suster no ar durante um período de tempo que desafiava até a imaginação; finalmente, sabia-se à partida que a viagem seria sem regresso. Tudo paradoxos!

Haverá paradoxo maior do que partir para uma viagem sem regresso? A civilização é o regresso, já os gregos o sabiam. Por mais surtidas que se façam ao desconhecido, é o regresso, o voltar a pisar caminhos que nos são familiares (caminhos sofregamente imaginados durante a ausência), que consolida a nossa obra, nos fortalece, nos permite colocar o troféu da difícil aventura na velha estante da sala lá de casa. Falando em troféus, havia muitos na casa de meu pai, taças, fitas, medalhas, placas e galardões (na juventude ele foi um grande desportista, isso antes de vir a ser um grande servidor do Estado alemão), tantos que não era isso que me fazia mover, como se verá.

Peço desculpas por esta dispersão, ultimamente não sei o que me toma: começo por falar numa coisa e dou comigo embrenhado noutra. Acontece-me o mesmo com o pensamento, custa-me muito aprofundar um pensamento, dou comigo agarrado a outro sem saber que pontes atravessei para lá ir dar.

Voltando ao que importa, era de facto esse o problema técnico mais preocupante: seria impossível cobrir uma distância tão grande e regressar. Em África não havia condições de reabastecer o *Afrika Luftschiff* de combustível e gás para tornar possível a viagem de regresso. Por esta razão, o projecto foi-se gradualmente transformando na sua natureza mais profunda, ganhando características de verdadeira partida, um definitivo mergulho na escuridão. O aparelho seria desmantelado à chegada, era essa a intenção: o rádio transmissor-receptor, um dos motores, o dínamo a ele acoplado e os tanques de óleo e combustível seriam remontados no solo para que Lettow passasse a dispor de uma estação de rádio móvel; os tubos de duralumínio da estrutura seriam desmontados e, com a lona de algodão do balão do dirigível, serviriam para construir excelentes tendas militares; os cabos de aço e as cordas tinham mil e uma aplicações; até o cabedal do passadiço que ligava as gôndolas serviria para fazer botas para os soldados. Quanto a nós, os navegantes (nessa altura eu já me voluntariara e tinha sido aceite na tripulação), tal como o resto do equipamento, perderíamos a nossa identidade para nos tornarmos numa outra coisa qualquer que ainda desconhecíamos. Até nós, portanto.

Todavia, toda a racionalidade que persistíamos em manter, mesmo dentro desta ousadia quase insana, se desfazia ante o facto de desconhecermos completamente o paradeiro de Lettow.

Mesmo assim, em nenhum momento vacilei. Pelo contrário, sempre que achava horas livres aproveitava-as para me familiarizar com a realidade da África Oriental. Frequentei a biblioteca municipal à procura de velhos relatórios, assisti a peças no Viktoria Theatre (entre as quais a famosa *Stanley in Afrika*), consegui mesmo uma entrevista com o eminente etnólogo Leo Frobenius, que havia estado no Congo e preparava nova expedição. E, claro, estudei minuciosamente todas as informações sobre a

campanha de Lettow a que consegui deitar mão. Empolguei-me com as suas sempre engenhosas vitórias, falei em audiência com velhos oficiais que com ele haviam privado nos tempos da academia, rime quando li que os ingleses o acusavam de ter mobilizado abelhas para os atacar em Tanga. E frustrei-me com a falta de notícias e com os adiamentos permanentes, passei noites em claro ajudando os meus companheiros, de ferramentas numa mão e resmas de informações na outra, no frio do hangar. Enquanto tudo isto acontecia, apossava-se de mim uma urgência absoluta e incontornável de servir sob as ordens do *kommandant*.

Foram dias intensos, em que o desânimo frequentemente tomou conta dos membros da tripulação. Por duas ou três vezes houve reajustes na equipa, sempre que o tenente Ludwig Bockholt, designado chefe da operação, notava alguma incapacidade, e sobretudo temor no olhar de um dos seus homens. Queria uma tripulação de bravos dispostos a tudo, uma vez que, como disse, se tratava de uma viagem sem regresso.

Sempre que as coisas pareciam prontas surgiam novos e arreliaadores problemas técnicos. Houve que alongar o aparelho para lhe conferir maior alcance de voo, arranjar solução para as comunicações, estabelecer pontes que ligassem as gôndolas entre si, ter em conta a inédita altitude a que teríamos de voar. Mas felizmente que, do mesmo modo como surgiam os desafios foram surgindo sempre as soluções.

Até que um dia os trabalhos terminaram. O *L-59* estava ali, refulgente e quieto, envolto em misteriosa aura, concentrando em si os nossos olhares, pronto a partir. Um bicho enorme que o gás que tinha nas entranhas fazia ronronar, como se a sua quietude fosse um artifício para nos manter desavisados acerca das suas futuras cóleras.

Realizámos um primeiro voo de teste entre Jütterborg e Jamboli, na Bulgária, a base alemã mais próxima do continente africano. Foi quase um passeio, soubéssemos nós o que viria a seguir! Dali partimos a 21 de Novembro, com uma tripulação de 22 homens e uma carga de pouco mais de 14 toneladas de medicamentos, metralhadoras, munições, víveres europeus e toda a espécie de ferramentas de engenharia militar de que os burocratas do Almirantado se haviam lembrado. Sobrevoámos as

montanhas da Anatólia sem outra novidade que não fosse a sensação de o mundo ser tão pequeno visto ali de cima, de a orografia não passar de areia da praia empurrada por mãos de criança, de a guerra não parecer mais que uma desavença de formigas! O moral da tripulação era elevado, todos tínhamos consciência da envergadura da missão que estávamos em vias de levar a cabo: mostrar ao mundo como era longo o nosso braço.

Foi preciso descer a noite para nos trazer de volta à realidade. Atravessávamos o Mediterrâneo, ao largo da ilha de Creta (estava muito escuro), quando nos surpreendeu uma tempestade tão violenta que começámos a temer pelas nossas vidas. Os raios rasgavam os céus e passavam-nos muito perto, muito mais luz que som; embora este, quando decidia irromper, o fizesse com estrondos tais que abafava por completo as vozes de quem berrava as ordens e de quem afirmava as estar cumprindo, ou simplesmente de quem encontrava nos gritos roucos uma forma de fugir do terror. Como se a natureza nos fizesse minúsculos para se vingar da sobrançeria com que, horas antes, havíamos olhado de cima o chão.

Foi nessa altura que surgiram as primeiras brechas no seio da tripulação. Embora nos seus postos, os mais supersticiosos julgavam ver ali mão demoníaca, sobretudo quando o marinheiro que operava o elevador nos alertou para o facto de as extremidades do zepelim começarem a emitir uma luz azulada, como se o dirigível ardesse em brasa fria. Muitos deixaram-se tomar de pânico ante a visão, calculando que tudo se acabaria ali mesmo em pleno mar. Tanto trabalho para nada! Bockholt gritava como um possesso, procurando restabelecer o sangue-frio com o cano da pistola. Várias vezes ameaçou marinheiros de lhes rebentar os miolos e os atirar ao mar se não se calassem, se se recusassem a cumprir as suas ordens. Os homens caíam em si, mas novos estrondos levavam-nos a perder outra vez a compostura.

Por fim a tempestade amainou (ou fomos nós que nos afastámos dela). O doutor Vucic, o médico de bordo, esforçou se então por explicar que o que acabáramos de presenciar eram fogos-desantelmo, um fenómeno eléctrico quase sempre inofensivo. Mesmo assim permaneceu um ambiente sombrio, até porque um dos tripulantes insistia em ver ali um sinal de tragédia, um

aviso para desistirmos da loucura de penetrar deste modo no obscuro continente.

É talvez este o principal milagre da aviação: o de nos permitir vencer os obstáculos da geografia como se fossem coisas de somenos, levando-nos de um lugar a outro sem qualquer espécie de transição. Ao alvorecer sobrevoávamos já a costa do Egito, perto de Salum, observando um bando de flamingos rosados que voavam entre nós e a terra em organizada formação. A extensão e novidade da paisagem acabaram por reinstalar em nós alguma serenidade e, até, uma verdadeira euforia: estávamos em África, imagine-se o que diriam os ingleses quando confrontados com um voo heróico assim!

Em baixo, os camponeses trabalhavam no arroz com água pela cintura. Surpreendidos, levantavam os braços magros, fazendo-nos gestos agitados. Sem dúvida que viam em nós um sinal divino (difícil saber qual, dado que as vozes nos chegavam fragmentadas pelo vento e pela distância, e que desconhecíamos por completo a língua que falavam). Entre nós subsistiam ainda alguns mais impressionáveis, aqueles que não conseguiam afastar da mente as atribulações da noite. Eram eles quem via naqueles gestos um último aviso para que regressássemos.

Voámos por cima do Nilo – longo e retorcido espelho de prata salpicado de palmeiras ao longo das bordas que, vistas de cima, eram pequenas e verdes explosões – naquele que foi talvez o troço mais tranquilo da viagem. Reflectindo no incidente que a tempestade provocara, concluí que era nítida a distância que já se cavara entre mim e o resto da tripulação (ainda a rapidez com que mudamos a forma de ver as coisas, sem dúvida efeito conjugado de voos e de viagens). Muitos deles, por mais estranho que pareça, continuavam, como disse, a pensar ainda em regressar (voluntários daquela missão, e conhecedores desde o início dos desafios que ela implicava, em que argumento apoiariam esse profundo instinto que é o regresso ao ponto de partida?). Quanto a mim, o que é também de algum modo estranho, sentia cada vez mais forte a vontade de seguir em frente, de mergulhar.

Em baixo, as crianças continuavam a correr sem direcção; os felás, enterrados na água do rio, levantavam os braços ao céu.

Depois, o verde dos oásis e das palmeiras foi ficando para trás, substituído pelas areias do deserto. O calor – o verdadeiro calor africano – foise acentuando, e com ele surgiram novos problemas. As rajadas do siroco, o vento quente do deserto, provocando diferenças de temperatura entre o hidrogénio das células do balão e o ar exterior, levavam-nos a subir repentinamente para alturas perigosas, que nos provocavam zumbidos na cabeça e insuportáveis dores de ouvidos; depois, reentrado no ar frio, o balão despenhava-se num voo picado que trazia de novo o terror à tripulação, desconhecadora do seu fim. Várias vezes largámos todo o lastro que podíamos – água, e até preciosas caixas de munições – para evitar o pior.

O calor colava-nos os dólmanes aos corpos, fazia de tudo o que nos rodeava matéria de delírio e alucinação: os jogos de luz e sombra das dunas eram exércitos ingleses prontos a abater-nos com a sua terrível artilharia ou monstros africanos que nenhum de nós tinha visto mas nem por isso se coibia de adivinhar. Mais acima, nas nuvens, novos monstros e diabos. Nas pequenas gôndolas penduradas, tudo isto provocava uma espécie de febre que mantinha o médico e o enfermeiro permanentemente atarefados com a aplicação de compressas molhadas e a distribuição de toda a sorte de medicamentos. Fosse eu mais novo (sei que esta experiência tem pouco mais de um ano, mas a minha idade é pontuada por ela: como se antes fosse novo e depois já velho) e lembraria o facto como um glorioso feito. Hoje, é algo que razão nenhuma me levaria a repetir.

Para piorar as coisas, como se tal fosse possível, o motor da frente deixou subitamente de funcionar. Uma inspecção apressada revelou-nos que tinha profundas rachas, sem dúvida provocadas pelas elevadas temperaturas, pelo que se tornava impossível repará-lo em pleno voo. Prosseguimos com os motores traseiros, e daí não viria grande mal não fosse o caso lamentável de o motor avariado ser aquele que alimentava o dínamo que fazia funcionar o radiotransmissor, pelo que a partir desse momento ficámos sem possibilidades de comunicar. Limitávamo-nos agora a receber mensagens

da distante base de Nauen, em Berlim, ou a surpreender fragmentos de comunicações entre as tropas inglesas que pululavam lá por baixo, lagartos e escorpiões dissimulados no areal das dunas. Estávamos verdadeiramente entregues à nossa sorte!

Imagino, pelo seu olhar, o que lhe estará passando pela ideia. Que exagero. No seu lugar também pensaria assim. A única coisa que posso fazer a esse respeito é continuar a contar; e, evidentemente, pedir-lhe que acredite em mim.

Ao cair da noite passámos a latitude de Khartoum. Chegou-nos então, de surpresa, um sopro gélido em tudo diferente do calor que nos havia castigado durante o dia. As alucinações acentuavam-se, alimentadas agora pelas caprichosas formas da escuridão, que afinal não nos mostram mais do que aquilo que queremos ou tememos ver. Formas contudo mais estáveis, mais difíceis de desfazer, tão diferentes das voláteis suspeitas que o calor do dia entreabria. Como se o frio as congelasse para que ficassem ali, quietas, a atormentar-nos.

Distribuiu-se chá fumegante, reforçou-se o agasalho. Mas nada convencia os monstros a partir. Em volta, o silêncio sepulcral era quebrado de quando em quando pelos estalidos do rádio e pela voz monótona e roufenha de Nauen, que cruzava todo aquele espaço para nos vir dizer que regressássemos, que Lettow havia sido definitivamente derrotado.

A noite parecia interminável, tão escura que só ténues sinais nos poderiam dizer de que maneira voávamos: outra vez a pressão nos ouvidos quando subíamos muito, uma espécie de terror intuitivo se suspeitávamos estar perto do chão. Neste segundo caso, um terror acentuado pelo roçar nos ramos mais altos de alguma árvore invisível, garras esticadas para nos apanhar. Sempre que tal acontecia voltavam outra vez os gritos da tripulação, abafando as ordens roucas de Bockholt que, com os olhos fixos num altímetro em que poucos já acreditavam, instava o marinheiro do leme a manter a proa levantada.

O doutor Vucic, o médico, mesmo nestes momentos difíceis sempre preso ao seu rigor científico, achou então ter descoberto na observação das nuvens um meio de saber por onde andávamos. Se era uma *cumulonimbus*

gritava que subíssemos, que o chão já estaria a rondar a barriga das gôndolas; se, pelo contrário, passávamos perto de uma *cirrostratus*, isso significava estar na altura de descer. Argumentos pouco convincentes para os homens que, incultos, desconfiavam dos métodos e das convicções de Vucic. Além disso, quem nos garantia que a natureza enviava esses sinais para nos guiar? Quem nos garantia que não era uma pérfida manobra para nos atrair para a sua fauce? E, por outro lado, mesmo que se tratasse da primeira possibilidade, será que o médico via de facto, naquelas nuvens negras, tudo aquilo que dizia? Não seriam antes visões da sua cega e talvez também aterrada obstinação disfarçadas de ciência? Tudo era possível e legítimo indagar enquanto mergulhávamos uma vez mais numa daquelas nuvens, sentindo na face gotículas geladas que já nem sabíamos se eram líquidas, se os pêlos do braço do demónio roçando-nos a face.

Os marinheiros olhavam preocupados o altímetro de Bockholt, escutavam as observações contraditórias de Vucic e pareciam não saber em quem acreditar. Isso numa altura em que precisavam sobretudo disso, de acreditar: numa ordem a cumprir, numa observação que desse sentido ao seu confuso entendimento, em algo que lhes indicasse um caminho para fora daquele tormento. Embora cumprissem as ordens, suspeito que aquilo em que mais acreditavam nesse momento era em volumosos monstros de cerdas grossas como troncos, dentes afiados como pontas de faca, telescópicos olhos altíssimos, bífidas línguas húmidas de uma gosma venenosa – os monstros que a sua antiga imaginação dizia pulularem pelos chãos africanos.

Entretanto, perfurando as nuvens de tinta escura numa monótona cadência, e acompanhando o incansável ronronar da nave, sempre a voz roufenha de Nauen apelando a que regressássemos a casa. Foi de resto essa voz que determinou o rumo dos acontecimentos que se seguiriam. Foi ela que, soprando aos ouvidos da tripulação com arrelhadora insistência, acabou por conseguir penetrar fundo nas suas consciências, dando-lhes ideias.

Das fissuras do demoníaco corpo da noite soltavam-se já as primeiras asas de luz rosada, uma vaga claridade que ainda não revelava mais que matos inocentes lá em baixo, um ou outro bando de antílopes fugindo da

sombra do zepelim, sons do mundo funcionando normalmente. Como se aqui a natureza fosse dotada de uma espécie de garra retráctil que só de noite saía para os seus nefandos actos. Tudo em volta apelava agora ao alívio e ao renascer da confiança, aos abraços mútuos de quem descobre ter afinal sobrevivido à mais dura das provações. Passáramos o nosso rubicão, era altura de darmos largas à nossa alegria.

Todavia, a voz de Nauen havia feito o seu trabalho, semeando uma discórdia surda cujos contornos só gradualmente a nossos olhos se foram revelando. Obstinado, o comandante Bockholt continuava a pretender levar a missão até ao fim. Mas agora as suas ordens espalhavam rumores, que cresciam à medida que a luz deixava que nos víssemos uns aos outros com mais nitidez. Depois de uma noite como aquela os marinheiros surgiam transfigurados, como se dentro deles nada pudesse voltar a ser como era. Ainda obedeciam, é certo, mas faziam-no já com a lentidão de quem tem a mente noutro lado — era cada vez mais claro que nas doces colinas da sua terra. Achavam ter colhido já, no terror vivido, os troféus que lhes cabiam; aqueles com que, uma vez regressados, se pavoneariam junto de filhos e vizinhos. Era portanto altura de desistir. Quanto a mim, era, como disse, avesso a troféus.

A dado passo tornou-se-me mesmo claro que uma das gôndolas traseiras estava já do outro lado. Os marinheiros falavam entre si em voz baixa como se tripulassem um pequeno dirigível já separado do nosso, tomando o azimute de um voo independente. Discretamente, fiz notar ao comandante essa minha suspeição.

Sentindo os nossos olhares carregados enquanto falávamos, os ditos marinheiros resolveram tomar a iniciativa enviando um deles para instar Bockholt, já abertamente, a regressar. Afinal tratava-se de cumprir as ordens de Berlim, observou o enviado, tentando encobrir com um disfarce de obediência militar aquilo que não passava da mais vil das insubordinações.

Apanhado de surpresa, Bockholt pediu tempo para pensar. Explicou que se debatia entre duas ordens — a que tinha escrita no despacho da missão, assinado e carimbado pelo almirante Von Holtzendorff em pessoa, dobrado

e arrumado no bolso do dólman junto ao peito, e esta que insistentemente lhe chegava pelo rádio desde Nauen – uma ao pé da outra contraditórias. Precisava de tempo para pensar, repetiu.

Bockholt era sagaz. Com esta resposta passava de imediato à ofensiva, uma vez que ela queria dizer que, embora sendo as ordens contraditórias, eram ambas ditadas por nobres princípios de disciplina militar, nenhuma delas tinha por trás, como aquela que os marinheiros traziam, o medo e a insubordinação.

O emissário compreendeu. Era soldado, envergonhou-se. Regressou cambaleante para a gôndola revoltosa, a avaliar a situação com os camaradas.

Entretanto, seguindo ordens de Bockholt, o marinheiro do leme mantinha a rota do sul. Ganhávamos tempo. Digo isso porque me perfilava do lado do comandante. Como disse, há muito a minha decisão estava tomada, nada me faria voltar atrás.

Voávamos baixo nessa altura, seguíamos a linha de costa sem novidade alguma salvo uns aglomerados de casas quadradas e muito brancas que surgiam de quando em quando, e umas mesquitas com os seus altos e redondos minaretes. Era uma imagem quase conhecida, quase amigável, não fosse de uma dessas aldeias ter desatado intensa fuzilaria inglesa. Digo isso pelo som das armas e porque nos visavam. Por enquanto era apenas fogo de espingarda, coisa pouca, deviam estar ainda atarefados a aperrar metralhadoras e a refazer-se da surpresa de nos ver ali. De modo que houve tempo de Bockholt dar ordens para levantar o mais possível o nariz do dirigível, e lançar borda fora nova quantidade de lastro para ganharmos altura e nos pormos a salvo.

Entretanto, continuávamos a ganhar tempo no outro conflito que trazíamos dado que a tripulação voltou a unir-se para sairmos do aperto. Passado um pouco os tiros do inimigo já mal se ouviam, voávamos muito mais alto. E o zepelim voltava a virar-se para dentro e os rumores a crescer, cada vez mais mal disfarçados.

Achei portanto ser chegada a minha vez. Acerquei-me discretamente de Bockholt e fiz-lhe a minha proposta. Até quando os homens se deixariam ir

no logro? A minha ideia era avançarmos o mais possível para sul, enquanto conseguíssemos segurar a insolência, e que me deixassem saltar então de pára-quedas com algum equipamento, após o que podiam dar meia volta e regressar. Ganhávamos todos: os homens viam a sua reivindicação satisfeita, Bockholt de alguma maneira cumpria as duas ordens que tinha; e eu podia enfim, literalmente, realizar o meu mergulho africano. Volto a frisar que a minha decisão era inabalável: atraía-me a mística que cercava Lettow, empurrava-me a impossibilidade de voltar a encarar os meus no final de uma viagem fracassada (não achava outro nome para o regresso, por mais que procurasse). Isso, claro, se eles conseguissem – o que me parecia cada vez mais improvável – vencer os obstáculos que estariam à sua espera.

Bockholt ouviu calado a ideia, acenando com a cabeça. Era claro que ela já lhe agradava. Ao lado, Vucic também concordava. Nas gôndolas traseiras, os marinheiros aguardavam numa espécie de silêncio constrangido.

Nessa altura o operador do rádio captou uma mensagem inglesa que quase deixava a perder a pequena vantagem que eu achava ter conseguido, uma mensagem que confirmava a derrota de Lettow, faltando apenas capturá-lo. E Bockholt começou afinal a ter dúvidas. De que valia este último esforço?

Desesperado, agarrei-me ao pequeno detalhe de ainda não terem capturado o *kommandant*, e felizmente que Vucic veio em meu auxílio propondo que prosseguíssemos em direcção ao sul por mais seis horas, não mais que seis horas, após o que eu saltaria com algum equipamento e eles dariam meia volta, de regresso a casa ainda em condições de serem bem-sucedidos (mas, no que me dizia respeito, podia bem ser ao inferno).

A determinação de um objectivo preciso – seis horas, nem mais um minuto – pareceu serenar os ânimos. Subsistia no entanto uma questão, que parecia de somenos mas era para Bockholt importantíssima. Como justificaria ele ter ignorado a mensagem de Nauen durante tanto tempo? Novamente foi Vucic quem apresentou a solução, sugerindo que fosse anotado no diário de bordo que só na posição de Khartoum nos havia

chegado a mensagem, e portanto era ali, nesse ponto, que o *Afrika Luftschiff* havia dado meia volta para iniciar a viagem de regresso. Para todos os efeitos o troço a sul de Khartoum deixaria de existir.

Os marinheiros aceitaram prontamente a proposta, quando Bockholt a comunicou. Envergonhava-os a imagem que haviam dado de si próprios, além de que a perspectiva de regressar a casa, agora que a tinham, os tornava mansos como cordeiros. Finalmente, não havia o perigo de denunciarem Bockholt uma vez que tal equivaleria ao reconhecimento da insurreição, e portanto ao risco de virem a enfrentar um pelotão de fuzilamento. A partir de agora, e até que se achassem novamente no paralelo de Khartoum, o *L-59* era uma espécie de navio fantasma sobrevoando um espaço que não constava nem na geografia nem sequer no tempo. E foi imersos num silêncio de fantasmas que percorremos, sempre em direcção ao sul, as seis horas acordadas.

Felizmente que apanhámos um vento constante e favorável, que nos transportou a uma velocidade de cruzeiro bastante superior a tudo o que antes havíamos experimentado. Como se os elementos se dispusessem a colaborar no meu ousado empreendimento. Íamos todos em silêncio, não perdidos em inocentes devaneios mas formulando, cada um, verdadeiras estratégias individuais. Quanto a mim, confesso que, agora que os dados estavam lançados, me deixava tomar por um nervosismo dificilmente reprimível. Vucic sorria-me sempre que os nossos olhares se cruzavam, como se quisesse dizer-me, sem serem necessárias as palavras, que estava do meu lado. Como se pretendesse encorajar-me. Bockholt refugiava-se das angústias que porventura o assaltavam reforçando o vigor no comando. Ia atento aos aparelhos e ao comportamento dos seus homens. Quanto aos marinheiros, no geral, obedeciam às ordens com prontidão, demonstrando serem homens de palavra.

Esgotado o prazo – facto notado por um silêncio ainda mais profundo do que aquele que até então vigorara, mais que propriamente pelo recurso ao relógio –, achávamo-nos em cima de uma floresta interior, caprichosamente afastada de uma linha de costa que só no horizonte se entrevia. Bockholt havia já determinado, e mandado separar, o equipamento que seria lançado

comigo: duas metralhadoras *Machinengewehr 08*, três caixas de munições e, salvo erro, uma ou duas caixas de medicamentos. Não lançava mais por desconhecer que terreno sobrevoávamos, tudo levando a crer ser terreno inimigo. Considerei que, com esta observação, ele me concedia uma última oportunidade de reconsiderar, de desistir do salto. Mas no fundo todos sabíamos que há muito se tornara tarde para isso. De modo que verifiquei uma última vez os apertos das correias, apalpei, por cima do bolso, a carta pessoal que Bockholt enviava a Lettow, caso eu o encontrasse, esperei ainda um pouco para ajuizar da direcção que tomava a primeira caixa, entretanto lançada, e finalmente, com um aceno geral de despedida, mergulhei no espaço.

Levei uma vida inteira a chegar ao solo. Sentia, ainda mais perto que da gôndola, as nuvens passando, difíceis de caracterizar, e o ar cada vez mais quente, como se me aproximasse lentamente de uma gigantesca fornalha. Lembrei-me de Vucic, ainda há pouco a meu lado e agora tão distante. Perguntei-me o que o atraía a esta estranha operação. Talvez curiosidade em relação a novas doenças que aqui encontraria, novas plantas e animais, novas nuvens por catalogar em relação às quais poderia exercer essa vaidade ambígua dos cientistas, que não se esgota apenas na vontade inelutável de saber: uma delas levaria o seu nome e ficaria solidificada, se não na natureza ao menos na memória dos homens. Haverá, entre tantos paradoxos, paradoxo maior do que este de catalogar corpos tão voláteis quanto as nuvens? Talvez o tivesse atraído simplesmente o cumprimento do dever, acabei por concluir, esforçando-me a um certo pragmatismo que sentia intuitivamente que me seria, daqui para a frente, muito necessário.

O vento roçava-me a face com um som surdo e constante, uma música de fundo para conferir nobreza a um acto que, visto à distância, pareceria sem dúvida gratuito. Todavia, nenhum barulho já da nave, nenhum barulho ainda do chão. A havê-lo, seria este o som do silêncio.

Depois, pensei em Bockholt e foi-me difícil imaginar que ideias estariam pululando dentro da farda negra deste corajoso oficial, como conviveria ele com o regresso depois de tanto empenho posto na preparação da viagem, depois de tanta coragem e autoridade patenteadas na travessia. Justificações

para a decisão tomada, tinha-as de sobra: afinal, havia feito o impossível, desafiado os elementos, gerido com mestria os homens em tão difícil situação. Tudo factos verdadeiros que, contudo, pouco podiam fazer para atenuar o desânimo que ele sentiria nesta altura. Estive então tentado a olhar para cima, a ver se ainda o via acenando da amurada da gôndola. Mas foi também nesta altura que me dei conta de que até ali nada mais tinha feito do que olhar para trás, uma atitude em nada condicente com o gesto, agora irremediável, que tomara. Muito mais sentido fazia olhar para a frente – ou melhor, para baixo –, até porque o mais provável seria o inimigo estar ali à minha espera.

Reparei então no chão pela primeira vez, para lá das minhas botas penduradas. Agarrado às cintas de couro, fui inspeccionando o mato, que crescia à medida que eu me aproximava. Deixei-me tomar por toda essa novidade: na espécie de cheiro a queimado do cozimento da terra pelo sol, que nessa altura senti pela primeira vez e me seguiria dias e meses a fio (ainda hoje o encontro em inesperadas esquinas, transportando-me de rompante para tempos diferentes daqueles em que estamos), nos sons das árvores estalando sob esse mesmo sol, nos restolhares súbitos das suas folhas, na presença de um silêncio cada vez mais espesso, rasgado de quando em quando pelo chilreio de aves desconhecidas. Depois, tudo se foi tornando mais veloz, numa espiral de pensamentos e imagens – fragmentos da viagem, acontecimentos da infância, gargalhadas de colegas, edifícios de Hamburgo (levado pela mão do meu pai) – até que acabei por tocar no chão.

Calculo que nunca tenha tido esta experiência, e por conseguinte é-me difícil transmitir-lhe as sensações. Sensações não é bem o termo, até porque para estas poderíamos arranjar metáforas ou outras equivalências, e teríamos a tarefa facilitada. É mais uma coisa inédita do foro da abstracção, uma espécie de desaparecimento do tempo da equação. Nada existe fora de um tempo, bem sei, mas neste caso é como se o tempo fosse simultaneamente transformado num curto instante e no seu oposto – a eternidade. Aquilo a que o povo chama, penso eu, toda a vida num minuto.

Não percebeu? Não o censuro por isso. Para mim é um exercício mais sentido que entendido.

Adiante. Felizmente que cheguei ao chão numa pequena clareira onde dei meia dúzia de passos atrapalhados para recuperar o equilíbrio, após o que recolhi apressadamente o pano e olhei em volta para descobrir atrás de que arbusto se esconderia um inimigo que, para mim, era mais que provável estar ali à minha espera.

Nada. Silêncio e árvores ralas cercando-me. Quando muito, dispersas inquirições dos pássaros, tão curtas que me impediam de descobrir de onde vinham. Virei-me então para cima, à procura do dirigível, como se me concedesse ainda a possibilidade de uma última despedida. Mas ele era já um pequeno ponto negro na distância, aproado a norte. Muito mais sereno pelo seu tamanho, muito mais tranquilo desde que o envolvia o consensual propósito de regressar a casa.

O sentido de uma presença, mais que qualquer som assinalando-a, fez-me regressar rapidamente à minha actual condição (ainda o milagre aéreo, que em segundos nos transporta para estados tão diferentes, como se escarnecesse de fronteiras aparentemente intransponíveis). Um grupo de negros, alguns de armas na mão, observava-me com curiosidade. Não havia qualquer tensão nos seus olhares, pareciam antes espantados, talvez mesmo um pouco divertidos.

Se fossem quem eu temia tudo se teria acabado ali sem que houvesse o tempo da mais pequena reacção. Mas não. Perguntaram quem eu era, apresentaram-se orgulhosamente como *askaris* alemães e prontificaram-se a levar-me até Lettow.

Difícil de acreditar, mas foi assim. O resto – para além deste pequeno milagre final que foi ter atravessado metade do mundo para vir cair precisamente nas mãos de Lettow – não tem grande interesse. Um par de horas depois achava-me já no comando, não muito longe de Nevala, onde mal tive tempo de lavar a cara antes que um impedido indígena me viesse convocar com urgência, por ordem do próprio Lettow.

* * *

Dirigi-me de imediato ao gabinete do *kommandant*. Lá dentro, um homenzinho franzino, que pouco depois soube ser o doutor Heinrich von Schnee, governador da colónia, reafirmava com grande veemência que a única solução era a rendição. Os ingleses estavam por toda a parte, o desfecho era mais que previsível. Lettow retorquia que a guerra podia e devia ser prosseguida, sem se preocupar em avançar com grandes argumentos. Os dois homens já deviam ter perdido a conta das vezes que haviam tido aquela mesma discussão. Von Schnee perguntava-se para que serviam mais mortes e destruição se o desfecho, insistia, se afigurava inequívoco. Lettow respondia que não via assim tanta clareza naquele cenário, e que o seu dever de oficial o obrigava a combater o inimigo em qualquer parte e em qualquer circunstância, pelo menos enquanto não recebesse ordens superiores para agir de outro modo. Von Schnee deitava os olhos ao céu, o que se compreende: como poderia Lettow receber ordens superiores se as comunicações com a Europa eram praticamente inexistentes?

Soube mais tarde que a disputa entre eles vinha de longe, pelo menos desde que, três anos antes, Lettow, contrariando as ordens do governador, autorizara Satbarst Weck a tomar de surpresa o posto português de Maziwa. Seja como for, sentia-se que a decisão de Lettow estava tomada de antemão, e que só por polidez se envolvia naquela discussão. Tinha um ar cansado mas resoluto, recusava-se a aceitar um destino em cuja determinação não tomasse parte. Além disso, estava-se em guerra, e nas guerras são os militares quem decide as coisas, não os governadores. O *kommandant* devia desprezar muito aquele homenzinho que, se mandasse de facto há muito teria depositado a *Ostafrika* nas mãos de ingleses e belgas.

Pela minha parte, não ousava mexer-me. Acabava de chegar, depois de uma viagem feita nas condições que descrevi, e a cada minuto que passava deparava com informações dramáticas sobre as frentes de combate, informações que, pedra por pedra, destruíam a ideia de modorra que até sair de Jamboli eu tivera sobre a vida colonial. Sem sequer ter tido tempo de desfazer o meu saco de viagem, era introduzido num gabinete onde decorria uma discussão entre os dois principais actores daquela guerra!

Para entender tudo isto é preciso ter em conta que eu era um jovem oficial ingênuo e entusiasmado que, como disse, assumia Lettow como modelo absoluto. Nessa altura era já enorme a sua fama, todos estavam cientes de que, não fosse a sua inteligência e ousadia, teríamos capitulado logo aos primeiros tiros.

Assim que vi aqueles olhos claros e sem expressão, estremei. Permaneci em sentido, sem ousar mexer um dedo. O silêncio era de tal modo espesso que as pás da ventoinha, girando lentamente no tecto, me pareciam fazer um ruído ensurdecedor. A um canto, um praça indígena que parecia talhado no mais escuro ébano, atingira um estado de imobilidade ainda mais perfeito do que o meu (durante o tempo em que lá permaneci não lhe vi o mais leve movimento, nem sequer o do respirar).

Ao fim de um momento que me pareceu interminável, deram enfim comigo. Von Schnee foi o primeiro a virar-se. Senti nele o olhar ligeiramente agastado de quem, não fosse esta interrupção, se achava prestes a vencer a peleja. Lettow, notando a leve perturbação do interlocutor, virou-se também para me encarar. Soube logo quem eu era, e imediatamente se descontraiu. Ordenou que me pusesse à vontade, dirigiu-me palavras muito amáveis. Era raríssimo chegar um oficial da Europa para se juntar às forças; mais raro ainda, verdadeiramente único, que o tivesse feito nas circunstâncias em que eu o fizera. Pretendia ouvir o meu relato com todos os pormenores. Além disso, conhecera um tio meu na juventude, haviam sido vizinhos de camarata na escola militar de Kassel, tinha os Mahrenholz em grande conta. Disse-me que observara os meus papéis com atenção e muita satisfação, nomeadamente a carta que lhe enviara Bockholt. Tinha a certeza de que eu me mostraria à altura da difícil situação que se vivia.

Essa simples frase não me abandona deste então. Estar à altura? É uma frase que ainda hoje me assalta quando menos o espero, sobretudo depois da traição... Ainda hoje me persegue o olhar azul transparente com que ele a sublinhou. Tão diferente do olhar impaciente de Von Schnee, que aguardava o fim daquele colóquio inoportuno para poder retomar a discussão daquilo que para ele era realmente importante: a rendição.

É interessante, e de certo modo até contraditório, o peso que têm em nós – que nos julgamos seres inteligentes, e portanto predispostos à aprendizagem – as primeiras impressões: privei com o doutor Von Schnee nos tempos que se seguiram (cheguei a ajudá-lo a recolher espécimes da flora para um livro que ele pensava escrever quando acabasse a guerra, a que chamaria *Deutsches Kolonial-Lexikon*), enfim, privei com ele em circunstâncias que se podem considerar ainda mais difíceis, mas por qualquer razão sempre que procuro recordá-lo o que me vem à ideia é o olhar impaciente com que me fitou naquele momento, os pequenos óculos grossíssimos e sem aros que esse olhar perfurava.

Adiante. Partimos nesse mesmo dia, a força inteira. Para trás ficaram apenas algumas companhias com a função de dificultar a perseguição do inimigo (carne para canhão). Sucediám-se, para mim, as surpresas. Sobretudo a decisão de Lettow, que foi rapidíssima, e que se dizia na coluna ser movida pela necessidade de chegar ao Rovuma antes que as chuvas o tornassem intransponível a vau, que era a única maneira que tínhamos de o atravessar. Suspeito no entanto que, mais do que isso, o movia o fito de garantir que o doutor Von Schnee não tivesse tempo de organizar uma resistência do oficialato à sua aparentemente tresloucada decisão.

Hoje, olhando para trás, e independentemente do resultado que a incursão veio a produzir, não posso senão admirar uma vez mais Lettow. O desfecho da guerra era ainda incerto, ficar seria o mesmo que render-se, o mesmo que trair, e aquilo de mais essencial que um oficial aprende é exactamente a ficar do lado contrário ao da traição. É estranho que seja eu – um traidor – a dizer estas coisas, mas ainda mais estranho é o facto de, mesmo quando as nossas atitudes se afastam dos princípios, quando os contradizem, continuarmos apesar de tudo a crer neles.

Num lugar chamado Nambindinga, Lettow tornou a deixar umas largas centenas de homens, mais uma vez com o argumento de retardar os perseguidores (mais carne para canhão, ou pelo menos para a rendição). Entre eles encontravam-se alguns oficiais próximos de Von Schnee, o que quer dizer que quanto mais progredíamos no terreno mais frágil se tornava a

posição do governador; e também que Lettow pretendia mais mobilidade, maior rapidez.

Recém-chegado que era a África, surpreendia-me não só essa pequena política mas também tudo o resto, em particular a visão da nossa força em marcha, tão diferente daquilo a que estava habituado ou sequer do que julgava que seria. Na frente seguia o *kommandant* com alguns oficiais e umas centenas de *askaris* impecavelmente fardados e alinhados; atrás, as famílias (as mulheres dos soldados, a quem chamavam *bibis*, e as crianças) e os carregadores com as armas, as farmácias e as cozinhas; e, a fechar o cortejo, novamente algumas unidades de *askaris*. Havia ainda pequenos grupos a rondar a coluna, descobriu por os ver chegar do nada e tornar a partir a espaços regulares, batendo os matos em volta para evitar surpresas. Notei nas tropas um certo garbo, embora diferente do nosso. Estava finalmente com as *Schutztruppe!*

A certa altura demos com o Rovuma. Rio largo, embora, para alívio de Lettow, levasse ainda pouca água. Dentro do rio afloravam umas manchas de areia muito branca. Imaginei como seria quando chegassem as chuvas e o rio se enraivecesse. Progredimos ao longo da sua margem como se apalpássemos o lombo de um enorme bicho. Na verdade, a Lettow interessava o outro lado (era para lá que amiúde se virava), como se este em que nos encontrávamos, enxameado de tropas inimigas, já pouco lhe dissesse.

Estacionámos ao cair da noite, com ordens de manter silêncio e evitar as fogueiras. Lembro-me de como estranhei que aquela multidão – de duas ou três centenas de europeus, dois milhares de *askaris* e outro tanto de carregadores – pudesse exalar um tal silêncio.

Por esta altura Lettow queria-me permanentemente junto de si. Quer para ouvir pormenores da viagem do zepelim – que eu ia contando em fragmentos, sempre que ele arranjava um tempo disponível para escutar – quer porque me tratava já como a uma espécie de secretário. Pude portanto testemunhar a chegada do nosso homem, o coronel Sebastian Glück, na tarde desse 24 de Novembro.

Com ele vinham dois privados que, soube mais tarde, se chamavam Issa e Mzee Ali. Traziam um ar cansado, como se tivessem andado sem parar durante vários dias. Conferenciou com Lettow em particular, enquanto os seus dois assistentes se mantinham um pouco recuados, assumindo a atitude de uma espécie de guarda-costas. Glück foime apresentado pouco depois, mas estava demasiado ocupado com o que tinha a relatar para me dar importância.

Já anteriormente referi a ideia que fazia dele, que este primeiro encontro só veio reforçar. Impressionou-me sobretudo que o *kommandant* tratasse por coronel um indivíduo franzino que envergava tudo menos uma farda alemã: calças inglesas de montar enfiadas numas botas enormes, dólman de origem para mim desconhecida ainda por cima uma espécie de barrete otomano na cabeça!

Pusemo-nos em marcha de madrugada, com o objectivo de atacar a guarnição portuguesa de Ngomano. Atravessámos o rio no maior dos silêncios, no ponto em que a ele se junta um outro chamado Lugenda. Já em solo português, a força levou um tempo a dispor-se na formação de combate, com as unidades espaçadas e os carregadores junto dos respectivos *askaris* para, quando chegasse a altura, os poderem municiar. Havia ainda, no entanto, muito trabalho a fazer: cortar capins para as camuflagens, cavar trincheiras, instalar o hospital numa posição mais recuada, além de outras medidas, muitas das quais se viriam a revelar desnecessárias tendo em conta o curso posterior dos acontecimentos. Fez-se tudo num silêncio absoluto, que contrastava com os sons despreocupados que nos chegavam do posto inimigo (conversas em voz alta, o ruído das panelas e o cheiro do guisado na cozinha), reveladores de uma grande imprudência e de que os nossos esforços estavam a ser bem sucedidos. Pelas dez horas, com tudo pronto, o próprio Lettow deu finalmente a ordem de carregar.

As duas metralhadoras dispostas em linha fizeram as primeiras salvas sobre o campo inimigo, onde de imediato se instalou a mais completa confusão. Antes que houvesse um esboço que fosse de resposta, seguiu-se a carga dos *askaris* cobertos do capim que levavam amarrado em todo o

corpo, verdadeiras massas de mato ululante disparando as suas espingardas. Primeiro os de Kraut, que haviam subido a uma elevação de onde se dominava quase todo o campo, depois os outros todos.

Ante um mato movediço que avançava para os tragar, os inimigos não puderam senão deixar-se tomar de espanto e do mais profundo horror.

Quanto a mim, fui invadido de um intenso nervosismo, o que se compreende: era o primeiro combate em que participava. Sou todavia obrigado a confessar que a minha participação assumiu uma forma por assim dizer indirecta, uma vez que Lettow não me deixou sair de junto de si. Tenente Mahrenholz, você permanece aqui comigo, ordenou. Achava mais importante que, mais do que provas de valentia, eu aprendesse as técnicas de comando em situação de combate; ou então queria evitar ter de dar uma notícia funesta aos meus familiares que, penso ter já referido, muito prezava.

Se isso criou em mim algum constrangimento, uma espécie de sensação de cobardia sem chegar a sê-la, em contrapartida permitiu-me testemunhar a segurança com que o *kommandant* dirigia as operações, recebendo constantemente notícia das posições dos seus oficiais e enviando despachos com novas ordens, tudo isso com a fluidez de ter sido ensaiado mil e uma vezes antes de, de facto, acontecer.

Já assistiu a um combate assim aberto? Calculo que não, e, num certo sentido, ainda bem. É uma experiência com mais poder de nos moldar o carácter do que a de uma juventude inteira numa escola ou numa academia. Na eternidade de uns escassos minutos tudo coexiste no mesmo espaço interior, e nesse sentido podemos evocar umas certas parecenças com a sensação da minha descida do balão. Ali no tempo, aqui no espaço. Como se a consciência passasse a ser uma espécie de Potsdamer Platz onde se cruzassem, como caminhos, todos os estados de espírito que se albergam em nós: o medo e a valentia; a ternura pelos nossos, que afloram a espaços como que para nos proteger; o ódio ao inimigo, não pelo que é mas pelo que representa, por condensar em si tudo aquilo que nos atormenta; a sagacidade que nos esforçamos por ter mais refinada que a dos outros; a intensa curiosidade em relação a homens de armas parecidos connosco, que

todavia procuramos afastar das nossas mentes até que fiquem com um rosto impossível sequer de imaginar. Isso: homens sem rosto e sem nome que, num afã, tudo fazemos para erradicar da paisagem a fim de podermos permanecer humanos depois dos actos hediondos.

Enfim, o mais difícil de tudo ainda é retirar as lições. Mais difícil porque esses estados nos invadem sem uma ordem aparente, convocados ou expulsos por pequenos acasos de que nos é vedado descobrir a razão. As lições chegam-nos gota a gota, num ordenamento misterioso em relação ao qual não somos capazes de um mínimo de interferência. Como arrancar esses pequenos e irascíveis intrusos? Escolhem sobretudo o pesadelo para nele entretecer os seus discursos, de uma lógica infinita enquanto duram mas afinal sem nexos algum. Escolhem a noite, como disse, mas também podem atingir-nos em pleno dia, ao virar de uma esquina, no atravessar de uma rua, no levar aos lábios de um copo de água que contém uma miríade de reflexos subtis e prenhes de inquietantes significados. Num desses reflexos é uma árvore, não todas as árvores mas uma certa árvore; no outro, um olhar que a todo o custo queríamos evitar que se cruzasse com o nosso, sabedores de não mais o podermos esquecer.

Enfim, fatigo-o com estas deambulações, com estas pontes que um perverso engenheiro não se cansa de construir para me levar por descaminhos. Peça desculpas por isso.

No final, com tudo já resolvido, julguei notar em Glück um trejeito irónico que me era dirigido, fugaz mas ainda assim suficiente para despertar em mim alguma incomodidade, e acentuar a má impressão que já tinha dele. Até porque o tal barrete otomano, que o tornava distinguível a grandes distâncias, me permitira comprovar a sua temeridade, avançando a tiros da *Luger* que segurava na mão esquerda, enquanto o fio da catana, na direita, ia provando o sangue dos infelizes que, em fuga, se lhe atravessavam no caminho.

A minha primeira experiência de guerra foi também essa experiência do sangue. O resultado, diluído o fumo das explosões, é impossível de descrever: os corpos esquartejados, os membros pendurados nas árvores da

maneira mais inesperada, as tripas procurando escapar-se pelas fendas abertas pelas baionetas.

Calculo que nunca tenha presenciado nada disto, e ainda bem. Só o lamento no sentido em que o facto o torna incapaz de apreender cabalmente aquilo que digo, só nesse sentido.

Evidentemente que a repetição nos habitua; se não fosse assim, como seria com médicos e enfermeiros? Todavia, há aqui algo muito diferente que só uma intensa reflexão me levou a descobrir o que é. Enquanto os médicos nos abrem o corpo mas vigiam os buracos, impedindo que por eles se escape a alma, neste caso a alma tem plena liberdade de por eles se escapar. O horror é o que fica, fragmentos sem qualquer nexos, invólucros indistinguíveis de meros objectos. Por vezes ainda percebemos um núcleo onde se processa esse combate pela vida, um tronco já sem forma mas que ainda assim exala uma espécie de vibração, ou um gemido. Mas até esse ténue vestígio acaba por desaparecer. Sim, um gemido, um maldito uivo já sem timbre humano. São os invólucros envolvidos por esse som que se nos colam à consciência para sempre.

Quanto mais o sangue nos surgia na visão, mais se acicatava na turba o desejo de o procurar dentro dos corpos, assumindo assim o combate contornos de diabólico festim. Sobressaíam, neste aspecto, os *askaris*, que avançavam aos gritos, largando capins, perseguindo de facão na mão o inimigo apavorado como se tivessem uma sede urgente de algo que estivesse escondido dentro dele. Uma sede urgente e infinita. Faziam-no cantando canções específicas, perversamente concebidas para o efeito ou então adoptadas e transformadas em tradição. E por uma vez os oficiais esqueciam a importância que o silêncio tem na disciplina, instigando os gritos na certeza de que atrás deles viria o resto.

Eu, Deus me perdoasse!, não consegui deixar de me perguntar como seria no dia em que essa crueza tão espontânea dos *askaris* se virasse contra nós!

Logo aos primeiros tiros foi levado o comandante português, numa altura em que, de peito descoberto e arma aperrada, procurava no heroísmo a compensação para o desmazelo de ter iniciado o dia sem se precaver. Tombou de borco no meio das panelas do almoço, e com isso se acabou a

possibilidade de uma resposta articulada, mesmo que esta fosse já remota na altura em que ele era ainda vivo.

Digam o que disserem, tropas sem comandante é como filhos sem pai, mesmo que esses filhos sejam uma caterva; uma matilha até. O que nem era o caso, pois, pondo de lado um ou outro gesto heróico, na maior parte das vezes rondando o patético, não sabiam o que fazer. Não tinham a acção mecânica e instintiva de um verdadeiro exército, faltava-lhes aquilo que nos nossos havia de sobra! Ainda esboçaram um quadrado defensivo (a primeira linha deitada, a segunda de joelho no chão), mas era um quadrado torto e falho, sem gente que o tornasse compacto e com uma eficácia mínima: logo, portanto, foi desfeito. Soldados e oficiais não se distinguiram a não ser pela cor, a todos unificava o terror.

Do nosso lado a situação era bem diferente, sobretudo no caso dos *askaris*, gente experimentada, aguerrida, diria mesmo que tresloucada, como se só na destruição e no aniquilamento dos outros pudessem encontrar um fim para a humilhação que era terem sido obrigados a fugir da sua terra.

O combate acabou tão repentinamente como começara, às três da tarde. A dificuldade dos nossos oficiais era agora fazerem regressar aos *askaris* alguma humanidade depois da experiência libertadora que o contacto com o sangue lhes havia proporcionado. Esse curto mas intenso convívio com a desordem, embora recorrente (nos tempos mais recentes estes homens haviam participado em inúmeras batalhas), não deixava de soltar sempre os instintos obscuros que habitavam dentro deles e que era necessário voltar a enjaular. Deram-lhes por isso tarefas que os levassem de volta à obediência: bater os matos ao redor em busca de fugitivos, tratar dos feridos (nossos e dos outros), recolher um armamento precioso composto de muitas espingardas *Mauser*, incontáveis caixas de munições e algumas metralhadoras. Àqueles a quem a serenidade demorava mais a regressar – pavoneando-se pelo acampamento em tronco nu e de garrafa na mão, envergando desgarradas peças de uniformes arrancados aos sobreviventes e lidando com estes como se lida com os bichos – foi mesmo preciso tratar rispidamente, lembrar-lhes de que faziam parte das *Schutztruppe*. Isso, claro, dentro do espírito compreensivo de quem sabia que eles eram dos

nossos, e da envergadura da obra que acabavam de levar a cabo. Até porque, se uma parte da ferocidade que se soltara de dentro deles tinha origem na escuridão dos tempos, havia outra, não menos importante, que tínhamos sido nós a inculcar, uma ferocidade que provinha por assim dizer da educação e do treino militar. E, também, do acicatamento prévio.

Esta difusa sensação de culpa, instalada como uma espécie de pudor que ninguém ousava circunscrever e explicitar, desempenhou sem dúvida importante parte na prontidão com que os nossos médicos se dedicaram aos feridos, não só nossos mas também do inimigo. Depois da terrível tempestade vinha a bonança possível: juntaram-se aos escassos meios que trazíamos os tomados do hospital português, inventaram-se ligaduras de casca de árvore, gastou-se grande parte das aguardentes apreendidas no papel dos sedativos que faltavam, atenuando-se assim os gritos e a crueldade das amputações e das coseduras a sangue-frio.

Estava-me ainda reservada nova surpresa, quando Lettow se dirigiu aos oficiais prisioneiros, sentados como animais assustados num quadrado definido por rolos de arame farpado, a meio do descampado: dispunha-se a libertá-los de imediato, proclamou, desde que, um a um, eles se dispusessem por seu turno a assinar o compromisso de honra de em suas vidas não voltarem a combater as forças alemãs sob pretexto algum. Esta medida não dizia respeito a sargentos, praças e tropas indígenas, pois partia-se do princípio de que a honra lhes era valor alheio, e portanto tinham sido libertados assim como estavam – feridos, estropiados e assustados – e espantados para o mato como se espanta a bicharada incómoda mas inofensiva. Ali, tinham encontro marcado com os males da sede, as infecções e as feras.

Reflecti mais tarde nesta proposta de Lettow, chegando à conclusão de que se inscrevia no tal esforço de reacquirição de humanidade, um esforço que fizesse esquecer o convívio demasiado próximo com o mundo obscuro a que me referi. Todavia, a explicação que Lettow deu na altura era que a mobilidade que ele tanto procurava não se compadecia com o fardo de ter de arrastar atrás de si centenas de prisioneiros, com tudo o que isso implicava de cuidados médicos, alimentação e possível traição. Fuzilá-los

(a preferência de Glück) estava fora de questão pois, além de ser opção contrária à nobreza do *kommandant*, voltaria a agitar uns *askaris* já um pouco mais tranquilos e obrigaria a um gasto desnecessário de preciosas munições.

Os oficiais portugueses recusaram, horrorizados. Depois de se ter apropriado do corpo, Lettow reclamava-lhes agora a alma! Que resta a um oficial depois de registar sob palavra de honra a intenção de trair?

Embora este episódio me tenha impressionado na altura, só muito mais tarde, devido a acontecimentos que eu próprio protagonizei, o pude apreender na sua mais irónica dimensão. Mas enfim, recusaram com um murmúrio de indignação (no fundo, também eles próprios faziam um esforço para readquirir a humanidade que o combate lhes havia subtraído, e de forma ainda mais cruel do que a nós). Lettow fitou-os durante um momento com os seus olhos de um azul quase transparente, parecendo compreender-lhes as razões, após o que encolheu os ombros e se afastou sem uma palavra. Havia assuntos mais urgentes a tratar.

De facto, um comandante não pode nunca abandonar-se à euforia momentânea trazida por aquilo a que chamamos vitória. Depois de ter jogado um papel tão importante na sua construção, o presente acaba por tornar-se para ele inacessível. É fundamental que pense no próximo passo, ou seja, no próximo presente do qual, por sua vez, também lhe é vedado desfrutar. O comandante vive sempre desfasado dos dias, e Lettow, já o disse várias vezes, era um verdadeiro comandante.

Qual o caminho a seguir? Esperar? Voltar a atravessar o rio Rovuma já mais abastecido e apostado em medir forças com as companhias que Van Deventer mandara certamente no nosso encalço? Suspeito que eram estas as contas que Lettow fazia, ao mesmo tempo que enxotava as lamúrias de Von Schnee como quem enxota as moscas atraídas pelo cheiro a sangue fresco que ainda subsistia no ar. Ainda por cima acabara de lhe chegar uma mensagem segundo a qual Tofel atravessara o rio para se juntar a nós, mas, desesperado de fome e julgando ser demasiado tarde, recuara novamente para se entregar aos ingleses.

Ironia do destino, esta de terem estado a escassos quilómetros um do outro e voltarem a afastar-se, desta vez irremediavelmente! Ironia que era também um sinal, o de que as portas do regresso se fechavam para nós de uma maneira inexorável. Restava-nos a fuga para a frente. Para mim, pela segunda vez, o mergulho no desconhecido.

Lettow entrou na noite amadurecendo a sua temerária decisão, interrompendo a espaços esse exercício para receber os oficiais prisioneiros que, um a um e cabisbaixos, se apresentavam para assinar as declarações que tinha prontas em cima da mesa de campanha. Cá fora, com um sorriso escarninho, Glück ficava depois a vê-los atravessar o descampado semeado de fogueiras da festa dos *askaris*. Cabisbaixos, vazios da honra que haviam deixado lá atrás, internando-se na escuridão dos matos onde iam juntar os gemidos do seu sofrimento ao silêncio da sede e aos rugidos das feras que os esperavam.

3

João Albasini sorri, quando Hans lhe conta que na noite anterior quase se perdeu num mato que existe perto do hotel.

‘Mato?’

Trata-se antes de um jardim. Ou melhor, de um projecto de jardim, uma vez que, como sempre, as hesitações ou mesmo o desvio de verbas erodem ideias e planos que acabam por dar em não mais que grotescos esboços, coisa nenhuma. João Albasini é assim, tem a curiosa propensão de conduzir todos os diálogos numa mesma direcção, de assestar sobre a municipalidade e os seus jogos todas as baterias que tem. É tinta que lhe corre nas veias, não sangue. Alguma coisa muito séria lhe hão-de ter feito para que veja o mundo sempre assim.

‘Mato?’

Albasini ri com gosto. E Hans, embaraçado, desiste de lhe dizer do quanto a noite que passou transformava as árvores em presenças, os ramos em gestos; desiste de mencionar essa sensação recorrente que há tempos lhe assalta, nítida como uma verdade certa, o pensamento. Mas não é só o embaraço que o tolhe, é também um sol como o de hoje, cujo brilho tudo vulgariza: as árvores voltam a ser árvores outra vez, nítidas e quietas; os ramos, ramos. De concreto sobram apenas umas migalhas de vidro num certo lugar, sobre elas um pedaço de papel onde está escrita uma única palavra sem sentido. Nem sequer chega a mencioná-la.

Acordou estremunhado, bebeu sofregamente a água do jarro que tinha à cabeceira, para diluir o rasto de sal que o sono lhe deixara na boca, correu as cortinas de tule, piscou os olhos para os habituar à crua claridade.

Desaparecera finalmente a ameaça da chuva.

Foi então que, com esses gestos e toda essa luz, notou que os factos da noite passada haviam perdido a densidade. Daí a quase timidez com que os

relatou a Albasini, tornada embaraço depois que o ouviu rir daquela maneira. Decide não lhe dizer mais nada das suas suspeitas.

Estão à entrada de um extenso descampado, quase um pequeno deserto onde os muitos passos acabaram com o capim; terra dura, cozida pelo sol. Ao fundo há uma única árvore, uma frondosa figueira-da-índia à sombra da qual tudo o que acontece se passa: uma pequena casota de metal, daquelas importadas da Escócia, uma vulgar mesa de madeira com duas cadeiras alinhadas de um dos lados, dois mastros onde pendem, murchas, as bandeiras da República e da União. Ao lado, uma tabuleta com os dizeres: WENELA.

Gaia palavra, ontem misteriosa, e que agora lhe soa como parte de uma canção. Canção de trabalho ou de lamento, mas ainda assim uma canção.

À dita mesa estão sentados dois funcionários, têm uns papéis na frente. Atendem a longa fila que se estende, tortuosa, a perder de vista. Na ausência de obstáculos, não pode haver outra explicação para as curvas em que ela se espreme a não ser o arbítrio dos sipaios que, com os cassetetes, mordiscam esta gigantesca cobra chinesa de papel; fazem-no para serenar os homens, cada qual tentando espreitar por cima do ombro do outro quando vai chegar a sua vez.

Albasini explica que passaram todos aqui a noite, na disputa dos melhores lugares: nunca se sabe quando a sessão vai ser interrompida, nunca se sabe em que momento os recrutadores ficam saciados.

De longe, dos limites do descampado, chega um cheiro a maresia. Freme a linha de costa, nítida, para os lados da Catembe. Resfolega, algures, uma locomotiva.

Nas traseiras da figueira-da-índia, nas fímbrias ainda da sua sombra, há mais gente. Gente diferente. São aqueles que andam aos restos, os que por qualquer motivo não chegaram a ter o direito de integrar a fila.

Dois jovens vagueiam por entre a multidão, repetindo não terem de ali estar uma vez que há tempos trabalham na mina, vieram apenas de licença, por causa das cerimónias da morte de um parente lá na aldeia; as cerimónias terminaram, o luto já não requer a sua presença, e no entanto não os deixam regressar. Perderam os papéis que tudo isso comprovariam, na confusão de

um vagão a abarrotar. Mas não há quem se interesse por esse infortúnio. Ao lado, um homem bastante velho remexe o conteúdo de uma panela assente nas duas pedras de uma fogueira precária, acesa no chão. Disseram-lhe que tinha idade a mais, o que no fundo acaba por ser o mesmo que não ter idade. Agita vagarosamente a comida e tem o olhar perdido para lá do fumo da panela, no infinito do descampado. Esquadrinha tempos melhores do que estes. Entretanto, há alguém que alega ter chegado de Inhambane para tentar, sem conseguir, um trabalho no cais do porto. Todos os dias o têm mandado tentar novamente, tentar novamente todos os dias, e ele acabou por se cansar. Antes esta perspectiva, que todavia também não há meio de o deixarem concretizar. Há ainda um que diz ter muita experiência das minas, e papéis – mais uma vez os papéis – para o comprovar. Lamentavelmente, uma tosse persistente intromete-se nas suas explicações. E ele insiste, misturando, descuidado, tossidelas secas e asseverações. Há um louco que vagueia e repete a mesma cantilena (*Hoo haha mi mhumbu ya mina a si wo lalaa, Oh minha grande desgraça*), e algumas mulheres empenhadas em vender pequenas coisas a quem nada tem com que comprar.

Sempre que esta gente dispersa se junta para formar um coágulo, chegam dois sipaios lá da frente para o desfazer. Agarram um ladrão antes que os outros o espanquem, aproveitam para levar também um indocumentado que diz ter passado aqui por acaso, de ombros baixos e magro álibi. Quanto ao velho, limitam-se a virar-lhe a panela com um pontapé e a enxotá-lo para o largo com uma risada: estão certos de que voltará.

Hans e Albasini regressam à frente da figueira-da-índia, à mesa e ao par de cadeiras, ali mesmo onde desemboca a longa cobra chinesa de papel. Os dois funcionários consultam listas, gritam nomes, e os homens, pés grossos, mãos agarradas às abas de velhos chapéus, ombros angulosos do qual pendem as alças das sacolas, dão mais este passo, porventura o derradeiro, para vencer o pouco espaço que sobra entre eles e o paraíso.

O que será que os convoca para dentro dos vagões que ronronam pacientes, prontos a partir? Que ilusão é esta que os leva a imaginar uma luz para lá dos golpes de picareta, no âmago das pedras? Tudo isto se pretende aqui saber: porque vieram, de que buraco saíram, o que esperam vir a ter no

buraco que almejam? E eles avançam um a um, observados atentamente por sipaios e fiscais, ensaiando num murmúrio o argumento que trazem, para que a sua enunciação seja sem falhas.

Num outro tempo, os *askaris* calavam um segredo idêntico, chegavam atraídos pelo brilho do uniforme. Davam-lhes o cheiro do sangue.

Um dos fiscais chama a atenção pela sua corpulência, pelos modos bruscos, como se tivesse sede de detectar prevaricações e de puni-las. Hans fixa o olhar nele: costas largas, uma mão enorme segurando a chibata de cavalo-marinho com a qual vai golpeando levemente a perna, ensaiando o gesto necessário. Nada na fila lhe escapa. A certa altura quase se vira, como se pressentisse, apostado ao calor mais geral, este calor leve de estar sendo observado.

Hans desvia o olhar.

O homem volta à posição anterior – foi só uma impressão que teve –, porventura atraído por novo avanço da fila que lhe não dá tréguas. Não confia na eficácia dos sipaios, sonda os candidatos a mineiros um a um, esmiúça-lhes as particularidades convencido de que deste modo vai descobrir-lhes as intenções. Fá-lo recorrendo a um método curioso: atira-se bruscamente sobre eles, revista-lhes bolsos e sacolas, o que quer que possa haver onde esconder alguma coisa. Só depois, seguro de que os infelizes nada possuem que lhe possa interessar, os empurra para diante para poder prender a atenção nos seguintes. Apesar dos modos bruscos, a minúcia com que revista cada um não deixa de revelar impressionante dedicação à sua tarefa. É um ourives atento a um colar de pedras toscas, ainda por lapidar. Dá a sensação de poder passar o resto da vida a fazer isto sem se fatigar.

Uma das curvas da fila leva-o a virar-se novamente, muito devagar. Está atento. Hans repara primeiro num pescoço grosso como um tronco, num ombro desmesuradamente largo e, sobre este, numa orelha concentrada. Antes mesmo que comece a desenhar-se o resto, surge um risco que parte dessa orelha e desce pela face num arco irregular. Nítido, pequeno carreiro liso e claro abrindo caminho na mancha cinzenta de uma barba que, embora raspada, se adivinha espessa. Assim que vê o fim do risco, na comissura esquerda da boca fina, repuxando as carnes de um modo que obriga a um

esgar permanente, tem já o homem de perfil e inunda-o a certeza de saber quem é. E, logo em seguida, o homem está de frente: um olho que arde, o outro coberto por uma névoa fria que, embora afastada da linha da cicatriz, se adivinha ter sido gerada no mesmo dia que ela.

É claro que o homem não está habituado a que lhe sustentem o olhar. Hans, prudente, torna a desviar o seu. Sente, instantes depois, pelo regresso do calor que hoje faz à sua pele, que também o outro se desinteressou dele e recolheu o olhar gelado, voltando a soltá-lo sim, mas novamente para a fila de mineiros. E repara, não sem certa surpresa, que João Albasini também encara fixamente o homem. Resolve portanto perguntar-lhe.

‘Quem é aquele homem? Conhece-o?’

João Albasini desta vez não sorri. Está muito sério. E conta.

Conhece-o desde há alguns anos, era ele próprio ainda proprietário e editor d’*O Africano*, um jornal de muito sucesso que há uns meses atrás foi obrigado a vender. Grande parte desse sucesso devia-se à popularidade do jornal entre os moçambicanos que trabalhavam nas minas de Joanesburgo, onde circulava às centenas de exemplares.

Como podia um jornal triunfar entre quem mal tinha o que comer? Entre quem mal sabia ler? É legítimo que Hans pergunte agora tudo isso. Seria pela terra de que trazia notícias? Pela língua em que o fazia? Tudo possíveis razões. Mas havia ainda uma outra, e para a explicar torna-se necessário recuar um pouco mais e penetrar numa cabana miserável nos arredores das ditas minas.

Dentro dela, um catre sebento com uma única manta de estopa para enfrentar todo aquele frio, uma mesa tosca, em cima dela uma malga com papas de aveia já frias que só podem ser comidas por quem não tem mais o que comer, uma vela para trazer uma luz trémula à cerrada escuridão. Era ali, com essa única luz, que um homem escanzelado atravessava a noite rabiscando frenéticos textos de denúncia da condição dos mineiros, isso a tempo de levar os ditos textos de manhã cedo aos correios para serem expedidos e poderem figurar, dias depois, nas páginas desse tal jornal, *O Africano*.

Homem justo, todavia sem dinheiro com que pagar uma colaboração que para o jornal se ia tornando preciosa, João Albasini passou a enviar, na volta do correio, uns quantos exemplares do jornal que, se não pagavam o esforço feito, constituíam ao menos uma forma de apaziguar a consciência do editor e, presumivelmente, de recompensar o escanzelado autor dos textos, um padre que respondia pelo nome de José Vicente do Sacramento.

‘Afinal, para que escrevemos nós? O que nos move?’

Embora Hans fique sem saber o que responder, João Albasini sabe bem porque atira ao ar essa pergunta. Não passou ele próprio a vida a escrever? Não passou ele próprio a vida a lutar por uma maneira de divulgar o que escrevia sem outra recompensa que não fosse o cheiro da tinta e do papel ainda quente? Di-lo assim, desta maneira, embora saiba ser apenas meia verdade; o resto, a outra metade, pode ser achada em quem vai ler.

De facto, eram tão certos os textos do padre que os visados, aqueles mesmos mineiros, os esperavam com periódica e mal contida ansiedade. Lidos em voz alta à entrada da mina, no seio dos pequenos grupos que se formavam, eram o agasalho de quem não tinha mais para onde virar-se.

Miller tem ideia do que são essas minas? Tem ideia da lama e das facadas? Do álcool barato e das prostitutas? Da tuberculose e do chicote? Só quem conhece tudo isso pode imaginar o valor que tem a esperança, o valor daquele jornal.

‘E como fazia ele chegar o jornal à boca das minas?’

Hans está intrigado, o que se justifica. Acabasse a história por aqui e seria apenas meia história, sem ficar claro porque Albasini a teria agora convocado. Este sorri e prossegue.

Dado que o padre era branco, ter-lhe-ia de facto sido impossível andar pelas minas ou pelos *compounds* dos mineiros apregoando o jornal. Crucificá-lo-iam. Por outro lado, não podia ficar com todas as cópias que lhe chegavam, por mais que pudessem ser úteis dentro da cabana miserável para o protegerem do frio. É aqui que entra em cena Rapsides.

‘Rapsides?’

‘Sim, Rapsides. O homem chama-se Rapsides.’

João Albasini desconhece como chegou o padre ao contacto com Rapsides. Talvez por ser de famílias de Lourenço Marques (no exterior é assim, tornamo-nos todos mais próximos, quase como irmãos); talvez por Rapsides deambular por esse meio sem uma precisa ocupação como a que o padre tinha para lhe dar. Certo é que foi Rapsides quem passou a levar o jornal para as minas, dando algum dinheiro a ganhar ao padre Sacramento e fazendo ele próprio uma modesta comissão.

Embora lhe faltem pormenores, Albasini muitas vezes imaginou o homem palmilhando o lamaçal da boca das minas, pesado saco de estopa ao ombro, achando habilmente um caminho para chegar às falas com esta gente fustigada pelo álcool e pela tuberculose, antes de descer aos infernos ou regressada directamente deles.

Criou-se assim uma cadeia curiosa que, nascendo na cabana do padre, ia e vinha de Lourenço Marques pela novíssima linha-férrea, voltava à dita cabana e dali saía para as minas pela mão de Rapsides. Cadeia comprida, contudo de pouca dura uma vez que fiscais e capatazes cedo se aperceberam do que podia significar o jornal, dos problemas que podia causar. Os textos tinham um tom sobranceiro de protesto, levavam agitação a um lugar que a tinha já de sobra. Proibiram-no, e com isso se desfez a curiosa parceria.

Rapsides escapou por pouco da prisão, presume-se que tenha permanecido clandestino nos meandros da União, sobrevivendo, como tantos outros, à custa de obscuros expedientes. E eis senão quando, no final do ano passado, talvez por saber falar o português, aparece aqui em Lourenço Marques ao serviço da WENELA.

Gaia palavra aos ouvidos de Hans, escrita num bocado de papel polvilhado de migalhas de vidro. Um som de canção, escondendo todavia sinistra realidade, sôfrega do sangue dos mineiros.

Albasini prossegue. Rapsides surgiu muito mudado, e da pior maneira. Sacramento conta que nos tempos do jornal ele era um homem prestável e pacífico, mas também muito eficaz. Embora tenha mantido essa eficácia, hoje está longe de ser tudo o resto que antes era; hoje é conhecido pelos

métodos brutais com que trata estes pobres infelizes, como se estivesse permanentemente a querer arrancar-lhes de dentro alguma coisa.

Deixaram já o descampado, atravessam a linha-férrea sob um sol abrasador. Albasini vai na frente, o chapéu descaído para a nuca, lenço na mão, que passa várias vezes pelo pescoço para secar a pele junto ao colarinho. Tem pressa de chegar ao cais do porto. Hans, mais recuado, receia ter entrado num beco sem saída. É quase a medo que faz a pergunta.

‘Como posso saber mais acerca deste Rapsides?’

João Albasini sorri. Reconhece no interlocutor o instinto do repórter, e isso enche-o de contentamento.

‘É simples, pergunte ao próprio padre Sacramento, embora eu suspeite de que ele não esteja capaz de lhe dizer muito mais.’

‘Como? O padre está aqui?’

Com o negócio inviabilizado e as autoridades a visitar-lhe a cabana para lhe apreender os jornais, o padre Sacramento assustou-se. Com a ajuda de velhos mações seus conhecidos, meteu-se no primeiro comboio que partia rumo a Lourenço Marques. Aqui chegado, quis o destino que se cruzasse com dona Carlota Especiosa de Paiva Raposo, mulher abastada em todos os sentidos, nas carnes e no bolso, viúva, proprietária de grandes extensões de terreno nos arredores da cidade. Quis o destino que esse cruzamento tivesse provocado uma faísca que ateou improvável mas, ao que tudo indica, forte paixão.

‘Mulher cínica e traiçoeira, que apunhala pelas costas quem dela se aproxima sem se precaver. Mulher sem escrúpulos!’

Albasini quase se perde do curso da história assim que vem à baila esta mulher. Fica ofegante, reprime a custo a sua indignação.

‘Ah, como eu odeio essa mulher!’

Por fim lá se contém, lá acaba por regressar àquilo que interessa. Sacramento vinha disposto a mudar de vida, e falava tão bem quanto escrevia. Depressa se tornou agricultor dos terrenos da viúva – em todos os sentidos –, sem deixar por isso de colaborar n’*O Africano*, onde foi ganhando crescente ascendência. Cada passo que dava permitia-lhe angariar recursos para o passo seguinte. O homem não parava! A certa altura

associou-se a Rufus Naylor, um judeu australiano, homem das sete partidas com o qual fizera amizade em Joanesburgo. Juntos obtiveram o exclusivo da exploração das lotarias aqui da cidade, após o que, já milionários, se lançaram em novos empreendimentos que incluíam as apostas, a corretagem, e mesmo uma sociedade de corridas de cavalos, o Turf Club.

‘Aliás, foi a Sacramento que acabei por vender *O Africano*, para você ver as voltas que o mundo dá!’

Estão à entrada do novíssimo edifício do caminho-de-ferro, em baixo de um grande letreiro: *Caixa Económica do Montepio Ferroviário da Província de Moçambique, Associação de socorros mútuos fundada em 1914, Previne-se o público que esta instituição aceita depósitos à ordem dando o juro de 3% até 3.000\$00 e 2% quando a importância for superior a 3.000\$00 até 5.000\$00, Segurança absoluta, facilidades extraordinárias, Levantamento por meio de cheques ou em dinheiro, Empréstimos hipotecários ao juro fixo de 7% ao ano, Aberta ao público das 9 às 11 e das 13 às 15 todos os dias, Edifício dos CFLM.*

João Albasini mete a mão no bolso do casaco, tira uma pequena agenda de capa escura, rasga-lhe uma folha, rabisca nela o endereço do padre e estende-a a Hans. Em seguida, leva a mão à aba do chapéu, em jeito de despedida. Vira-lhe as costas e desaparece nos seus passinhos curtos e apressados. Já vai atrasado.

* * *

Fica sem saber o que fazer. Antes de procurar o tal padre precisa de assentar as ideias. Glück mencionou Rapsides como um homem limpo de contextos, a não ser o de encerrar em si a resposta àquilo que Hans, ele próprio, procura. Glück enganou-se, ou então mentiu-lhe. Rapsides é muito mais do que isso. Rapsides é um homem que arrasta atrás de si um manto de interrogações. Interrogações essas que são outros tantos caminhos onde Hans, ele próprio, se pode perder.

Que será que Rapsides tanto procura nos andrajosos bolsos dos mineiros?

Há também aquela curiosa cicatriz, que começa nos olhos que viram o que ele viu e acaba na boca que pode contá-lo. Isto se Hans o convencer um dia a falar.

Caminha ao acaso. A rua que se desenrola na frente é sempre a mesma Rua Araújo, como se só fluindo para ela a cidade se soubesse organizar. Uma rua que o sol, ao cozer a água da chuva que a inundava, transformou num quase rio grosso, parado. Em ambas as margens estende-se um fio de edifícios baixos, interrompido de quando em quando por terrenos vazios, quase todos protegidos por muros de onde a cal se vai esvaindo. As tabuletas indicam escritórios de firmas de navegação, transitárias, de distribuição, onde a horas diferentes desta hão-de formigar amanuenses e moços de recados, serventes e chefes de repartição.

Transportes Marítimos do Estado, Carreiras mensais entre Lisboa e África Oriental com escala pela Madeira, S. Tomé, Luanda, Lobito e Capetown. A tabuleta parece indicar-lhe uma última oportunidade de recuar. Regressaria a casa, esqueceria um ano e pouco da sua vida, recomeçaria qualquer coisa.

Mas a oferta rapidamente se perde no meio de uma floresta de mensagens. *E. Vasconcelos & Cia, Negociante de todos os produtos da Província de Moçambique e África do Sul, Expedições, desembarques, seguros e comissões, Máquinas de escrever, motores, alfaias agrícolas, material eléctrico, automóveis, motocicletas, bicicletas e pneumáticos, Tubo de ferro zincado de todas as medidas, Cimento e materiais de construção, Postes de cimento armado, mosaicos, etc., Informador autorizado do passado e movimentos de um certo Rapsides, Representante na Província de Moçambique de Arnaldo Alves Pereira & Cia (Lisboa e Beira).*

Sacode a cabeça, precisa de se concentrar. Devia começar por aqui, se fosse quem diz que é: Henry Miller, súbdito da União, à procura de uma oportunidade de negócio.

Seguem-se umas portas de vidros espelhados, insondável o seu interior, tentador convite a quem venha de facto à procura de oportunidades de negócio. Basta transpor essas portas e ostentar um sorriso confiante.

Mendonça, Barros & Cia., Vinhos e cognacs nacionais e estrangeiros, Representantes da Companhia de Seguros Estremadura com sede em Leiria, da Premier Electric Company de New York (material telegráfico e telefónico), da Romariz, Castro e Companhia Limitada com sede no Porto, Escritórios em Lisboa na Rua do Ouro nº 22.

É isso, devia começar por aqui. Batendo às portas, solicitando entrevistas, avançando com as suas credenciais. Mas, que teria ele para dizer? Jovem tenente carregando espessa sombra atrás de si? Perdido no próprio acto da procura?

Sorri, desalentado. De qualquer forma, seria tarde para o tentar: no espaço que as portadas cerradas escondem só há tinteiros, carimbos, folhas de papel almaço e mata-borrões perdidos no escuro. Quando muito um par de guardas-nocturnos chegando para a sua função. Não tarda vão acender-se os candeeiros e tudo será inundado do seu cheiro acre.

Prossegue. Há também pequenos bares e lupanares de aspecto duvidoso, a esta hora também encerrados. *Golfinho Azul, Escondidinho, Lanterna de Prata*. O vazio que existe neste momento é o exacto cruzamento de dois mundos, um se acabando e outro prestes a começar.

À entrada dos bares, criados com compridos aventais afadigam-se a varrer com vassouras de corda ou transportam sacos de lixo para os enormes caixotes que há no passeio. Hans passa por eles, incomodado pelo cheiro adocicado de coisas que apodrecem e fermentam velozmente. Ao mesmo tempo, vai lendo os letreiros: *O Gato Preto, Canto dos Artistas, Albergue dos Penhores, Monte dos Vendavais*.

Depois deste último, afinal de um só térreo andar, modesto e adormecido – embora as pilhas de garrafas vazias que tem na frente indiquem ter sofrido um forte vendaval na noite anterior –, mais um muro que já foi branco, escondendo atrás de si um baldio.

Do outro lado da rua, um homem muito magro, com um casaco de veludo azul, cofia uns grandes bigodes, encostado a uma das colunas de ferro forjado que sustentam o avançado, por cima do passeio. Hans sente que o homem o observa intensamente. Apressa o passo, caminhando junto ao muro para se proteger do resto de sol. *Union Castle Line, Passagens a*

preços reduzidos, Carreiras para Lisboa: «Chepstow Castle» em fins de Janeiro, «York Castle» em meados de Fevereiro.

Estas são as últimas propostas, a reconsiderar seria agora. E é quando passa junto a um grosso portão de madeira, meio tombado e apodrecido, que ouve uma voz feminina trauteando baixo uma melodia que lhe é familiar. Que canção é esta? Onde foi que a ouviu? Abranda o passo, procurando identificá-la. A voz é ondulante, por vezes melancólica.

*C'était pendant l'horreur du Quatorze Juillet,
Il faisait chaud, très chaud, sur la Place Pigalle,
Un gros ballon, sans bruit, gravement ambulait
Par la route céleste, unique et nationale.
Il faisait soif, très soif, et le petit jet d'eau
Esclave du destin, montait de bas en haut.[1]*

Parece que descobriu a canção e torna a perdê-la. Está já parado.

*Il était environ neuf heures trente-cinq,
La douce nuit venait de tomber avec grâce

Et le petit jet d'eau pleurait sur le bassin,
Lorsque je vis passer au milieu de la place
Un omnibus, automobile, entendez-vous,
Avec de grands yeux verts et rouges de hibou.
L'omnibus était vide et l'ecriteau 'Complet'
Détachait sur fond bleu ses sept lettres de flamme.[2]*

As nuvens escuras passam velozes. O mato toma conta da rua, silenciosa e quieta. As árvores e os capins invadem escritórios e bares com os seus braços vivos. Calam-se os ruídos da cidade para dar lugar ao cantar dos grilos; estes, por sua vez, suspendem o canto para que enfim a chuva possa irromper com fragor. Súbita mas também felizmente rápida a partir. Depois do dilúvio sobrava apenas um cheiro acre e o som cadenciado das gotas

grossas pingando do telhado de palha da cabana de Glück, abrindo pequenas covas na areia dura do chão. E, por cima desse monótono compasso, a estranha canção que partia da grafonola, lá dentro, e se espalhava, através das janelas, pelos matos fora, deixando os *askaris* mudos de pasmo com o capricho do coronel, e este a sonhar com uma cidade longe dali.

*Je suivis au galop le monstre qui passait,
En écrasant avec des airs d'hippopotame
Des femmes, des enfants, des chiens, et des sergots
Des députés et des tas d'autres animaux.*

*Enfin il s'arrêta place de l'Opéra
Et je vis qu'il était chargé de sacs de plâtre.
Ces sacs, me dit le conducteur, ces sacs sont là
Pour remplacer le voyageur acariâtre;
Nous faisons des essais depuis plus de vingt mois
Et ces sacs sont pour nous autant de gents de poids.[3]*

E os *askaris* quietos, suspendendo a limpeza das armas para melhor escutar.

Sacode a cabeça para afastar os ramos retorcidos e as lianas ondulantes, e convocar novamente os bares mortos, os escritórios, os lupanares, o muro e o portão apodrecido, recolocandoos no seu devido lugar.

Extraordinária coincidência!

A voz calou-se, volta a soar mais alto o raspar das vassouras no chão. Será que ainda lá está o homem de veludo azul? Por vezes, insatisfeitos com o resultado do seu trabalho, os criados voltam lá de dentro com baldes de água que despejam pelo chão. Tornam depois a varrer com afinco, afastando a água do passeio e avivando a lama que cobre o empedrado da rua.

Espreita pela nesga do portão. No outro lado está uma mulher sentada numa pedra. É muito magra e direita, tem na frente um cavalete de pintura. É dela a voz, um frágil fio.

*Mais pourquoi, dis-je au bon conducteur de l'auto
Qui venait d'écraser ces piétons anonymes,
Pourquoi des sacs plutôt que ce cher populo?
C'est, me répondit-il, sur un ton de maxime,
C'est, voyez-vous, pour éviter des accidents
De personnes qui pourraient bien être dedans.[4]*

Atrás do cavalete há duas raparigas em tronco nu, posando rígidas numa atitude de modelos inexperientes. De vez em quando fazem um gesto repentino para sacudir do rosto uma mosca. A artista repreende-as docemente, e elas voltam à imobilidade em que estavam. Pelo baldio cresce um capim muito fino, com pequenas flores amarelas. Um capim que, à luz nítida do fim da tarde, projecta compridas sombras.

Glück passava imóvel tardes inteiras como esta, sempre que a força bivacava e ele estava sem disposição para bater os matos em volta. Ouvindo aquela música muito simples, quase inocente. Eivada contudo de perversas tonalidades. *C'était pendant l'horreur du Quatorze Juillet.* À noite ela soava mais alto, por vezes a ponto de temer-se que pudesse chegar aos ouvidos do inimigo.

Transpõe silenciosamente o portão, não quer interromper a sessão.

Visto estarem de frente, as duas jovens modelos são as primeiras a dar pela sua presença. Embora não se mexam, para evitar reprimendas, algo muda na sua expressão e isso alerta a mulher. Vira-se, num ligeiro sobressalto.

Hans leva a mão à aba do chapéu, num jeito de cumprimento. Ela faz também uma ligeira vénia, retribuindo. É agora claro que não vai voltar a cantar.

Glück interrompia também assim as suas obsessivas audições: desligando subitamente a grafonola e fazendo uma pausa longa para dar tempo ao som

de se esgotar lá dentro, perdido pelas janelas. *Esclave du destin, montait de bas en haut.* Mzee Ali entrava então para arrumar cuidadosamente o estranho objecto numa caixa, após o que estavam prontos a partir para a guerra.

A mulher tem na frente uma folha de papel presa ao cavalete; na mão, um pedaço de carvão. Risca. Desfaz os riscos com as palmas das mãos. Levanta os olhos para as raparigas, procurando descobrir ali mais alimento para o traço que vai seguir-se. Elas, só com dificuldade se contêm. Estariam antes a esticar-se para apanhar as mangas vermelhas que pendem da frondosa árvore ao fundo do baldio, se pudessem.

Hans coloca-se discretamente nas costas da mulher a fim de observar o desenho. Talvez por isso – e ainda pelo sol oblíquo, impregnado de sombras e quase frio – a mulher dá a sessão por terminada. Faz um sinal, e as raparigas, não sem alívio, mais até pela imobilidade do que pela nudez, cobrem-se. Depois, aproximam-se para receber as moedas que ela lhes prometeu e desaparecem pelo portão entreaberto.

Hans intervém pela primeira vez. Pergunta se não é perigoso que elas regressem sozinhas pelas ruas da cidade, já quase noite; se a polícia não as vai interpelar. A mulher sorri. Diz-lhe que não se preocupe, que elas ajudam a mãe nas vendas do mercado, ali a dois passos. É só atravessar duas ruas e estarão em segurança. E, subitamente:

‘Que acha do meu desenho?’

Hans é tomado de um certo embaraço. No papel não há mais que traços torturados golpeando inesperadas manchas. As ondeantes silhuetas de há pouco, já o sol quase se punha, são aqui torções violentas, angulosas, mais próximas do corpo da artista que de quem ela tentava retratar. Como se lhe fosse impedido captar os outros por não poder escapar de si própria. No papel, os sorrisos francos são um ricto congelado, máscaras de agonia. Os divertidos gestos de afastar as moscas ou chegar aos frutos, uma expressão da mais pura dor.

Resolve responder com cautela. Diz que o que ali vê é uma procura daquilo que a artista imagina serem as almas, mais que os corpos.

‘Não tente agradar-me. O meu trabalho está ainda longe de me satisfazer. Sou uma aprendiz.’

Usa um chapéu de palha de abas larguíssimas sobre um lenço amarrado na cabeça. Começa a desmontar o cavalete.

‘Deixe-me ajudá-la. O meu nome é Henry Miller.’

‘O meu é Valerie Neuzil. Costumam tratar-me por Wally.’

Enrola as folhas de papel e mete as pequenas pedras de carvão num saco de pano. Uma delas emite um brilho particular, tocada por um último raio de Sol.

Hans pede desculpas de ter interrompido assim o seu trabalho. Não pôde deixar de ouvir a música que ela cantava, foi ela que o atraiu.

‘Que canção era aquela?’

A mulher mantém-se em silêncio. Depois, pergunta por sua vez onde foi que ele a conheceu.

Hans diz que a ouviu por aí, nem sabe já precisar quando ou em que lugar. E insiste.

‘Que canção era aquela?’

É uma canção de Satie, um compositor francês. Quanto às circunstâncias em que a conheceu, é uma história mais longa, aliás sem grande interesse.

Hans não pretende ser inconveniente. Mas é que a canção o assalta na rua, nos mais inesperados lugares. Até em sonhos já deu por si a cantá-la. Por isso, quando passou junto àquele portão e a ouviu, não pôde deixar de achar uma extraordinária coincidência que ela a conhecesse e cantasse.

Os argumentos que utiliza parecem divertir a mulher, que se decide por isso a explicar.

Wally é austríaca. Por razões que não interessa agora evocar, emigrou em tempos para Paris à procura de trabalho. Acabou a bater a uma porta de Montmartre, onde a contrataram como governanta. Suzanne Valadon (era esse o nome da dona da casa) era uma pintora já entrada na idade, que vivia com um filho, também ele pintor. Wally trabalhou naquela casa um par de meses, varrendo e sacudindo o pó, anunciando visitas e servindo o chá. Tarefas ingratas, até por os donos da casa levarem uma vida algo desconcertante, que a princípio a impedia de saber com clareza o que fazia

bem e o que fazia mal. Madame Valadon criava um bando de gatos que deixavam pêlos por toda a parte, bebia álcool logo pela manhã (a partir da tarde não tocava numa gota sequer), passava os dias vestida com uma simples bata salpicada de gerações de manchas de tinta dos seus quadros, a pintar. Mas havia alturas em que compunha todo esse desmazelo, passeando-se pela casa como o orgulhoso primeiro membro feminino que era da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e tratando o filho, homem já feito, com o rigor com que se trata uma criança: horas certas, refeições equilibradas. Gostava muito de receber, exigindo para isso que a saleta de Verão – como lhe chamava – estivesse impecável, embora à sua maneira. Por exemplo, flores com determinados cheiros e específicos tons.

Suzanne Valadon parecia outra quando recebia: vestia com esmero, usava discretas jóias. Expunha nessa altura o seu serviço de chá de porcelana da China, oferta antiga de um major britânico cujo nome Wally não chegou a reter. Evidentemente, era *ma petite Wally* quem, envergando uma exótica farda que a constrangia, pelo despropositado das rendas e a ousadia das rachas, executava o complexo ritual de servir o chá à inglesa, com um farrapo de leite e umas sementes de cardamomo, acompanhado de uma gama de compotas dispostas em rigorosa gradação de cores, e intrincados *mille-feuilles* que Madame Valadon passava a manhã a confeccionar pessoalmente, e a deixar queimar, enquanto corria da tela para o forno e do forno para a tela, pelo caminho rogando pragas num inglês afrancesado e pontapeando os gatos. Claro que nenhum resquício desta confusão de bastidores transparecia na sempre plácida saleta de Verão.

Assim que conquistou a intimidade da patroa, mais do que uma vez Wally lhe perguntou para que servia tanto aparato se a maior parte das visitas, tão estranhas quanto ela, nem parecia reparar. Madame Valadon respondia-lhe algo enigmaticamente que, uma vez que a moral não passava de um mero mecanismo de convivência, era na estética que residia o sentido da vida. Bravatas. No fundo era uma boa mulher.

Hans não descortina onde Wally quer chegar. Mas diverte-se com a história, e o seu sorriso é um convite a que ela prossiga.

Acontece que uma das visitas regulares era precisamente a de Monsieur Erik Satie. Dizia-se no bairro que vinte anos antes esse homem propusera casamento a Madame Valadon, e que a recusa dela fora insuficiente para apagar o fogo daquele discreto amor. Com burocrática regularidade, Monsieur Satie percorria a enorme distância desde a sua casa da Rue Cauchy, em Auteil, até Montmartre, num fato de veludo cinzento, sempre o mesmo, para vir tomar o chá. Sempre o mesmo é como quem diz, pois na verdade tinha doze fatos rigorosamente iguais, um artifício para, permanecendo na mesma, poder mudar. Fazia a viagem apenas se o dia estivesse enevoadado, pois detestava o sol a ponto de não sair de casa se este iluminava o dia. Tomar o chá também é como quem diz, pois não ingeria nada que não fosse branco, segundo ele a única cor pura, embora Madame Valadon se permitisse discordar.

Mas enfim, ela tinha bom coração. E sempre que Monsieur Satie anunciava a visita para essa tarde, sem o saber punha a casa em alvoroço. Wally dava uma saltada à loja de frescos do senhor Poirot (cujo filho ajudava à missa aos domingos), a buscar umas hóstias evidentemente por benzer; hóstias essas que eram barradas com um *patê* exclusivo de Madame Valadon, rigorosamente branco, do qual faziam parte o queijo fresco, a clara de ovo e o nabo. E, assim que o visitante entrava e se sentava, Wally servia, nas mesmas velhas chávenas de porcelana, uma mistela feita de duas medidas de leite e uma de aguardente branca, fórmula essa cujas quantidades, se estava em dia de particular ansiedade, Monsieur Satie pedia para inverter. Nestas ocasiões, e por mera cortesia, a anfitriã abria uma exceção e tomava álcool também à tarde, branco como o dele.

Monsieur Satie era um grande conversador. Falava em voz baixa, num tom monocórdico, mas abordando os temas mais extraordinários. Dava-lhe particular prazer discutir questões ligadas à Igreja Metropolitana de Arte do Jesus Condutor, uma seita que ele próprio acabara de fundar, e da qual era ainda o único membro. Certa vez confidenciou a Madame Valadon que Wally – pelo seu porte e pelos interesses que demonstrava nos escassos diálogos de circunstância que tivera o prazer de ter com ela, enquanto a patroa não chegava – tinha grandes possibilidades de vir a ser admitida um

dia na referida Igreja. Por isso e pela música, Wally simpatizava imenso com ele.

Por vezes Monsieur Satie interrompia o que estava a dizer, levava a mão à boca para tossicar discretamente, e Wally e Madame Valadon ficavam em suspenso, presas de uma grande excitação: era sinal de que ia presenteá-las com uma das suas ímpares composições. Atravessava então a saleta nos seus passinhos curtos, sentava-se ao piano e tocava para as duas mulheres, que o escutavam enlevadas. Pois bem, o que ela hoje trauteava enquanto desenhava era uma dessas composições, que por qualquer motivo lhe vem à memória com certa insistência. Wally acha interessante que Hans também goste dela.

* * *

Está já escuro, até os anúncios quase se apagaram. Apenas de muito perto se conseguem ler os seus enigmáticos dizeres. *S. Alves, Proprietário da mais antiga lavandaria em Lourenço Marques estabelecida em 1882, Faz entrega da roupa nos vapores com a máxima rapidez, Experiência na lavagem dos tecidos mais sofisticados, Do seu portfolio consta a lavagem dos doze fatos de Monsieur Erik Satie, Melhor lavagem que pode haver.*

Um a um, os bares abrem as portas e deixam que as suas luzes coloridas se derramem para atrair marinheiros e boémios. Os porteiros, mãos atrás das costas, passinhos curtos para cá e para lá, cumprimentam clientes já conhecidos com familiaridade, permitem-se até lançar comentários mais brejeiros para as *call girls* que os acompanham.

Wally e Hans descobrem que já não estão sós.

Riem do facto. Riem também quando Hans associa o letreiro da lavandaria à face de Wally cheia de carvão, por ter levado à cara as mãos sujas enquanto lhe falava na origem da canção. Todavia, uma face brilhante.

Ao redor, a vozearia e a excitação dos grupos fazem coro com eles. Gargalhadas e fragmentos de diálogos em russo, grego, inglês. Exclamações eufóricas, por vezes equívocos que facilmente subvertem os humores e levam à beira do desentendimento. A monotonia do mar acumulou nestes

homens uma carga difícil de conter, que ao mínimo pretexto se solta. Mas por enquanto prevalecem as gargalhadas.

De muita gente e também de Natalie Korenico, que chega com Florence Greeff para sondar a noite da cidade. É que reparou em Wally. Corre para ela, abraçam-se. Conhecem-se desde Joanesburgo.

Todos se surpreendem: Wally porque não sabia que Hans conhecia Natalie, esta porque não sabia que Hans conhecia Wally, Hans por desconhecer que as duas eram amigas.

Apenas Florence Greeff permanece alheada e distante.

Os riquexós, as caleches e os táxis chegam e partem. Alguns passam devagar, enquanto os passageiros se decidem se vale ou não a pena parar para entrar. Bandos de crianças andrajosas fazem incursões pelo meio dos grupos de boémios, desafiando guardas e porteiros. Pedem moedas, comida, agasalho, qualquer coisa que estes lhes queiram dar. Sempre atentas, esfumam-se por cima dos muros ainda a ronda da polícia não chegou à esquina mais próxima. Mas logo regressam das sombras com os seus pedidos insistentes.

Decidem-se pelo Gato Preto, atraídos pelos primeiros compassos de um *ragtime* roufenho cujo som se espalha através da porta, convidando. Escolhem uma mesa do canto, pedem bebidas. Uma coincidência destas precisa ser celebrada. Em volta, o som vai crescendo e chegará a ser frenético. No ar há também o brilho das luzes, o fumo do tabaco, o cheiro do álcool e do suor, perfume barato. Os enormes espelhos das paredes ampliam a pequena sala e as suas luzes até ao infinito, fazem dela um vertiginoso túnel.

Quantas maneiras há de celebrar o facto de se estar vivo! Os *askaris* vestiam a roupa dos vencidos para sentir na pele como seria se a desgraça lhes tivesse acontecido, e assim melhor saborearem a vitória. Os tambores troavam cada vez mais rápido, como se cada sensação não fosse mais que a antecâmara de uma sensação mais forte. A lembrança do sangue fazia as vezes do absinto, nas aldeias mais próximas arrebanhavam-se virgens assustadas.

Os pares já andam soltos pelo tablado, o som surdo dos tacões marca o ritmo sobre o qual se contorcem trompetes e trombones. Os marinheiros esquecem os barcos; as raparigas, coladas a eles, buscam acasos favoráveis que possam, no futuro, recordar.

Se Florence continua taciturna, a Wally o absinto faz abrir-se como uma flor. Segura o braço de Natalie para se certificar se é mesmo ela, grita qualquer coisa a Hans por cima dos sons. Fala em coincidências, num outro Le Chat Noir tão excessivo quanto este, onde um Satie então mais jovem – ainda ingerindo alimentos de todas as cores, bebendo álcool de todos os tons (antes, portanto, de o tomar a febre do branco) – fazia uma curiosa mistura de música e exercício físico que denominava de *gymnopodies*.

Os oficiais avançavam de chicote na mão tentando pôr ordem nos *askaris*, fazê-los regressar a este mundo (aquele resvalar frenético para a histeria perturbava-os). Satie apoiava esse gesto disciplinador fornecendo o som que lhe faltava, concentrado sobre uma folha de papel no qual marcava colcheias e fusas, enquanto os diálogos e as garrafas passavam em voo alegre sobre a sua cabeça, miraculosamente sem o atingir. E as balas silvavam, procurando as suas vítimas.

Enquanto Wally profere as suas frases soltas, e Hans procura encaixá-las no seu mundo fragmentado como um calceteiro da Praça 7 de Março em volta das suas pedrinhas coloridas, o homem do casaco de veludo azul levanta-se de onde estava sentado para tomar enfim a iniciativa. De copo na mão e andar incerto, atravessa a sala aos encontros aos dançarinos e aos criados que passam apressados de bandeja ao ombro, para chegar junto da mesa e convidar Florence Greeff para dançar.

Esta resmungo qualquer coisa, e ele oscila com a rudeza da resposta. Oscila também o líquido dentro do copo.

Quase ninguém nota.

Insistente, ele ganha balanço e tenta desta vez segurar-lhe um braço.

As frases de Wally soam cada vez mais desgarradas. Satie tinha um amigo chamado Picasso que traduzia em imagens os seus sons (ou era aquele que emprestava som aos traços deste, não chegou a ficar claro), enquanto um terceiro, cujo nome Hans já não foi a tempo de entender,

apagado por uma gargalhada que soou mais alto, escrevia tentando explicar o que os dois faziam, ou então fornecia-lhes uma fundação de palavras sobre a qual pudessem edificar os respectivos delírios. Sim, pode ter-se dado este caso de os outros dois não fazerem mais do que seguir a escrita do misterioso terceiro homem, ou ainda que os três avançassem por caminhos paralelos sem se preocuparem uns com os outros.

Chegados a este ponto, Hans já nada consegue entender. Já só tem olhos para o homem de veludo azul, que tropeça e cai com fragor por cima de Florence Greeff, fazendo com que os dois façam tombar, por sua vez, os copos e as garrafas que havia sobre a mesa. Sempre insistindo em querer dançar.

Os *askaris*, ébrios da vitória, libertos enfim do medo, progrediam sem tino à caça das suas vítimas e dos seus fantasmas, todavia em trôpego passo que tanto os podia levar ao mato como a cair de borco por cima das fogueiras. Alguns ficavam horrivelmente queimados sem largar as mistelas que bebiam, tudo o que calhasse.

A pequena orquestra soluça, atordoada pelo agudo som dos vidros. Soluça com ela o colectivo ritmo dos dançarinos, como se os marinheiros estivessem outra vez de partida, já no balanço dos barcos, e as raparigas na realidade da manhã seguinte, nos tugúrios onde se acoitam sempre que não estão a dançar.

Hans lança-se como pode, no estado em que está, por cima da mesa, tentando chegar ao importuno que não larga o braço de Florence Greeff. Esta segura pelo gargalo uma garrafa que salvou da mesa, descrevendo com ela gestos agressivos tal qual o pintor de Wally agredindo a tela. Os marinheiros resolvem também intervir, os gregos atirando-se ao dançarino insistente, os russos procurando defendê-lo, enquanto as raparigas de um e outro lado lançam gritos desarvorados.

Alheia ao sobressalto que tomou conta da sala, Wally continua a relembrar com nostalgia outros excessos e outros escândalos. O tal pintor atirava tinta às telas para traduzir os sons de Satie, este retirava da partitura os instrumentos mais tradicionais para pôr no seu lugar tiros de pistola, o matraquear de máquinas de escrever, o unísono dos passos de burocratas

cinzentos a caminho do emprego, por vezes mesmo gritos inesperados. Tudo isso mais o arrastado lamento das sirenes.

Soa um desses disparos fabricados por Satie no meio dos gritos, felizmente sem outro resultado que o estilhaçar de um dos grandes espelhos de parede. A sala deixa de poder prolongar-se até ao infinito, apagam-se os túneis enganadores e ela passa a dar de si uma imagem mais condicente com o que é neste momento: fragmentos, meros e desencontrados fragmentos. Enquanto isso, pelas janelas continua a crescer o premonitório som das sirenes, atravessando as labirínticas ruas que chegam, vindas do escuro, até à porta desta pequena ilha agitada que é o Gato Preto.

Começa a debandada. Das crianças e dos pedintes por cima dos muros de cal velha, outra vez para dentro das sombras; dos dançarinos – *call girls* e marinheiros – cheios de experiência nestes recuos; de circunspectos funcionários da alfândega que experimentavam segundas vidas respirando segundos ares. De forma que, quando a polícia irrompe finalmente num Gato Preto já quase vazio – apenas aquela mesa destruída, os criados varrendo os cacos e os músicos da orquestra metendo, atarefados, em caixas forradas a tecido de inesperadas cores, os seus instrumentos –, o homem de veludo azul, agora um pouco mais composto, aponta para Hans o seu comprido indicador e diz, num tom categórico:

‘Foi ele! Foi ele que provocou tudo isto!’

4

Enquanto os médicos tratavam ainda os feridos, enquanto se enterravam os mortos, e os sargentos e *effendis* garantiam que a celebração dos *askaris* não redundasse em excesso indesejável, sentámo-nos à mesa para jantar. A mesa sobre a qual, horas antes, a refeição dos oficiais portugueses fora abruptamente interrompida. Os mesmos pratos e talheres, os mesmos vinhos excelentes apaziguando agora sedes bem diferentes daquelas para que haviam sido destinados.

Incómodo pensamento, este de os garfos que em breve entrariam em nossas bocas terem saído há pouco de outras bocas, agora já azuis e rígidas, caladas. Novamente as transições abruptas de uns estados para outros, sem nada que os ligasse a não ser traços ténues como este adocicado cheiro do sangue. Novamente, também, os descaminhos do raciocínio principal que, pensando bem, me afligiam, como se pode ver, desde essa altura.

Foi Lettow quem ordenou a disposição dos lugares à mesa. Ao seu lado direito, o lugar especial (o *kommandant* tinha uma deficiência no ouvido esquerdo, de um antigo tiro de morteiro), Heinrich von Schnee. O que levava Lettow – a cada dia que passava senhor mais absoluto dos nossos destinos – a obsequiar desta maneira um governador míope e sem território, um civil franzino e inquieto, perdido no meio dos militares, ansioso por entender-se com o inimigo, e que passara o combate escondido num qualquer canto, de olhos fechados e mãos nos ouvidos? E no entanto Lettow dava-lhe explicações, cumulava-o de atenções. A princípio vi nisso um sinal de fraqueza, uma espécie de acautelamento do que o futuro pudesse trazer, ou talvez mesmo um resquício da antiga hierarquia da colónia (é sabido o quanto as velhas hierarquias criam inércias poderosas). Só mais tarde entendi que o *kommandant* havia há muito tomado a sua decisão, e que os obséquios eram uma forma de se despedir do velho governador. Fiel que sempre fora às regras, Lettow levava o seu cumprimento até ao fim.

Apesar de tudo não pode dizer-se que aquele jantar seguisse inteiramente as regras, pelo menos aquelas a que, enquanto soldado, me habituara. É difícil explicar, mas não havia nele, por assim dizer, a tradicional verticalidade da hierarquia, em que o *kommandant* discute com os restantes generais, estes com os seus maiores e capitães, e por aí abaixo até que as ordens, transformadas em acção, acabem por se esfumar (quando muito delas fica apenas um registo escrito, ou então uma memória).

Nas cerca de quinze pessoas que Lettow chamara para a mesa misturavam-se generais e capitães, um ou outro tenente até, e um par de civis, entre os quais, como já referi, Von Schnee, o governador sem território. Wahle, Müller, Köhl, Kraut, Stümer, Matthaus, Stermmernann, Scherbening e Goering também estavam lá. E, como não podia deixar de ser, Sebastian Glück.

Como que seguindo o acaso, Lettow interpelava os comensais comentando os desempenhos respectivos ou pedindo-lhes opinião sobre decisões particulares a serem tomadas. Ao major Kraut, um dos heróis do dia, elogiou a valentia dos seus homens (feras de palha), a temeridade com que haviam descido a elevação onde se escondiam para carregar sobre o campo inimigo antes que o grosso da força ali estivesse para lhes cobrir a retaguarda. Fora sem dúvida esse momento, afirmou, que, enchendo o outro lado de surpresa e de terror, ditara o curso favorável dos acontecimentos.

Lettow era assim, apreciava num oficial o risco e a ousadia mais que qualquer outro valor, a não ser talvez a lealdade.

Prosseguiu semeando elogios, e também um ou outro reparo. Perguntou à mesa (uma maneira de perguntar-se a si próprio), o que fazer com as declarações de rendição dos inimigos, como pressionar a meia dúzia ainda relutante, obstinados heróis sem causa. Quis saber que método adoptar para redistribuir por outros os fardos dos carregadores que rebentavam a meio do caminho, e por aí fora.

Todavia, estas perguntas não desfaziam o desconforto que pairava sobre os oficiais generais que, habituados a agir na base da hierarquia vertical, se viam agora confrontados com uma relação transparente e plana, tão plana quanto o tampo daquela mesa. Como se Lettow previsse o futuro e

procurasse, para a nova situação, uma coesão assente em novos moldes. A partir de agora, caros amigos, temos de procurar respostas novas para esta nova situação. Era isso que dizia a sua atitude. O mato que nos cerca diverte-se a contrariar o retrato que dele fazem as cartas topográficas, o inimigo mal tem corpo ou chefes, transformado em vaga sombra que nos cerca dia e noite. Que mais podemos fazer a não ser transformarmo-nos, também nós, em sombra que lhes alimente os pesadelos? É isso que passaremos a ser, uma sombra veloz e imprevisível, assente numa hierarquia simples mas eficaz, em que um só comanda e os outros todos o seguem.

Devo confessar que, muito mais tarde, e para amaciar a aspereza da sensação de traição que passei a experimentar diariamente, interpretei esta atitude de Lettow como um sagaz artifício para lograr um comando absoluto, em desprezo pelas velhas regras que pautavam o funcionamento do exército alemão. A partir de então deixava de haver leis e procedimentos, era uma matilha seguindo o chefe; à sua maneira, uma espécie de regresso a uma forma de barbárie.

Sei o que está a pensar neste momento: que exagero. Concedo. Aliás, reconheço claramente que em tal explicação buscava apaziguamento para o desconforto que a traição deixou em mim.

Adiante. O general Wahle, perplexo, mexia-se na sua cadeira quando Lettow perguntava qualquer coisa a Kraut, um subordinado seu; depois, cabia a vez a Kraut, quando o mesmo Lettow solicitava uma opinião de Stümer sem passar por ele, e por aí fora. Era como se tivesse deixado de haver paredes e os diálogos técnicos entre superiores e subordinados ficassem desnudados, expostos a terceiros, mais ou menos como as palavras trocadas entre amantes que, se repetidas na praça pública, perdem a intensidade e o sentido que pareciam ter na intimidade da alcova. Imagino quantas pequenas artimanhas, quantas pequenas manobras para assegurar a fidelidade dos subordinados se terão desfeito naquele jantar. Pequenas ordens que, na cadeia descendente, haviam sido torcidas para satisfazer secretos desígnios de quem as retransmitia depois de as ter recebido, ficando agora a nu não só esses desvios mas também as intenções de quem

os praticara. Glück, sentado na minha frente, e talvez por fazer e não fazer parte da cadeia de comando (a ambiguidade da sua posição nunca chegou a ser desfeita em todo o tempo da campanha), não parava de sorrir.

A dada altura, Lettow pareceu cansar-se deste jogo que ele próprio conduzia (ou então, nos seus cálculos a audiência já estaria pronta para o que lhe reservava) e levantou o copo para um brinde. Ou melhor, dois, e de propósitos contraditórios. O primeiro celebrava a pequena vitória que acabávamos de conquistar e teve o condão de serenar os circunstantes: os copos subiram ao alto, refulgindo dentro deles o vinho dos vencidos, arrastando atrás de si o estrondo de um colectivo *heil!*. Mas logo em seguida Lettow propôs novo brinde, desta vez não de celebração mas de convocação de bons augúrios para a decisão que acabava de tomar, e passava a transmitir. Glück, sem dúvida sabedor do que aí vinha, continuava a sorrir.

Nos dias seguintes perguntei-me o que levara Lettow a decidir-se pela divisão das forças, decisão essa que este segundo brinde anunciava. Até porque horas antes tanto lastimara o infeliz desencontro com Tofel, como se para si fosse vital engrossar as fileiras. Mas enfim, a decisão foi anunciada e era irrevogável. O general Wahle marcharia em direcção a Puxa-Puxa, do outro lado do Lugenda, onde, segundo informações que nos chegavam, os portugueses haviam estabelecido um posto de comando. Isso até fazia sentido, uma vez que as forças de Wahle haviam deambulado por ali uns meses antes, e portanto conheciam bem o território. Mais estranho, no entanto, se afigurava o despacho do governador Von Schnee, juntamente com a força do major Köhl, em direcção a Montepuez e às regiões da costa. Não era provável que dali viessem reforços (não era provável que viessem reforços de lugar algum!), além de que a progressão do infeliz governador o aproximaria do quartel-general português e do comando britânico, expondo-o portanto a riscos suplementares. Seria esta uma tentativa de se livrar de Von Schnee, que, todos sabíamos, na primeira oportunidade se entregaria aos ingleses? Perspectiva diabólica, uma vez que implicava o sacrifício das mais valorosas companhias de *askaris*, que Köhl chefiava; um preço muito alto, que não aparentava coadunar-se com o carácter do *kommandant*.

Finalmente, havia que ter em conta que, com esta decisão, a força de Lettow ficava reduzida a metade, e portanto incapaz de um combate minimamente anunciado. A partir deste momento só contando com a surpresa seríamos capazes de obter algum ganho.

Com estas considerações entrechocando-se na minha mente, aproveitei o momento em que todos se levantaram da mesa para me afastar um pouco a fim de fumar o meu charuto. Tinha o corpo macerado pela tensão do dia – o assalto e tudo o resto. Sou assim: se não sereno antes de me deitar não consigo conciliar o sono.

Os únicos sons que se ouviam eram as pragas surdas dos *ombashas*, os cabos indígenas, admoestando grupos de *askaris* toldados pelos efeitos da vitória e por toda a sorte de bebidas locais a que haviam conseguido deitar mão: depois de as soltar para o assalto, era agora necessário segurar as feras, moderar a celebração a que apesar de tudo tinham direito; esses sons e os de um ou outro tiro lá fora, das duas companhias que ainda apalpavam o mato. Até os animais selvagens estavam calados, atentos ao que pudesse sobrar de tão desusado festim.

Foi nesse momento que tive contacto pela primeira vez com um dos muitos caprichos de Glück. Comecei por ouvir um som que me pareceu muito agradável, o que de resto não surpreende: em campanha, ainda por cima em condições extremas como as que experimentávamos, qualquer música não podia ser senão agradável. Fui-me aproximando devagar de onde vinha o som, até que dei com uma pequena palhota. À porta, havia dois vultos que a princípio não percebi quem eram, mas que pouco depois reconheci: os intrigantes Issa e Mzee Ali. Glück devia portanto andar por perto. Desagradado com esta ideia, fiz menção de me retirar. Mas era tarde demais, uma vez que um deles já havia murmurado qualquer coisa lá para dentro e Glück assomava à porta com dois cálices de porto na mão. Sem dúvida que um me era destinado.

Perguntou-me de chofre, estendendo-o, se conhecia Lettow há muito tempo. Sem reflectir, aceitei o cálice e respondi-lhe com a verdade, atitude de que imediatamente me arrependi: se ele o perguntava era sinal que nem tudo Lettow lhe dizia, e era a partir desse sinal, não da verdade, que eu

devia ter construído as minhas respostas. Mas enfim, nessa altura eu ainda tinha a franqueza que só mais tarde, com tudo o que se passou, perderia. Disse-lhe que há muito admirava o *kommandant*, embora sem o conhecer pessoalmente, e também que ele tinha a minha família em grande estima. No fundo, queria justificar as atenções que Lettow me dedicava, e que já haviam sido notadas por todos.

Para ser simpático, e também para fugir daquele assunto – que, confesso, me confrangia um pouco – perguntei-lhe que música era aquela que ele ouvia. Sem me responder directamente, fez um gesto convidando-me a entrar. Uma vez lá dentro, apontou, orgulhoso, a grafonola de onde saía o som, assente numa caixa de madeira.

Ficámos longos momentos a escutar as melancólicas canções. De olhos fechados, Glück parecia deixar-se transportar por elas para longe dali. Sou obrigado a reconhecer que nessa altura, sem dúvida que por obra da música, quase se diluiu por completo a antipatia que ele me provocava. Afinal o bicho tinha traços em comum com os humanos!

Estava muito escuro. Mesmo assim, o único candeeiro, colocado ao lado da grafonola, permitia ver duas caixas de vinho português que certamente os seus dois impedidos haviam trazido para dentro da palhota. Os despojos de guerra que lhe cabiam, pensei. A dada altura ele aproximou-se da grafonola, talvez por a música ter chegado ao fim (já não sei bem), e foi então que notei, pelos gestos hesitantes, e sobretudo pelo brilho baço do olhar, que Glück estava completamente embriagado.

Acredito que os corpos emitem sinais, que dialogamos uns com os outros sem ser apenas pelo raciocínio e pelas palavras a que este dá azo; ou seja, que enquanto falamos uns com os outros existem inúmeras outras formas de diálogo que ocorrem em paralelo – cheiros, gestos, secretas trocas de energia, sei lá! Digo isso porque assim que me apercebi do seu estado me veio a certeza de que ele teve consciência dessa minha furtiva constatação. Imediatamente se crispou. Houve um curto momento de silêncio em que só se ouvia o arrastar monótono da agulha da grafonola, uma vez que o disco já chegara ao fim e ele suspendera o gesto de o tirar.

Por fim falou, e a sua voz era arrastada. Então o *kommandant* é amigo dos Mahrenholz!, exclamou. Em seguida, pediu-me desculpa de não conhecer os Mahrenholz.

Na maneira como o disse, senti uma ironia que ele não se preocupava em disfarçar. O porto ficou-me subitamente amargo na boca. Para me controlar, achei para mim mesmo que Glück tinha ciúmes das atenções que Lettow me dedicava, e que não fazia mais que demonstrá-lo.

Perguntou-me se a minha família havia movido influências para que eu viesse para África, uma frente de combate tão mais fácil do que aquela que encontraria na Europa. Uma afirmação que era, a vários títulos, uma grosseria.

Não me contive e disse-lho. Ele respondeu-me que não via porquê, uma vez que achava natural que os pais procurassem proteger os filhos das agruras da guerra.

Caí na armadilha. Disse-lhe que, pelo contrário, a minha família pretendia que eu ficasse por lá, que a decisão de vir fora inteiramente minha, pagando por isso o preço de um grave desentendimento com o meu pai. Eu era um militar, não temia a frente de combate fosse ela qual fosse. Além disso, para aqui chegar sobrevivera a situações que ninguém podia sequer imaginar.

Glück sorriu, o que me irritou ainda mais.

Era mais que natural o meu agastamento: não só pela dureza da viagem no dirigível, mas porque desde que aqui chegara essa experiência fizera de mim uma espécie de herói. Era a primeira vez que alguém escarnecia dela.

Glück pareceu ficar pensativo. Depois, abertamente, disse-me que eu não era o primeiro a atravessar metade do mundo para aqui chegar.

Infelizmente, interrompi-o para lhe perguntar o que queria dizer com isso. Digo infelizmente porque ele desistiu do que quer que ia dizer, respondendo simplesmente que o mero facto de aqui estarem provava que todos os brancos haviam atravessado metade do mundo. Não via por que razão a minha experiência fosse assim tão digna de nota. Em seguida, fugiu de um terreno que lhe era menos agradável para voltar a enervar-me. Disse que, apesar de tudo, o seu palpite não deixara de ser certo: a minha

família sempre procurara interferir. Acrescentou que aqui as famílias não contavam para nada; ou melhor, que as famílias eram aqui de outra natureza. Enquanto falava, indicou-me com o olhar os dois vultos que não o largavam nunca, postados à entrada. Era também uma forma de me fazer ver que de nada me valia perder a cabeça: a certa distância, embora entretidos um com o outro, Issa e Mzee Ali não deixavam de nos lançar olhares furtivos e de acariciar as coronhas das suas armas.

Agora que a música cessara, os tiros que de quando em quando sacudiam o silêncio do mato – assinalando a chegada de uma patrulha inimiga que vinha às cegas meter-se na boca do lobo – fizeram com que eu regressasse à realidade. Larguei o cálice em que mal havia tocado, virei costas à desagradável criatura, sem sequer me despedir, e saí porta fora com o intuito de me recolher. As experiências daquele dia eram já suficientes.

Caminhei, sentindo nas costas por um tempo o sorriso escarinho do maldito. Todavia, estava-me ainda reservada nova surpresa quando, demandando a palhota que me coubera, ouvi gemidos numa construção vizinha, a de Lettow (esta proximidade, confesso, tornara-se-me subitamente incômoda). Fui espreitar e dei com um movimento desusado.

Lá dentro, à luz mortíça de um candeeiro, Gasparini, o médico italiano ao serviço de Lettow pelo menos desde a campanha de Tanga, afadigava-se em torno do leito do *kommandant*, colocando-lhe compressas de água fresca na frente para lhe baixar a febre.

Fui percorrido por um sopro. Desde Chiwata que tomara contacto com a ameaça inquietante da malária, que roía o contingente ao ritmo de meia dúzia de homens por dia, sobretudo carregadores, por serem em regra mais franzinos e obrigados a esforços suplementares. Além disso, não era prática usar-se com eles o quinino que, por ser escasso, estava reservado aos europeus. Os médicos aplicavam-lhes uma infusão local com base na casca de uma determinada árvore, com resultados que, embora por vezes surpreendentes, eram em regra muito lentos. De certa forma já me habituara a presenciar os efeitos que a doença provocava nas suas vítimas: perdiam rapidamente as forças, eram atacadas por ondas de tremuras, alternavam frios insuportáveis – que, diziasse, vinham de dentro, fabricados no tutano

dos ossos – com cascatas de suor provocadas pelo mais violento dos calores. As veias ficavam como tenso cordame, os olhos, enormes, com um brilho particular que traía um misto de medo e de vergonha, medo do futuro que inevitavelmente lhes estava reservado e vergonha da fraqueza que patenteavam, como se fosse uma espécie atenuada de traição. Além de perderem as forças, perdiam também peso a uma velocidade estonteante, o que lhes fazia aflorar às extremidades do corpo os vestígios de tudo o que de duro tinham dentro, ossos e dentes. Ficavam com o aspecto, não de quem sorria mas de quem se deixava acometer por uma permanente ansiedade. Até as unhas cresciam a uma velocidade duas vezes mais rápida, fazendo com que as mãos se transformassem em verdadeiras garras. Curiosamente, nada havia de agressivo no aspecto destas uma vez que as tremuras lhes retiravam a clínica precisão que normalmente as garras têm. Pelo contrário, a quererem segurar alguma coisa seria sem dúvida a vida que se lhes escapava a passos largos.

Várias vezes, vivendo de perto a cadência monótona com que a malária nos levava gente, me perguntei de onde vinha a espécie de vergonha que referi, qual a razão dela, já que o medo (de sofrer e morrer, de ser deixado para trás) era fácil de entender. Haverá sentido em nos envergonharmos de uma maldição que nos escolhe entre tantos outros? Uma maldição que nada fizemos para convocar e nada podemos fazer para expulsar? A vergonha de darmos prova de fraqueza? Confesso que nos muitos meses que se seguiram não achei resposta.

Mas perco-me mais uma vez, desculpe.

Por esta altura, claro, esses pobres infelizes tornavam-se incapazes de carregar o que quer que fosse, mesmo de andar, o que originava toda a sorte de contrariedades. Sobretudo em quem mandava, que se via subitamente confrontado com um desafio prático à racionalidade, e também à humanidade. Na maior parte das vezes, reconheço, vencia a primeira, e nada era preciso explicitar para além de uma mera troca de olhares. O olhar de quem seguia o caminho simultaneamente mais leve de cargas e pesado na consciência, e o olhar de quem ficava para trás, abandonado à sua sorte.

A alguns desses infelizes sobrevinha uma espécie de loucura delirante, pondo-se a dizer coisas incompreensíveis e faltando ao respeito aos seus superiores. De nada valia a estes puni-los nesses casos, pois eles já haviam perdido a noção de viver no meio de outros homens, quanto mais a de ocupar um determinado lugar na hierarquia!

Na maior parte das vezes não os víamos morrer, dado o permanente movimento da coluna. Ficavam para trás, virados para dentro, às vezes aos cachos, às vezes sós ou com uma ou outra *bibi* que lhes devia respeito ou gratidão do tempo em que não estavam doentes. Quanto a nós, restava-nos, para nos aquietarmos, pensar na condição desses doentes como uma espécie de liberdade conquistada, sem necessidade de obedecer, sem necessidade sequer de pensar.

A segurança com que Gasparini cuidava de Lettow tranquilizou-me. Os acessos de *kommandant*, disse-me, embora frequentes, mantinham-se a um nível por assim dizer controlável. Eram uma espécie de aflição crónica que o acometia ao fim da tarde ou ao alvorecer – as horas do anófele – poupando-o no resto do tempo.

De modo que, após cerca de uma hora em que ali permaneci procurando ajudar, mudando águas e refrescando compressas, na verdade pouco mais que atrapalhando, pedi licença para me retirar.

No dia seguinte, não posso negar que com certo espanto, deparei com um Lettow novamente em forma, como se nada lhe tivesse acontecido. Todavia, algo de fundamental mudara na imagem que eu fazia dele. Tê-lo visto deitado no catre, à luz do candeeiro, despido do dólman e das dragonas, com o peito magro e arquejante a descoberto, deixou em mim uma sensação que ainda hoje me incomoda. Os pés percorridos por veias azuis e salientes, o nariz mais adunco, as pálpebras retesadas cobrindo à justa os globos enormes dos olhos cerrados, o bigode mais branco e ralo, o queixo descaído como se lhe faltasse o osso da mandíbula, as incontrolláveis tremuras sacudindo-o de alto a baixo, o gemido monótono e rouco como que produzido por uma máquina – tudo isso faz parte de um quadro difícil de esquecer. Afinal, Lettow era humano e vulnerável, podia acontecer-lhe o mesmo que a qualquer um de nós. Como seria, se se desse o caso?

Deitei-me, muito agitado. Infelizmente, demasiado agitado para poder adormecer. Aquele primeiro sinal de vulnerabilidade do *kommandant* provocara em mim um mal-estar, uma espécie de agastamento com as forças sobrenaturais que me era difícil circunscrever, e portanto tentar contrariar. Assim que soprei o candeeiro e a escuridão se instalou, um concerto de sons desconexos fez-se ouvir dentro do compartimento. A palha rangia como se lhe doesse o calor que nos inundava, como se mesmo sem o sol ardente ou o fogo dos combates esse calor conseguisse encontrar um desconhecido combustível que o fizesse funcionar. A par do calor, uma humidade insuportável instalava-se entre o meu corpo e a manta em que ele assentava, já feita em papa. De quando em quando, o sibilo de uma cobra no tecto, ou o piado de um mocho lá fora, deixavam me completamente desperto depois de me haver habituado já aos ruídos contínuos da palha. Ou então eram tiros isolados e cortantes, seguidos da longínqua gritaria dos *askaris* para assinalar a descoberta de um par ainda de inimigos acossados e o início de nova perseguição. Mais longe, eram os sons dispersos das feras, perturbadas por toda aquela intromissão. Ouvi, pela primeira vez, aquilo que me pareceu o rugido de um leão. Já o ouviu? É qualquer coisa difícil de definir, entre um bocejo e um rasgar, com um conteúdo de praga ou invectiva. Talvez não tão forte quanto a praga, que o colocaria a um nível por assim dizer humano; talvez mais sobranceiro, um sinal de presença dirigido tanto a nós quanto ao resto do mato. Como se dissesse, não a nós mas em geral, que eu estou aqui, algo me entedia ou incomoda, algo provoca em mim a reacção traduzida neste som, expelido porque me deu vontade, não para vos dizer o que quer que seja. Talvez um bocejo, é isso. Um bocejo diferente do nosso – um pouco mais entediado, um pouco mais rouco –, mas ainda assim um bocejo.

Entretanto, levantava-me, circulava pelo compartimento, vinha até à porta respirar, completamente inundado de suor. Reentrava, apalpava em volta para redescobrir o catre, deitava-me de olhos abertos e barriga para o ar. Passado um pouco, os sons mais próximos, respeitosa e interrompidos pela chegada do rugido do leão, voltavam a subir de intensidade. Aqueles sempre constantes da palha, e outros novos, das

ratazanas, dezenas, centenas de ratazanas percorrendo velozmente os paus, inspeccionando as esquinas, farejando e fazendo tombar caixas, subindo apressadamente pelas pernas do catre, atraídas pelo meu cheiro.

As imagens de casa (como estariam todos?), as lembranças da infância, eram interrupções que eu forçava para manter a distância, mas cada vez mais curtas, cada vez menos capazes de me levar a abstrair-me da agitação em volta.

Depois, era o zumbido dos mosquitos que ia e vinha às ondas, em vagas. Puxava a manta acima da cabeça, para me tapar completamente, sacudindo-me de quando em quando para afastar as malditas hordas. Passado um pouco, já encharcado, era obrigado a destapar-me e tudo recomeçava: a palha, as ratazanas e os mosquitos, o rugido do leão (não cheguei a decidir-me se era um ou vários, todos com a mesma voz e uma parecida entoação), os gritos dos *askaris*.

E, até, os gemidos dos mortos, que passei a ouvir sem ser capaz de descobrir se vinham de dentro da terra ou da minha cabeça. Os esqueletos dos inimigos a custo segurando as fardas, os arranhados ruídos dos ossos em contacto com o metal das armas, os olhares acusadores dirigidos aos nossos *askaris*, causa do seu insuportável sofrimento. Aos portugueses juntando-se os carregadores doentes que deixáramos para trás, uns ainda com fiapos de músculos secos pendurados, outros já também só ossos, com desmesurados volumes à cabeça, pedras enormes, gigantescas árvores, odres imensos cheios de água, dúzias de metralhadoras, cachos de fitas de munições.

Um deles, lembro-me bem, muito magro e muito escuro, arrastava até a custo o cruzador *Königsberg* pelas lamas vermelhas dos caminhos, com toda a tripulação em cima e o capitão Max Looff instalado na ponte, perscrutando a planície com os seus binóculos para orientar um poder de fogo capaz de destruir todas as montanhas do interior.

Moribundo no seu leito, Lettow soerguia-se, apoiado em Glück, e multiplicava ordens lentas, arrastadas, e este último sacudia as suas asas negras, levantando nuvens de poeira fétida e afugentando os ratos, enquanto soltava ondas e ondas de gargalhadas.

Bivacávamos na encosta de um pequeno monte. A voz de Lettow estava tão fraca que Looff, em cima do cruzador, mal conseguia ouvi-lo. Pedia-lhe várias vezes que repetisse as ordens, o que originava toda a sorte de contrariedades: azimutes mal tirados, tiros de canhão quando devia ser antes um avanço da infantaria, e por aí fora. Ao lado, Gasparini afirmava ter encontrado a solução, ao mesmo tempo que temperava nas chamas de uma enorme fogueira uma panóplia de instrumentos que, dizia, de certeza curariam o doente: alicates, tenazes, punções, trocartes, agulhas. O único problema era a sua indecisão sobre qual deles utilizar. Os oficiais instavam-no a decidir de uma vez, mas ele continuava perdido em obscuras indecisões, olhando os instrumentos em brasa com umas pupilas brilhantes, avermelhadas pelo fogo.

Não cheguei a aperceber-me se Gasparini levou a cabo a intervenção no corpo do *kommandant* nem que instrumentos utilizou, pois o leito estava cercado de uma multidão de oficiais opinativos ou simplesmente curiosos. Momentos depois já descíamos a encosta ao som dos resmungos do esqueleto que arrastava o navio. A sua dificuldade era como se fosse minha: sentia os músculos doridos, o suor escorrendo-me nas têmporas, o peito apertado.

Na frente da nossa pequena coluna, o horizonte era negro: negras as nuvens e os montes, negras as árvores e os rios. E nós avançávamos às cegas, condenados a seguir em frente por esse mundo negro.

Na manhã seguinte partimos bem cedo. Era preciso deixar para trás aquele lugar, ao qual de resto nada nos prendia. As notícias correm depressa, em breve chegariam os portugueses ou mesmo Van Deventer, possesso. Rumámos a sul.

5

O tenente fala num tom trocista.

‘Está livre, senhor Henry Miller.’

Estão no seu gabinete. Hans de pé, ele sentado atrás da secretária.

‘Está livre, senhor Henry Miller. Agradeça ao seu amigo, foi a intervenção dele que o libertou.’

Sentado na frente do tenente, do outro lado da secretária, João Albasini, de cara fechada, olha o chapéu que tem no colo, seguro pelas abas com ambas as mãos. Depois, levanta-se subitamente, resmunga ao tenente um agradecimento, e gira nos calcanhares em direcção à saída.

Vai crispado, pelas insinuações soezes que teve de engolir sem estar em condições de ripostar. O tenente censurou-lhe as amizades, aventureiros estrangeiros aqui chegados sabe-se lá com que intenção; mencionou mesmo, com ironia grosseira, as raças e as suas diferentes virtualidades (como é que Albasini, um preto assimilado, educado, jornalista, se metia com gente daquela?). O tenente explorou caminhos com grande diligência, e todos eles iam dar a um fim que, para Albasini, era uma bifurcação: ou aceitava calado ou então reagia e o estrangeiro continuava na prisão.

Podia, claro, ter acenado com o argumento do consulado britânico. Era sempre muito aborrecido para as autoridades prender cidadãos ingleses ou da União. Mas uma intuição avisou-o de que era melhor evitar esses caminhos. Ouviu, portanto, calado. Sempre que falou foi para repisar o mesmo argumento, de que tudo se tratava de um arrelizador equívoco, Henry Miller era um empresário com as mais elevadas credenciais, e por aí fora. E o tenente sorria, enquanto procurava outro ponto de partida que fosse dar ao mesmo: os amigos indesejáveis, a falta de moral que assolava as noites de Lourenço Marques, a raça. Que fazia um empresário encharcado em álcool no meio de prostitutas, em plena madrugada? Ora, ora...

Muitas vezes, durante o diálogo, João Albasini teve a resposta na ponta da língua, sibilina, e foi obrigado a mastigá-la e engoli-la. Outras vezes, passou-lhe pela cabeça um artigo inteiro sobre a Guarda, no jornal, com título e tudo. Lembrou se até de uma crónica que escrevera há tempos, sobre a polícia, e que dizia mais ou menos o seguinte: *E no entanto continuam os calabouços da polícia pejados de pretos indefesos que se não registaram, não por desobediência à lei que se não cansam sequer em discuti-la, mas porque dela não tinham conhecimento uns, e outros porque não tinham dinheiro para a inscrição. Não acham isto uma «justiça» com a configuração daquele apêndice duro e retorcido que adorna o carneiro? Para os senhores a tolerância que envergonha, para aqueles a rispidez que indigna!... Muito honrado se deve sentir um regime que tem por lema a divisa de liberdade, igualdade, fraternidade... É o que se vê!... Puff!*

E foi este o único momento – quando se lembrou da crónica – em que aos lábios de Albasini aflorou um sorriso e aos seus olhos um brilho de confiança. Excelente crónica, que há quatro anos (ou teria sido apenas há três?) teve um efeito demolidor. Podia bem recuperá-la, uma adaptação aqui e ali (afinal Henry Miller era europeu, não africano...), e estaria fresca como uma alface acabada de colher. Talvez a pudesse mesmo elevar ao estatuto de editorial.

O tenente é sagaz, a sua profissão ensinou-lhe a conhecer o brilho no olhar dos outros. Inquietou-se. E foi a alusão ao editorial que finalmente o convenceu. Os tempos andam agitados, as greves perturbam a placidez das ruas, as autoridades sacodem a água do capote. E ele, do que não precisava era mesmo disso, de ver o seu nome pespegado nos jornais. A partir daí mostrou-se apaziguador. E chegaram por fim a um entendimento, que no entanto deixou um travo amargo na boca de Albasini.

Gira nos calcanhares, em direcção à saída.

Hans vai atrás dele. Atravessam a azáfama da secretaria onde, atrás do balcão, os funcionários registam e investigam os crimes da cidade: condutores de riquexó sem a respectiva licença, pequenos ladrões, simples mulheres do campo em visita a um familiar da cidade (mulheres com o ar de quem não compreende o que lhes aconteceu), marinheiros bêbados,

prostitutas insolentes com pouco medo da polícia, ou mesmo simples indocumentados com justificações que não lembrariam ao diabo. E, claro, agitadores grevistas. Muitos agitadores grevistas.

Sentado a uma mesa, atrás desse balcão, o homem do casaco de veludo azul, desta vez em mangas de camisa, não tem mãos a medir. Remexe uns papéis e cofia os bigodes, levanta se para tentar separar os criminosos por categorias, reconhece uma prostituta com um ar benevolente, dá ordens aos berros a guardas simplórios e atarantados.

Hans vê-o e hesita, mas Albasini já transpôs a porta e parou no pequeno patamar, pensativo, olhando, absorto, o grande cartaz à porta da farmácia, do outro lado da rua: *Farmácia Chemist de Silva & Ferreira, Únicos agentes na Província dos maravilhosos produtos Couraça, Únicos que rivalizam em qualidade com os produtos estrangeiros, Tónico capilar Couraça contra a caspa e garante-se que faz crescer o cabelo, Loção Couraça perfume agradável para a cabeça e contra a caspa, Água Dentífrica Couraça conserva a boca fresca e faz desaparecer o mau hálito, Pasta Dentífrica Couraça, não há melhor para lavar os dentes, quem um dia a experimenta nunca mais deixa de usá-la. R Consiglieri Pedroso, nº 34.* E é quando Albasini atravessa a rua e entra na farmácia, que Hans encolhe os ombros e desce as escadas da esquadra para a rua, desejando intimamente que também lá haja um elixir *Couraça* que melhore o humor do jornalista.

Passado um pouco, Albasini torna a sair, conferindo ainda o troco, e segue pelo passeio sem sequer olhar para trás. Passa em frente ao magnífico edifício do *Banco Nacional Ultramarino, Sede em Lisboa na Rua do Comércio nº 74, Filiais e agências em Londres, Paris, Continente e ilhas adjacentes, colónias e Brasil, Onerações bancárias de todos os géneros, Cofres de aluguer,* enquanto do outro lado da rua, em frente à Garagem Central, Hans decide segui-lo à distância. O jornalista torna a parar em frente de uma montra: *Minerva Central, Livraria, papelaria, tipografia e oficinas de encadernação, Onde se podem encontrar todos os artigos referentes a qualquer negócio e se executam todos os trabalhos referentes a qualquer indústria, Responde a todos os pedidos que sejam feitos incluindo*

músicas, artes, medicina, estudo, ciências, literatura, tecnologia, livros para crianças, livros de missa, etc., tanto em português como em todos os idiomas estrangeiros, Todos os pedidos que nos sejam dirigidos serão atendidos com toda a solícitude, Manda vir com urgência todos os livros que não haja em depósito. Entra, sai de lá com um jornal e torna a atravessar para este lado, a fim de prosseguir a caminhada, enquanto vai batendo levemente com o jornal na coxa para traduzir a irritação. Oriental Bazar, Tobler, Choitran, com as suas montras de louças e sedas da China e do Japão, os seus tapetes persas, as suas mesinhas indianas, Casa Sport, Armas, munições, artigos fotográficos e de sport, e Albasini abranda para ver tudo isto através das montras, aproveitando também para se certificar que Henry Miller, reflectido no vidro, ainda o segue.

Retoma a caminhada, o bater do jornal na perna, abrandando em frente à montra de uma florista. Os ramos expostos, as pétalas espalhadas em volta num encenado acaso, parecem suavizar-lhe os pensamentos. *Pérola da China, de Gouveia & Santos, Merceria por grosso e a retalho, Importação directa de todos os géneros nacionais e estrangeiros, Especializada em carnes e azeites importados directamente de lavradores, Vinhos e licores nacionais e estrangeiros das mais acreditadas marcas, Todas as encomendas são enviadas a casa dos requisitantes com a máxima prontidão sem qualquer dispêndio para estes.*

Depois, prossegue mais devagar, abandonando a rua por uma estreita viela, depois mais outra, e Hans sempre atrás dele, sentindo as ruas encolherem e encurtarem, ruas secretas, ilhas de estranha calma no meio do bulício da cidade, frescas sombras que copas de árvores vetustas, lançadas por cima dos muros, derramam. Rua da Gávea (*Mohamed Ayub, Importador e exportador por grosso, Compra e venda de toda a espécie de cereais, produtos da África e outras mercadorias, Trabalhos tipográficos, objectos e impressos para uso de escritórios, Em todas as vossas compras e transacções preferi sempre esta firma*), Travessa da Palmeira, Travessa enfim da Porta da Linha, labirinto onde os monhés, especados às portas, de palito na boca e cofió descaído para a nuca, observam com curiosidade o passar daquela estranha dupla, um à frente e outro atrás, imersos num

cheiro eclético de especiarias assando ao calor que hoje faz. Uma pequena cidade escondida dentro da cidade, misteriosa, em cuja antecâmara o tempo parou, onde tudo o que parece se esfuma no breu das sombras. *Pradhan Samji, Wholesale and retail general merchants.*

É como se o que os conduz fosse o acaso, como se a Albasini atraísse, não um destino mas o perverso fito de domesticar quem o segue. Um dá de si a imagem de quem sabe para onde se dirige; o outro, que se perde o primeiro forçosamente também ele se perderá.

Tal como Lettow apalpando o terreno ao longo das margens do Lugenda e nós seguindo atrás dele como os cegos seguem a quem dão a mão, pensa Hans. E sorri, do absurdo da comparação.

Mais uma esquina (*Tabacaria Leal 33, Em frente à mesquita dos monhés, único representante dos cigarros Mimosos de especial fabricação para esta tabacaria, Rivalizam com os melhores cigarros que se fumam actualmente, Experimentai!*), e subitamente, entontecido, descobre estarem precisamente em frente do número 101 da Rua Araújo, que Albasini já transpôs e cujas escadas íngremes sobe com readquirida pressa. Só então, partindo do princípio de que Hans vem atrás de si, começa a falar.

Vai dizendo do quão inconveniente foi ter acontecido aquilo que aconteceu, sem contudo chegar a mencionar a humilhação por que o tenente da guarda o fez passar. A partir de agora o senhor Miller passou a ter ficha na polícia, e esta passará a seguir-lhe os movimentos, a procurar saber com quem se relaciona, a achar suspeito que um estrangeiro à procura de oportunidades de negócio se passeie por centros de recrutamento de mineiros. Em suma, a partir de agora a sua investigação jornalística será muito mais difícil.

Estão já no escritório, sentados. Albasini sublinha as suas palavras batendo com o jornal no tampo da secretária. Está ainda agastado, embora a caminhada lhe tenha feito bem.

‘Ainda por cima, a partir de agora vão relacioná-lo comigo. Não mais o largarão.’

Hans tenta justificar-se. Refere o homem do casaco de veludo azul, saltitando durante todo o dia anterior de sombra em sombra, de árvore em

árvore, há pouco já em mangas de camisa na secretaria da polícia. Dissimuladamente atarefado, sem ostentar qualquer traço da noite que passou. Alega que a resposta está nesse homem.

Albasini, achando sentido no que o outro diz, parece serenar. Cala-se, pensativo.

Hans aproveita para perguntar como foi que o descobriu na esquadra da polícia.

Albasini responde:

‘Foi Wally que me disse.’

‘Wally?’

‘Sim, a menina Valerie Neuzil.’

Assim que Hans fora algemado e levado para o carro da polícia, Wally caíra em si. Haviam-se evaporado, nela, o absinto e as imagens que este criara. O Chat Noir e os seus pintores e músicos desregrados voltaram ordeiramente para dentro das esbatidas lembranças de um outro tempo. Monsieur Satie fez calar os seus estranhos instrumentos, o pintor recolheu os pincéis. E, enquanto os boémios se recompunham, falando muito e alto ao mesmo tempo, enquanto os atarantados criados varriam os cacos e os pobres músicos fechavam, com uma sucessão de estalidos, as maletas dos trombones e das flautas, ela pegara no seu grande saco e nos rolos de papel, e esgueirara-se do Gato Preto à procura de um táxi que a levasse a casa de João Albasini, o único que a podia ajudar. Este recebeu-a com os olhos inchados de uma insónia que não o larga há mais de um ano, camisa de dormir, candeeiro na mão, mas era tarde para fazer qualquer coisa. Ela que se acalmasse, que na manhã seguinte, bem cedo, logo se veria.

Wally! Quem diria?! Hans ainda pensa em perguntar a Albasini de onde conhece a rapariga, e como foi que ganhou o direito de se referir a ela com a intimidade que julgou perceber, mas a atenção foge-lhes aos dois para o tropel vindo de fora.

Acorrem à varanda a ver passar os grevistas.

Os grevistas passam devagar. São todos brancos. Apesar do martelar cadenciado dos seus passos sobre o empedrado da rua, vão em silêncio. Por enquanto é nele que encontram a melhor forma de denúncia. Nas mãos,

levam ferramentas como quem levasse as armas de uma guerra. Pás, picaretas, enormes chaves inglesas. É com elas que produzimos mas ainda não será com elas que nos defenderemos. Por enquanto as ferramentas estão aqui, ostentamo-las apenas para simbolizar o trabalho que fazemos, nada mais que isso. Todavia, se nos atacarem nada podemos garantir.

Assim caminhavam os *askaris* antes do combate, grupo coeso, mas cada um passando em revista solitária os factos importantes da vida. Quem sabe não era esta a derradeira oportunidade de o fazer? A única diferença, além da cor, está em que os cavaleiros que os enquadram não são oficiais alemães mas soldados da Guarda Nacional Republicana. Uns vão ansiosos por se libertar; outros, que eles o tentem para terem enfim um pretexto. E os habitantes da Rua Araújo – dos escritórios e bares, das lojas de monhés – cerram as portadas de madeira como quem finge não querer ver. Viram-se para as suas coisas enquanto passa a marcha lenta na direcção do caminho-de-ferro, deixando atrás de si um vazio idêntico àquele que se segue sempre à passagem das procissões.

Albasini suspira, preocupado.

‘Não sei onde iremos parar.’

E a sua cabeça já não está ali. Já lhe pôs em cima o chapéu, depois de um tempo a procurá-lo, já tem nas mãos o casaco que tirou do bengaleiro, de um branco alvíssimo, já caminha para a porta, apressado. No entanto, tem ainda tempo de dizer a Hans, em jeito de despedida, que apanhe em cima da mesa os papéis do seu último editorial.

‘Leia e diga-me o que acha.’

É também uma maneira de fazer as pazes.

Quando Hans abre a boca para responder, já só se ouvem os passos do outro descendo, dois a dois, os íngremes degraus, a porta da rua batendo. Albasini vai ligeiro, atrás da greve.

* * *

Hans pega nos papéis e sai também. Caminha pela rua no sentido contrário ao dos grevistas, de cuja passagem se notam agora os efeitos: uma

e outra montra partida, caixotes de lixo revirados. Ensaíam o gesto, afinam a mão para o dia que inevitavelmente há-de chegar. Há também pequenos grupos de gente comentando, em voz baixa, a situação. *D. Bello, Agente autorizado da marca Fiat, Automóveis, camiões e motores marítimos, To...*, e o resto do anúncio foi destruído, precisará de ser reparado.

Ganha a Praça 7 de Março pelo edifício da Guarda-Fiscal, atravessa a rua por entre carros e riquexós em marcha lenta, recompondo-se. Procura um dos quiosques, senta-se na mesma esplanada onde se sentou quando chegou, há já tanto tempo. Dona Carlota Fornazini de Sousa Teixeira, a proprietária, faz um sinal ao criado distraído. Este aproxima-se. Hans pede uma cerveja.

Embora não se aperceba completamente do que está ali em jogo, o ambiente que se criou não deixa de o transportar. Sentiu um leve malestar com a partida de Albasini, por assim dizer, para a frente da luta, abandonando-o. Vem-lhe à lembrança o assalto a Ngomano e a decisão de Lettow de o manter consigo na retaguarda, de o impedir de correr os riscos inerentes ao combate. Tenente Mahrenholz, você fica aqui comigo. Lembra o sorriso irónico de Glück nesse momento (pontada fria), no qual julgou encontrar insinuações de cobardia.

Olha em volta, achando que numa das mesas vizinhas possa estar o homem do casaco de veludo azul, cofiando um bigode húmido de cerveja. Mas não, não está. Na certa foi para junto dos grevistas tirar as suas notas. Decide-se enfim a ler o editorial de Albasini. Talvez por ali, pelo texto deste curioso revolucionário, comece a entender a situação.

Estende a primeira folha em cima da mesa, ao lado da cerveja que entretanto lhe chegou. E lê:

Escolas – À hora do nosso jornal entrar na máquina recebemos uma carta na qual se dizem coisas mirabolantes puramente fantásticas, a que não podemos dar publicidade sem prévia inquirição. Diz-nos que na Escola Distrital, e não sabemos se nas outras, se recusa a entrada e que até se está correndo com os alunos de cor, não se sabendo a razão disto, pois os professores dizem estranharem também mas que procedem assim em cumprimento de ordens recebidas. Duvidamos que isto seja assim, assim

mesmo, pois nada sabemos que possa autorizar quem quer que seja a proceder de um modo atentador às liberdades, à dignidade da Nação, esfaqueando tão vilmente a Constituição da República Portuguesa – Democrática e Igualitária. Vamos indagar pois, a fim de dizer qualquer coisa sobre acto tão melindroso.

Olha em volta o movimento da praça. Não pode deixar de sentir admiração por este homem sempre tão lutador, combatendo vilezas enquanto outras vilezas se desenrolam nas suas costas. O mundo a fechar-se e ele sem mãos a medir para o manter aberto. Prova a cerveja, afasta a primeira folha e prepara-se para ler a segunda.

À 1 hora da manhã de 14 de Maio de 1917. Após o primeiro sono intermitente, agitado de sonhos doces, presságios de tormenta e irremediáveis desgraças.

É esta a primeira frase. E, em seguida:

Tenho de mim para mim, muito no íntimo do meu peito, que te perdi para sempre, que nunca mais me farás a esmola de me olhar e muito menos a caridade de me ouvir a defesa.

Incrédulo, Hans regressa ao cabeçalho, que passara sem reparar. Encontra uma espécie de título num tom melodramático: *A Força do Destino*. Riscado várias vezes. Mais abaixo, uma segunda tentativa, mais simples e cortante: *O Livro da Dor*.

Dá-se uma pausa, para voltar a bebericar a cerveja e olhar em volta. A tarde avança a passos largos. Um eléctrico passa lento, com o seu característico tilintar. Segue-o com os olhos durante um momento, até que estes tropeçam em Obede.

‘Patrão, posso levá-lo onde quiser.’

Sacode-o. Neste momento só quer ir aonde o levar o texto. 14 de Maio de 1917. Há tão pouco e tanto tempo! Onde estaria ele próprio nessa altura? Na academia, por certo, sem suspeitar ainda de uma travessia de metade do mundo feita em balão. Sem suspeitar ainda da existência de Glück. Volta a mergulhar *nestas folhas tristes*, como ali vem escrito, *estas notas a que chamo a noite da minha vida*.

O drama tem início precisamente no dia mais feliz da vida de quem o descreve, o dia da boda de Beatriz Albasini, filha do jornalista. Orgulhoso, João Albasini estendeu-lhe o braço para a levar pelo corredor da pequena igreja, até ao altar. Aí, vira-se para trás e varre a multidão com um olhar de triunfo, a vitória do pai que casa a filha mais velha. Sem saber que era precisamente esse olhar que o ia perder. *De repente, tendo-te visto, aliás, tanta vez, sem que me perturbasses, desatei, nessa noite de festa, a misturar-te candidamente na minha vida, a desejar-te sem explicação.* Albasini fala nervosamente para a filha como se falasse com a rapariga (chama-lhe M...). Diz-lhe – diz para a filha – que sentiu *como que uma atracção fatal, daquelas que levam às soluções violentas.* Assustado, fugiu dias depois para o mato, fugiu à tentação do demónio. Embrenhou-se por lá, enchendo as botas de lama e de poeira, observando o viver dos camponeses, que água bebiam. Queria, enfim, na dor dos outros afogar a sua.

Hans recorda-se de o ter ouvido mencionar uma viagem a Inhambane há tempos atrás. Estavam os dois no descampado da WENELA olhando Rapsides, o jornalista explicava a origem de muitos daqueles homens que compunham a cobra chinesa de papel. Teria sido esta viagem? Terá sido esta a verdadeira razão? Recorda-se do quanto se divertiu a imaginar este homem urbano caminhando pelos capinzais como se anda nas ruas da cidade, olhando as árvores como se olhasse as montras. *Felix Baúle & Família, Machopes, Especialistas numa vida de miséria, Oferecem-se costados magros onde o cliente possa assentar o seu chicote, Olhos vazios onde ele possa sentir quanto os seus são cheios. Experimentai! Experimentai!*

Entretanto, Albasini acabou por regressar. Passeou de braço dado com M... por esta mesma Praça 7 de Março, sentaram-se provavelmente nestas mesmas cadeiras, ele bebendo uma cerveja, ela debicando um *ice cream*. Foram ao cinema, ali na esquina, ver a Cleópatra da esplendorosa Theda Bara, cujos diáfanos gazes, reduzidíssimos, tanto escândalo provocaram na altura. Fritz Leiber Sénior era Júlio César, Thurson Hall era Marco António. Ele ofereceu-lhe o braço no escuro, ela não o recusou. Iludido, Albasini julgava *perceber uma certa simpatia do teu lado: que me percebias e*

lamentavas a triste sorte que pusera entre nós uma importuna e cruel terceira pessoa.

Um novo olhar pela praça que escurece. Terceira pessoa? Quem seria essa terceira pessoa?

Sem o saber ainda, e não conseguindo mais conter-se, Albasini recorre à arte que mais domina, precisamente a escrita, para enviar a M... um bilhete em que lhe pede a mão em casamento. A rapariga recebe o bilhete como uma proposta indecente, ou foi alguém que assim o entendeu por ela. A terceira pessoa?

A partir daí os seus caminhos são irremediavelmente divergentes. No domingo, não respondeste, nem ao menos por delicadeza, ao bilhete que mandei à tia perguntando pela tua saúde. À saída da missa evitaste até dar os bons-dias que nada custam. Na Polana fugiste de mim, ao jantar foste de uma mudez de estátua. Mas, sempre mulher no fim de contas, percebendo que me torturavas, usaste de um novo instrumento de suplício. Cantaste pela primeira vez! E eu baboso julgava que na tua alma havia uma imagem para quem erguias a melodia da tua voz. Como depois castigaste a minha vaidade!...

‘Patrão, faço barato. Não há riquexó mais barato do que o meu nesta cidade.’

Hans diz distraidamente que aceita, desde que Obede se cale e espere mais um pouco, o tempo de terminar a leitura.

Obede acede com um sorriso. Já ganhou uma corrida.

A luz já é rala. Pressente que não vai ter tempo de chegar ao fim. Vagueia ao acaso pelas insónias que assolavam o desgraçado amante em pleno dia. *À 1,30 de 16 de Maio. Dormi das 8 às 12; 31 de Junho de 1917, às 7 horas da noite. Deixas-me dormir um momento, sim? Não me aflijas tanto. Deixa que o sono me visite. Duas horas só bastam-me. Ando tão abatido e isto de não dormir dá cabo de mim. Consentes, sim?* Tenta demovê-la mencionando as palpitações que tem no coração, que hão-de acabar por levá-lo deste mundo; procura desesperadamente, numa outra mulher, uma saída para a sua desgraça. É isso, tem de se casar. *Onde está, porém, a*

mulher para realizar esse sonho? Na nossa terra e da nossa raça, quem está aí?

Novo folhear ao acaso, antes que o resto de luz se acabe. As últimas páginas são escritas no *Hospital Miguel Bombarda, 20 de Abril de 1918*, às 9,30 da noite: *Porque estranhos acasos vim eu parar a um hospital? Estarei louco? «Um pouco, um pouco» – me diz aqui ao lado um enigmático sujeito, de calças de bombazina, bota de salto de prateleira, que suponho expedicionário do Niassa...*

A esplanada está vazia. Apenas o criado, paciente, aguarda que ele salde a conta para o quiosque poder fechar. A praça está quase morta. Paga, levanta-se e faz um sinal para o escuro, de onde sai um Obede pressuroso. Manda-o seguir para o Hotel Clube.

* * *

O padre José Vicente do Sacramento recebe Hans à porta, de pé. Com um sorriso franco por onde espreitam os seus dois dentes de ouro. Para chegar até ele foi necessário atravessar a antecâmara da secretária maquilhada e sorridente que o anunciou, onde um telégrafo crepita furiosamente e os dois telefones não param de tocar.

Consumado o aperto de mão, sacudido e vigoroso por parte do padre, passam a um escritório amplo e iluminado por grandes janelas através das quais se vê a varanda e, para lá dela, a cúpula do Mercado Municipal. A toda a volta há estantes de vidro com troféus: taças, medalhas, escanzelados cães de bronze numa corrida suspensa para a posteridade, metálicos corcéis empinados, as patas traseiras assentes em peanhas de madeira com legendas em placas de prata. Nas paredes, fotografias: o padre apertando mãos, o padre em cerimónias de gala e inaugurações, o padre no campo, em mangas de camisa e chapéu de palha, ao lado de uma senhora já entrada na idade, ele muito magro e pequeno, ela volumosa e grande.

Hans sorri: deve ser dona Carlota Especiosa.

Visivelmente satisfeito, envergando linho alvo dos pés à cabeça, sapatos de duas cores, Sacramento dá tempo a que o visitante percorra estes

símbolos de vitória, enquanto acaricia o pequeno retrato que tem em cima da sua mesa, forma subtil de reclamar, também para este, a atenção do visitante.

Nesse pequeno retrato, apesar de esfumado e escuro, entre o sépia e o tabaco velho, um antigo padre Sacramento lê com atenção um texto acabado de escrever no ambiente de uma modesta cabana dos arredores de Joanesburgo. O padre não esquece de onde veio.

‘Em que posso servi-lo?’

‘O meu nome é Henry Miller e sou jornalista. João Albasini sugeriu que o senhor me podia ajudar. Procuo informações sobre um certo Rapsides, um vendedor de jornais de Joanesburgo.’

Sacramento não esconde a surpresa (quando se tem o estatuto que ele tem, deixou de ser necessário esconder as emoções). Surpresa, mas também uma certa decepção. Haveria tanta coisa interessante sobre que falar! A distinção do Turf Club, capaz de ombrear com os melhores da Europa; a extensão das suas hortas, que dão de comer a meia cidade; a estirpe dos seus galgos de corrida, todos eles importados. E até, vindo o interlocutor da parte de quem vem, e sendo jornalista – portanto com preocupações de índole social – o bairro operário que ele está a construir com os lucros da lotaria, por exemplo. Mas enfim, no fundo até nem lhe desagrada falar dos tempos que interessam ao jornalista, tempos esses que, pelo contraste, ajudam a dar brilho às suas conquistas.

‘Rapsides?’

Franze o cenho, no esforço de recordar. Não o homem, claro, nutre até por ele uma certa simpatia, mas o que poderá dizer de interessante sobre ele.

Hans passa em revista o que sabe, e diz-lhe o que pretende saber. O que aconteceu a Rapsides, depois que deixou de vender jornais e antes de aqui chegar?

Sacramento lamenta, mas pouco pode acrescentar. Eram tempos difíceis, ele próprio lutava na altura por sobreviver. Evidentemente que se preocupava com o futuro de um rapaz que tanto o havia ajudado quando fora preciso. Durante um tempo acolheu-o mesmo em sua casa, embora esta

não tivesse, por assim dizer, as condições mínimas de habitabilidade para uma pessoa, quanto mais para duas! Além disso a polícia veio incomodá-lo várias vezes, questões políticas que haviam sobrado dos dias em que distribuía o jornal, e portanto a situação tendia a tornar-se perigosa. Mais a mais para um mulato como Rapsides, ainda por cima desempregado. Felizmente que nunca o encontraram por lá, o rapaz saía de manhã e só voltava à noite, isso quando voltava, ocupado a fazer sabe se lá o quê em troca de uns tostões que lhe permitissem ter o que comer.

Mas não há dúvida de que tinha qualidades. Era maciço, fortíssimo, surpreendia a maneira como conseguia manter um corpo assim tendo em conta o pouco que comia! Ainda antes do nascer do dia, saía silenciosamente e passava um bom par de horas a exercitar-se num baldio próximo: cortava lenha, transportava troncos pesadíssimos ao redor da casa, corria por ali até não poder mais, enquanto ia desferindo socos no ar como se quisesse pôr KO o mundo inteiro. Depois, completamente encharcado, tinha ainda a atenção de vir acender o fogo para o chá, antes que o seu anfitrião acordasse!

Tanta lealdade comoveu Sacramento. Indicou o rapaz a Rufus Naylor, um empresário do mundo do desporto e das apostas, com quem ele próprio iniciava uma relação de negócios que acabaria por se tornar muito proveitosa. Havia que dar uma oportunidade ao rapaz, era o mínimo que podia fazer por ele.

Naylor dispôs-se ao incómodo de vir ter com Sacramento numa certa madrugada, para poderem observar os treinos do rapaz sem serem vistos. Ficou verdadeiramente impressionado com a eficácia com que ele corria, o modo como respirava ao fazê-lo, o emprego natural da força que tinha, como se grande parte daquilo que é preciso aprender nestes domínios, para fazer uma carreira, ele já trouxesse consigo desde a nascença. Decidiu-se ali mesmo a transformá-lo num grande campeão. Entendamo-nos: não era um favor que fizesse ao padre, seu sócio recente e futuro. Naylor tinha faro, confiava no seu nariz, sabia quando era chegada a altura de apostar forte num determinado número (Naylor era, e continua a ser, um grande jogador).

Levou-o, pô-lo a treinar segundo métodos mais convencionais, não só físicos mas também, por assim dizer, os da expressão. Ao fim de escassas semanas Rapsides parecia outro, na forma como se comportava ou como respondia aos jornalistas. Estava pronto a ser introduzido ao público, a surpreender a cidade de Joanesburgo e, quiçá, o mundo inteiro.

Entrou da melhor maneira, batendo na corrida grandes nomes como Arthur Postle, Jack Donaldson e mesmo o norte-americano Charles Holway. Mister Miller conhece Holway? Ouviu falar?

A secretária do padre entra com o tabuleiro do café, pouso-o em cima da mesinha com elaboradas inflexões de ancas. É claro que pretende impressionar. Sai, deixando no ar um rasto de perfume. Sacramento, empolgado com as lembranças, nem pareceu notar a sua presença.

Começava lento, como se já estivesse cansado à partida, mas depois ia-se soltando devagar, largando lastro, e no último momento dava um salto para diante e passava por eles como uma gazela, apesar da sua corpulência de locomotiva. O padre nunca chegou a descobrir como fazia ele o cálculo do momento certo de atacar. Era algo que fluía naturalmente, como se lhe estivesse no sangue.

Aproveitando o factor surpresa que foi o surgimento assim desta força da natureza, Naylor e o padre, apostando a fundo *no paralelo*, fizeram uma pequena fortuna nas duas ou três primeiras corridas. No jogo, a surpresa é uma desgraça, mas pode ser também muito útil a quem se souber antecipar; isto é, a quem a souber neutralizar.

Naylor sabia o que fazia. Logo em seguida, com o público ainda mal refeito, pôs Rapsides em cima do ringue. Mister Miller ouviu bem: pô-lo no ringue! Quem iria suspeitar que um corredor daquele calibre pudesse ser também extraordinário com os punhos?

Nos dois primeiros combates, repetiu-se o que acontecera nas pistas: Rapsides, tirando proveito da magia que tinha nas pernas, cansava o adversário só de se pôr a saltitar na sua frente. Depois, vinha o tal cálculo do momento preciso de atacar, mais rápido ou demorado conforme a tática e a natureza de quem tinha na frente. E, com um *uppercut demolidor*, normalmente desferido com a esquerda, punha-o a dormir.

Combates memoráveis, em que se repetiu a estratégia das apostas dos dois sócios, assim como a arrecadação dos lucros.

Mas, ao terceiro combate já toda a gente sabia que Rapsides era invencível, e portanto o problema das apostas passava a pôr-se de maneira diferente. Ainda por cima, calhou-lhes dessa vez, como adversário, um raquítico porto-riquenho sem credenciais por aí além.

Um par de dias antes do combate, Naylor irrompeu na cabana do padre com uma ideia nova que pareceu aos dois infalível: desta vez Rapsides perderia, para que os sócios pudessem continuar a ganhar! Nesse, e nos dias seguintes, dedicaram-se ao treino minucioso de uma coreografia precisa, da lavra de Naylor: o padre, em calções ainda mais minúsculo e escanzelado, avançava de cenho cerrado e punhos levantados, e Rapsides, tomado de súbito e inexplicável pânico, abria completamente a guarda, levava um murro em plena testa e tombava com fragor.

O segredo, segundo Naylor, estava precisamente em explicar o tal inexplicável pânico. A sequência de passos, com a duração de uns meros segundos, tinha de ser perfeita para poder ser verosímil.

O padre ainda argumentou, embora a contragosto, se não devia sofrer antes um ou dois golpes para que a coisa ficasse mais convincente, mas a força de Rapsides era tal – e tão pequena a sua capacidade de a controlar – que, mesmo simulando, ia dando cabo do padre.

Inclinando-se para a frente, Sacramento mostra a Hans uma pequena cicatriz quase imperceptível que lhe ficou no lábio, da experiência.

Não! Tinham de ater-se ao plano original, que ensaiaram até à exaustão: Sacramento avançando com curtos e desajeitados pulos, Rapsides sem saber se entendia, Naylor comandando tudo à ilharga dos dois, de dedo esticado.

A secretária torna a entrar. Para recolher o tabuleiro e avivar o rasto de perfume. Um pouco surpresa de ver o seu patrão saltitando no meio do escritório com espevitados gestos de *boxeur*. De tempos a tempos o som do telégrafo irrompe frenético, ou então é o ruído agudo do telefone, por cima do eco das vozes, lá fora.

Porque abre o padre assim a guarda, contando a um estranho segredos que em princípio lhe seriam embaraçosos? A única resposta que Hans

encontra está na distância a que se situa esse passado, de tal modo que Vicente do Sacramento já quase não o reconhece como seu. Um passado que, todavia, desperta nele um sentimento doce, difícil de definir. Como uma saudade.

O combate não podia ter corrido da pior maneira. Naylor e Sacramento apostaram contra a corrente como o planeado, transmitiram a Rapsides as últimas recomendações e foram sentar-se na primeira fila, à espera do desfecho. Rapsides entrou em campo no meio de fortes aplausos, seguido de um porto-riquenho algo preocupado, sem mesmo dar ao ringue a volta da praxe a fim de espalhar bazófias e gestos de desafio. Depois, mal soou o gongo, Rapsides deixou-se cair com espalhafato, ainda o outro ensaiava o gesto de um tímido soco exploratório.

Mister Miller ouviu bem: o pateta nem esperou pelo avanço do outro para se deixar cair!

Talvez a sequência de passos do porto-riquenho fosse diferente da do padre, talvez a luz e os gritos tivessem encandeado e confundido Rapsides. O que é certo é que caiu, e com intenções de não mais se levantar. O comissário, perplexo, ainda procurou certificar-se de que não acontecera ao campeão alguma coisa estranha ao combate – um ataque ou coisa assim – ainda prolongou a contagem regulamentar, dando-lhe o tempo de reconsiderar. Mas nada demovia Rapsides. Permanecia imóvel como uma estátua tombada. De forma que, fazendo com os braços um desalentado gesto de tesoura, o comissário deu o combate por terminado.

A fúria da multidão foi desmedida. Como podia o soco defensivo do porto-riquenho ter provocado um estrago assim? Voaram cadeiras e garrafas, atropelaram-se pessoas, a multidão parecia enlouquecida. Só a custo de muitos fumos, apitos e cassetetes, pôde a polícia repor alguma ordem. Entretanto, tendo regressado ao lado de cá (que de resto sabemos nunca ter deixado), Rapsides aproveitou a confusão para desaparecer discretamente, o mesmo acontecendo com os dois sócios.

José Vicente do Sacramento está já de pé, os seus gestos dão a entender que a conversa está a chegar ao fim. Recolhe dois ou três papéis para entregar à secretária; ajeita, em cima da mesa, a fotografia que o mostra

nesses tempos, escanzelado vulto entre o sépia e o tabaco velho, muito concentrado no que quer que acabara de escrever. Hans também se levanta.

As coisas precipitaram-se. No dia seguinte vieram dois detectives visitar o padre na cabana. Felizmente que Rapsides estava ausente, afogando no álcool barato de um qualquer canto as mágoas do descalabro. Não vinham contudo atrás dele. Queriam antes saber onde encontrar Mister Rupert Theodore Naylor, australiano, empresário de apostas e lotarias. E Vicente do Sacramento ficou com a certeza de que era uma questão de horas e regressariam, dessa vez para perguntar por si.

De forma que se pôs dali para fora e tratou de apanhar o comboio para Lourenço Marques, deixando para trás tudo o que tinha: o dinheiro ganho com as pernas e os socos de Rapsides, a modesta cabana que tanto o inspirara, e um negócio que parecia tão promissor.

Quanto a Naylor, era (e ainda é) um homem cheio de recursos. Acabou por resolver o imbróglio em que se achava. E, como era do conhecimento de Mister Miller, os dois haviam reatado a parceria com os resultados que estavam à vista naquele escritório, e um pouco por toda a cidade de Lourenço Marques e seus arredores.

Sacramento ainda encontra um último e casual pretexto para aludir às suas hortas, e Hans julga descobrir enfim a origem dos produtos que as mulheres vendem nas traseiras do Mercado Municipal. A papaia que comprou e ofereceu a Albasini.

Evidentemente que, mais tarde, haviam conversado os dois – Naylor e Sacramento – sobre Rapsides. Todavia, o padre pouco conseguira arrancar ao sócio a respeito. Naylor ficara furioso com o rapaz, culpava-o de toda aquela contrariedade. Sabia apenas que o infeliz havia fugido de Joanesburgo para não ser preso, na caravana de um circo ou coisa assim.

Quanto a Sacramento, e apesar do prejuízo que o desfecho lhe causara, julgava Rapsides de uma maneira muito mais benevolente. Ficara até com uma espécie de remorso vago por terem urdido um plano que exigia do rapaz uma responsabilidade que estava, por assim dizer, acima das suas capacidades.

E é tudo o que Sacramento sabe e pode dizer.

Estão à porta do escritório. O padre tem a atenção já posta na perfumada secretária, nuns papéis urgentes que ainda têm de tratar.

Hans agradece e sai.

* * *

Afinal, o encontro com o padre foi só mais um passo em direcção a sítio nenhum. Trouxe-lhe um Rapsides mais humano, detentor de algumas artes e pouco mais. Nas semanas que se seguiram, Hans perdeu o rasto desse homem em quem Glück depositara tantas esperanças. Sabia por onde ele andava, claro, por vezes chegou mesmo a ter a sensação de estar sendo seguido por ele nas esquinas da cidade, mas o facto é que o passado do homem voltou a apagar-se. E todavia, algo não batia certo.

Choveu muito durante o resto do mês, uma chuva intensa que irrompia com um som cavo, um matraquear frenético no zinco do telhado do Hotel Clube que dificultava a convivência entre os hóspedes. Hans alternava dias de tédio, assistindo absorto ao cair da chuva, com passeios pelas ruas da cidade. *Casa ABC, Praça Mouzinho de Albuquerque, Sortimento colossal de artigos para brindes de Ano Novo, Extraordinária variedade de brinquedos para crianças entre os quais mencionamos os seguintes que se impõem à nossa atenção, Bonecos e animais de pano, mobílias, serviços de chá, soldados de chumbo, espingardas, caminhos de ferro, jogos variadíssimos, blocos, mecanos, brinquedos de corda, carros, camas, ferros de passar, caixas de tintas, estojos de ferramentas, Fardamentos, Pistolas, Artigos japoneses, Joalharia, Finíssimo papel para cartas, Cartões para boas festas, Meias Santa Claus, Canetas Ariel (quem quiser possuir uma caneta de tinta permanente de boa qualidade e por pouco dinheiro deve experimentar esta marca – hoje bem acreditada já em toda a Europa, escreve suavemente em toda a qualidade de papel, o aparo é em ouro de 14 quilates, caneta e tinteiro que aguardam quem tenha muita amizade ao dinheiro), canetas com tinteiro Waverley (esta caneta-tinteiro tem no domínio da utilidade uma situação invejável, melhor não se fabrica na Inglaterra, chamam-lhe a «Imperatriz das Canetas», e alguém – uma*

adivinha – já se lembrou de profetizar que o Kaiser só seguiria para Santa Helena quando a sentença do desterro fosse lavrada por uma Waverley!), canetas Gonklin's, self-filling fountain pen (a caneta fonte tem-se tornado uma necessidade da vida moderna tanto como o relógio, ambos os objectos são necessidades, o ponto a atender é conseguir o melhor, o mais moderno, e a Conklin's está neste caso, é uma necessidade para todo o homem de acção), Carro de bebé «Empire», luxo, segurança e economia, tudo aliado a um preço excepcional, E não esqueça que no Vapor «Amatongas» a 7 de Janeiro chega-nos uma remessa formidável de artigos de papelaria de finíssima qualidade, Queiram ter a bondade de visitar a Casa ABC.

Voltou ao Mercado Municipal, procurou a mulher que há uns tempos atrás lhe vendera uma papaia, talvez vinda dos quintais do padre Sacramento e de dona Carlota. Olhou a mulher nos olhos, mas esta limitou-se a devolver-lhe um olhar que ia muito para além daquele homem estrangeiro.

‘Compre-me a papaia, patrão. Para ajudar a criança.’

Falou-lhe como se não o conhecesse. Falou-lhe como falava com todos os compradores.

‘Para ajudar a criança.’

Voltou à Rua Araújo para rever os bares à distância. O Gato Preto parecia totalmente recomposto, pela porta entreaberta viu mesmo um espelho novo que o voltava a ampliar até ao infinito. À porta, um cartaz discreto, em tons de azul, anunciava *La Belle Tamara, Cançonetas em francês, inglês e alemão, Miss Sura Richter, mezzo-soprano*. Cá fora, os mesmos varredores das horas mortas, os escritórios apagando-se lentamente com o finar do dia. *The Smilthield Cold Storage Co., Compra milho em qualquer quantidade (mandar amostras ao nosso escritório indicando a porção que podem fornecer)*.

Espreitou por cima dos muros, em busca de uma música ao mesmo tempo alegre e desconcertante, mas só encontrou baldios e mangueiras de Dezembro, carregadas de frutos amarelos e vermelhos. Wally desaparecera, sem dúvida em busca de outros cenários que voltassem a despertar nela a misteriosa necessidade de pintar. Nestes dias os protagonistas do incidente

do Gato Preto pouco se viam, como se olharem-se nos olhos provocasse neles um certo embaraço.

Por vezes descobria o homem do casaco azul encostado a uma árvore, comprando um jornal ou correndo para apanhar o eléctrico. Comprou também ele jornais, para tentar descobrir como se recompunha a Europa. Prosseguia a actividade de artilharia no sector de Beaumont; o governo italiano anunciava o internamento de todos os cidadãos austro-alemães residentes na Itália; em reunião da comuna central do soviete, Trotski anunciava o rompimento das negociações de paz com os impérios centrais.

Ao lado, mais notícias sombrias. *Enterros de 1 a 16 do corrente: Jusaro, de Lourenço Marques, 6 meses, preto; Sau Kim, de Lourenço Marques, 9 meses, china; Carlota do Amaral, Lourenço Marques, 40 anos, mulata; José Lourenço, Loulé, 24 anos, militar; Josefina de Sousa Pereira, 16 anos, doméstica; Mangala, Lourenço Marques, 5 meses, preta; Sebastião, Lourenço Marques, 26 anos, mulato; no mesmo período foram enterrados no cemitério de Lhanguene*

13 indígenas do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Uma vez cruzou-se na rua com Natalie Korenico, que deixara de ver há tempos, e lhe disse ter-se mudado para o Central Hotel porque o seu orçamento não comportava uma estadia tão prolongada no Hotel Clube. Todavia, respondeu com evasivas a todas as perguntas que Hans lhe fez.

Às vezes viu Albasini, mas este andava demasiado ocupado com problemas políticos de difícil explicação, ou então eram restos ainda do incidente na esquadra da polícia que o mantinham de cenho cerrado e algo distante. Devolveu-lhe o diário, pediu-lhe desculpa de o ter levado por engano. Disse-lhe não o ter lido, mas ficou com a impressão de que ele não acreditou. Pediu-lhe mais material sobre as escolas, prometendo que o leria com interesse. Albasini, distante, respondeu que ainda não tinha escrito mais sobre o assunto. Algo de muito delicado se quebrara entre os dois, talvez irremediavelmente.

Gastou também o tempo que a falta de pistas fazia sobrar frequentando o cinema. Matinés, sessões da noite, todas elas lhe serviam para a pausa de que necessitava, um tempo fora da sua pele. *Gil Vicente (Empresa M. A.*

Rodrigues & Companhia Cinematográfica de Portugal), Hoje reprise do extraordinário acontecimento cinematográfico, «As Duas Órfãs», 1ª Série: «Miséria e Sacrifício» (1 prólogo e três partes), 2ª Série: «Expição e Recompensa» (4 partes), Primorosa interpretação do popular actor e atleta Bufalo e da actriz Olga Benetti, À noite estreia da sensacional película «O Escândalo da Princesa Georgina» (em três jornadas e 8 partes), com a eminente actriz Eva Dorrington, Novela popular e original da célebre e conhecida escritora Olga Dublin.

Por vezes saía de noite, só para andar a pé e arredondar as esquinas aguçadas da sua impaciência. E, ao fazê-lo, descobria uma outra cidade, contígua no tempo, inimiga do sol, brilhando à sua maneira no escuro. Uma cidade mergulhada num silêncio do qual se soltavam indefinidos ecos. Passava por anúncios já escuros, quase ilegíveis, dormindo como também dormiam as actividades que eles anunciavam. Exceptuavam se aqueles cuja sina se desenrola de noite, que refulgiam encarniçados pelo fogo dos fornos. *Artur, Pinho & Cia, Empresa de panificação, Sede na Avenida da República (próximo da Casa Bridler e do Matadouro), As únicas padarias montadas segundo os preceitos modernos – sem contágio da cinza, Pão de primeira qualidade, Distribuição domiciliária dentro e fora da cidade, Loko mi djula amapau lawa ya hombe ya ku nandyika shabani ku ba padera ya ma padaria wolawo mabiri, Dyinwe a ku suhi na Bridler dyi nwanyana a dya le phiyan a Matadouro.* Esses e todos os outros homens da noite, vultos cobertos de serapilheira grossa, recolhendo lixo para que na manhã seguinte a cidade acordasse como se tivesse acabado de nascer.

‘Boa noite, patrão.’

À porta dos restaurantes catavam cascas de batata, couves murchas, carapaças de lagostas, abas de carne enegrecida.

‘Boa noite, patrão.’

E, nas costas da ronda da polícia, ainda outras criaturas da noite aguardavam com paciência que eles acabassem o trabalho para poderem enfim verificar o que sobrara.

Por esses dias, Hans nem os ouvia. Seguia os trilhos brilhantes de humidade dos eléctricos e pensava em Sebastian Glück. Procurava fazê-lo

com método, para que os pormenores não lhe escapassem. Começava por imaginar um cenário concreto – um rio, uma casa de pedra à beira-mar, os dois sentados no terraço dessa casa – e depois procurava o diálogo que haviam tido dentro dele. Um cenário invariavelmente preenchido pela música de Satie e por um Glück que, com voz trémula, lhe dizia que tivesse cuidado com Rapsides. Desistia, irritado, e regressava em passadas largas ao hotel.

Até que hoje, fazendo isso, subindo as escadas que vão dar à varanda do hotel, depara-se com Florence Greeff sentada num cadeirão de palha. Observa-a à distância. Ela lê, ou pelo menos tenta ler um número do *Lourenço Marques Guardian*. Vira as páginas com impaciência. Larga-o. Torna a pegar-lhe, mas não há meio de conseguir concentrar-se na leitura. De vez em quando, levanta os olhos e percorre com eles o espaço em volta: as árvores altas que espreitam do mato que existe nas traseiras – projecto de jardim, chamou-lhe um dia Albasini com a sua proverbial ironia –, a rua e a pequena praça de riquexós, mesmo em frente do hotel.

Entretanto, aproxima-se um criado com o chá que ela há-de ter pedido. *Roiboos*. Bebe litros de *roiboos*, esta mulher.

Ela levanta os olhos para o empregado.

O homem, irrepreensível na sua farda branca e cofió rubi com berloque negro, coloca a bandeja em cima da mesa, muito concentrado. Deve ser novo no serviço. Pega no bule com as mãos trémulas, começa a servir, derrama umas gotas sobre o jornal.

Florence salta para trás, colérica. Insulta-o, chama-lhe desajeitado, promete queixar-se à gerência do hotel.

O pobre homem treme cada vez mais, desfaz-se em desculpas. O suor brilha-lhe nas têmporas escuras, humedece o colarinho rígido da farda.

Hans aproveita para avançar, de lenço na mão. Oferece-o a Florence, enquanto o criado se afasta deixando um rasto de desculpas cabisbaixas.

Ela abre um sorriso. Pergunta-lhe como é possível habitarem o mesmo hotel sem se verem nunca (até já lhe ocorreu perguntar na recepção se ele havia partido).

Hans responde que tem andado por aí olhando as pessoas, passeando, tomando contacto com o lugar. Nada lhe diz sobre o que o atormenta, e tem a certeza de que o inverso também há-de ser verdadeiro.

Jantam juntos ali mesmo, no hotel. Durante o jantar, Hans refere casualmente o encontro com Natalie Korenico.

Florence crispa-se.

‘Cortei relações com essa mulher!’

Hans não insiste.

É domingo. Todas as cidades são tristes e mortas aos domingos. O jantar termina. Pouco mais têm a dizer um ao outro.

Mas eis que Florence se levanta, olhando-o nos olhos, e diz, tratando-o por tu pela primeira vez:

‘Vamos subir ao meu quarto. Tenho uma história para te contar.’

6

Nos dias seguintes, progredimos ao longo do Lugenda ao ritmo de duas ou três dezenas de quilómetros por dia. Aceitável, tendo em conta que o cansaço se apoderava dos carregadores e que transportávamos feridos em padiolas (alguns viriam a morrer pelo caminho). Mais do que a possibilidade de encontrar o inimigo, era este o nosso grande problema. E o facto de o abastecimento efectuado em Ngomano ter sido mais modesto do que à primeira vista nos fora dado pensar. Por tudo isso, mais por algo que não sentia necessidade de nos explicar, Lettow tinha pressa.

Na tarde desse mesmo dia despedimo-nos do destacamento de Wahle. Como referi, ele seguiu para oeste com algumas centenas de homens. Iam confiantes, conheciam o terreno que tinham pela frente. Dias depois chegar-nos-iam as notícias mais positivas: após a ocupação de Puxa-Puxa, que decorreu sem incidentes de maior, internaram-se na floresta e, um a um, foram retomando os postos que Stümer havia ocupado em Abril, agora abandonados ou preenchidos por pequenas forças inimigas. Entre eles, Oizulo, a capital do *jumbe* de toda aquela região, com quem estabeleceram relações cordiais. É importante dizer que em todas estas terras encontrou Wahle os celeiros cheios, pelo que pôde restabelecer-se e prosseguir as suas deambulações sem preocupações de maior.

O referido *jumbe*, a quem chamavam Mataka, era inimigo figadal dos portugueses, em razão das múltiplas e violentas requisições de homens e alimentos que há tempos vinham sofrendo, e também por serem seguidores da religião do profeta Maomé. Wahle teve a sageza de se fazer respeitador desses valores, e de pagar com moeda da colónia todos os homens de que necessitava. Embora não se possa dizer que o Mataka tivesse ficado nosso amigo, é lícito supor que, nas suas contas, tenha encarado a força de Wahle como um mal menor.

Entretanto, nós íamos progredindo para sul em busca de um posto que os nossos informadores asseguravam estar a abarrotar de mantimentos, e muito mal guardado. Uma presa fácil, portanto. Lettow, que era muito desconfiado, nunca acreditava totalmente nessa gente, e por isso resolveu manter conosco Köhl e Müller, conhecedores da região, até chegarmos lá, e só depois pôr em prática a decisão anunciada em Ngomano, de enviar o primeiro com Von Schnee em direcção a leste.

Na tarde do segundo dia, perto do rio onde me sentara a descansar, surpreendi o impedido que me fora destinado, de nome Jonas, falando em português com um dos carregadores. Eu tomara contacto com essa língua em Ngomano, ouvindo falar os prisioneiros, e devo dizer que ela despertara em mim uma certa curiosidade, por soar como o russo, de que tenho umas noções. Falando com ele, soube que Jonas era cristão e crescera junto de uma missão portuguesa, antes de partir para Lindi a fim de trabalhar na cultura do sisal. O rapaz ficou encantado com a minha curiosidade relativamente ao português. Interpretou-a como uma valorização que eu fazia da sua pessoa e decidiu tirar imediato proveito disso, por tudo e por nada se aprestando a explicar-me as coisas do lugar. Em troca, eu oferecia-lhe pontas de charutos já fumados ou restos de garrafas já bebidas. Por causa dele e das suas histórias, a minha curiosidade em relação a essa língua foi crescendo, e ele passou a ensinar-me umas palavras dispersas, depois frases inteiras. Uns meses mais tarde compreendia mesmo alguns diálogos. Era como se pressentisse o que o futuro me reservava.

Chegámos ao posto de Nanguar a 2 de Dezembro, e devo dizer que pouco depois as preocupações que Lettow vinha manifestando vieram a ser motivo das gargalhadas de todo o oficialato. É que, após cuidadoso reconhecimento, levado a cabo pela 11.^a Companhia comandada pelo tenente Kempner, e de uma complexa manobra de envolvimento que incluiu metralhadoras dispostas em meia lua e duas companhias de *askaris* camuflados e prontos para o assalto, os informadores vieram dizer-nos que os soldados do pequeno destacamento que guardava aquele posto se encontravam todos mortos.

Como, mortos? Teriam sido vítimas de alguma epidemia fulminante, por nós desconhecida? Prudentes, enviámos um pelotão a explorar o terreno e, quando recebemos o sinal de avançar, fomos dar com eles a dormir à sombra de uma grande mangueira carregada de frutos, era perto do meio-dia!

Salvo um ou dois tiros, mais disparados pela surpresa que por qualquer tentativa de reacção, tomámos o lugar sem qualquer combate. Desarmámos os ditos e mandámo-los embora, o que eles prontamente cumpriram, internando-se pelo mato em corrida apressada. Isto, claro, depois de mais uma vez se recolher por escrito o pronunciamento solene de que jamais voltariam a combater as forças alemãs.

Tratava-se de um bom sinal, o de que estávamos a conseguir internarmonos sem o inimigo dar por isso. A surpresa, já o disse, era o elemento central da táctica de Lettow. Todavia, aquilo que ansiávamos não veio infelizmente a confirmar-se: Nanguar não passava de um lugarejo sem qualquer importância, e os almejados mantimentos simplesmente não existiam. Quando muito, umas caixas de munições, meia dúzia de espingardas e algum feijão já bichado. Ficou-me, do episódio, a confirmação de uma coisa que os mais experientes há muito tinham como certa: que os pisteiros africanos, tanto quanto podiam trazer informações também podiam levar-nos, como as suas fantasias, aos erros de avaliação mais grosseiros. Embora muitas vezes os puníssemos por isso, é certo que nem sempre o faziam com má intenção, mas antes influenciados pelos exageros que estão sempre a patentear. Vêem um saco de feijão e imediatamente imaginam um celeiro cheio, tal como a partir de dois soldados brancos imaginam a existência de um exército!

Ficámos ali o tempo estritamente necessário ao retempero da força, e para assistir à partida de Köhl, juntamente com Von Schnee, em direcção à costa.

O futuro imediato afigurava-se sombrio. Diria mesmo que, nas duas semanas que se seguiram, a única notícia agradável foi a da consolidação das posições de Wahle que, bem abastecido de homens e víveres, deambulava pela região do *jumbe* Mataka sem dar mostras de pretender sair

para outros horizontes. Além disso, em nenhum lugar encontrava ele o inimigo, por falta de contingentes, ou então por este não ter antecipado que para ali nos dirigiríamos. De forma que, durante semanas, as únicas balas que os de Wahle despenderam foi na caça à impala, ou para descarregar contra uma árvore alguma frustração.

A nossa situação era contudo bem diferente. Reduzidos a umas escassas centenas de homens, rumávamos a sul a um ritmo cada vez mais veloz, em busca de algo que se esfumava na frente. Os carregadores começaram a protestar na sua maneira peculiar, isto é, escapuliam-se aos cachos sempre que chegava a noite, e por isso foi preciso reforçar a guarda. Lettow ficava cada vez mais taciturno, espaçando as reuniões com os oficiais. Assim que o Sol iniciava a descida no horizonte, dava ordem de acampamento e recolhia-se, ficando a sós com os seus pensamentos ou, quando muito, com o seu fiel Gasparini, às voltas com as febres e os quininos. Ao lado (nesse tempo o meu abrigo ainda se localizava a seu lado), eu ouvia-o arquejar praticamente todas as noites. Cada vez mais o *kommandant* se assemelhava a uma planta, desabrochando com o sol da manhã e curvando-se com dificuldade assim que a noite se aproximava.

Por vezes despachava um impedido a convocar Glück, e ficavam os dois lá dentro em prolongada confabulação. Depois, Glück saía e dava ordens como se fosse ele próprio o comandante, ficando nós sem saber quais provinham de Lettow e quais eram da sua própria lavra. Mas, como apurá-lo? Não posso negar que esta situação me provocava surdos ciúmes, pois Lettow foi deixando de me convocar, como se subitamente eu tivesse perdido todo o interesse. Tempos mais tarde, quando tive acesso às páginas do seu diário (em circunstâncias que mais adiante explicarei), verifiquei que ele definia o estado de espírito da força, nesta altura, como de *allgemeine Wurchtigkeit*, ou seja, de completa indiferença.

Numa dessas monótonas paragens (lembro-me que nesse dia havíamos passado por dois ou três postos abandonados sem achar vivalma, nem vestígios que fossem de mantimento), mais uma vez Glück se fechou com o *kommandant* numa daquelas intermináveis sessões. Jantei com alguns oficiais (se é possível chamar jantar àquilo que comemos nesse dia), após o

que me afastei até à orla do acampamento para ficar a sós com os meus pensamentos. Desta vez não ouvi qualquer som. Aliás, sabendo de antemão onde Glück se instalara, caminhara prudentemente em sentido contrário.

Passado um pouco, aproximou-se o major Matthaus, um indivíduo sisudo e algo tímido que eu mal conhecia, e que, ao que parece, andava com Lettow em funções de estado-maior desde a campanha do Sudoeste Africano. Sentou-se num tronco próximo, acendeu um cigarro e deixou-se estar calado. Era evidente que tentava conversar, só que não sabia como começar.

Cansado e impaciente, pedi-lhe lume para acender o meu charuto. Fumámos os dois em silêncio, se é que se pode chamar silêncio à algazarra do mato sempre que se sente livre da presença humana.

Finalmente, o major tomou a iniciativa e perguntou-me o que achava do nosso futuro mais próximo, tendo em conta que não tardaria a começar o tempo da chuva que engrossava os rios, cerrava a floresta e empapava a terra, tornando em consequência a nossa marcha muito mais difícil.

Levado pela minha ainda pouco erodida lealdade, repliquei que se os tempos nos fossem adversos também o seriam para o inimigo: se nos era difícil avançar, também ele teria muita dificuldade em procurar-nos.

Sorrindo tristemente, Matthaus observou que, no contexto em que nos encontrávamos, nem seria necessário o inimigo para alimentar as nossas dificuldades: bastava simplesmente a doença que nos minava todos os dias, e sobretudo a fome.

Procurei argumentar, afirmando que, apesar de todas as dificuldades, as nossas colunas avançadas ainda conseguiam encontrar o que comer. Ainda nesse dia Glück havia regressado de uma das suas sortidas com duas magníficas peças de caça e uns tantos celeiros de um cereal miúdo mas comestível, arrancados nas pequenas aldeias em redor.

O homem nada disse. Continuou a fumar o seu cigarro. Todavia, não pude deixar de notar que a referência a Glück provocara nele algo difícil de definir. Perguntei-lhe, por isso, há quanto tempo conhecia o coronel. Além do mais, sabia que Glück era tema favorito de conversa sempre que os oficiais se juntavam para falar de coisas que não fossem as operações.

Matthaus sorriu. Ficou uns minutos em silêncio, como se preparasse uma resposta, e acabou por dizer-me que o conhecia há relativamente pouco tempo, mas que era como se o conhecesse desde sempre.

Permaneceu calado mais um pouco, enquanto eu tragava irritadamente a fumaça do charuto. Quase interpretei mal aquela pausa, quase lhe perguntei a razão de todos terem tanto medo de Glück. Como disse, eu andava irritadiço.

Subitamente, pôs-se a falar. E foi em catadupa que me contou uma história extraordinária. Em voz baixa, como se o envergonhasse aquilo que dizia, e pedindo-me naturalmente reserva (afinal, como quase todos na coluna, também ele não estava interessado nos rancores do nosso homem).

Contou-me que Glück era filho de pai eslavo e mãe húngara, ou talvez mesmo italiana, e que na juventude, por algum motivo que desconhecia – e que de resto não era importante para o caso – se mudara para São Petersburgo, onde teve uma existência marginal ligada às drogas, ao pequeno roubo e à gestão de relações e influências no submundo daquela cidade.

Foi aí que alguém da Okhrana, a temida polícia czarista, o descobriu. A ferocidade e falta de escrúpulos, típicas de uma juventude transviada, tornavam-no temido nos meios que frequentava, e a sua imaginação retorcida e o seu cinismo revelavam-se altamente eficazes. Foi contratado como informador.

Nos meses que se seguiram, o trabalho do jovem Glück junto das pequenas associações revolucionárias foi de tal modo proveitoso que Lopujin, o director daquela polícia, o indicou a Sergei Iulievich, conde de Witte, na altura ministro-conselheiro do czar Nicolau II. Witte levou-o então para as fileiras de uma presumível Santa Irmandade, organização misteriosa que ele controlava há certo tempo, próxima da Okhrana, e ocupada a combater os revolucionários que ameaçavam o Estado com os mesmos métodos terroristas a que estes próprios se dedicavam, isto é, falsos rumores, sabotagens, bombas e atentados.

Pouco depois, Glück era já um activo membro das Centúrias Negras, uma espécie de oculto braço armado contra-revolucionário. E, como foi sempre

muito influenciável, a partir daí iniciou uma complexa actividade de agente duplo, ou mesmo triplo (torna-se quase impossível alinhar com clareza os factos, nessa altura tão confusa), que o levou, conquanto continuasse ligado à organização terrorista próxima da polícia, a abraçar ideais niilistas e nachaevistas segundo os quais a única atitude consequente consistia na destruição de todos os sistemas sociais e na renúncia ao futuro, fosse ele qual fosse.

Pelo menos uma parte da explicação da evolução errática do jovem Glück estava na influência profunda sobre ele exercida pelo conde de Witte, figura muito complexa, sem dúvida um visionário para a época, construtor do transiberiano e indutor da modernidade russa, mas ao mesmo tempo, apesar do posto que ocupava, solidário com as reivindicações camponesas.

Enfim, foi ao serviço camuflado da polícia, e usando o prestígio que já granjeara junto do Soviete de São Petersburgo, que Glück se terá insinuado a um tal Vikentiev e à sua mulher Natalia Ivanova Sedova, obscuros revolucionários então acabados de chegar secretamente da Finlândia para instigar as revoltas que nesse ano se faziam sentir na cidade e um pouco por toda a Rússia.

Frequentou a casa alugada por estes, participou em longas reuniões conspirativas em volta do samovar, fez-lhes favores e pagou-lhes contas, chegou mesmo a escrever pequenos artigos para o *Nalchalo*, um jornaleco revolucionário, à época bastante popular, onde Wikentief assinava umas diatribes extremistas sob o pseudónimo de Trotski.

O precário e complexo equilíbrio emocional que a actividade dupla de Glück requeria foi rompido quando Witte assinou o acordo que restabelecia a paz entre a Rússia e o Japão, na sequência das humilhantes derrotas da marinha russa e da perda de Port Arthur. Para uns, o jovem espião, revelando as suas tendências conservadoras, tomou tal acordo como uma afronta, enquanto para outros ele já na altura se juntara às massas revoltosas para quem os custos da guerra haviam tornado a vida insuportável.

De qualquer maneira, aqueles que lidavam com ele sentiam-no diferente: bebia muito, aparecia e desaparecia, ruminava pragas incompreensíveis e manifestava uma curiosa obsessão relacionada com a destruição da Ópera

Imperial, segundo ele a origem de todos os males. Em suma, estava muito perturbado, parecia ter perdido por completo a razão.

Em Junho desse mesmo ano é referido como estando em Odessa, acompanhando a revolta dos marinheiros de um dos navios mais importantes que haviam sobrado da hecatombe que se abatera sobre a armada russa, embora haja versões que o dêem ainda, nessa altura, como infiltrado da polícia para descobrir os cabecilhas da revolta, que entretanto havia alastrado do navio para a cidade.

Pouco depois surge novamente em São Petersburgo, associado a um tal Georgi Apollonovich Gapon, que conhecera na polícia, agente duplo como ele, agora padre e líder da revolta popular.

Na sequência de um levantamento ao qual se seguiu um terrível massacre, então já manifestamente ao lado dos revoltosos e aproveitando-se da confiança de que gozava junto dos altos círculos, tentou assassinar Witte ludibriando a guarda cossaca, saltando para o estribo da caleche que transportava o conde para uma recepção diplomática qualquer, e disparando a sua *Mauser* lá para dentro. Não conseguiu mais que feri-lo num braço, tendo sido imediatamente cercado e detido.

Foi condenado à morte, mas conseguiu empreender uma rocambolesca fuga que o levou a atravessar a Roménia e a embarcar em Trieste num veleiro inglês que zarpava rumo à Cidade do Cabo, onde viveu largos anos antes de se dirigir para norte e se alistar nas forças alemãs. Estava-se em plena guerra.

Espantado, perguntei a Matthaus como tivera conhecimento de uma história tão extraordinária, e devo dizer que a sua resposta não foi de todo convincente. Referiu que a ouvira por mero acaso em Viena, da boca de um diplomata, à época adido na corte do czar.

É preciso acrescentar que Matthaus era próximo do general Wahle, o que por si só pode ser muito elucidativo; e que, mais do que uma vez, eu lhe havia surpreendido, se não abertas críticas ao menos surdos resmungos sobre o modo como Lettow dirigia as operações. Ou seja, devia detestar Sebastian Glück ainda mais do que eu. De qualquer maneira, a sua história

tinha o mérito de explicar os conhecimentos que o malfadado coronel tinha da arte da insinuação e da intriga.

Não voltámos a falar no assunto.

* * *

À medida que descíamos as margens do Lugenda, fomos verificando com agrado que a situação começava a mudar. O rio, pejado agora de hipopótamos, revelava-se uma fonte inesgotável de recursos. Fortes como são, esses grandes animais ignoram por completo a ameaça humana, o que neste caso acabou por ser a sua perdição. Disparávamos sobre um, víamo-lo afundar perante a indiferença dos restantes, e passado um tempo reaparecer à superfície das águas, de barriga para o ar. Em seguida, um ousado voluntário metia-se rio adentro, montado numa almadia, e torneava as hordas de crocodilos para ir amarrar à perna do pobre bicho uma corda bem grossa que o puxasse para a margem.

Entravam então em acção os carregadores e *askaris*, que o esquartejavam num ruidoso e colorido clima de festa e de sangue. É impressionante quanta carne um bicho daqueles pode proporcionar, e boa, nada ficando a dever à da comum vaca europeia. Além disso, da sua banha retira-se uma excelente manteiga que fez a alegria dos oficiais. Até Lettow, normalmente tão reservado, se permitiu disparar sobre um bicho daqueles com um sorriso tímido de criança, no meio do entusiasmo da soldadesca.

Quanto a mim, o quadro trouxe-me um certo desconforto. Preferia o distante e cerebral *kommandant* que me habituara a conhecer, concebendo as suas infalíveis tácticas em silêncio, em pleno mato desconhecido. As suas recentes manifestações de humanidade eram, para mim e para outros, um sinal de que os dias mais recentes o vinham amolecendo, e juntavam-se às impressões que o tê-lo visto doente e vulnerável me haviam causado, e aos sinais de certo distanciamento que passara a ter em relação à minha pessoa, para provocarem o referido desconforto.

É curioso que, à medida que este desconforto se instalava, também a imagem que eu fazia de Glück era de certa forma perturbada. Entenda-me

bem: continuava a não gostar dele, continuava a detestá-lo. A ser animal, considerá-lo-ia como o fruto do cruzamento de uma cobra venenosa com uma avestruz: a atitude sibilina da primeira com o enfadado espalhafato da segunda. Por outro lado, os olhos eram nitidamente uns olhos de milhafre, aos quais nada escapava.

Que digo eu? Perco-me. Mais um pouco e convocaria os animais todos do mato para descrever o coronel! O que quero dizer é que, por esta altura, a minha curiosidade em relação ao homem se tornou quase obsessiva. Estranhamente, como disse, na mesma medida em que ia aumentando a distância a que me sentia de Lettow. Daí o interesse com que ouvira a fantasiosa versão do major Matthaus uns dias antes, embora sem acreditar totalmente nela. Mas ao menos essa versão tinha o mérito de atribuir uma origem a alguém que até aí eu vira como gerado espontaneamente num solo ruim onde só medravam pedras e lacraus. Afinal, o homem saíra de algum buraco!

Como disse, vivemos nesta região os momentos mais agradáveis da campanha. Em meados de Dezembro, salvo erro a 17, entrávamos sem grande dificuldade na *boma* portuguesa de Metarica, importante sede da Companhia do Niassa. As estradas junto ao rio, bordejadas de áleas de mangueiras com os troncos pintados a cal branca, formavam verdadeiras avenidas de sombra onde podíamos passear resguardados do sol infernal que faz nessa altura do ano. Os edifícios da administração e residências do pessoal europeu ocupavam a parte mais alta, e estavam também muito bem caiados e com as varandas enceradas. Tudo isto me trouxe, pela primeira vez, a impressão de uma nova África muito organizada, onde o tempo transcorria lento e sem sobressaltos. Até para o pessoal menor havia alojamento, nos velhos armazéns das máquinas e em antigas casamatas. Pela primeira vez desde que chegara, senti pertencer a um verdadeiro exército, dotado de regras e procedimentos. O *kommandant* voltou ao antigo hábito de reunir os oficiais todos os dias para discutir a situação, nomeadamente os relatórios das pequenas forças que batiam as periferias para localizar o inimigo e descobrir as suas intenções. As coisas eram-nos de tal modo favoráveis que até estas forças eram de pequena envergadura,

comandadas apenas por tenentes. Ruekteschell deambulava junto ao rio, para oeste, atento às forças inglesas que pudessem vir dos lados do lago Niassa, enquanto Von Scherbening sondava os caminhos do sul. Do inimigo, quase não havia traço. Foi aqui que celebrámos o Natal, com muito vinho retirado das adegas e toda a sorte de alimentos.

Mas não há nada que seja puro e imutável; tudo arrasta consigo, como uma sombra, o seu contrário. Digo isto porque aquela placidez trouxe um novo clima de malestar que, como semente maldita, aqui se manifestou pela primeira vez, e nos meses seguintes não cessaria de crescer. As verdadeiras razões não são fáceis de determinar. Para mim, foi o facto de termos estado permanentemente ocupados em manobras militares que impediu que essa semente tivesse germinado mais cedo. Tratava-se de sobreviver, alturas em que, como um corpo só, nos unimos todos – oficiais, *askaris*, carregadores e famílias – em torno do *kommandant*.

A perspectiva dissonante dos seguidores que Von Schnee havia deixado para trás pouco representava, uma vez que, além de ser pouco explícita, mais adivinhada e murmurada, se afigurava muito próxima da fraqueza e da traição. Na maioria dos casos, não suscitava mais que contidos escárnio e desprezo por parte de quem a comentava. Mas agora era bem diferente. Saciados de comida e álcool, e com pouco para fazer além de errar por ali, pescando, lendo ou conversando, os oficiais tinham muito tempo para pensar, e faziam-no sozinhos ou em pequenos grupos. Para alguns, esta bonança fazia lembrar a terra natal, o que enfraquecia a sua ligação a este lugar, enfraquecendo por sua vez o espírito de corpo. Outros, mais habituados aos trópicos por viverem há muito tempo no Tanganhica – tanto que nem na saudade convocavam a Uleia – começavam mesmo a aventar a possibilidade de aqui se estabelecerem quando viesse a paz, comerciando com os indígenas, caçando ou fazendo agricultura. Quem pensa assim está já a deixar de ser soldado sem ter sido desmobilizado, se é que me entende. Está já a alimentar, ainda que disso não tenha consciência, a planta da traição.

Nem mesmo os *askaris*, que até aí haviam manifestado uma lealdade a toda a prova, estavam imunes à erosão provocada por este novo clima.

Entre estes, a visão mais comum era a de que mais valia desertar agora, que conheciam ainda o caminho do regresso. Estes e outros *segredos*, que circulavam nos ajuntamentos nocturnos de alguns grupos de *askaris*, chegavam-nos ao conhecimento sobretudo por via de Glück. Astucioso, este encontrava sempre novas formas de lhes ganhar a confiança, ao redor da fogueira. Quantas vezes, recolhendo das minhas passeatas nocturnas, surpreendi, entre a vozeria e as gargalhadas da soldadesca, a voz aguda do coronel, comentando casos ou contando histórias como se fosse um deles! A princípio calculei que esta aproximação se devia ao facto dos *askaris* reconhecerem nele, intuitivamente, o facto de não ser alemão. Isto não quer dizer, no entanto, que eles não gostassem dos patrões que lhes haviam calhado em sorte, quer dizer antes que só com um não-alemão se podiam permitir um certo relaxamento da disciplina, uma humanidade mais solta: muitas vezes é quem mais gostamos que nos tolhe.

Sei o que vai dizer-me: que esta explicação é insuficiente; que, mesmo não sendo alemão, Glück continuava a ser branco, e é esta a divisão fundamental. De acordo. É exactamente por isso que a explicação também não me satisfazia inteiramente, até que um dia me calhou seguir com Glück e os seus dois homens numa pequena batida pelas margens do rio Rupaze, ali perto (muitas vezes, devo dizer que para desagrado meu, o *kommandant* ordenava-me que acompanhasse Glück). Estas batidas eram importantes, não só para nos manter em estado de alerta em relação a uma eventual aproximação de pelotões inimigos mas também para descobrir esconderijos de comida dos indígenas do local. Embora dizendo-se nossos amigos, estes tinham por hábito dissimular as suas reservas em buracos escondidos no chão ou em troncos ocos de árvores, e Mzee Ali era um exímio especialista a farejá-los.

Mas, voltando ao que interessa, dessa vez entrámos numa pequena povoação de não mais que meia dúzia de palhotas miseráveis. Pretendíamos apenas pedir um pouco de água para os nossos cantis vazios, e descansar uns minutos, não mais que isso. Salvo um velho que descascava uma trança de tabaco, a povoação estava vazia. Perguntámos-lhe onde se encontravam os outros e ele respondeu que haviam partido, com medo dos

homens da guerra. Ele ficara para trás por não estar já capaz de grandes caminhadas.

No momento em que nos dizia isto, agitaram-se uns arbustos de mandioca junto de uma palhota não muito distante. Pequena coisa, produzida da mesma maneira que o vento produziria, se houvesse vento. Não havia.

Mzee Ali podia ter perguntado ao velho o que era aquilo, mas é preciso ver que, apesar daquela trégua de semanas, continuávamos em guerra e o inimigo podia surgir a qualquer momento, em qualquer parte. Não perguntou. Antes, com um gesto seco, levantou a espingarda e fez uma descarga naquela direcção, sem que qualquer de nós pudesse fazer o que quer que fosse para o evitar.

Aos tiros seguiu-se um grito, e logo depois um choro de criança. Fomos espreitar e deparámos com uma jovem mulher estendida no chão, com o quadril esfacelado. A seu lado, uma criança, miraculosamente incólume, chorava. Impassível, Glück aproximou-se, recolheu a criança e, com ela nos braços, montou no cavalo e deu ordem de retirada.

Nas nossas costas, o velho permaneceu calado. Sem qualquer expressão para além daquela, enigmática, que as rugas lhe conferiam. Não havia também qualquer som além do gemido baixo da mulher, abafado pelos cascos surdos dos cavalos. Até a criança se calara, intuindo que algo de definitivo acontecera. Aninhada no peito do coronel.

Uma vez regressados a *boma* Metarica, Glück ordenou a Mzee Ali que entregasse a criança a uma das mulheres do acampamento. E, nos dias seguintes, não se esquecia de passar por lá para se certificar de que a criança estava a ser bem tratada.

O que pretendo dizer com este episódio? É exactamente aqui que se coloca o problema. Por um lado, fiquei deveras surpreendido com o cuidado que o coronel devotou à criança, cuidado esse que traía nele uma até aí desconhecida humanidade. Mas por outro, que dizer do facto de ter deixado a mulher agonizando ao lado de um velho que pouco podia fazer por ela, e isso sem o mais leve pestanejar? Que dizer de ter arrancado a criança ao velho, que possivelmente era seu avô, sem sequer olhar para ele? Que dizer

do facto de não ter tido o mais leve gesto de censura para com o dedo rápido de Mzee Ali?

Atrevo-me a adivinhar o que está pensando. Ou seja, por que razão não fiz eu próprio qualquer coisa para corrigir, ou ao menos atenuar, a situação: falando com Glück, socorrendo a mulher ou dando-lhe mesmo um tiro para acabar com o seu atroz sofrimento? Só pode compreender a minha atitude quem viveu as agruras da maldita campanha nas proximidades do coronel; no fundo, quem se submeteu à sua demoníaca influência.

Quanto a Mzee Ali, o episódio não o perturbou minimamente. Continuou como até aí, assobiando sempre uma mesma toada para nos adormecer relativamente a uma atenção que não o abandonava nunca. A lealdade a Glück era nele total, roubava todo o espaço que pudesse ser ocupado por um outro sentimento. Matava com a naturalidade de quem respira.

Em meados de Fevereiro as coisas começaram a mudar. O destacamento do capitão Goering, localizado no rio Luambala, foi atacado várias vezes por pequenas patrulhas avançadas dos 1.º e 2.º batalhões dos *King's African Rifles*. Ao mesmo tempo, o 2.º Cape Corps sulafricano começou a exercer pressão sobre Muembe, dando que fazer ao pobre Wahle. O inimigo já sabia como nos dispúnhamos e fazia a sua jogada. Felizmente que nessa altura chegou Von Scherbening vindo do sul, com a notícia de que o caminho estava livre até *boma* Malema, um importante posto português. Só nos restava seguir em frente.

Lettow deu ordem de levantar acampamento.

7

Hans aproxima-se da janela para olhar a chuva, com o charuto nos lábios. Nas suas costas, enrolada no lençol, Florence parece que dorme. Daqui a pouco, assim que a chuva parar, o sol vai irromper com vigor redobrado, queimando tudo aquilo em que toca. Do chão vão subir os vapores, as plantas vão contorcer-se para deixar rebentar as flores; com um ruído ensurdecedor, os insectos iniciarão os seus tresloucados voos. Mas por enquanto é o som cavo da chuva na madrugada, apenas ele.

‘Vou então dizer-te quem é Natalie.’

Hans continua a olhar a rua ainda morta, para lá da janela, e o riacho furioso que corre sobre ela em direcção à cidade baixa. Nas suas costas, as palavras de Florence começam a fluir.

O nome Natalie Korenico é apenas meia verdade; nele, apenas o apelido, de solteira, se aproxima de uma verdade inteira.

Hans morde a ponta do charuto. O mundo está povoado de meias verdades. Glück e os seus obscuros passados, Albasini e os seus segredos. Rapsides. A verdade inteira, até dentro de si é difícil de achar.

O verdadeiro nome dela é Peggy Korenico Foster, e transporta uma história agitada e dolorosa que começa no pequeno bairro de Fairview, no centro de Joanesburgo, com o ruído de uma motocicleta passando para cima e para baixo, à porta de sua casa. Impossível saber-se a partir de quando Peggy passou a correr para a janela sempre que ouvia esse som, a partir de quando começou a sentir uma angústia sem fim sempre que a motocicleta não passava.

As grandes paixões são assim, quando as descobrimos correm já à desfilada, chegamos sempre tarde à cerimónia do seu nascimento.

O dono desse som, para a jovem uma melodia que lhe pontuava os dias – de manhã quando saía para a escola, ao cair da tarde quando regressava do coro – era um vizinho de nome William Foster. Bill.

Da mesma maneira que é difícil determinar quando desabrocham as paixões, o seu ocaso também nunca acontece, dá-se por ele quando já aconteceu. Com frequência chegam e partem como estados solitários de quem por elas se deixa tomar. Mas por vezes são correspondidas, caso em que podem tornar-se muito perigosas.

Foi isso que aconteceu. Aos poucos já não era apenas Peggy que esperava pelo som, aos poucos passou a ser o som que andava atrás dela: entrando pelas janelas do colégio para perturbar as aulas e provocar os risinhos das colegas, ou interferindo na pureza do coro da igreja onde ela cantava. Aos poucos, os acasos e as coincidências perdiam o pudor, transformados em algo muito diferente. Não tardou que trocassem palavras nuns quaisquer degraus, numa qualquer esquina. Depois, que numa penumbra clandestina se descobrissem mais intimamente um ao outro. E não tardou que as palavras que trocavam compusessem planos: dos dois jovens contra os pais, depois contra a cidade, enfim o mundo. Isso, planos deles os dois contra o mundo. Mas isso seria um pouco mais tarde.

Lá fora, a chuva cai com fragor, indiferente ao nascer do dia. Os anúncios estão ainda cobertos pelo tom rosado da madrugada. *Salão Chic, de Alves & Fonseca Lda, Damas e cavalheiros, Antes de mais nada uma visita a este novo estabelecimento, Assombro, deslumbramento, gosto, requinte, exuberância, fantasia, Tudo isso reunido aqui se encontra, Brevemente colossal sortimento de modas, Modicidade de preços, Superioridade material do artigo à venda, Prontidão e atenção, Execução rápida de qualquer encomenda.*

Impaciente, Hans quer dizer a Florence que encurte o relato, que se atenha ao essencial. Os primeiros vultos apressados cruzam o rio que corre à porta do Hotel Clube. Suspeita que o essencial dela não seja o mesmo que ele persegue. Mas teme que, falando, ela se cale. Mantém-se com os olhos presos na janela.

De Foster, Peggy conhecia apenas meia verdade, a de que o jovem a queria como ela o queria a ele. Nessas idades é quase tudo superfície, não há ainda profundidades. E no entanto, ao rapaz rodeavam-no já as primeiras sombras. Estudava para supervisor nas minas, tirava fotografias que enviava

a revistas e jornais, conduzia a sua motocicleta. Mas, assim que vinha a noite, juntava-se em bando com os seus amigos para incomodar os passageiros dos comboios tardios, torturar velhos indigentes nos baldios contíguos às fábricas, arrancar as bolsas que as velhas negras seguravam junto ao peito, deixando-as inconsoláveis. Por umas míseras moedas para a gasolina da motocicleta, Bill Foster era capaz das acções mais hediondas, ou então fazia o que fazia só pelo prazer de fazer mal. Foi preso algumas vezes, o que só serviu para acentuar nele, não o remorso ou o arrependimento mas o ódio à autoridade.

Peggy não sabia nada disto. Não tinha como sabê-lo, presa que estava ao seu pequeno mundo onde pouco acontecia, ao triângulo cujos vértices eram a casa, a escola e a igreja, com algumas esquinas e degraus pelo meio (clandestinos ofegares). De qualquer forma, seria irrelevante que soubesse: aquilo que a prendia a ele já não tinha remissão. O casamento tornou-se pois um desfecho inevitável. Atravessaram juntos lentos fins de tarde concebendo cenários, discutindo os melhores caminhos, ele parecendo nessas alturas muito mais sensato.

Mas eis que um dia, encostado à motocicleta enquanto Peggy fazia riscos no chão com a ponta do sapato, Foster surpreendeu-a com um pedido de adiamento. Um tempo só. Precisava de tornar-se rico antes de o casamento acontecer para poder dar-lhe tudo aquilo que ela merecia. Peggy podia ter ripostado e talvez as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Mas cada um é como é, e ela era incapaz de contrariar o rapaz. Inconsolável, viu-o partir para a Inglaterra. Estava-se em 1911.

Bill Foster passou mais de um ano nesse país distante, provavelmente enchendo-se de mais sombras que as cartas que enviava todavia não revelavam. Tornou-se assim um homem sombrio, sempre sem lograr o seu propósito.

O navio que o trouxe de regresso acostou à Cidade do Cabo, onde ele resolveu ficar uns dias, em busca ainda, obstinado que era, de uma forma rápida de enriquecer. As oportunidades de tal acontecer diminuían de dia para dia, agora que se aproximava de casa. Mas, como podia ele encarar a noiva se estava na mesma situação em que partira? Como dizer-lhe que

aquele adiamento e aquela viagem haviam sido em vão? Lamentavelmente, Foster via o mundo apenas com os seus olhos, se não fosse assim talvez lhe ocorresse que para Peggy a sua chegada era já uma forma de os dois enriquecerem.

Mas não. Deambulou pelas ruas da cidade observando as montras, interessado no movimento das lojas, nas rotinas dos caixeiros, nas descargas das mercadorias, avaliando acções que ainda não ousava sequer formular, sopesando possibilidades que afastava com palavras curtas, contundentes, ditas de si para si. Foi assim, falando sozinho, que tropeçou em plena rua com um velho amigo dos tempos de Joanesburgo, um tal Fred Adamson. Abraçaram-se efusivamente, trocaram notícias das respectivas vidas. Foster deve ter contado mais do que devia, isso porque o outro de pronto anunciou poder ajudá-lo. Adamson conhecia a Cidade do Cabo como poucos, há mais de um ano que ali vivia das pequenas oportunidades que lhe iam surgindo.

Seguiram juntos para um espectáculo de circo, coisa de rapazes ávidos de diversão. Adamson dizendo-lhe que a resposta para os seus problemas não tardaria, Foster intrigado, sem perceber ainda aonde o amigo queria chegar. Vieram os palhaços tropeçando em obstáculos propositados, atirando-se tortas de creme uns aos outros e fazendo rir a criançada; seguiu-se o trio de trapezistas, que atravessou desfiladeiros imaginários correndo riscos bem reais em cima de uma corda tensa, transportando em ombros uma princesa que iam lançando ao ar, leve como uma pena; coube depois a vez a um atarracado domador de feras, de espesso bigode e chicote de rabo de hipopótamo para manter em respeito uns leões cansados que, se para uns rugiam, para outros apenas bocejavam.

Entre um e outro número, Foster, cada vez mais impaciente, fazia menção de sair. Adamson rogava-lhe que tivesse um pouco mais de paciência.

As jaulas foram retiradas ao som de uma marcha que de tanto a tocar a banda gastara, esfarelado-lhe os compassos e rachando-lhe os agudos, e que só não deu azo a mais protestos porque a multidão seguia já com muito interesse um indómito motociclista que, dentro de um túnel, desafiava as leis da gravidade. O som rouco da motocicleta, o risco que ele se fazia

correr, tiveram o condão de serenar o espírito de Foster. Lembravam-lhe outros tempos, nas ruas de Joanesburgo.

Foi portanto esse som que, levando-o a adiar mais um pouco a partida, determinou o rumo que iria arruinar a sua vida e, por extensão, a vida de Peggy. Ou talvez não, talvez o destino estivesse marcado de antemão, e este fosse um pretexto como podia ter havido outros. De qualquer modo, foi nessa altura, findo o perigoso número, que Adamson segurou o ombro de Foster para lhe assinalar que iria seguir-se enfim a razão de ali estarem.

De facto, foi nessa altura que entrou um indivíduo seco vestido de *cowboy*, com umas botas de pele, camisa de xadrez encarnado, colete de lantejoulas e pistolão à cintura. Um indivíduo que avançou até ao meio do recinto e cumprimentou a audiência, tirando o grande chapéu e descrevendo com ele o arco de uma vénia larga.

No meio de um silêncio expectante, Adamson, visivelmente satisfeito, sobressaía pelo seu aplauso antecipado.

O *cowboy* fez o seu número, disparando para alvos dispostos ao redor. Era notável a precisão do seu tiro. Finalmente, encostou o ajudante (um colosso carrancudo) a uma parede e disparou vários tiros que lhe desenharam a silhueta nela, perante o delírio da multidão.

Findo o espectáculo, Adamson arrastou Foster para as traseiras do circo a fim de cumprimentarem o *cowboy*, um amigo seu de há tempos, de nome Jack Maxim (aparentemente usava muitos nomes, mas este era o mais frequente). Era americano, daqueles aventureiros que viajam pelo mundo. Com ele estava o ajudante, o tal colosso carrancudo, um moçambicano chamado Rapsides.

Rapsides.

Hans ouve este nome e estremece. Lá fora, a chuva que o céu carregava parece estar prestes a esgotar-se. As nuvens estão mais ralas, amarelas, contendo a custo um sol que não tarda vai explodir e inundar tudo de branco. O hotel acorda, ouve-se já o som das primeiras portas, o ranger dos primeiros passos no tabuado dos corredores. Na rua, circulam os automóveis mais madrugadores com as suas ainda esporádicas buzinas. *Guerreiro & Castro, Conta própria e comissões, Produtos coloniais e*

farinhas de trigo das melhores procedências, Champagnes Dry Monopole, Pommary e Chandon; Genebras, Cognac Martell, «Apostole», «Five Star», Hennessy, Benedictine, Pippermint, Amargus, Cervejas Allsops, Amstel e Guinness Stout, Whiskys Perfection, White Horse, Crowford, Vendas por grosso.

Rapsides.

Hans permanece quieto, tolhido pelo som daquele nome. Não ousa sequer mexer-se, com receio de interromper o monólogo de Florence. O charuto, que morde com força, há muito se apagou. A partir de agora, e por mais que a companheira se iluda, a história deixou de ser conduzida por um par de jovens apaixonados, ele querendo enriquecer enquanto ela espera. Chegou Rapsides. Do outro lado da rua, os condutores protegem-se do resto de chuva escondidos debaixo dos seus riquexós. Chegou Rapsides com a sua cicatriz.

Não é claro se a ideia foi de Adamson ou Maxim. Ou, até, se foi Foster quem falou aos restantes numa joalharia de Longmarket Street, a *The American Swiss Watch Company*. É sempre assim, quando se evoca o princípio das ideias: cada um encontra o que procura consoante o desenrolar e o desfecho.

Assaltaram-na, um grupo grande, pois a eles se haviam juntado entretanto o irmão de Foster e um tal Jack Johnson, recém-chegados de Joanesburgo. Sem ser preciso fazer vítimas, levaram uma gorda colheita de jóias, relógios e dinheiro, mais que suficiente para concretizar os planos de Foster e dos restantes. Um golpe aparentemente perfeito.

Mas, o que é a perfeição? A perfeição não depende só de nós, depende também dos outros, de eles estarem ou não dispostos a colaborar no nosso esforço para a atingir. Puseram-se anúncios nos jornais, e os detectives, também eles apegados a fazer bem o seu trabalho, esperaram pacientemente por resultados que não tardariam a chegar. De facto, nos dias que se seguiram multiplicaram-se pequenos sinais que os assaltantes foram deixando para trás, por desleixo ou simplesmente por contrariedade do acaso. Primeiro foi uma suspeita participada à polícia por um tal Harry Bloom, artista de *music-hall* hospedado em Ebenezer House, uma pequena

pensão de Hope Street (Florence vê no nome desta rua uma suprema ironia) onde por esses dias o grupo também se alojara enquanto preparava o assalto. É que eles se diziam artistas e, exceptuando Maxim e os seus gestos espantosos, em nenhum dos outros Bloom havia descoberto modos de qualquer arte. Não há como um artista para reconhecer os seus congéneres. Os detectives reviraram os quartos da pensão e descobriram bigodes falsos, chapéus, invólucros de balas e, *hélas!*, uma caixa de jóias em veludo negro, vazia, com o timbre da joalheria. Estava estabelecido o primeiro elo.

A partir dos bigodes chegaram ao circo e, no circo, ao rasto de Maxim, entretanto desaparecido com o seu carrancudo ajudante. Para o empresário, que os detectives entrevistaram, tratava-se de uma arrelhadora contrariedade que o obrigara a encurtar os espectáculos; para os detectives era mais uma evidência. O segundo elo.

Voltaram a Ebenezer House e acharam ali nova pista, desta feita um condutor de táxi que parava normalmente em frente da pensão e havia transportado passageiros que condiziam com a descrição. Lembrava-se bem deles, e do percurso feito, até por terem discutido acesamente o preço da corrida. Por que razão alguém com uma fortuna nas mãos se preocuparia em discutir os míseros tostões de uma corrida, a não ser para jogar com o destino?

Seguiram o percurso do táxi e foram dar à Estação Central. Ali, foi-lhes fácil deparar com os rastos de outra acesa discussão, desta vez por causa do troco do aluguer de um cofre de bagagem. O carácter impulsivo de Foster levava-o a cometer estas imprudências, a deixar para trás estas suas irritações (para os detectives, preciosos sinais). Num instante tinham o número do cofre e, dentro dele, achavam uma parte do produto do roubo de Longmarket Street. Depois, foi só esperar que alguém viesse buscá-lo, o que aconteceu no princípio dessa mesma noite. Apanharam-no em flagrante, Foster em pessoa, disfarçado atrás de uns bigodes do circo. No bolso tinha um molho de chaves da joalheria e uma pistola que não chegou a empunhar. O resto do produto do assalto nunca chegou a ser encontrado.

Hans não consegue conter-se. Vira-se.

‘E Rapsides? Rapsides também foi preso?’

Florence está de pé, enrolada no lençol.

Foram quase todos presos nos dias que se seguiram: Adamson, Johnson e o irmão de Foster, Jimmy. Mais tarde coube a vez a Maxim, que entretanto se havia escapado para Joanesburgo. Sofreram penas variáveis, num julgamento muito mediático. Foster, considerado o mentor do grupo, foi condenado a vários anos. Peggy, claro, ficou inconsolável. Não só por causa da desgraça mas também pela surpresa.

Todavia, reagiu. O plano que tinham, de lutar contra o mundo inteiro, passou mais do que nunca a estar na ordem do dia. Casaram na prisão de Pretória, com direito a uma noite de lua-demel. Depois desta, a rapariga dispôs-se a esperar o tempo que fosse preciso. Um tempo que acabou por não ser longo, dado que alguns meses mais tarde Foster se escapava, depois de orquestrar uma briga generalizada no pátio da prisão e de conseguir, sabe-se lá por que meios, deitar mão a um fato de sarja verde-escura e a um alicate.

Uma vez cá fora, não tardou a encontrar o velho Maxim – entretanto solto, Florence acha que por ser estrangeiro – ainda antes de ver Peggy. Não tardou também que o amigo o introduzisse a um novo elemento, um tal Carl Mezar, muito calado, exímio no uso da navalha.

Nos meses que se seguiram, toda a região do Transvaal foi assolada por uma vaga de assaltos, roubos e violência: a delegação do National Bank em Boksburg North, os correios de Roodepoort e Vredendoort, uma infinidade de outros estabelecimentos grandes e pequenos. Moviaos menos a necessidade que uma diabólica inércia, um exercício gratuito das artes específicas de cada um: tiros precisos de Maxim, hediondos cortes da navalha de Mezar nas faces das vítimas, aparatosas fugas de motocicleta orquestradas por Bill Foster.

Com Peggy, que este visitava pela calada sempre que podia, acontecia o mesmo. A rapariga já não queria trazer o marido para a vida que pudessem fazer do lado de cá: mergulhava simplesmente atrás dele, deixava-se inebriar pelo risco dos encontros clandestinos, era neles que achava a excitação de viver. Raras vezes referiu os pais, nos relatos que fez desses dias agitados. Queria deixá-los de parte, como uma espécie de elemento

neutro da equação, para ter onde deixar a criança, fruto da aludida noite de lua-demel, e poder voar livre como um pássaro por cima da perigosa fogueira (colhendo um prazer indizível nas reverberações de calor que esta produzia). Em ambos, Peggy e Bill, era portanto definitiva a ruptura com a autoridade. Ambos haviam perdido de vista fins tão longamente concebidos, inebriados que estavam pelo prazer colhido no percurso.

Foi este o momento mais difícil para os detectives, uma vez que a falta de consistência das acções dos malfeitores os impedia de prever os golpes. A violência satisfazia-se em si mesma, não tinha itinerário. Montavam guarda cerrada aos correios e ocorria um tiroteio num banco. Viravam-se para estes e a vítima seguinte era uma pequena loja de tecidos, com meros trocos na caixa registadora. O mais perto que conseguiam chegar era ao som das motocicletas voadoras serpenteando por entre as colunas das arcadas de Hillbrow, esfacelando os canteiros dos jardins municipais, esfumando-se pelas ruelas dos subúrbios; um som que abafava as gargalhadas sarcásticas dos desvairados motociclistas.

Entretanto, cada uma destas acções ia deixando baixas entre lojistas, caixeiros, paquetes ou meros passantes. A partir de certa altura começaram os assaltos a lojas de bebidas alcoólicas um pouco por toda a região. Para os detectives, finalmente um padrão! Embora resultassem talvez de uma ideia de Maxim, que havia sido preso várias vezes por vender álcool à entrada das minas, é também legítimo supor que as orgias que elas alimentavam conferissem ao grupo a coragem necessária para actos que eram cada vez mais ousados. A Big Bottle Store de Doornfontein, a Imperial Bottle Store de Fairview, a loja de bebidas de Von Brandis Street, no centro de Joanesburgo, foram assaltadas em sucessão. E eis que surge ainda um facto novo: em duas delas morreram agentes da autoridade, um com vários tiros desferidos à queima-roupa, o outro retalhado pela lâmina de Mezar. Para a polícia, a perseguição passava pois a ser mais que um mero cumprimento do dever; assumia foros de vingança.

Investigando, os detectives chegaram a uma morada de Regent's Park onde o grupo costumava esconder-se depois dos assaltos. Nas traseiras estavam Foster, Maxim, Mezar, e também Peggy com a filha. Faziam

planos. Maxim pretendia apenas mais álcool para vender aos mineiros. Mezar ouvia calado. Era o mais calado dos três. Foster reparava a motocicleta e falava em juntar dinheiro e partir com Peggy e a filha para Lourenço Marques, influenciado pelas descrições que Rapsides fazia desta cidade.

Rapsides novamente.

Os polícias cercaram a casa e deram-lhes ordem de prisão. Na troca de tiros que se seguiu morreu o chefe dos detectives, um tal Mynott, e Foster foi atingido num braço. Apesar disso, conseguiu meter-se num carro com a mulher e a filha, e partir a toda a brida. Mezar e Maxim fugiram a pé.

A chuva abrandou. Hans vira-se.

‘E Rapsides? Rapsides fugiu com eles?’

Florence não parece ouvi-lo. Está no quarto contíguo. Ouve-se um som da água a correr. Toma banho enquanto fala.

A partir desse momento as coisas ganharam outro ritmo, mais veloz. Como se tudo o que ocorrera antes não passasse de um mero preâmbulo para o drama que estava prestes a acontecer. É certo que nessa altura as minas andavam revoltadas, e conseqüentemente a polícia tinha os nervos em franja, mas foi a morte do detective Mynott que acentuou nela a tal sede de vingança. Numa questão de minutos as principais estradas foram fechadas por barreiras policiais, a mínima suspeita era explorada exaustivamente, os cães farejadores batiam matas, baldios, armazéns e casas abandonadas. De um lado e do outro, todos sabiam que esta história chegava à fase em que tudo se joga e tudo se resolve.

Era uma noite muito escura. Chovia. O som da trovoadá abafava os chiados dos pneus, as ordens, a excitação dos cães. Ao fundo de cada rua que Foster escolhia havia um movimento de lanternas que os obrigava a dar meia volta. Foster praguejava, Peggy ia em silêncio, apertando ao colo a criança. Por vezes ouviam-se tiros, sirenes. Desesperado, Foster travou a fundo numa ruela (Cameo Drive, acha Florence que se chamava), e disse a Peggy que saísse e apanhasse um autocarro para Germiston, onde moravam os pais.

Embora quisesse ficar com ele até ao fim, Peggy obedeceu. Conhecia o temperamento irascível do marido, não era altura de o contrariar. Além disso, havia a criança. Desceu e embrenhou-se na noite, por demais assustada para sequer se despedir.

Foster arrancou ruidosamente para dar continuidade ao invertido jogo de cabra-cega. Umas ruas adiante, acabou ele próprio por abandonar o carro e prosseguir a pé. O risco era demasiado. Andou durante um bocado, colado às árvores e saltando cercas para evitar as patrulhas policiais. Conhecia aquela zona como ninguém, nem tudo estava perdido. Sabia para onde ia, sabia que os companheiros lá iriam ter. Pouco depois atravessava encolhido um largo descampado das colinas de Kensington, e chegava à entrada de uma gruta onde costumava brincar quando era criança.

Isso, uma gruta. A entrada era modesta, inexistente mesmo para quem não a conhecesse, mas uma vez transposta abriam-se lá dentro verdadeiras naves de catedral, imensas como a vontade de encontrar ouro de quem a escavara. Ali, até os pequenos sons de cada gota de humidade que escorria, de cada passada que o foragido dava, ganhavam uma amplitude desmedida. Era como se ele estivesse sozinho no mundo, criança outra vez.

Caminhou durante um bocado, para cá e para lá, até se sentir serenar. Pouco depois chegavam os companheiros, cada um de um percurso diferente. Imediatamente se puseram a urdir planos outra vez. Era neles um vício. Impossível a polícia manter por muito tempo aquele aparato, achou Maxim. Assim que amanhecesse, os malditos recolheriam às esquadras e aos quartéis, convencidos de que os fugitivos já estariam longe, achou Foster. Chegaram mesmo a soltar algumas gargalhadas confiantes, que a gruta ampliava a ponto de pôr os morcegos a voar sem tino.

Desgraçadamente, porém, não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, não tardou a que começasse a ouvir-se o ladrar dos cães farejadores no descampado, crescendo como um aviso inquietante. Que cães eram aqueles? Porque ladravam assim?

Maxim, que tinha ido à entrada espreitar, regressou com a notícia de que a colina estava cheia de lanternas, toda ela iluminada. Sabiam o que aquilo

queria dizer. Tomaram posição, colocaram balas nas câmaras, afiaram as navalhas e esperaram.

Cá fora, conhecendo os bandoleiros como conheciam, os detectives tinham relutância em invadir aquele buraco escuro. Mas, que diferença isso fazia se eles tinham todo o tempo do mundo, enquanto para os de dentro esse tempo se escoava velozmente? Limpou-se o mato em volta da entrada, ficando a boca negra da gruta a descoberto; tentou-se o uso de gás mas o vento soprava ao contrário, parecendo querer adiar o desfecho. Continuaram portanto a esperar, com grande aparato de polícias, holofotes, apitos e cães. E população curiosa que entretanto se juntara.

Lá dentro, os três depressa se aperceberam de que desta vez seria diferente. Aos poucos, os planos foram arredados pelo peso esmagador da ideia da força. Foi esta ideia da força que os levou a decidir acabar logo ali com tudo (radicais até ao fim). Carl Mezar foi o primeiro, e como lhe faltasse coragem, tanto quanto em vida lhe haviam faltado as palavras, pediu a Maxim que cometesse o acto. Este, fazendo jus à sua arte de exímio atirador, não falhou.

Seguia-se Foster, mas este pediu um tempo ainda para as despedidas. Chegou-se à entrada, já espreitava o dia, e proclamou que necessitava de despedir-se de Peggy antes de se entregar. Explicou-lhes onde ela estava, em Germiston, eles que fossem buscá-la.

Que tinha a polícia a perder com um tal gesto de humanidade? Nada. A gruta só tinha uma entrada, com boas vontades mútuas talvez se evitassem mais perdas, mais derramamento de sangue. Mandou-se buscar a rapariga, que veio com a criança. Deixaram-nas entrar.

Uma vez lá dentro, voltaram os dois a falar nos planos, na fuga para Lourenço Marques, tão perto e sempre adiada. Mas a privada batalha dos dois estava irremediavelmente perdida. Soluçando, revoltada com o mundo, Peggy anunciou que ficaria com Bill até ao fim.

Não é claro se Foster argumentou. Simplesmente, depositaram a criança na boca da gruta e voltaram a entrar. Passado um pouco ouviam-se duas detonações, seguidas de uma pausa, e enfim uma terceira. A pausa correspondia, na exacta medida, ao tempo que Maxim levou a descobrir a

diferença que havia entre exercer a sua precisa arte sobre os outros e exercê-la sobre si próprio. Mas ele era corajoso, não necessitou de mais do que essa curta hesitação.

‘Tudo se acabou ali, exactamente a 16 de Setembro, há pouco mais de quatro anos.’

Florence está outra vez no quarto, vestida. Quase pronta para descer para o pequeno-almoço. Hans vira-se. Nota o facto com um ligeiro embaraço. Estende a mão para a sua própria camisa, sobre a cama.

‘E Rapsides?’

Florence impacienta-se ligeiramente com a pergunta.

‘Que interessa Rapsides? Rapsides é de todo irrelevante nesta história, para além de ter criado no casal, de resto involuntariamente, o sonho de viajar para Lourenço Marques.’

‘Rapsides chegou a ser preso outra vez?’

‘Acho que Rapsides nunca chegou a entrar naquela gruta, no dia fatídico. Foster deve tê-lo mandado fazer um serviço qualquer longe dali, antes de tudo isto acontecer.’

Sentada em frente do espelho do toucador, Florence segura nas mãos o vaporizador do perfume.

O mais incrível, nesta história, foi o que se seguiu. A polícia esperou um pouco antes de entrar na gruta, o tempo de entender o que acabava de passar-se, enquanto os pais de Peggy se precipitavam para a criança. Junto desta estava o corpo de Mezar, o primeiro a morrer. Lá dentro, o cenário era desolador. Os três corpos jaziam em harmonia com as detonações ouvidas momentos antes: Peggy e Foster juntos, Maxim ligeiramente afastado. Foi assim que o inspector Edward Leach, responsável pelo distrito ocidental de Joanesburgo, os encontrou. Foster tinha um grande buraco no peito e os olhos muito abertos, um olhar perplexo (no fundo, era quase uma criança). Quanto a Peggy, tombada de borco, a sua face era uma massa de sangue.

Perturbado com a visão, influenciado talvez pelo choro baixo da criança, Leach acedeu ao pedido dos pais da rapariga, que pretendiam levar o corpo da filha para o preparar condignamente. Dispôs-se ele próprio a transportá-

los no seu carro. A decisão não era muito regular, é certo, mas o destino é poderoso e quis assim.

Partiram para Germiston, deixando para trás o resto da força ocupada a limpar os traços da tragédia e a manter ao largo os curiosos. A meio da viagem, porém, começou a ouvir-se dentro do carro um gemido rouco, uma espécie de farfalho. Em seguida, o corpo de Peggy começou a mover-se. Estava viva!

Lá fora é já dia, conquanto um dia molhado. Sobem-se as venezianas nas lojas, embora cadeiras e mesas continuem empilhadas no canto das esplanadas. O olhar de Hans varre sem ver, percorre os anúncios sem os ler. *Voal bordado, Cambraias linhos e piquets bordados a branco e a cores, tintos de sangue que não é sangue, é afinal um make up aplicado pelo destino.* A cada minuto que passa são mais os caminhos que se abrem. Sente descer finalmente o cansaço de uma noite sem dormir.

Henry ouviu bem: Peggy estava viva. Novamente o poderoso destino. Estivessem eles mais longe de casa e sem dúvida Leach teria mudado de rota, demandando o hospital mais próximo onde as coisas teriam seguido outro rumo. Mas não estavam, estavam à porta, e portanto trataram de transportar a rapariga para dentro. Ali, foram-lhe passando um pano húmido pela cara, e era como se lhe removessem o *make-up*. A bala de Maxim apenas tocara a fronte de raspão, e fora a terra, misturada com o sangue quando ela caiu desmaiada, que criara aquele aspecto horripilante.

Que levou a que as coisas tivessem acontecido desta maneira? Claro que se pode convocar aqui Maxim, aventar que esse artista do tiro haveria algum dia de falhar (não precisa a regra de uma excepção para se ver confirmada?); ou que, afinal, e embora muito tarde, ele acabara por dar sinais de alguma humanidade, traduzida na relutância em abater alguém a sangue-frio naquelas condições. Ou ainda, se quisermos, esquecer simplesmente Maxim e atribuir as causas ao dito destino, até porque a sombra deste continuou a pairar sobre os acontecimentos que se seguiriam.

Leach, claro, estava tão surpreendido quanto os pais da rapariga. Não era para menos, pois que assim que acabaram de limpar-lhe a face, Peggy tinha pouco mais que um arranhão.

A partir daqui as coisas tornaram-se cada vez mais estranhas. Os pais de Peggy imploraram ao inspector que perdoasse a rapariga. Afinal, que culpa tinha ela a não ser de ter corrido atrás de um grande amor? Além disso, havia a criança para criar. Mas não foi só isso que convenceu Leach. Fervoroso crente que era, terá visto naquele desfecho uma evidente intervenção divina. Seja como for, o que é certo é que acedeu ao pedido deles, deixando as coisas como estavam. Atitude tanto mais surpreendente quanto se sabia ser ele um polícia de impoluta reputação.

Quanto a Peggy, para ela acabou por ser como que um renascimento. Passado um período de profunda prostração, mudou de nome, tomou o de uma prima morta de tifo ainda criança, e regressou ao seu apelido de solteira. Podia tentar novo futuro sem arrastar atrás de si o pesado fardo que Florence tem vindo a relatar. Renascimento até porque, dias depois, o inspector Edward Leach, a única pessoa que verdadeiramente a podia comprometer, porventura assolado por graves problemas de consciência, se suicidou.

Muito se escreveu nos jornais acerca deste suicídio: que tinha motivações políticas, que havia laços ligando o inspector a Foster, muito longe ainda de estarem esclarecidos. Mas para Florence ele aconteceu simplesmente para que as coisas pudessem seguir o seu caminho.

A chuva parou finalmente. Pela rede mosquiteira entra um cheiro intenso a terra molhada. De dentro do hotel chega um cheiro a café.

Pensando melhor, talvez não tenha sido tanto assim, talvez o renascimento não tenha sido tão radical se se tiver em conta o estado de melancolia permanente vivido hoje por Peggy, o seu desinteresse em relação às coisas que a possam afectar. Talvez esse passado seja afinal muito mais difícil de remover que o sangue que ela tinha na face, naquele dia.

Florence está pronta. Pega na sua bolsa e abre a porta, fazendo um gesto para que Hans passe na frente. Afinal, está no seu quarto.

‘Vamos, tenho uma fome de loba.’

Hans sente ainda restos de curiosidade, pontas soltas que a história de Florence não atou. Não em relação a Rapsides, claro, pois nesse aspecto a

rapariga deu indicações de não querer ou não saber como ajudá-lo. Mas pontas soltas em relação a muitas outras coisas. Por exemplo, porque se zangaram as duas? Qual a razão de Florence lhe ter contado esta história? Mas não é isso que pergunta.

‘E Natalie, ou melhor, Peggy: que veio ela fazer afinal a Lourenço Marques?’

‘Esqueces-te do sonho que ela e Foster juntos construíram, a partir da descrição que Rapsides lhes fez desta cidade?’

* * *

Correram os dias, monótonos e compridos. Em alguns voltou a cair aquela chuva intensa e repentina, mas na sua maioria nasceram banhados de sol. Hans ruminou a história de Natalie. Ou, melhor, a história de Florence sobre o passado de Natalie. Peggy. Não chegou contudo a conclusões sobre como a utilizar para seguir em frente. Leu jornais e bebeu cerveja nas esplanadas (*Cervejaria Gambrinus, dos antigos D & S Sorgentini, Hoje propriedade de Peter Psaltis, A mais antiga e acreditada cervejaria de Lourenço Marques, Cerveja de barril e de garrafa das mais afamadas marcas, cerveja «Farst» americana e «Copenhagen» dinamarquesa, bebidas de todas as qualidades sempre bem geladas, primorosos petiscos especialidade da casa, Chá e café a toda a hora, Preços convidativos, Salão de Bilhar!, Acaba de chegar a esta casa um novo e esplêndido bilhar inglês que se recomenda aos amadores desse belo sport*), viu montras (*H. Ferreira & Cia, Livraria, Papelaria e Tipografia Moderna, Rua Consiglieri Pedroso 75, Esta casa recebe semanalmente as últimas novidades literárias, Artigos escolares, de escritório, de desenho, etc., Trabalhos tipográficos do mais luxuoso ao mais simples, Encadernações de todos os géneros, Preços moderados*), descobriu ruas novas, travessas e avenidas, umas rosadas da luz coada pelas acácias em flor (túneis sombrios), outras meros lamaçais.

Não voltou a ver Albasini, indeciso entre procurá-lo e esperar que ele tomasse a iniciativa. Mais que sobranceria, era o respeito pelo embaraço do

outro que o tolhia.

Até que hoje, esplendoroso domingo de sol espreguiçando-se através das cortinas de tule, deu com um envelope pousado no chão, metido pela frincha da porta pelo camareiro de serviço. Levantou-se, pegou nele, abriu-o e leu, com alegre surpresa, a nota de Albasini: *Passo a buscá-lo à uma hora para almoçarmos com a minha família. J. A.* Assim mesmo, seco, sem lhe perguntar sequer se estava disponível.

Havia naquela frase restos da zanga que afastara os dois. Mas, ao mesmo tempo, era uma frase que propunha um armistício. Albasini é um bom homem, só com dificuldade mantém a máscara da severidade.

Estendeu a mão para o relógio, puxou-o para ver as horas, e as calças a que estava preso pela corrente dourada vieram atrás. Meio-dia! Tomou um banho rápido, vestiu-se e desceu os degraus assobiando, a ter com o jornalista que já o esperava no *hall* do hotel.

Seguem para o almoço num carro verde-escuro conduzido por Estácio Dias, sujeito reservado, bigode fino, amigo de Albasini. Descem a Avenida Aguiar, *Hazis & Aliféri, Especialistas em todo o género de confeitaria, Encarregam-se de toda e qualquer encomenda, doces para festas, baptizados e casamentos, Bolos, chá, sorvetes, pão-de-ló, etc.* Entram na Avenida da República, onde os transeuntes desfilam em frente aos anúncios, uns apressados, outros parecendo reflectir e hesitar enquanto caminham. *Casa Coimbra, grande sortimento de fazendas de lã e veludos de todas as cores, próprias para inverno, Tudo moderno.* Dobram à direita para subir a Manuel de Arriaga, *Barbearia de Lima & Passos, Barbeiros e perfumarias,* atravessam a Avenida 24 de Julho, *Fábrica portuguesa de tabacos de Eduardo David e Silva, Tabaco tipo holandês e cigarros de todas as qualidades,* viram à esquerda na Pinheiro Chagas, prosseguem de herói em herói pela cidade branca, *Costa & Romão (antiga casa de João d'Oliveira), Merceria, bebidas geladas, especialidade em carnes, Petiscos a todas as horas, Jogos desportivos, Casa aberta aos domingos, Vinhos... dos dois lados, Conforto, comodidade, barateza e muito asseio,* até que as avenidas dão lugar a ruas tortas, e estas a caminhos, e tudo começa a mudar.

Por vezes surgem pequenas concentrações de lixo e de miséria, como se os viajantes observassem agora, nestes subúrbios, a sombra da cidade branca, a cidade que a outra cidade esconde nas suas costas. As casas tornam-se raras, aumenta o espaço verde entre elas, mas surgem ainda Reis, Fernandes e Baptista, Importação e exportação, Mercearia e Ferragens, Fornecedores do Montepio Oficial, Fábrica de tijolos e telhas francesas, e em seguida, Companhia de Óleos e Sabões «A Moçambique», Fábrica de sabões e óleos de todos os tipos e qualidades, Compra-se amendoim, copra, rícino e quaisquer sementes oleaginosas, e depois árvores de grande porte, capins e arbustos luxuriantes, sombras escuras interrompendo bruscamente a luz, tudo desgrenhado, tudo crescendo à solta. Um último anúncio apontando para diante, referente à Casa de João Ramos, Encontram os turistas e quantos após as horas fadigas do trabalho queiram distrair-se e fazer um bom passeio um retiro agradável com belas sombras, e as formas geométricas acabam por ceder o lugar às manchas, a alvenaria à palha, os anúncios a ingénuos cartazes escritos à mão em língua estranha: *Ni xavissa makhala, Vende-se carvão.*

Embora raro, acontece cruzarem-se a espaços com outro carro. Os dois monstros de metal trocam então buzinas de reconhecimento mútuo, e o acanhado espaço no interior de cada um enche-se de poeira.

Hans sacode as mangas do seu casaco de linho creme, abana o chapéu da mesma cor e lamenta ter-se engalanado como se o esperasse um almoço de sociedade (os seus dois companheiros de viagem estão em mangas de camisa). Que irão pensar de si?

Dias conduz concentrado, àquela velocidade podem ser muitas as surpresas. Albasini tem o olhar perdido para lá da janela, na paisagem onde desfilam velozmente as árvores e o mato, palhotas, grupos de gente, transportando fardos à cabeça e acenando. E, sempre, *Ni xavissa makhala, Vende-se carvão.* Tudo imerso em rolos de poeira. Respondem aos acenos com sonoras buzinas. Subitamente, um soluço do motor e as árvores e palhotas desfilam mais devagar; novo soluço, acompanhado de uma tossidela cava, e as árvores e palhotas abrandam e param.

Dias pragueja. Sai do carro e olha em volta. Levanta o capô e põe-se a inspeccionar o motor. O dia brilha intensamente, agora que a poeira assentou. O ar está mais sereno, sem o vento que o carro fazia em andamento, apenas manchado ao de leve pelos cheiros do óleo e da gasolina. Os pássaros chilreiam.

Dentro do carro, silêncio. Como se nenhum deles – Hans Mahrenholz e João Albasini – estivesse ainda preparado para enfrentar o outro sem terceiras presenças. Mas Dias saiu para inspeccionar o motor, não há como evitar a situação. Hans acaba por ser o primeiro a falar.

‘Não seria melhor irmos ajudar?’

‘Não se preocupe, o meu amigo sabe o que fazer.’

Em volta, começa a juntar-se uma verdadeira multidão. Os dois tornam a ficar calados. Entretanto, Dias resmunga e vai mexendo no motor. Agora é Albasini que fala. Começa timidamente.

‘Espero que goste do almoço.’

Explica-lhe que o local para onde se dirigem é um terreno herdado há anos da sua avó africana, virado para o rio. A vista é lindíssima. Ainda não teve tempo nem meios de lhe dedicar mais atenção, por exemplo, construindo ali uma casa confortável onde a família e convidados pudessem pernoitar. Cedo ou tarde acabará por fazê-lo, uma vez que é ali que pretende passar os dias quando se retirar da vida activa. Enquanto tal não acontece, aproveita todos os pretextos para ali ir. Explica tudo isto em fragmentos, frases curtas, alternadas com outros tantos intervalos de silêncio.

‘Ah, e trouxe-lhe um novo editorial. Calculei que lhe interessasse...’

O ambiente distende-se um pouco, até porque Estácio Dias espreita pela janela.

‘Pronto, tudo resolvido! Era um fio que a trepidação soltou. Maldita estrada!’

Depois, salta para o volante, grita qualquer coisa lá para fora e a multidão põe-se a empurrar o carro. O motor tosse, soluça, mas acaba por recomeçar a girar. E lá seguem estrada fora, acenando pela janela um agradecimento ao povo que ficou para trás, diluído na poeira.

As árvores e o capim recomeçam o movimento, Dias e Albasini seguem em silêncio ou trocam palavras numa língua estranha. Atrás, Hans dá uma espreitadela ao editorial que tem nas mãos, com o título *Na Terra dos Abusos*.

Ora a lei – se é que neste país ainda se respeitam as leis – diz tão-somente que toda a gente é obrigada a trabalhar ficando a cada um a liberdade de escolher a natureza do trabalho. Assim, pois, nunca pode jogar certo o «agarra» e o «amarra» esse bicho para o trabalho forçado... As autoridades sertanejas sentem isso mesmo, têm do caso a intuição exacta, e por isso é que (honra lhes seja feita), nunca tomam a directa responsabilidade...

Vem-lhe à memória o dia em que aqui chegou, um outro editorial que lhe foi dado a ler, onde, como neste, percebeu uma grande agressividade, um tom de denúncia, embora sem lhe entender com nitidez os contornos. Está condenado a perceber e não perceber o jornalista, aonde ele quer chegar.

Encarregam dessa árdua e ingrata missão os Régulos. E que são os Régulos? Quem são os Régulos hoje? Autoridades de Comédia. De Comédia ou de pura Farsa porque são uns risíveis ratões de quem o Governo se serve, a quem o Governo atormenta com obrigações... São portanto os Régulos os encarregados do «apanha» de trabalhadores «voluntários» para a indústria, para a agricultura e para tudo quanto apetece...

Lá fora, na berma da estrada, grupos de trabalhadores, na sua maioria quase nus ou toscamente vestidos com sacas de serapilheira, de picareta na mão, escavam o chão. Um pouco afastados, dois sipaios da Administração velam. Hans volta à leitura, força-a mesmo. Gostaria de ter uma opinião que lhe servisse de pretexto para se reaproximar do jornalista. Sabe quanto isso o alegraria.

O Administrador duma circunscrição, que devia ser um director, um factor do desenvolvimento da sua região, um protector, um amigo da sua gente, toma assim, aos olhos do preto, a forma repulsiva de uma mamba, de um bicho venenoso de quem todos fogem. Divertida colonização esta, e nada mais patusco, nem mais indecoroso!

Alguns trabalhadores levantam os olhos para o carro quando este passa. Endireitam as costas e afastam o suor com a mão. Mas não se atrevem a responder ao aceno de Albasini (conhecem os sipaios, sabem do que eles são capazes).

Numa curva, um grande *Mercedes* escuro quase os atropela. Albasini e Dias comentam qualquer coisa um com o outro, na tal língua para Hans desconhecida. Albasini dá-se conta da rudeza da atitude e pede desculpas. Explica que o passageiro daquele carro era Eduardo de Almeida Saldanha, homem muito rico, ocupado com a construção de um império do açúcar no Umbelúzi, um pouco adiante (deve vir de lá). Diz que estaria de acordo com o esforço de Saldanha para afastar os concorrentes britânicos não se desse o caso de este ser um facínora. A sua propriedade é chamada pelo povo de *matadouro*, tal a violência com que ali tratam os trabalhadores. Há anos que Albasini zurze Saldanha nos seus editoriais.

‘Eis aqui um bom tema para si, assim que der conta dos trabalhadores das minas. Leia esse editorial que lhe passei e diga-me o que acha.’

E Hans fica sem saber quanto no que ele diz é ironia. Talvez se pergunte se Henry Miller é mesmo um jornalista.

Uns quilómetros adiante voltam os dois à língua estranha, como se Hans não estivesse ali. É mais forte do que eles. Uma língua inóspita onde afloram contudo, a espaços, algumas palavras portuguesas. Hans nota-as salpicando as frases. *Greves. Polícia. Raça*. A partir delas põe-se a adivinhar do que falam eles, uma forma como outra qualquer de passar o tempo. Albasini deve estar a referir-se ao editorial, sem dúvida que o comenta com o companheiro. *Cerveja. Jornal. Camião*. Cerveja deve ser para o almoço, uma vez que quase nada levam dentro do carro. Sorri intimamente, e desiste de tentar compreendê-los. Mete conversa, e os outros lá voltam a falar em português. Dominam bem esta língua, claro, falam-na muito melhor do que Hans. Albasini é até um escritor de pergaminhos. E todavia, há assuntos que não cabem nela, assuntos que só na outra podem ser tratados. Mais do que escondê-los de Hans, é isto que os move. Acontecerá assim várias vezes ao longo da viagem, como se os dois homens

tivessem dois mundos e só à custa de algum esforço voltassem àquele que partilham com o estrangeiro. Regressa à leitura.

Fora de todos os princípios de Justiça e do direito de cada um não é possível a vida. Retrocedamos: olhemos para trás e vejamos que risível, que nula acção deixamos atrás de nós com quatrocentos e tantos anos de domínio directo e absoluto... Não tomemos medo ao encargo, não nos envaideçamos com as nossas próprias bazófras. Estamos num outro século – e é preciso não esquecer isto nunca – é preciso ter-se hoje por aí o amor e a confiança dos nativos de uma colónia para se arrogar o direito da ocupação e permanência daqui para o futuro. Com a Constituição da República na frente e a mão na consciência faça-se uma reforma... que será muito mais fácil pois consistirá apenas em pôr as coisas nos seus lugares, banindo da República o Ódio que é filho do Erro.

O vento que entra pela janela agita os papéis, quase os faz voar. Os solavancos deixam-no ligeiramente enjoado. Abandonam a estrada para entrar por um caminho ainda mais acidentado, felizmente curto, findo o qual lhes surge uma magnífica planície descaindo para o rio.

O capim é curto mas denso, um uniforme tapete verde pespontado de florzinhas amarelas. Ao fundo há um pequeno bosque de mafurreiras, mangueiras e abacateiros, que produz espessa sombra. Segue-se o rio. Debaixo dessa sombra está uma pequena multidão. Cantam arrastadamente para entreter a espera, batem as palmas para dar as boas-vindas aos recém chegados.

‘Nwadinguele! Nwadinguele!’

Albasini veste o casaco (afinal sempre trouxe um casaco), sai do carro com uma certa pompa, acena, e começa a travessia lenta em direcção ao arvoredo, uma travessia que tem os dois propósitos de se deixar ver por todos e de se aproximar de uma esteira onde estão sentadas duas mulheres muito velhas, as suas duas mães: a mãe natural, Kocuana Mpfumo (que também responde pelo nome europeu de Joaquina Correia de Oliveira), neta do chefe do clã Maxaquene; e Águeda Manuel da Silva (a quem chamam *Nsatimune*), a mãe adoptiva que o criou, mulher natural do goês Aniceto Manuel da Silva, o padrinho que deu a Albasini o seu primeiro emprego nos

Correios. Cada uma delas desempenhou o seu papel para que ele viesse a ser quem é. Tudo isto Estácio Dias vai explicando a Hans, enquanto acontece.

Ambas as mulheres estão prontas para deixar este mundo, e no entanto tudo gira ainda em volta delas. João Albasini baixa-se para as cumprimentar, e também elas batem palmas para agradecer o cumprimento.

‘Nwadinguele! Nwadinguele!’

Depois, João Albasini senta-se numa cadeira, que ali foi posta para esse fim, e aguarda a fila de pessoas formada para o cumprimentar.

‘Nwadinguele! Nwadinguele!’

Primeiro os filhos que teve com a sua mulher, Carlos Eduardo e Beatriz, esta última acompanhada do marido, José Maria Pessolo, e do filho de ambos, Artur. João Albasini tem especial prazer em ver o neto. Pega nele, acarinha-o, parece esquecer-se de todos os outros, que aguardam pacientes. Depois, com o pequeno Artur ao colo, começa finalmente a receber os restantes cumprimentos: dos seus irmãos José Francisco (o *Bandana*), Maria Isabel e António Paulino (o *Ntonho*), das filhas do seu falecido compadre Torre do Vale, que ele perfilhou, e finalmente do jovem Pinto Pássaro, filho de uma prima e que também ele adoptou, por ela não ter meios de o criar. Só então se seguirão amigos e convidados.

‘Nwadinguele! Nwadinguele!’

Encostado à porta do carro, Hans sente-se tomado de uma certa perplexidade. Quem diria? Um homem que até aí era apenas um jornalista, um homem urbano, um homem quase europeu, e ei-lo de repente com uma pele de leão pelos ombros, sentado numa cadeira que simboliza um trono, saudado como um rei, aclamado por um nome cujo significado Hans desconhece. Que significará aquele nome?

Estácio Dias, ao lado, abre um sorriso matreiro, como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos.

‘Nwadinguele quer dizer a primeira luz da manhã, luz da alvorada, luz do renascimento. Nwadinguele quer dizer esperança. É esse o nome africano de João Albasini.’

No ar corre já solto o chiado da carne que se contorce no fogo, espalha-se o seu cheiro; na vozearia alegre e alta há já traço das bebidas. Dilui-se aos poucos o rigor da cerimónia encenada para dar lugar enfim à festa, uma festa espontânea que, com o avançar da tarde, se vai tornar cada vez mais desregrada. Uma festa cheia de alegria e de surpresas.

Perto de um rio como este, embora mais largo e majestoso, também os soldados celebravam. Todavia, que diferença entre uma e outra festa! Na outra, embora mais próxima de chegar aos campos vermelhos da loucura, havia o peso de um maior rigor e disciplina. Os oficiais alemães festejavam discretamente, enquanto os *askaris*, tresloucados, de catana na mão, buscavam no álcool e na carne dos corpos dos inimigos alimento para a viagem. Brancos e negros, ordem e caos.

Aqui tudo é mais suave, os dois mundos tão bem suturados que, não fosse aquela língua estranha que irrompe por toda a parte, não se lhes notavam as costuras. A tez das peles é um catálogo completo de toda a gradação do claro ao escuro (agora é o administrador do Umbelúzi, também convidado, quem cumprimenta Albasini). Há também, neste caso, mais mulheres. Não como as *bibis* dos soldados, que aguardavam com discreta paciência o regresso destes à lucidez, mas mulheres soltas, desempenhando papéis, opinando sobre tudo, donas da carne enquanto esta não deixa o fogo, mulheres que bebem como os homens.

Por falar em mulheres, Hans descobre Wally no meio da multidão, sobressaindo com a sua tez clara e o enorme chapéu de palha. Essa mesma, Valerie Neuzil; aquela que, tentando um dia salvá-lo, lhe revelou ter uma ligação no mínimo surpreendente a João Albasini, relação essa que a sua presença aqui só vem comprovar. Conversa com outra mulher. Hans despede-se de Dias e dirige-se para elas.

Wally não se surpreende de o ver ali, haviam-na já avisado que viria. Apresenta-lhe a companheira, Beatriz Pessolo, filha do homenageado. Esta diz que já ouviu falar dele, jornalista de futuro, dedicado a causas nobres e com um agudo instinto de observação (nem tanto, nem tanto, vai balbuciando Hans). Pergunta-lhe se está a gostar da festa, se já comeu

qualquer coisa. E, para que não fiquem dúvidas, diz que o que sabe acerca dele foi o pai que lhe contou.

O pai? Hans nota os olhares cúmplices que as duas trocam, e pergunta-se o que terá contado Wally a Beatriz. Provavelmente falou-lhe numa outra festa que acabou mal, um caso de polícia. Por falar nisso, agradece a Wally. Ainda não a tinha visto desde a malfadada noite no Gato Preto.

Riem os dois. Os três. Hans pergunta a Wally por onde tem andado escondida; ela responde que tem andado por aí, em busca de motivos que lhe permitam continuar a aprender a pintar. Beatriz diz que ela já pinta, e muito bem. Ligeiramente confrangida com o rumo da conversa, Wally pergunta a Hans se já conhece o filho de Beatriz, o pequeno Artur. Hans responde que o viu à distância, ao colo do avô. Beatriz, orgulhosa, diz que o há-de ir buscar para que Hans veja como ele já sabe pronunciar algumas palavras, tanto em ronga como em português.

Chegam-se perto pessoas desconhecidas, esforçadas em tratar bem os estrangeiros. Sem perceber como, Hans tem já nas mãos comida e cerveja, e debate-se com a dificuldade de ter de responder às inúmeras perguntas enquanto mastiga. Uns querem saber de onde vem e o que faz; outros, o que já conhece da cidade. Na maior parte dos casos, portanto, é obrigado a mentir. Levanta ligeiramente o copo para fazer um secreto brinde a Glück, causa remota de aqui estar. Amaldiçoa-o e agradece-lhe.

Em volta, contam-se histórias. As risíveis são normalmente contadas em ronga, e portanto Wally e Hans riem mais atrasados e com maior dificuldade, depois de Beatriz as traduzir. Com certo agastamento, Hans verifica que Wally conhece um pouco mais que ele a língua estranha, o que, face aos outros, revela da parte dela uma atitude que ele ainda não possui. Põe-se a tentar descobrir as costuras desta manta feita de duas línguas tão diferentes, cada uma delas salpicada de palavras da outra, naquilo que se adivinha ser um silencioso combate. Surpreende-se com a destreza com que os convivas se enrolam em tal manta, com o modo de falar contínuo e sem hesitações. Pensa em Albasini como um grande alfaiate. Abana a cabeça para expulsar estes absurdos pensamentos. Conclui que já bebeu demais.

E eis que chega um carro de convivas atrasados. De dentro dele saem dois velhos, umas crianças barulhentas, um jovem casal. A expressão de Beatriz ensombra-se.

‘Valha-me Deus!’

E parte repentinamente para junto do pai, sem sequer se despedir.

Wally também parece preocupada.

Hans pergunta-lhe quem são. Wally explica. O jovem é Guilherme Bruheim, um colega de Albasini. Ela é a sua noiva, chama-se Micaela Loforte.

‘Micaela Loforte?’

‘Sim, Micaela Loforte.’

Micaela é uma rapariga aqui da cidade, de idade aproximada à de Beatriz. Órfã de pai, foi criada por uma protectora a quem chamava tia, ou *Titi*, mulher poderosa, dona de muitas terras, viúva de um notável desta terra chamado Guilherme Pott. O nome dela é Carlota Especiosa de Paiva Raposo.

Carlota Especiosa de Paiva Raposo. Dona Carlota. A amiga do padre Vicente do Sacramento. Hans ouve este nome e conclui como é pequeno o mundo onde se move esta gente. A cada dia que passa são-lhe sopradas novas revelações. Enganadoras porém, pois que, ao contrário de lhe abrirem caminhos, o levam em círculos para longe da única revelação que desde há muito lhe interessa.

Os tambores já aqueceram, começam a rufar. Abafa. Pesa-lhe o casaco de linho creme, pesa-lhe nos ombros a consciência de que bebeu demais. Apesar da agitação da festa, o rio, lá em baixo, é a imagem da serenidade.

Wally quase grita quando lhe fala, para se fazer ouvir por cima do som dos tambores, agora frenético. Tambores que reinarão como senhores absolutos da festa até chegar a grafonola para os destronar.

Micaela era visita regular em casa, colega de escola e brincadeiras de Beatriz, confidentes dos namoricos platónicos uma da outra, sem levar portanto Albasini a mais que um beijo fugidio, na altura em que entrava ou saía apressado, e também beijava a filha. Um dia porém – cruel ironia desse dia ser também aquele em que casou a filha! – olhou a rapariga e foi como

se, deslumbrado, a visse pela primeira vez. Ele no estrado do altar, entregando Beatriz ao noivo para que este a levasse até junto do padre, Micaela chegando atrasada, cercada pela luz crua que vinha de fora e invadia o corredor, apenas o corredor, deixando o resto envolto naquela penumbra das igrejas; apenas o corredor, para a iluminar a ela. Atraído pelo som metálico de passinhos apressados salpicando a pedra do chão, olhou aquela figura encantadoramente afogueada. E viu Micaela pela primeira vez.

Mais tarde chegará a grafonola e o novíssimo *fox trot*, os mais jovens deixarão de encolher os ombros e passarão a sacudir as ancas; e os mais velhos, após alguma hesitação, tentarão fazer timidamente como eles. Hans olha na direcção da cadeira, ali posta a fazer as vezes de trono, ao lado da esteira onde as duas mães dormitam. A cadeira está vazia. Beatriz também não se vê.

Levou um tempo – semanas, ou até meses – até Albasini atribuir um inequívoco nome à sua excitação. Fugia de si assustado, era grande o peso do que pudessem pensar a família, os amigos, aqueles que lhe liam as peças nos jornais. Mas esta sociedade é muito atenta, de forma que, na altura em que ele ainda se colocava perguntas difícilímas, já toda a gente cochichava: o velho Albasini estava apaixonado! Micaela foi das primeiras a saber, porventura na própria igreja, assim que sentiu aquele olhar particular. É o velho instinto das mulheres, que vinga por cima da raça, da idade e da condição. Senhoras de tudo o que as cerca, atrás de uma fragilidade enganadora.

É de justiça dizer, no entanto, que não foi por ela que as coisas se precipitaram. Continuava a visitar Beatriz como sempre fizera, apesar de esta ter casado. Nenhuma das duas parecia notar a presença temporã de Albasini, talvez a tivessem atribuído ao vazio que se cria quando um filho deixa a casa, ao instinto do pai que vai atrás dele para onde preciso for.

Entretanto, o jornalista apaixonado ia tentando um gesto ousado em cada dia. Oferecia-se para levar Micaela a algum lado (o velho coração aos saltos dentro do peito), descobria assuntos estapafúrdios para tratar com dona Carlota em casa desta, na esperança de ali encontrar a sobrinha. Terrenos da

senhora que ele talvez estivesse interessado em comprar, terrenos seus que talvez quisesse vender. Dona Carlota ia lá dentro buscar uns papéis à escrivaninha e ele avançava ligeiramente nalgum diálogo com Micaela; dona Carlota voltava a sair, para mandar servir o chá, e ele avançava um pouco mais. Avanços minúsculos, mas para ele de uma ousadia sem tamanho, logo seguidos de recuos cheios de pudor. Micaela respondia como se não percebesse (mais uma vez a sabedoria das mulheres), a sua expressão era completamente imperscrutável.

Convidou-a para o cinema ou para uns passeios, deu-lhe uma prenda em que ela reparara na montra do ABC, desproporcionada pelo valor que tinha; oferecia-lhe o braço sempre que a ocasião lhe parecia a ele propícia.

É claro que este jogo não podia durar eternamente. Intuição feminina, diz-se. E é termo bem aplicado, pois não se aprende. Beatriz notou qualquer coisa, pequenos indícios que, todos juntos, numa dada altura a levaram à estupefacção. Em circunstâncias normais, Micaela seria a primeira pessoa com quem ela trocava a confiança. Calou-se porém, o que é compreensível: tratava-se do seu pai. De qualquer forma, o recato deste lamentável caso já não dependia de Beatriz.

Um dia esta foi de visita à mãe, dona Berta Carolina Heitor Mwatilo, a quem todos chamam *Bondade*, e esta, de chofre, perguntou-lhe se era verdade que o seu pai andava envolvido com meninas, se era verdade que ele pensava ter voltado a ter dezoito anos. Beatriz jurou a pés juntos que não, e a mãe ficou calada e carrancuda, sem saber se acreditava na filha ou se esta fazia pacto com o pai. E Beatriz voltou para casa assustada.

‘Quanta gente este caso apartou!’

Wally suspira, fala e caminha. Hans ouve e segue atrás dela. Segue atrás dela e vai olhando em volta, sem achar o pobre jornalista.

Visto sob este ângulo, é certo que o caso tinha atenuantes. Há tempos que *Bondade* saíra de casa, há tempos que corriam os papéis do divórcio. A separação do casal era já um facto consumado e do domínio público. Não havia, portanto, traição. De qualquer maneira, nestes meios à mínima suspeita matam e esfolam sem remissão. Assim, enquanto Albasini já só

tinha olhos para a causa da sua obsessão, o cerco estava montado e apertava-se.

Surgiram notas anónimas nos jornais, dispersas pelas páginas sociais: o velho Albasini perdera o sentido da realidade. Os patrões podiam voltar a dormir descansados pois o paladino dos estivadores dava-lhes folga, perdido que estava de amores. Albasini reagia com um cego espadachim cheio de fúria, sem saber de onde vinham as estocadas. Logo em seguida as coisas precipitaram-se, e da pior maneira. Albasini, disposto a cortar cerce o falatório, enviou à rapariga um bilhete com uma proposta séria. Punha a carroça à frente dos bois, uma vez que os papéis do divórcio de *Bondade* ainda corriam, mas achou que, tornando inequívocas as suas intenções, as coisas se compusessem. De qualquer maneira, se era este o caminho escolhido devia ter entrado nele sem tibiezas, falando com ela cara a cara, pedindo uma entrevista à tia ou outra coisa qualquer. Mas não. Tolhido pela timidez, enviou a Micaela um bilhete; pior ainda, um bilhete escrito em ronga. Terá sido por só nesta língua ser capaz de expressar os seus sentimentos mais íntimos? Se assim foi, o trágico da história está na reacção da rapariga: pegou no bilhete e levou-o a dona Carlota Especiosa, a *Titi*, para que esta o traduzisse.

Beatriz diz que Micaela desconhece a língua ronga. Pode até ter sido esse o caso, o coração de Micaela estar apenas disponível para um amor em português. Mas pode igualmente ser que Beatriz tentasse proteger a amiga, de quem as circunstâncias a haviam apartado. Estranha, no entanto, é esta inocência de Micaela. Será possível que não corresse dentro dela a mínima suspeita?

A noite surgiu rápida, a grafonola serenou. Agora só emite românticas cançonetas francesas, num escuro que desperta a ousadia dos pares de dançarinos. Hans ainda não se habituou à rapidez com que, nesta parte do mundo, se acabam os dias. Mas, por outro lado, já não é Glück que as canções convocam, é a saleta de Madame Valadon, caso Monsieur Satie faltasse à visita por estar um dia de sol. Na certa seria esta música que Wally e a patroa ouviriam. Quase interpela Wally a este respeito, mas a rapariga, sagaz, retoma a história com precipitação.

Micaela levou o bilhete à tia. E esta, aproveitando o pretexto, ou então tomada de genuína surpresa, tendo-o lido e traduzido, passou a ser protagonista de peso no desenrolar do caso. Micaela, influenciável como sempre foi, substituiu então a sua inocência por um comportamento esquivo, por vezes irónico ou mesmo cruel. Nas festas sociais do Grémio Africano evitava ostensivamente o jornalista, juntava-se a gente da sua idade para largar sonoras gargalhadas que o humilhavam (Albasini inventava a certeza de que falavam dele); ou, se não o conseguia evitar, conduzia astutamente a conversa para temas que vincavam a idade que os separava. E Albasini, amargurado, ficava sem saber o que fazer. Sem saber, até, o que sentir.

Entretanto, por vias indirectas, o jornalista descobriu que dona Carlota Especiosa, que ele julgava sua amiga, colocara o seu pesado corpo entre os dois.

A lua já subiu a custo, gorda e pesada. Hans dá enfim com Albasini. Está ao fundo da ravina com a filha. Haverá ironia maior que esta da língua, seu último refúgio, ter sido precisamente o que levou à sua perda? Beatriz segreda-lhe coisas ao ouvido, sem dúvida para o serenar, enquanto ele atira pedras que saltitam sobre o caminho de água que o luar desbravou. Haverá coisa mais triste que a quebra de segredos entre pai e filha?

Um dia a tia e a sobrinha zangaram-se, nunca ficou clara a razão. Micaela partiu para Inhambane, a passar uma temporada com parentes, e Albasini inventou para si mesmo ser ele o motivo da zanga, um artifício para que lhe voltasse a esperança (estava cego). Afinal, havia uma razão para a atitude de Micaela! Escreveu-lhe cartas umas atrás das outras, desta feita no português que ele tão bem dominava. Estava disposto a abdicar da língua do seu coração, dava tudo por um único sinal. Mas Micaela nunca lhe respondeu. A verdade nua e crua é que dona Carlota Especiosa, embora importante, estava longe de ter jogado um papel assim tão decisivo.

Hans olha de novo o rio. A pedra onde Albasini se sentava está agora vazia. Pai e filha devem ter-se posto a caminhar.

‘Como soube você de tudo isso?’

Wally dá-lhe uma resposta vaga. Foi esta família que a acolheu quando aqui chegou. E Hans suspeita que, contando a história de Albasini, Wally evitou habilmente que a conversa recaísse sobre a sua.

Não tarda vai raiar a madrugada. A festa dá alguns sinais de esmorecimento. De vez em quando ainda se ouve um tambor tentando vencer o duelo contra a grafonola. Mas já não há quem lhe responda.

8

Tenho dificuldade em refazer os nossos passos, na altura em que deixámos a região de Metarica. Em princípio, estava definido que avançaríamos na direcção de *boma* Malema, seguindo aquela que era aliás a única constante táctica desde que entrámos neste difícil território: sempre para sul! Todavia, Lettow decidiu à última hora inflectir para leste, demandando uma região chamada Namuno. Köhl instalara-se lá desde há uns meses, e conseguira mesmo pôr em prática o plano de uma extensa plantação de milho que não tardaria a dar os seus frutos. Pelo menos era o que assegurava Von Scherbening, recém-chegado da região.

E Lettow, que nos habituara a vê-lo até aí como pesando maduramente as suas quase sempre brilhantes decisões, tomava agora esta resolução que contrariava tudo quanto havia sido decidido na reunião de estado-maior do dia anterior! No fundo, vi o impulso como um sinal de que a abundância experimentada nos últimos tempos o amolecera; um sinal de que, pela primeira vez, receávamos o desconhecido.

Mas não é por isto que digo ter dificuldades em refazer os nossos passos, não. A razão está antes na falta de referências da geografia que me permitissem ter ideia daquilo que nos cercava. Explico-me. Estávamos em Março e, embora atrasada, a chuva chegava com súbito vigor, como se a natureza nos quisesse avisar de algo em relação à opção que tomáramos, não sei se positivo ou não. Digo isso porque os pisteiros não liam a torrente que desabava sobre nós como um sinal aziago, antes como uma benesse.

O *kommandant* apressou-se a aderir a essa leitura, recorrendo ao seu velho argumento de sempre: se tínhamos dificuldade em avançar, muito mais dificuldade teria o inimigo, que se movimentava com meios motorizados. A retaguarda, de onde os ingleses podiam chegar até nós, estava cortada por um rio Lugenda que corria cheio e truculento.

De qualquer modo, no imediato de pouco nos servia a perspectiva. Choveu cerradamente desde que nos pusemos em marcha. Choveu durante dias. De nada nos valia estacionar, uma vez que não tínhamos onde nos abrigar. Obstinação, continuávamos sempre, esperando que a natureza desistisse antes de nós. Aos poucos, perdemos a noção do caminho: deixámos de ver as árvores e as pedras, deixámos até de nos ver uns aos outros; quanto muito um disparo de luz, fugaz reflexo arrancado às fivelas ou ao oleado da capa com que cada um se protegia, um relincho de cavalo, fragmentos de diálogos, berros soltos. Era como se uma imensa neblina líquida se abatesse sobre o mundo.

Evidentemente que não pode saber do que falo. Dir-me-á que também aqui a chuva cai dessa maneira enfurecida, e em parte não posso deixar de lhe dar razão (eu próprio já fui vítima dela). Mas há uma grande diferença entre as duas situações, uma diferença entre a dureza dos edifícios, dos muros e das grades da cidade – que de certo modo até beneficia, até fica lavada – e a resignação do mato, que se deixa amolecer. Folhagens e troncos, capins, sobretudo o chão dos caminhos, tudo amolece (o que inquietava sobremaneira os cavalos, imagino que por não terem o reflexo das faíscas dos cascos na periferia da visão, não terem o som que normalmente acompanha o seu pisar).

Atravessávamos pequenos riachos sem disso nos darmos conta, tal a quantidade de água que corria fora deles. Niualo, Macequesse, Ruramana, Neúte, Norenge, Muvo, Riti, Murúpua, eram nomes que os pisteiros do lugar iam gritando em resposta à curiosidade táctica de Lettow, sem outra relevância que não fosse a sua mera menção, assim como gritar nomes de pessoas para o meio de uma multidão. Por vezes eram cursos de água maiores, obrigando-nos a seguir ao longo deles em busca de um vau que nos permitisse atravessá-los. Perdíamos então a capacidade de decidir a direcção, tornados meros seguidores das águas; literalmente submetidos aos seus desígnios.

Com o passar das horas e o contínuo cair da chuva, essa neblina líquida e muito branca escurecia de tal forma que perdíamos a noção das coisas. Já não sabíamos se era a água que tombava ou a lama que subia, em ambos os

casos ficando o mundo tinto de um castanho pardacento. Cruzámos rios de tal maneira grossos de lama que davam a sensação de podermos caminhar sobre eles. Atravessámos pequenas aldeias desertas onde tudo era feito dessa lama, casas e corpos, objectos abandonados à pressa nos terreiros. Só os olhos se distinguiam dela, brilhando com uma serena paciência, na espera de quem tem a certeza de que, cedo ou tarde, acabaria por chegar o fim da tempestade e a renovação.

Acampávamos para descansar e mais não conseguíamos que ficar quietos, encharcados, a presenciar aquele fenómeno raro que ia desfazendo toda a solidez do mundo. Partíamos tão cansados quanto havíamos chegado, para recomeçar tudo de novo: céu, rios e caminhos, os cascos dos cavalos sem produzir luz nem som, tudo uma lama cada vez mais fina, cada vez mais líquida. No meio de tudo isto a surpresa do silêncio, não tanto o dos *askaris* – apesar de tudo sujeitos à disciplina militar – mas o silêncio dos carregadores, das *bibis* e das crianças, resignados todos juntos a esta fúria divina, reses aguardando ordeiramente a sua vez.

Quando chegámos finalmente às margens do Msalo (e quando nada parecia poder acontecer de pior), começaram a multiplicar-se as doenças que normalmente a chuva traz, sobretudo as febres palustres. Gasparini e o veterinário Huber andavam numa roda-viva, administrando quininos e sais, sangrando gente, aplicando compressas; e onde eles não chegavam havia as rezas e as mezinhas, ou simplesmente ainda, a dita espera.

Não foi surpresa para ninguém que o próprio Lettow caísse também doente. Já contei da curiosa relação do *kommandant* com a malária, uma espécie de ameaça pendular que o visitava com uma constância que, por si só, justificava a crença dos indígenas de que se tratava simplesmente da visita dos espíritos. Viam nesses acessos uma espécie de diálogo entre eles e o *kommandant*, em torno das decisões a tomar para o dia seguinte. Acreditavam que ele aspirava fumos de umas certas ervas colhidas pelo médico, fumos esses que lhe permitiam a elevação necessária para ouvir e ser ouvido nos encontros com o além. Tremuras, delírios, suores, tudo fazia parte desses colóquios em que o futuro lhe era revelado.

Desta vez, porém, Gasparini ficou deveras preocupado, com isso me preocupando também. Não era a febre baixa sua conhecida, as tremuras vespertinas que se controlavam com quinino e paciência, esperando o tempo passar; desta vez Lettow era acometido de violentos acessos de febre que o deixavam em brasa e, mais que isso, verdadeiros surtos delirantes que o punham a imaginar coisas que nos assustavam. Isso porque, além de as imaginar, ele se punha a proferi-las. E elas assustavam-nos pelo sentido que tinham e porque, ditas daquela maneira, afectavam a coesão das nossas já tão fragilizadas forças.

Evidentemente que os quase-mortos têm todo o direito de se despedirem da vida com as palavras que escolherem ou calharem; mais que em qualquer outra circunstância, eles são proprietários das palavras que proferem. Mas nada do que era dito podia ser tomado por inocente se saía da boca de Lettow, e este era o único aspecto em que ele era inferior a um simples soldado anónimo. Afinal, por disciplina ou simplesmente por crença, todos, do primeiro ao último homem na nossa coluna, se haviam habituado a acolher as palavras do *kommandant* como verdades incontestáveis. Ouvir o que ele agora dizia vulnerabilizava-nos mais que a orfandade, era como se ele nos arrastasse a todos para dentro da sua vertigem.

O principal problema, e também o mais imediato, consistia pois em impedir que a frágil condição do nosso chefe fosse entendida cabalmente pela turba, sobretudo por *askaris* e carregadores. (Pouco depois eu concluiria ser ainda mais nefasto que ela fosse entendida pelos oficiais!) Por vezes, mesmo nós, que tínhamos a dimensão de um mal que sabíamos (esperávamos!) ser passageiro, convencíamos-nos de que o homem estava inexoravelmente louco!

Quando estacionámos, Huber e o tenente quartelmestre Betch trataram de construir uma pequena palhota recuada onde Gasparini pudesse tomar conta do doente com o máximo de privacidade. Oficialmente, digamos, o *kommandant* precisava de recato para tomar as decisões que a grave situação militar impunha. Era este o argumento. E, habituados a seguir cegamente as suas ordens, ninguém ousava sequer suspeitar do

procedimento. De forma que se criou um espaço recolhido, uma espécie de santuário, ao alcance apenas de um punhado de oficiais e da guarda de corpo de Lettow que, essa, nunca se afastava dele sob pretexto algum. Quanto ao conteúdo das palavras do delírio, ah, esse ainda hoje tenho, digamos que uma espécie de constrangimento em lembrar.

Estranha condição a de nós todos, feitos de duas metades, uma que é pública e outra que me é muito difícil definir. A primeira vive connosco o tempo todo, está por assim dizer em vigor no confronto com os outros, e também, atrevo-me a dizê-lo, no confronto connosco próprios; é essa metade que nos protege. Mas eis que irrompe a outra, cujos contornos nem nós conhecemos bem, uma espécie de reflexo negro, um negativo clandestinamente alojado em nosso interior que, aproveitando-se do caos gerado (no caso, por obra da doença de Lettow), resolve vir à superfície espreitar sem que a nossa vigilância – laboriosamente construída ao longo do tempo, ao longo de toda uma carreira – possa fazer qualquer coisa para o impedir. Até na voz esse elemento mau interferia, pondo o *kommandant* a falar de maneira mais rouca e grave, todavia com aqueles falsetes que só na mudança de idade se justificam (há quanto tempo havia sido a dele!).

Não me refiro aqui às fragilidades do corpo que, essas, não lhe são a si difíceis de imaginar: as mãos nervuradas, a cor de cera e azeitona, o arfante peito de ave aprisionada, etc.; falo antes na condição da alma, no facto de deixarmos de poder distinguir aquilo que nos é conveniente. O homem convocava presenças antigas, de amigos, subordinados, pessoas. Uma dessas presenças era uma mulher. O nome dela era Karen Blixen. Chamava-a quase sempre que a febre subia, referia um barco que chegava ao porto de Mombaça, uma foto que haviam tirado juntos (via mais tarde, entre as suas coisas). Curioso que este homem sisudo escondesse aquilo que parecia no mínimo um sentimento ambíguo em relação a essa mulher. Falava também de objectos e episódios desconexos, mencionou o *Don Juan* de Mozart, uma viatura que lhe deu especial prazer em conduzir, uma pistola de aço negro com cabo de madrepérola que perdera, enfim, coisas que mesmo para os seus mais íntimos servidores eram desconhecidas.

Explico-me. Cada um de nós tem dentro uma espécie de caixa cheia de fragmentos pessoais de onde vamos retirando, ordenando-as, as ideias do nosso comportamento e do discurso que o enuncia. No caso de Lettow, era como se ele remexesse na sua caixa sem critério, como se a virasse ao contrário até, despejando à nossa vista tudo o que essa caixa continha. Por vezes assomava nele um certo embaraço, sinal de que pretendia pôr ordem nos objectos da sua caixa. Mas sobrevinha-lhe a meio um estado de pura exaustão. Tática, física e moralmente, o *kommandant* estava esgotado. A sua caixa, depois dos acessos, era uma caixa vazia.

A convocação dos tais fragmentos de nós desconhecidos era, à sua maneira, uma evidência de que tivera outras vidas, outras experiências, e esse facto inconcebível instalava o sentimento de uma espécie de traição ao compromisso estabelecido, à parte que lhe cabia desempenhar na relação connosco, que julgávamos ser eterna, sem nunca ter tido um começo para não ter de ter um fim. Ou, pelo menos, reconhecendo nós a condição em que ele se encontrava, uma desagradável relativização da ligação que nos unia a ele, como disse, até então parecendo imune a qualquer prova ou desgaste. Daí o embaraço que tantas vezes surpreendi no semblante dos oficiais – Wahle (chegado à pressa por se temer o pior), Otto, Von Scherbening e outros – sempre que presenciavam as crises do *kommandant*, dentro da palhota.

Que fazia Glück nesta altura? Talvez seja isto que se esteja a perguntar. Volto a pedir-lhe desculpas por estes meus desvios da questão que nos interessa, mas parecem-me importantes para compreender a evolução da minha relação com o coronel. Que fazia Glück enquanto tudo isto acontecia? Afinal, o nosso homem devia tudo a Lettow e, mais que isso, se o *kommandant* desaparecesse o mais certo seria que pelo menos um punhado de oficiais o comesse vivo. Detestavam-no, já o disse várias vezes, e até Wahle estava presente para tornar mais nítida essa possibilidade.

Mas será que Glück se preocupava com isso? De modo algum, pelo menos aparentemente. Havia até nele uma despreocupação que só num louco faria sentido. Mantinha as pequenas ironias que tanto irritavam os demais, não fazia o mínimo esforço para evitar o confronto de palavras,

parecia até que o procurava; sobretudo se estava com um grão na asa, o que continuava a acontecer com muita frequência. Mas uma coisa sou forçado a conceder-lhe: em nenhum momento o homem se *encostou*, como muitos faziam, aproveitando o facto de Lettow os deixar de ter debaixo de olho para ficarem por ali cirandando, adiando as saídas para o mato.

Ele não. Partia de madrugada, depois de passar por Gasperini para se inteirar da situação do doente, e passava o dia fora, cuidando que nenhuma patrulha inimiga se aproximasse demasiado para descobrir onde estávamos. Por uma ou duas vezes chegou mesmo a ter recontros com soldados portugueses, cujo armamento recolheu e trouxe para o poder comprovar. Preocupava-se sobretudo com o caminho que tínhamos na frente até chegar ao acampamento de Köhl, de quem havia dias não tínhamos notícias. Embora lhe faltasse o sentido de hierarquia (do garbo já nem falo, que nessa altura o íamos perdendo todos), quanto ao resto comportava-se como um meio soldado. Digo isso na metade em que assentava a lealdade a Lettow, a eficácia e o cumprimento dos deveres militares, pois que na outra metade não passava de um bandido. Suspeito que foi nesta altura que a minha opinião a seu respeito começou a apresentar novas brechas.

Dou-lhe um bom exemplo do que acabo de afirmar. A dada altura das febres de Lettow, Glück passou a trazer com regularidade a sua grafonola para a tenda do *kommandant*. Dizia que nada melhor que a música para o acalmar, e nesse ponto Gasparini foi obrigado a concordar. Houve noites inteiras que os dois – Glück e o doente – passaram encerrados naquela tenda ouvindo música.

Rapidamente o oficialato se encheu de ciúme, espalhando-se à boca calada que o homenzinho, que já sobre o Lettow lúcido exercia a sua influência, procurava, com a sua grafonola, exercê-la também sobre o Lettow delirante. Devo dizer que essa explicação não me atraía, e que no facto julguei ver um dos raros gestos nobres de Glück, um desejo genuíno de ajudar à recuperação do *kommandant*. Sou igualmente obrigado a reconhecer – e penso já o ter dito antes – que também sobre mim aquela música exercia um certo fascínio. Provocava-me um torpor melancólico difícil de explicar.

Certa vez cruzei-me com Glück à porta do aposento do *kommandant*. Eu estava com Gasparini e ele entrou, tirou o horrível barrete vermelho em sinal de respeito, passou por nós como se não nos visse, e inclinou-se para segredar qualquer coisa ao doente. Este, exausto depois de mais uma noite de luta contra a doença, deu sinais de entender o que o outro lhe dizia, murmurou também ele qualquer coisa que eu não entendi. Depois, Glück virou-se e saiu, sem sequer nos cumprimentar.

Fiquei a olhar para a entrada, após o que troquei com Gasparini um olhar que ambos sabíamos o que queria dizer. Também a ele desagradavam os modos do homem. Comentei quão estranho ele era, devo talvez ter avançado alguns elementos sobre o seu passado, colhidos da história que me contara Matthaus uns meses antes. Surpreendentemente, Gasparini, que até então eu tinha como um sujeito calado, pouco dado a comentários, revelou-me saber bem quem era Glück. E, para o comprovar, contou-me ali mesmo, enquanto o dia nascia, uma história mais extraordinária ainda que a de Matthaus.

Segundo ele, Glück nascera em Trieste, filho de um judeu esloveno de Capodistria e de mãe italiana. Tinha cinco ou seis anos quando esta o abandonou, trocando a família por um oficial italiano com quem regressou à sua Bolonha natal. O jovem Glück cresceu com o pai, um próspero banqueiro ligado à actividade da navegação, cujo nome verdadeiro se tornou impossível de apurar (suspeito que o nome Glück se inscreve no esforço que o nosso homem fez de se germanizar). O ambiente era, nessa altura, conturbado, os Habsburgos mostravam-se incapazes de responder aos desafios, os ódios raciais acentuavam-se. Os dele tornaram-se complexos, difíceis de precisar. Por um lado, rejeitava tudo o que dissesse respeito à Itália, que obviamente associava à sua mãe, enquanto, por outro, fazia incessantes perguntas sobre essa mulher, a que o pai – cuja fraqueza nas relações pessoais contrastava vivamente com a segurança com que se movia no mundo dos negócios – se esforçava por responder. Até aqui, nada de muito novo no relato.

Por tal razão (sabe-se lá por que razões mais!), o banqueiro despendeu rios de dinheiro no esforço de acompanhar à distância os movimentos da

mulher. Contratava detectives uns atrás dos outros, realizava viagens secretas com o único fito de observar à distância o que fazia a maldita que o enfeitiçara. E, depois, regressava a casa a ruminar fragmentos de notícias conseguidas e obscuras juras de vingança. Naturalmente, essas notícias circulavam pela casa, umas verdadeiras, outras distorcidas pela criadagem.

Foi assim que, aos quinze anos, Glück soube da existência de um meio-irmão italiano, de nome Ottorino, por quem passou a sentir uma curiosidade que tocava as raias da obsessão. Soube que Ottorino estudava violino no liceu de Bolonha e imediatamente se interessou pela música. Uns anos mais tarde, Ottorino transferiu-se para São Petersburgo, a fim de frequentar as lições do famoso compositor RimskyKorsakov, e imediatamente Glück decidiu viajar para essa cidade, desafiando os protestos paternos.

Embora uns tivessem visto nessa viagem a tentativa de aprofundamento das raízes eslavas que, por parte do pai, lhe corriam no sangue, para Gasparini a verdadeira razão estava nesta obsessão mais horizontal que nutria em relação ao irmão.

Lettow mexeu-se no catre, murmurou qualquer coisa, e Gasparini afastou-se por breves instantes para o atender. Essa interrupção trouxe-me a coragem necessária para o interpelar, quando regressou. Como tivera ele conhecimento de tantas e tão detalhadas informações? A resposta que me deu foi deveras evasiva, disse-me que ele próprio estudara medicina em Trieste, e pouco mais.

Voltando ao nosso homem. Pouco se sabe sobre o que fez em São Petersburgo, enquanto por lá andou: os tempos eram conturbados, vivia-se a revolução e, como é do seu conhecimento, revoluções como aquela esbatem os percursos individuais para que o colectivo possa adquirir o ímpeto necessário. Nem sequer se sabe se chegou ao contacto com o irmão, que entretanto assumira o posto de violinista principal da Ópera Imperial. Este devia ser um violinista brilhante, o que, no que diz respeito ao que nos interessa, só deve ter servido para acentuar ainda mais as perturbações do jovem Glück. Sabe-se que se envolveu na política e que, para salvar a pele, teve de regressar apressadamente a Trieste, onde passou a ter uma vida

ociosa e marginal, mergulhada em álcool (aparentemente, trouxera esse vício da Rússia).

Pouco depois, sofrendo uma influência espúria das ideias do *Judenstaat* de Herzl, que morrera pouco tempo antes, fundou os Macabeus Castanhos, obscura seita que deambulava pelas noites de Trieste incendiando casas de chá e tipografias, cometendo toda a espécie de felonias. Será que pretendia uma fama equivalente à do irmão, embora por caminhos mais curtos e menos trabalhosos? Foi precisamente na sequência de um desses episódios, de que resultou a morte de um político local e da sua amante às mãos do grupo, que Glück, procurado pela polícia, foi obrigado a deixar Trieste clandestinamente.

Como sempre, foi o pai que organizou e custeou a fuga, embarcando-o num navio que partia para a Somalilândia. É preciso dizer que o velho banqueiro tinha relações comerciais com a Companhia de Benadir, e que os grupos revoltosos locais haviam assinado a paz com a Itália e com a Grã-Bretanha, em resultado do que as perspectivas naquele território se afiguravam promissoras para quem quisesse construir uma carreira e tivesse meios de investir nela. Pelo menos deve ter sido este o raciocínio do velho, que se esforçava por concretizar a ambição antiga de preparar o filho nas artes do comércio e da finança, para que este um dia o pudesse substituir.

Infelizmente, porém, quando Glück chegou à Somalilândia a fortuna daquele instável e martirizado território voltava a mudar. A Companhia de Benadir falira, a Itália procurava impor a sua administração e as armas voltavam a troar.

Neste ponto, fui forçado a interromper novamente o meu interlocutor. No acampamento, sentiam-se os primeiros sinais de actividade. A chuva dava-nos uma trégua, substituída por um céu ainda leitoso mas já timidamente rosado. As fogueiras começavam a crepitar, soltando os seus estalidos e o seu fumo acre, e os primeiros pelotões saíam para bater os arredores. Como podia ele saber do percurso de Glück naquele território tão distante de Trieste? O monólogo do médico começava a parecer-me um embuste com obscuras intenções.

Gasparini guardou um momento de silêncio, como que a pesar a legitimidade do meu cepticismo, após o que sorriu e disse que soubera de tudo isto por um extraordinário mas muito simples acaso: por ele próprio ter sido colocado em Moqtishu, ao serviço dos hospitais, e nessa qualidade ter trabalhado para as companhias Finardi e Benadir!

Esforcei-me por aceitar o seu esclarecimento, mais por curiosidade em relação ao resto da história do que propriamente por acreditar nela. Adiante.

Decorreram então dois ou três anos sem traço do nosso homem. Estaria encafuado em algum escritório, tentando extrair resultados dos investimentos do seu velho pai? Teria aceitado algum cargo na administração de Buraou ou de Hergeisa, contando camelos e cabeças de gente a fim de calcular impostos? Mistério. Reaparece em 1909, e da pior maneira. Isto é, como uma espécie de assessor de Sayid Maxamed Cabdulle Xasan, o *mullah* dos dervixes revoltosos que combatiam as forças europeias. Ao que tudo indica, terá mesmo desempenhado um papel de relevo na modernização, chamemos-lhe assim, dos métodos do *mullah*, depois da grave crise por que passou.

A custo contive um riso céptico. Não só por respeito a Lettow (afinal, encontrávamo-nos à entrada do seu aposento) mas também para não coibir o médico de prosseguir com uma história que agora, mais do que interessar, me divertia. Quis saber quem era esse *mullah* de quem nunca ouvira falar.

Gasparini enveredou então por outra história paralela. Explicou-me que se tratava de um sábio originário do Ogaden, muito religioso (aos onze anos sabia de cor as cento e catorze suras do Corão), que na juventude se dedicara, como todos, à pastorícia, mas igualmente ao transporte de gado para Aden. As suas inúmeras viagens levaram-no também ao Egipto, onde o Mahdi, o velho sábio, falando-lhe nas gloriosas vitórias sobre os ingleses, incutiu nele a ambição temporal de vir a ser também ele, um dia, uma espécie de Mahdi. Mais tarde, da primeira das suas inúmeras romagens a Meca, o jovem Xasan regressou rendido à minúscula seita de um obscuro sudanês chamado Mohammed Salah, que tinha uma vontade inabalável de disciplinar o mundo. Ou seja, à tal ambição temporal ele acrescentava outra, agora de índole mais espiritual. Retornou a casa já *Hajj* (ou seja, benzido

pela romagem a Meca), mandatado por Salah para representar a irmandade Salahiya em toda a Somalilândia.

Convém que lhe diga (pelo menos foi isto que Gasparini me explicou) que os seguidores do Islão se dividem em três grupos: os radicais que querem exterminar os infiéis da face da terra; os moderados, que se adaptam a estes últimos e aos seus luxos decadentes; e finalmente os místicos, a quem apenas interessa uma vida de meditação e despojamento. Xasan oscilava entre os primeiros e os últimos, ou seja, queria dar de si a imagem de homem piedoso mas dificilmente conseguia sustentar as suas múltiplas e acumuladas cóleras.

O seu proselitismo enfureceu os seguidores da irmandade Qadiriya, dominante entre o povo culto da costa de Benadir, que ele acusava de ser dissoluta, aspirar à riqueza terrena e deixar-se dominar pelo invasor. Em consequência, foi perseguido pelos *ulumos* de Berbera e teve de se refugiar nas terras dos Dhulbahante, de onde provinha a sua mãe, mais precisamente junto do poço de Qorya-weyn, onde os pastores, mais crédulos que os cosmopolitas da costa, o consideravam *awliya*, ou seja, santo.

Ali iniciou uma intensa actividade de mobilização de seguidores, que armava e com os quais assaltava poços e cidades na faixa entre Berbera e Burao, massacrando a população e substituindo-se aos pequenos *sheiks* a quem acusava de colaboração com os estrangeiros infiéis. Argumentava que necessitava da união e da força para expulsar os exércitos de Menelik e os invasores europeus. Havia quem dissesse, no entanto, que a sua raiva aos britânicos tinha uma origem mais comezinha, num lamentável episódio em que o governador o insultara e humilhara em público, acusando-o de ter roubado uma arma que de facto adquirira, pagando por ela algumas cabeças de gado. De qualquer maneira, colecionava ódios: aos cristãos abissínios, aos britânicos, aos italianos, e mesmo aos *kafirs* do sul (considerava a pele escura como um sinal de impureza).

Foi para dar vazão a tais ódios que construiu um formidável exército com pelo menos sete regimentos de três ou quatro mil homens cada um, comandados pelos respectivos *muqaddim*. Alimentava esse exército por meio de razias e da *syiaaro*, a caridade dos pequenos senhores (caridade é

como quem diz, pois quem se recusasse a contribuir para a *jihad* só podia esperar a morte como destino e punição).

Mas eram muitos inimigos para uma força só, de modo que os dervixes foram somando derrotas sucessivas, perseguidos pelos *King's African Rifles* (os mesmos que agora nos perseguiram!), até que Xasan se viu obrigado a aceitar a mão que os italianos lhe estendiam. Deram-lhe terras e ele pareceu aquietar-se. Seguiu então o velho ditado dos clãs, segundo o qual as palavras voam mais longe do que as pedras. Orou e escreveu, rapidamente se tornando num afamado poeta. Tanta fama, no entanto, acabou por dar-lhe a volta ao miolo. Atraído pela vida antiga, refugiou-se na Somália britânica onde se autoproclamou o novo Mahdi, e voltou a trair clãs e a massacrar gente à beira dos poços e nos caravanserais. Entretanto, os turcos faziam o seu jogo, fornecendo-lhe as armas necessárias a uma busca de pureza que, antes de ser branca tinha de passar por este caminho tinto de sangue.

Foi mais ou menos por esta altura que Glück surgiu a seu lado, acompanhado de um ou dois europeus. Alguns dizem que o atraía essa tal pureza, que se converteu ao Islão e que terá ele próprio feito uma romagem a Meca, embora seja duvidoso que tal tenha acontecido. Na opinião de Gasparini, tal rumor surgiu entre o povo para justificar a margem de manobra que o *mullah* concedeu a Glück (era precisa uma boa explicação para o facto de um infiel aceder a círculos tão elevados). Na mesma ordem de ideias, tratava-se de uma versão em que os europeus também acreditavam, por ser inconcebível que um deles levasse tão longe a traição aos da sua espécie.

De qualquer maneira, se os motivos desta colaboração permanecem um mistério, os resultados não. Sob a influência de Glück, Xasan operou uma verdadeira revolução no seu exército, na altura reduzido a umas meras centenas de dervixes. Não só no equipamento (encetou negociatas para trazer armamento mais moderno, sobretudo dos turcos, e o mais extraordinário é que pagou em *unidades de fé*, anunciando a extensão da *jihad*, uma vez que os recursos de que dispunha eram escassos) mas sobretudo na filosofia das operações. A partir de então os dervixes

recorreriam aos seus dois argumentos mais fortes: a fé e o conhecimento da terra que diziam pertencer-lhes.

Assim, se por um lado alimentou até à exaustão os seus desvarios de pureza, por outro os dervixes deixariam de ter casa própria, a sua casa passaria a ser todo o Ogaden e, mais tarde, toda a costa do Benadir. Os dervixes passariam a ser como a areia do deserto, que por estar em toda a parte não é localizável. Daí a fama que granjearam nesse tempo: uma matilha de lobos conduzidos por um *mullah* insano.

Qual o papel de Glück em tudo isto? O de explicar ao *mullah* o raciocínio dos estrangeiros, o de incutir manha onde apenas existia fúria assassina e devoção. Em resultado, decorreu um curto período de humilhação para os ingleses, batidos em toda a parte e a toda a linha. Montados nos seus pequenos corcéis, com os seus turbantes brancos e as adagas em riste, os dervixes eram como a areia do deserto que rodopia com o vento.

Lamentavelmente para Glück, porém, os dois homens tinham formas muito diferentes de ver o mundo, e foi isso que acabou por ditar o fim da inverosímil relação. Não de repente, claro, pois que o *mullah* era o senhor incontestável e Glück estava ali para o assistir; mas lentamente, como um veneno que é instilado nos músculos de um cavalo, obrigando-o a um galope cada vez mais lento, cada vez mais cansado.

Glück contentava-se com a vitória do dia, exultava de cada vez que a sua superior avaliação táctica lhe permitia massacrar um pequeno pelotão apavorado à beira de um poço; enquanto o *mullah* cada vez mais desprezava esses pequenos episódios, cada vez mais se deixava obcecar pela perspectiva da chegada de um grande acontecimento que lhe abrisse as portas da eternidade. Isso, claro, sem contar com os pequenos conflitos que iam surgindo no dia-a-dia: o álcool obtido e consumido às escondidas, as virgens arrebanhadas na calada da noite ou à sombra da duna distante, e logo em seguida assassinadas para que o acto vil não deixasse vestígios comprometedores.

Nesta passagem achei que Gasparini ia longe demais, e fiz-lho notar. O acampamento deixara de se espreguiçar, vivia agora uma plena actividade.

Isso de certa maneira interferia no dramatismo da história, atenuando-lhe a eficácia.

O médico guardou algum silêncio, como se me desse tempo para perceber o que eu próprio dizia. Era o máximo que se dispunha a conceder-me. Quanto ao resto, deixara de se interessar em trazer verosimilhança às passagens fantasiosas (como se esse problema fosse meu). Prosseguiu. Apossava-se dele uma necessidade irresistível de contar tudo até ao fim.

Contrariamente aos conselhos de Glück, que prezava muito o movimento permanente (achava que consumindo vorazmente o espaço conseguia evitar o desgaste do tempo), Xasan estabeleceu o seu *xarun*, o quartel-general, em Teleh, no vale de Nugaal. Tinha agora a atitude sobranceira de se mostrar de corpo inteiro aos olhos do infiel.

Glück, com o devido respeito, fez-lhe notar isso mesmo: que estabelecer uma base fixa era o mesmo que definir um alvo para o inimigo.

O *mullah* retorquiu com maus modos, dizendo que viver escondido o impedia de revelar aos crentes, e mesmo ao próprio infiel, a sua força. E, como que para sublinhar esta sua posição, mandou edificar fortificações por todo o vale: Silsilaad, Falaad (onde se instalou), Dawaad e Eegi foram as primeiras, às quais se seguiram dezenas de outras. Ou seja, os britânicos passaram a ter, por toda a parte, os alvos que tanto haviam ambicionado.

Sucederam-se lutas ferozes. Por cada derrota dervixe e cada fortim tomado, mais insustentável se tornava a situação de Glück, acusado pelo seu senhor de perder a eficácia. Evidentemente que esta situação era paradoxal, uma vez que as derrotas só vinham confirmar a justeza das posições do nosso homem. Mas, como contradizer o Mahdi? Como fazer-lhe ver que errara? Mais do que isso, como fazê-lo sem sustentar perante os outros que o santo não era imune ao erro?

Apesar da imensa prudência de Glück (ele era bêbado e devasso, mas não era ainda louco), a relação entre eles foise deteriorando. Os dervixes voltavam às batalhas de peito aberto, convencidos de uma santidade que os tornaria invulneráveis, mas não passavam de alimento para as gulosas metralhadoras *Maxim* dos *King's African Rifles*.

Enfurecido, e totalmente incapaz de retroceder no caminho escolhido, o Mahdi encerrou então os consultores estrangeiros no interior das altas muralhas de Dawaad, ordenando-lhes que, se prezavam a vida que tinham, fabricassem espingardas e munições, pois era para isso que lhes pagava.

Impossível retorquir que sem matéria-prima não se podiam satisfazer os caprichos do Mahdi, tal como era impossível voltar a insistir que a sombra da derrota não se devia ao armamento. Durante dois ou três meses, Glück deambulou pela prisão puxando pelos miolos, fabricando bombas e explosivos (de uma das vezes quase fazendo ir pelos ares o fortim). Mas sabia, melhor que ninguém, que estes desesperados esforços só a muito curto prazo contentariam o senhor. Por isso, se trabalhava de dia nesta nova actividade, de noite despendia idêntico esforço na procura de uma maneira de se escapar.

A oportunidade chegou precisamente numa dessas noites em que, para combater o intenso frio que fazia, se entregaram todos, guardas e prisioneiros, a uma clandestina mas desbragada libação. A agravar ou não esta situação, consoante a perspectiva de quem a vivia, estacionara perto uma caravana para ali passar a noite, e um grupo havia trazido mulheres de uma aldeia próxima. Embora quase sempre santos, havia situações em que os dervixes se tornavam tão devassos quanto quaisquer outros. Era esta a oportunidade almejada. Aproveitando a lassidão da guarda, Glück e os outros estrangeiros desceram a muralha por uma corda, saltaram para cima de alguns cavalos e espantaram os restantes, partindo à desfilada rumo ao sul.

Chegado a este ponto, Gasparini deu-se nova pausa e deixou que ao seu semblante aflorasse um fugaz sorriso. A sua fantasia havia ido longe demais. Sorri também, para lhe indicar que também eu deixara de me interessar por pequenas questões como a da verosimilhança da história que me contava. Apesar de tudo, não resisti a perguntar-lhe uma segunda vez como chegara ao conhecimento destes novos e tão extraordinários pormenores. Até porque, ao longo de todos aqueles meses, não notara entre ele e Glück qualquer intimidade.

Acredite ou não, Gasparini respondeu-me ser bem simples a explicação: sabia de tudo por ele próprio ter também descido a muralha de Dawaad pela mesma corda! E, tendo dito isto, virou-me as costas para se dedicar ao doente sem sequer se despedir.

Dias depois o *kommandant* dava sinais de uma impressionante recuperação e partíamos para percorrer o último troço, aliás curto, que nos separava de Nevila, onde Köhl havia estabelecido um acampamento avançado para nos receber.

9

‘Eu explico-lhe então o que pretende Florence Greeff, uma vez que não me deixa alternativa.’

Estão sentados à beira da praia, no Grémio Náutico, no fim de uma das filas de cadeiras de lona. Vazias. Nada mais desolador que uma praia em dia cinzento, nada convida menos às palavras que uma praia assim. Mas Natalie não tem alternativa.

Por vezes, um golpe súbito de vento leva a areia a fustigá-los. Em Natalie, despenteia-lhe os cabelos para deixar a descoberto uma funda cicatriz na têmpora esquerda. Hans conhece bem aquela cicatriz. Viu-a nascer, de uma bala mal apontada numa certa noite de trovoadas e extremos acontecimentos. O único tiro falhado de um exímio atirador. Foi essa cicatriz que transformou Peggy na mulher que tem na frente, é ela a origem da melancolia que não a larga nunca.

Partiu atrás desta mulher, assim que o acaso o levou a vê-la deixar o Central Hotel (Hans passeava pela Rua Araújo, mesmo em frente). Há muito que precisava de encontrá-la a sós. Seguiu-a pelas ruas da baixa durante grande parte da manhã.

Abrandou o passo quando ela olhava uma ou outra montra, interessada em algum pormenor. *Fabião & Silva, A última moda, Lindos cortes, Bordados, cambraias, linons e piquets bordados a branco e a cores, Preços módicos.* Aproveitou para comprar o jornal, enquanto esperou que ela saísse, com um embrulho nas mãos, da *Sapataria Moderna de António Augusto Ferreira, Recebe todos os meses as últimas novidades em calçado directamente das melhores casas de Lisboa, Tem à venda calçado de todas as qualidades, Fabrica e conserta calçado de homens, senhoras e crianças, garantindo solidez e perfeição.* Estugou o passo quando ela passou a parecer ter pressa de chegar a algum lugar.

Natalie levantava o braço sempre que passava um táxi, mas estes iam invariavelmente ocupados, tocando ao de leve as buzinas para lhe darem a conhecer o facto.

Depois, nova montra lhe chamou a atenção, e ela parou. Hans parou atrás dela. *Empresa União Automobilística Lda, Serviço permanente de automóveis desde as 8 horas da manhã até às 2 horas da noite, Prestam-se serviços fora deste horário por preços especiais, alugam-se carros especiais a bons preços para cerimónias, casamentos, etc., Fazem-se também contactos especiais com os hotéis para o transporte de bagagens e passageiros assim como passeios diários à praia da Polana, Sócio gerente P. dos Santos Gil.*

Natalie saiu de lá para entrar directamente num dos táxis estacionados em frente. Hans entrou no táxi seguinte e pediu-lhe que seguisse o dela. Passou-lhe pela cabeça que o motorista lhe perguntasse porque não haviam tomado os dois o mesmo táxi, mas o homem nada perguntou.

Seguiram para as ruas da cidade alta, abrandaram de quando em quando, parecendo que a passageira do carro da frente estava indecisa, ou então que procurava qualquer coisa sem achar. Numa das ruas pararam mesmo, para ela entrar em nova loja. *Casa de Bordados da Madeira, Av Princesa Patrícia, defronte do Consulado Francês, Magnífico sortido de bordados para senhoras e meninas recebidos pelo vapor Beira, Recomenda-se às Exmas senhoras uma visita a esta casa onde encontrarão bordados muito finos e de bom gosto por preços que outra casa não poderá oferecer.* Tornou a sair e seguiu viagem, o táxi de Hans sempre atrás dela, o motorista com um sorriso matreiro pendurado no espelho retrovisor, ao lado dos outros amuletos.

Nas curvas do Caracol quase se encostaram os dois, mas ela ia com os olhos cheios de mar. Quem olha para trás com uma baía assim? Quem consegue desprender os olhos dos minúsculos barcos de pescadores concentrados na pequena praia da Catembe, fugidos de um mar como aquele que hoje faz?

Sentiu ser este o momento apropriado: há tempos que a presença de Natalie se faz cada vez mais rara, chegou a temer que tivesse partido para o

lugar de onde veio. Alguma coisa de grave se passou entre ela e Florence para que ficassem assim apartadas. Chegou, portanto, o momento apropriado. Viu-a sair do táxi, ainda o seu se aproximava devagar. Viu-a atravessar o passeio, descalçar os sapatos e entrar na praia com eles na mão. Seguiu atrás dela, lutando ambos contra golpes súbitos de vento que desfaziam as pegadas que iam deixando para trás. Viu chegar o momento em que ela pressentiu uma presença, e se virou um pouco inquieta.

‘Bom dia, Peggy.’

Sentiu os olhos da mulher mudarem de cor ao som daquele nome, ficarem mais escuros. Como se algures, dentro deles, se tivesse rompido um dique, deixando escapar por completo a água do mar. Olhos mais secos.

Em seguida, passada a surpresa de lhe ter surgido alguém assim desta maneira, a surpresa de ter ouvido proferir aquele nome, ela voltou a dar-lhe as costas e caminhou ao longo das cadeiras, até chegar à mais distante e se sentar.

Os *bungalows* têm as portadas cerradas. As cadeiras altas dos salva-vidas estão vazias, a praia é toda ela um espaço desolado. À esquerda, a linha de costa esbate-se devagar até desaparecer na bruma, para os lados da Xefina.

‘Eu explico-lhe então o que pretende Florence Greeff, uma vez que não me deixa alternativa.’

De onde mais podia ele ter colhido aquele nome, a não ser da sua amiga? Onde mais podia ele ter achado a ponta da história que pretende desfiar? Tem-nos vistos juntos muitas vezes, tem visto os furtivos olhares que trocam, atrás da mal disfarçada distância dos diálogos. Florence e Hans são, sem dúvida, amantes.

Hans não entrega o jogo.

‘E porque me interessaria eu em saber o que pretende Florence?’

‘Que outra razão teria para me seguir até aqui, e me confrontar com essa história? E como a saberia, a não ser por Florence?’

‘E porque pretenderia ela alguma coisa ao contar-me a história de que fala?’

Natalie Korenico sorri.

‘É simples. A minha história e a dessa rapariga estão ligadas de modo tão intrincado que não se pode falar de uma sem a outra. Ao contar-lhe a minha, Florence não fez mais do que tentar esconder a dela.’

‘Não entendo o que quer dizer.’

‘Eu explico.’

No areal junto às ondas, um pouco distantes, duas gaivotas encetam uma luta furiosa por algo que uma delas descobriu.

A noite desse 16 de Setembro foi uma noite povoada de tragédias. Morreu William Foster, morreram os seus amigos, de alguma maneira se selou a morte do pobre inspector Edward Leach, embora as razões apontadas por Florence para esta última não sejam tão simples como ela terá pretendido fazer crer. Morreram ainda outros. Por exemplo, Gerald Grace, um médico que acorria a um chamado urgente e cuja viatura a polícia confundiu com a de Foster. Dispararam sobre ele, depois de ter ignorado, ou não ter percebido – preocupado que ia com essa urgência – a ordem de parar. As balas perfuraram por completo o carro, uma delas varou o peito ao médico, outra feriu a mulher que seguia com ele.

Pelo que disseram os jornais na altura, Leach, perturbado com este trágico equívoco, telefonou a todas as barreiras policiais das redondezas, ordenando-lhes que suspendessem os tiros. Chegara-lhe já a notícia da morte accidental do doutor Grace, Leach era crente, a vida, qualquer vida, era para ele preciosa. Em menos de uma hora tinha contactado todos os postos policiais à excepção do de Langlaate, cujo telefone estava permanentemente interrompido. E foi precisamente em Langlaate que aconteceu o acidente de contornos mais obscuros, aquele que envolveu a morte do general Koos de la Rey. Leach nunca se perdoou de ter sido incapaz de completar esse telefonema que faltava.

Hans sente o ar carregado de humidade. Não sabe se é a espuma do mar trazida pelo vento, se os primeiros sinais de nova chuva. Onde quer esta mulher chegar com o que diz? Nas suas palavras parece haver uma procura de novas razões para o suicídio de Leach, tornando assim mais barata a dívida que ela própria tem com ele. As gaivotas grasnam furiosas.

‘Percebo que é grande a sua dívida com o inspector.’

Natalie fica pensativa. Quando volta a falar, é para fugir da via que Hans lhe sugere.

‘Florence falou-lhe no general De la Rey?’

Hans olha em volta. Ainda não reconheceu de modo explícito ter sido Florence quem lhe falou em Peggy, ainda não decidiu se lhe convém fazê-lo. Responde com uma evasiva.

‘Não sei quem é De la Rey.’

Natalie diverte-se com a sua hesitação. Talvez estranhe um pouco um tal desconhecimento, vindo da parte de quem se diz chegado da União. Quem, na União, desconheceria o general De la Rey? Sorri.

Koos de la Rey é um herói sulafricano. Tinha, cristalizados em si, nas suas longas barbas, todos os valores desse povo sofredor, sobranceiro e rural, que é o povo africânder. De la Rey venceu os ingleses em Kraaipan, em Modder River e em inúmeras outras batalhas. Apesar das desgraças que se seguiram em Paardeberg, Bloemfontein, e sobretudo com a fuga de Kruger para aqui, para Lourenço Marques, De la Rey nunca se deixou abater pelo desânimo. Desenhou com Botha uma nova estratégia em Kroonstad, passou à ofensiva em Moedwil, Nooitgedacht, Donkerhoek, transformado em pesadelo móvel e invisível do ocupante inglês. Em nenhum lugar este o achava, em nenhum lugar se sentia seguro pelo simples facto de não o ter achado. Montado no seu cavalo branco, De la Rey escapou a todas as armadilhas, surgiu sempre onde menos o esperavam. Em Tweebosch chegou mesmo a capturar um general inglês, que libertou para, gravemente ferido que aquele estava, poder ser assistido. Prezava a honra acima de tudo.

Hans não a interrompe ainda, quer ver onde a leva o artifício. Ouve a sucessão de batalhas e lugares com nomes angulosos, proferidos com uma entoação aguda, e fica com a sensação de já ter ouvido aquela entoação em qualquer parte.

Natalie parece adivinhar-lhe os pensamentos. Sorri com ironia.

‘Conto-lhe a saga do general tal como os africânderes a contam. Sou de proveniência inglesa, e portanto essa saga não tem para mim a importância que eles lhe atribuem.’

Essa honra que sobrava ao general faltava na mesma exacta medida ao inimigo. Incapazes de o capturar, os ingleses queimaram as florestas e os campos de milho, salgaram as terras e envenenaram os poços, perseguiram mulheres e crianças como se perseguissem soldados. Chegou-se a uma altura em que vitória ou derrota eram palavras sem sentido. De que servia resistir e vencer se a terra estava inabitável, se o *Volk*, o povo, se ia transformando numa multidão de prisioneiros apodrecendo de fome e de doença em campos cercados de arame farpado a meio de planícies descampadas? De la Rey percebeu que os tempos eram outros, tempos que estavam para além das vitórias ou das derrotas. Eram tempos de busca da paz. Conversou com Lord Kitchener em Klerksdorp, juntos construíram a paz de Vereeniging, em 1902. Quanto a ele, saía da guerra com a sensação do dever cumprido, até porque se havia oposto àqueles que desde o princípio tinham feito tudo para a provocar. Combatente brilhante e incansável desde a campanha da Basutolândia, havia mais de quarenta anos, parecia ter chegado a sua vez de descansar. Reuniu-se à esposa e aos filhos – que entretanto tinham vagueado pelo Transvaal, a fugir aos ingleses na companhia de um punhado de criados fiéis – e retirou-se para a sua quinta de Elandsfontein.

Todavia, a pátria não podia ainda dispensar filhos raros como ele. Voltou ao activo. Foi eleito para o Parlamento do Transvaal, e três anos depois desempenhou um papel crucial na Convenção Nacional que levou à construção da União, em 1910.

Hans ouviu já o suficiente.

‘E porque me interessaria eu por tudo isso?’

Natalie vira-se para o encarar.

‘É simples. Porque Florence Greeff é filha do general De la Rey.’

No horizonte próximo, um barco levantou ferros e inicia a manobra de se fazer ao largo. É maciço e escuro. Hans suspira. Os dias correm um atrás do outro e, em lugar de respostas, são cada vez mais as interrogações. Como se toda a gente se unisse para o levar por descaminhos.

Natalie levanta-se.

‘Caminhemos um pouco.’

Atravessa o areal e avança pelo passeio ao longo da praia. Hans vai atrás dela. O que acaba de ouvir abre ainda uma nova interrogação, desta feita inesperada. Pois bem: a partir de agora também Florence Greeff ganhou direito a um passado que não revelou, também ela está envolvida nesta história. Mas, em que é que isso ajuda?

Natalie tem a arte, provada mais que uma vez, de lhe ler os pensamentos. Abrandando o passo e vira-se para ele.

‘Vou agora explicar-lhe como é que os nossos destinos – o meu e o dela – se cruzaram.’

A noite daquele fatídico 16 de Setembro marcou as duas profundamente, embora de maneiras diferentes. Sem dúvida que Florence há-de ter sofrido muito: afinal, tratava-se do seu pai. Mas para Peggy a dor foi mais terrível, a dor de um violento parto do destino, que deu origem a Natalie. Muitas coisas aconteceram de uma vez só, coisas que a deixaram completamente à deriva, como um barco sem leme no meio do oceano. Bill Foster era o seu leme. A morte dele acabou com o sentido que tinha da vida, o renascimento foi um acaso que viria a revelar-se ainda mais cruel, pela ironia que o envolvia: que fazer com ele?

Por vezes, Natalie pensa que o melhor seria ter-se acabado tudo nessa noite.

‘Não sei o que Florence lhe contou, mas uma coisa é certa: existe sempre, acerca de nós próprios, mais que uma versão.’

Hans exaspera-se. Os caminhos deviam estar a fechar-se, não a abrir-se. Sabe que algures, no meio desta história, andarão Rapsides. Como encontrar Rapsides? Reage.

‘Não é tanto assim!’

Natalie parece divertir-se com a sua irritação. Propõe-lhe então um jogo. Pede-lhe que indique alguém que tenha um passado único, limpo e transparente. Se Hans o achar, ela contar-lhe-á o resto da história.

Hans pensa um bocado, enquanto caminham.

À esquerda do passeio, incrustado na base da colina, está o Pavilhão de Chá, seguido de uma longa fila de *chalets*. Quase todos com as portadas cerradas. Um grande letreiro anuncia *Rooms, chambres, quartos, zimmer, To*

let. De um deles espreita uma família pronta para a praia, desconsolada com o estado do tempo.

Vêm-lhe muitas figuras que poderia apontar, mas por uma razão ou outra acaba por considerá-las pouco seguras. Glück não resultaria: enquanto teve contacto com gente que se dizia conhecedora do passado do coronel só lhe chegaram Rússias e Somalilândias, fantasias oníricas e contraditórias. Nem pensar. E Lettow? Não, Lettow também não, sobretudo desde que a doença o pôs a convocar as suas outras vidas, a retirar fragmentos da sua arca mais íntima para os atirar sobre os oficiais que o cercavam.

De resto, Natalie não saberia quem foram Glück e Lettow. Terá de ser alguém que ambos conheçam. Vasculha então os compartimentos da memória mais recente, enquanto Natalie aguarda com um sorriso nos lábios.

Rapsides, o distribuidor de jornais, o *boxeur* e atleta, o artista de circo, o assaltante, o agora fiscal de recrutamento de mineiros, é uma possibilidade (afinal, se ele serviu Maxim e Foster, também Peggy o há-de ter conhecido). Mas seria um bom exemplo apenas se Natalie lhe tivesse pedido o contrário, dificilmente alguém teria um passado mais encoberto por véus do que Rapsides. Florence nem pensar, claro, sobretudo depois do que começou a ouvir esta tarde. E Albasini? Quanto a este, só se fosse o João Albasini das primeiras semanas, quando Hans acabava de chegar. Entretanto, o homem deixou de ser apenas o contacto de Glück em Lourenço Marques para passar a ser um jornalista, e também político; deixou de ser um mulato para lhe parecer por vezes quase branco e, outras, ainda um chefe indígena; deixou de ser um indivíduo racional para se revelar o mais desesperado dos apaixonados. Pobre Albasini!

E eis que, de repente, ao seu semblante aflora uma expressão de triunfo. E exclama:

‘Valerie Neuzil, a pintora!’

Valerie Neuzil é, de facto, a personificação da inocência. Mesmo que apareça nos locais mais inesperados, mesmo que saiba umas palavras em ronga, mesmo que conheça Albasini em circunstâncias pouco esclarecidas, Valerie Neuzil é a personificação da inocência.

Natalie solta de imediato uma sonora gargalhada.

‘Wally?’

‘Sim, Wally.’

‘Não podia ter escolhido exemplo pior que a minha querida Wally!’

‘Como assim?’

‘Aposto que ela não lhe contou como se tornou pintora.’

‘Engana-se. Sei que emigrou para Paris, que serviu em casa de uma pintora de quem não retive o nome. Foi sem dúvida essa pintora que a influenciou.’

‘Como você é ingénuo!’

Wally contou muita coisa a Hans, é certo. É até surpreendente quanto lhe contou, tendo em conta que acabavam de se conhecer. Mas ela é assim, impulsiva, e talvez também um pouco ingénuo. Confia segredos a qualquer estranho.

Hans mantém a expressão de triunfo.

‘Dá-me então razão?’

‘De modo algum, uma vez que também no caso dela há uma outra vida que lhe está a si vedada.’

‘Como assim?’

Natalie conta. É certo que Wally chegou a Paris em meados de 1917, como disse a Hans. Todavia, menos para começar uma nova vida do que para se libertar de uma outra que tivera. E Natalie interroga-se: quem sabe se não é esta a razão profunda – o facto de a ambas ter sido dada a oportunidade de um renascimento – que, para lá dos acontecimentos de circunstância, une as duas mulheres? Quem sabe se não é esta a razão da sua amizade?

‘De que fugia então Wally?’

Natalie explica.

Ela era ainda uma criança, treze ou catorze anos apenas, quando, atravessando uma rua, atraiu a atenção de um homem chamado Gustav Klimt, pintor. Magra (quase escanzelada), cabelos negro-azeviche, uma pele branca como a cera, caminhando com um andar dançante que o fascinou. Aquele tipo de pessoa que, parada, é quase insignificante, quase feia

mesmo, mas que em movimento toda ela se ilumina. Uma pessoa feita de gestos, sobretudo do rei dos gestos, o andar. Não um andar de pose, um andar de quem se sinta observado; antes o andar de quem segue sozinho, perdido em pensamentos pelas ruas de qualquer cidade. Esse andar é, nada mais nada menos que o espelho da alma. Nada há que denuncie a alma mais fielmente do que esse andar.

Voltando ao que interessa, Klimt descobriu-a quando ela atravessava uma rua. Ou talvez tivesse sido ela que, atrevida, se apresentou no estúdio do pintor, em resposta a um anúncio que ele mandara publicar no *Kronen Zeitung* de Viena, procurando modelos para os seus quadros.

Foi contratada. Como modelo de um homem que era tão devasso quanto dotado. Ao que nele era estética e devassidão, respondeu ela com uma ousadia e uma curiosidade quase infantis, e por isso quase sem limites. Em suma, ele pintou-a e serviu-se dela, usou-a cabalmente como alimento das suas fantasias durante três ou quatro anos. Mas, como quase sempre acontece, acabou por se cansar. E, quando teve necessidade de sangue novo e formas novas, deparou com a arreliadora presença da jovem, que entretanto se afeiçoara à nova maneira como via o mundo, a partir de umas janelas escancaradas, e resistia a que estas se voltassem a fechar.

Astucioso, Klimt sugeriu-a a um outro pintor das suas relações, que também de imediato se prendeu pela magia dos gestos da rapariga. Wally sempre foi encantadora, sempre foi portadora daquele tipo de encanto que, por mais que se esconda, os artistas, sagazes, conseguem descobrir.

Prosseguem a caminhada, agora em frente da cerca da praia da Polana. Nenhum dos dois – Hans e a própria Natalie – a conheceu na altura, mas é de imaginar que a magreza extrema e angulosa da Wally de hoje seja a marca precoce que a vida deixou num corpo outrora elástico, incendiado por um espírito vivo e irreverente. Cada um pensa nisso à sua maneira.

Foi essa ousada chama que cativou Schiele (era este o nome do amigo de Klimt), o desafio de fixar no papel a secreta leveza do seu movimento. Wally contou a Natalie que Schiele lhe revelou um mundo novo (afinal, Klimt só lhe havia aberto um postigo). Ainda mais perverso e muito dotado para o traço, retratava-a obsessivamente, de cada vez lhe arrancando um

pedaço da alma para o colocar no papel; de cada vez, também, a prendendo a ele por uma nova amarra. É isso: cada traço uma nova amarra que os prendia um ao outro.

Mais que a modéstia, foi a imaturidade que impediu que a rapariga visse as coisas sob um outro ângulo, que só nas entrelinhas das suas confidências com Natalie esta última foi percebendo. Schiele, que antes se dedicava ao retrato de figuras consumidas pela marginalidade, quase todas elas masculinas, passou por causa de Wally a desenhar figuras femininas. Ou seja, deixou de procurar na arte a pureza da forma sem compromisso para passar a associar essa mesma arte a instintos poderosos e obscuros. Muito jovem, Wally não se deu inteiramente conta do poder que ela própria exercia sobre o pintor. É pena que a ela, sempre tão aguda, tivesse escapado o facto, pois de outro modo as coisas teriam sido bem diferentes.

Em 1911 mudaram-se para a pequena aldeia de Krumau, no sul da Boémia, terra natal da família do pintor. A voracidade artística de Schiele exigia corpos, e Wally passou a sair para recrutar todas as jovens raparigas a que conseguia deitar mão. Depressa o comportamento do casal suscitou os mais vivos protestos dos vizinhos, que confundiam com licenciosidade aquela intensa busca associada a um profundo desprezo pelas convenções. Tiveram de fugir de Krumau, mudaram-se para Neulengbach, nos arredores de Viena, onde mais uma vez se fizeram cercar de jovens delinquentes. Schiele chegou a ser preso, acusado de pornografia e abuso de uma rapariguinha trazida para dentro de casa pela própria Wally.

Data desta altura – estamos em 1915 – o início da recuperação do pintor, se é que recuperação é a palavra mais adequada para descrever o sentido dos factos seguintes. Saiu da prisão e voltou a pintar, agora no seu estúdio da Hietzinger Hauptstrasse. Enquanto o fazia, reparou pela janela em duas vizinhas, as irmãs Edith e Adèle Harms, que começou a cortejar com intuíto pequeno-burgueses. Ou seja, submetia ainda à arte todos os seus actos, mas de uma maneira inteiramente diferente. Schiele estava muito mudado. Não olhava as duas irmãs como alimento da pintura, nada nos seus gestos suscitava a sua febril criatividade. Achava simplesmente que uma associação a gente de reputação mais idónea podia ajudar no seu

reconhecimento social, e portanto na sua carreira artística. Para este novo Schiele, as duas irmãs eram aquilo a que se costuma chamar um bom partido.

Por mais extraordinário que pareça, quem o ajudou neste empreendimento (chamemos-lhe assim) foi, ainda e sempre, a própria Wally, que atravessava a rua levando e trazendo bilhetes picantes e recados urgentes. Por fim, Schiele decidiu-se por uma delas, Edith, a quem propôs casamento.

Estão no fim do passeio da praia da Polana. Segue-se um coqueiral denso e sombrio, difícil saber-se a partir daqui onde terminará. Natalie sente um arrepio de frio e aconchega o xaile ao pescoço. Há também não ainda propriamente chuva mas umas gotas grossas e dispersas, sacudidas pelo vento. Natalie propõe que regressem. Dão meia volta.

Casaram a 15 de Junho. Não sem que antes Edith tivesse exigido do pintor o corte de relações com a sua musa. Com um apurado faro de pequeno-burguesa, Edith sabia dos perigos associados a um casamento que arrastasse atrás de si a sombra daquela ligação tão pouco convencional. Schiele acedeu; já só pensava no futuro.

‘E Wally? O que aconteceu com ela?’

Wally foi forçada pelas circunstâncias a cair em si. Era um trapo. Desde Klimt que era um trapo. Na sua generosidade meio infantil, interpretara a situação de uma maneira digamos que errónea: enquanto Edith, demonstrando um grande sentido prático, encetava uma luta feroz para arrancar Schiele das mãos da rival, Wally achava que cabiam as duas naquela relação. Quem não conhece o ciúme não estará nunca em condições de fazer frente ao ciúme dos outros. Wally, aos vinte e um anos, era um trapo. Schiele ainda lhe propôs encontros ocasionais, férias regulares uma vez em cada ano, mas era mais a sua consciência a roê-lo do que uma genuína vontade de preservar a ligação à rapariga. Além disso, Edith permanecia ciosa e vigilante. De forma que Wally teve mesmo de sair de cena.

Assistiu, à distância, ao sucesso do pintor. Cada exposição que fez, cada notícia que saía sobre ele nos jornais. Tudo isso constituiria uma dupla

humilhação – como se tivesse sido ela a retardar-lhe o sucesso –, isso se ela fosse humilhável. Mas Wally preservava ainda uma espécie de despreendimento absoluto, que lhe estava na natureza mais profunda. Rejubilava com esses acontecimentos como se fossem vitórias suas.

Entretanto, a guerra seguia o seu curso. E, numa decisão intempestiva (cansada de desempenhar aquele papel de sombra?), Wally partiu para a Dalmácia, como enfermeira ao serviço do exército austro-húngaro.

Hans ouve a história. Mas ao mesmo tempo joga ainda o jogo que Natalie lhe propôs. E, por temperamento, não gosta de perder.

‘Reconheço que tudo isso é curioso. De qualquer forma, não pode dizer-se que Wally me tenha mentido. Não me contou isso simplesmente porque não se proporcionou. A sua estadia em Paris, por exemplo, é até muito transparente.’

‘Engana-se novamente.’

Estão outra vez na frente dos *chalets*. *Rooms*, *chambres*, *quartos*, *zimmer*, *To let*. Um bando de crianças, cuja impaciência os pais deixaram de conseguir segurar, passa perto numa correria, com os seus fatos de banho de riscado.

Antes de se tornarem amigas, Wally e Natalie de alguma maneira já o eram. Não apenas devido aos gostos idênticos, às sensibilidades partilhadas, mas também, de alguma forma, por terem passados extraordinariamente parecidos: a ambas o destino proporcionou viver duas vezes.

Valerie Neuzil morreu na Dalmácia. Ou melhor, foi dada como morta na Dalmácia. De gripe espanhola. Imagine-se a sua surpresa quando teve acesso a cartas dirigidas ao comando, indagando das circunstâncias da sua morte, uma delas remetida por Egon Schiele ele próprio. Foi nessa altura, em nova atitude intempestiva, que Wally decidiu desaparecer. Que tinha ela a perder? Nada devia ao passado, o futuro era uma folha branca onde podia começar a riscar timidamente os seus primeiros traços.

‘Imagine o que eu senti quando ela me confessou o seu segredo!’

Natalie perguntou-lhe que nome tinha, antes de isso acontecer. Apalpava tudo em volta com uma ansiedade de cega, em busca de mais pareções. Mas Wally, apesar do comportamento dissoluto que lhe atribuíam, é um

símbolo de pureza (nisso Hans está certo). Por que razão haveria ela de mudar de nome? Não fugia de ninguém, uma vez que ninguém a procurava: era Valerie Neuzil, e assim permaneceu.

Partiu para Paris. Tudo aquilo que contou é verdadeiro, embora possa haver, claro, omissões. Trabalhou para uma pintora que tinha um filho pintor. Serviu a ambos: à mãe como uma espécie de governanta, ao filho como modelo. Miguel Utrillo (assim se chamava o rapaz) pintava num pequeno *atelier* em frente à casa da mãe, por cima de um bar boémio, o Auberge du Clou, frequentado por muitos artistas. Natalie não sabe se ela chegou a ser amante dele, mas é possível. Quando se cansavam do trabalho, desciam a ter com os outros à mesa do bar. Embebedavam-se, conversavam sobre arte e pouco mais.

Aos poucos, Wally foise dando conta de que fugira de uma vida para se meter noutra igual. Afinal, a folha da sua segunda vida não era tão branca quanto parecia, o passado marcara nela as suas garras. Este pensamento foi tomando conta dela, feito quase obsessão. Não sabia como libertar-se deste novo mundo abafado por cheiros tão limitados: o álcool e os fumos do haxixe e do tabaco, o óleo de linhaça, a terebintina.

Até que um dia algo voltou a mudar a sua vida. Discutia se pintura no Auberge du Clou, o álcool corria farto. Às tantas, noite já alta, saíram todos para o *atelier* de outro pintor, a um ou dois quarteirões de distância. Lá, continuaram a beber e a discutir a única coisa que, segundo ela, os pintores conseguem discutir: pintura. Wally era a única mulher, e portanto objecto de alguma atenção. Discutiam arte africana, e Wally revelou, entre gargalhadas, desconhecer por completo o assunto. O dono do *atelier* – Picasso, pensa Natalie que se chamava – levou-a para um canto, levantou um pano-cru que tapava uma tela e, segundo Wally, o mundo deixou de ser como era. Tudo mudou.

Wally nunca tinha visto nada assim, uma visão que, de um rasgo, eliminou nela os efeitos do absinto. O quadro revelava uma mulher no meio de outras mulheres. Imediatamente Wally lamentou não ter sido ela aquela mulher, não ter posado para aquele quadro. Segundo ela, foi a primeira vez que sentiu ciúmes de alguém: uma sensação quente, um fino ardor que

suspeitamos produzido pelo mais baixo que existe em nós, mas todavia nos faz sentir vivas como nenhuma outra sensação consegue fazer.

A mulher estava sentada, ao mesmo tempo de frente e de costas, e Wally lamentou que Schiele, o seu velho amante, não estivesse ali para se dar conta do que era o movimento finalmente capturado. O rosto era uma estranha máscara que os outros convivas, entretanto chegados, diziam ser a prova da influência africana. O pintor encolhia os ombros, diminuindo a tal influência que, a ser aceite, o diminuiria a si. Alegava que aquilo de novo que existia ali era resultado das refrações provocadas pelo absinto. Tinha origem, portanto, não em qualquer influência mas dentro de si. Chamava ao quadro, simplesmente, *O Bordel*.

Wally não era tão ingênua quanto isso, acreditou mais no quadro que no seu autor. E saiu dali com uma ideia fixa: África. No dia seguinte não falava em outra coisa. Comentou, claro, com a patroa. Suzanne Valadon ouviu e achou haver ali um sinal premonitório, uma vez que acabava de receber uma carta de África, de um amigo seu chamado Glück.

Hans abranda o passo.

‘Como disse que se chamava esse amigo de Suzanne Valadon?’

‘Glück, ou qualquer coisa parecida com isso. Fabian ou Sebastian, já não sei bem.’

O Grémio Náutico está perto novamente. Glück. Uma simples palavra, um nome, e Hans perdeu o jogo.

Natalie, sem consciência da força que ganhou neste momento, prossegue ainda a sua narração. Refere agora pormenores que suspeita não serem do conhecimento de Hans, por Wally não lhe ter contado. Suzane Valadon era, aos quinze anos, uma trapezista de circo, e foi uma queda lá de cima, quase fatal, que a levou a desistir dessa carreira. Suzanne Valadon foi uma modesta lavadeira durante um par de anos, depois modelo como Valerie, isso antes de se tornar pintora. Talvez essa profissão comum tenha ajudado à amizade das duas mulheres. Wally não sentira qualquer atracção pelo autor de *O Bordel*. Utrillo, o jovem pintor, não era dotado por aí além, e Wally, olhando os retratos que ele fazia dela, nunca sentiu a alma aprisionada. E mais isto e aquilo.

Hans já nem a ouve. No meio de tantas palavras, Natalie proferiu uma com o intenso brilho de um diamante: Glück. Uma palavra que ofusca tudo o que disse antes e o que possa vir a dizer depois.

A partir desse momento Wally não mais largou a patroa, até que esta aceitou a escrever uma carta a esse tal amigo – esse tal Glück – pedindo-lhe que acolhesse a rapariga. E uns meses depois, munida da sua modesta poupança mais de uma ou duas jóias que Madame Valadon, sempre generosa, lhe ofereceu, Wally partiu para África. A estadia em Paris não fora mais que uma espécie de transição. Ia ter enfim direito à sua página branca.

Pela mente de Hans Mahrenholz correm agora imagens velozes, como num filme. Só imagens, sem palavras. Um baldio, duas crianças posando com os incipientes peitos descobertos. E Wally viajando até Paris para lhe contar a história de uma canção, não mais que isso. O som do filme é essa canção. *C’était pendant l’horreur du Quatorze Juillet / Il faisait chaud, très chaud, sur la Place Pigalle.* Um som saído de uma grafonola para se perder, pelas janelas, na floresta densa. E os *askaris* escutando, perplexos, enquanto limpavam as suas espingardas.

Natalie dá-lhe tempo. As gaivotas grasnam furiosas. E ao fundo, atravessando o areal, vem chegando uma figura imensa e atarracada. Um colosso. Caminha depressa, braços descaídos e punhos cerrados.

Perdido na lembrança do baldio – o baldio é o que resta do mato dentro da cidade, uma única árvore, embora carregada de frutos –, Hans nem dá por ele. Mais ao fundo, os dois táxis, o seu e o dela. Esperam pacientes.

Sente uma mão pesada no seu ombro. Vira-se.

E, ao mesmo tempo, a voz de Natalie:

‘Deixa-o! Está tudo bem!’

Rapsides larga-o sem proferir qualquer som. Apenas um olhar vazio, e pelos vistos um ouvido atento às ordens que recebe. Vive ainda dentro de uma hierarquia antiga, transposta para este lugar. Hans fica sem saber o que dizer.

É Natalie que fala.

‘Hoje já não temos condições de continuar a conversa. De qualquer maneira, você perdeu o jogo. Procure-me um dia destes, se tiver vontade. Sabe onde fico. Central Hotel. Procure-me e eu conto-lhe como o meu destino e o de Florence se cruzaram.’

E põe-se a caminho do táxi, seguida de Rapsides.

Hans fica ainda um pouco, refazendo-se de tudo aquilo por que acaba de passar. Da conversa que tiveram e, agora, da perturbadora proximidade daquele homem. Pensa em Natalie e na maneira invulgar que ela tem de se ligar aos outros. Partilhando com Wally um renascimento; com Rapsides, uma cicatriz. Pensa em Florence, sem estar certo se o pouco que lhe foi dito sobre essa rapariga chegou para a introduzir na equação. E há ainda, claro, uma nova questão: Glück. Mas sente-se demasiado confuso para pensar agora em tudo isto. Vira as costas às gaivotas e dirige-se para o táxi.

* * *

Depois daquela festa que só a madrugada dispersou, quem é afinal João Albasini?

Hans caminha pela cidade, debatendo-se com esta e outras interrogações. Que lhe disse Glück acerca dele? Puxa pela memória, mas não lhe chegam mais que alusões distantes e impessoais. Alguém que o ajudaria assim que chegasse a Lourenço Marques, não mais do que isso.

Pára à porta do cinema, à hora da sessão. *Teatro Varieté (African Theatres)*, «*A Misteriosa Mme M (de Pekin-China)*», «*O Pai Desconhecido*» (*drama em 5 partes*), «*O Cometa do Amor*» (*comédia em 2 partes*), «*O Prisioneiro de Priscila*» (*comédia*). Deambula por entre a fila de gente anónima, de bilhete na mão. Mas desiste, antes mesmo de verificar qual das sessões anunciadas vai efectivamente ter lugar.

E o que será que liga o jornalista apaixonado a Wally? Esta a pergunta urgente que quer fazer a Albasini. Suspeita que poderá ser a partir daqui que chegará ao resto. Wally. Pensa nela. Sobretudo depois que Natalie – ou Peggy, seja lá quem for – lhe revelou a outra Wally. Mesmo assim não

consegue ver a rapariga enredada nesta teia. Como se ela estivesse em toda a parte mas apenas como vulto claro flanando por entre vultos mais escuros.

Voltando a Albasini. Aquilo que parecia um armistício era afinal coisa diferente. Veio convidá-lo para o almoço campestre mas permaneceu distante, não só nessa altura mas também nos dias que vieram depois. E, de alguma forma, Hans não pode deixar de lhe dar razão. Olhando com os olhos do homem, quem é Henry Miller? Albasini abriu-lhe as portas, de uma maneira ou outra revelou-lhe todas as faces que tem. Inclusivamente, resgatou-o da prisão. E que lhe deu Hans em troca, ele que se diz jornalista? Nem sequer um texto para o jornal, esse tal *O Brado Africano*! É isso, talvez devesse começar por escrever um texto para ganhar a confiança do pobre jornalista apaixonado.

Restaurante Aliança. De José dos Santos Clemente, Rua Consiglieri Pedroso, esquina da Travessa da Catembe, Antiga e bem conhecida Casa Machado, Esta casa passou por uma completa transformação podendo garantir-se aqui não só o máximo asseio como a maior economia, Comida excelente confeccionada por um hábil cozinheiro, Bons vinhos e toda a espécie de bebidas sempre geladas, Comida a todas as horas, Cabines reservadas, Aberta até à meia noite. Entra para almoçar, com o projecto de texto a bailar-lhe na cabeça. Sobre o que escreveria? Sobre aquilo que disse tê-lo trazido aqui? Afasta a ideia: João Albasini tem muito mais a dizer que ele próprio sobre as condições dos trabalhadores das minas.

Desbasta com o garfo o *soufflé* que o criado trouxe, para o arrefecer. Sobre a campanha de Lettow-Vorbeck? Isso, sim, daria um interessante conjunto de crónicas que poderia arrastar se por vários meses. Podia até fazer um *pendant* entre Lettow e Glück, entre Deus e o Diabo.

Sorri, enfiando na boca um camarão.

Cada crónica acrescentaria algo à anterior, aprofundando a trama. Deslizariam de rio em rio, o Rovuma, o Lugenda, o Messalo, o Lúrio, com a malária e os mosquitos pelo meio, os leões e hipopótamos, portugueses e ingleses. Escreveria sobre a doença de Lettow, cada noite um ensaio do fim, um exército inteiro passando por ela debruçado sobre os ombros de Gasparini, interrogando-se em que manhã acordaria órfão.

Escreveria também sobre os actos de nobreza do *kommandant*, sobre a visão agudíssima proporcionada pelos seus olhos claros, sobre os seus golpes de génio que, de cada vez, deixavam Deventer à beira de uma apoplexia. E os leitores d'*O Brado Africano* esperariam cada novo número com ansiedade, devorariam cada episódio do folhetim com avidez, à espera do desfecho. E esse desfecho versaria o tema da traição de um prometedor oficial que, entre os dois, acabaria por escolher o Diabo.

Novo camarão, delicioso, emergindo da maré branca e fofa do *soufflé*, e que, inquirido, o criado diz pescado nos mares da Catembe.

Isso, um último episódio sobre a escolha feita pelo misterioso oficial. E Albasini, o editor, eufórico com a subida abrupta das vendas. Ele eufórico e os leitores intrigados: como saberia Miller tanto sobre a campanha, a partir de um posto de observação tão longínquo quanto Joanesburgo? E a curiosidade levava-os de Miller a Mahrenholz. Quem seria Mahrenholz? Um beco sem saída, portanto, essa história de nobreza e sordidez, um beco sem saída aqui em Lourenço Marques, onde impera um profundo ressentimento relativamente aos alemães. Até Albasini olha os alemães com desconfiança. Será que vem daí a sua reserva, o seu afastamento em relação a Hans? Será que ele desconfia quem é Henry Miller?

No prato, do resto de *soufflé* (um mar chão endurecido), espreitam dois ou três camarões já sem graça.

No entanto, nem tudo está perdido no que toca à ideia de escrever um texto para o jornal. Pede um café, um *brandy* e uma folha de papel, onde rabisca um enigmático texto. Muito mais curto do que pretendia, para publicar na forma de anúncio:

‘Alvíssaras a quem fornecer indicações inequívocas que conduzam ao Olho de Hertzog.’

Dobra meticulosamente a folha, mete-a no bolso interior do casaco e deixa o restaurante.

Num instante chega ao número 101 da Rua Araújo, onde entrega o texto do anúncio, após o que ocupa o resto da tarde passeando pelas ruas da baixa. Sente-se como um caçador a quem, depois de ter montado a armadilha, só resta esperar. Um grande anúncio a letras verdes, *Comissão*

Central de Benificência Pública, sob a direcção da Rufe Naylor's Lotteries Lda, leva-o a pensar que talvez seja boa ideia voltar ao padre Sacramento. Talvez ele tenha mais qualquer coisa sobre Rapsides de que não se tivesse lembrado durante a entrevista.

Ao mesmo tempo, se conseguir ganhar a confiança do homem talvez chegue a dona Carlota Especiosa da Paiva Raposo para descobrir a razão do ódio que existe entre ela e Albasini. Abana a cabeça para expulsar esta ideia. Por um momento irrita-se consigo próprio, com esta tendência, que nos últimos tempos o assalta, de abrir novas frentes de pesquisa em lugar de se concentrar naquilo que verdadeiramente interessa.

Volta à esquina da Travessa da Catembe, onde é obrigado a parar à passagem de um destacamento da guarda montada. Os soldados vão altivos em cima dos cavalos, os cascos arrancam faíscas do chão. Em volta, os rumores populares espalham versões daquilo que vai acontecer, isto se os antagonistas se chegarem a encontrar. Mas em nenhum lugar se encontram os grevistas, como se adivinhassem a vinda da guarda e se pusessem a salvo. Fala-se na possibilidade de recontros para os lados do cais do porto. Albasini e o homem do casaco de veludo azul devem andar por lá, tirando as suas notas.

Assim que a rua fica livre, prossegue a caminhada. *D.B. Aerated Water Factory (Fábrica de Águas Gasosas) do falecido Gordon Forsyth e agora de A. Khan, proprietário também da Fábrica de Águas Gasosas de Cantão (China), Fornece com prontidão e rapidez toda a espécie de águas gasosas e minerais e xaropes de superior qualidade pelos preços correntes na praça, Roga-se o obséquo de experimentarem.* Passado um tempo, nota, não sem uma certa surpresa, que as suas voltas sem rumo o trouxeram até à porta do hotel.

Na varanda, como sempre, Florence Greeff. Ela e o seu chá de *roiboos*. O mesmo quadro de todos os dias, como se todos os dias fossem sempre o mesmo dia. Desta vez, porém, tem três homens a seu lado. Hans observa um momento, com os olhos semicerrados, e suspende a intenção que tinha de se aproximar e cumprimentar. Aquilo que vê deixa-o intrigado. Os mesmos bigodes debruando o riso escarninho, a mesma poupa oleosa

desmaiada sobre a testa. E, claro, o mesmo casaco de veludo azul. O segundo homem é o gerente do hotel, um espanhol solícito e baixinho, simpático à sua maneira. Quanto ao terceiro, fica um tempo a tentar descobrir porque será que lhe parece tão familiar. Está de costas, é muito jovem e consulta o seu relógio. É esse gesto de consultar o relógio que transporta Hans, num turbilhão de confusos pensamentos, até junto de Glück e Lettow, num tempo já distante.

Deixa-se estar junto à parede, encoberto pelas colunas, tentando pôr ordem naquilo que vê, enquanto os outros conversam animadamente. Ocorre-lhe que, afinal, embora com algum atraso, Florence sempre acabou por aceitar um certo convite para dançar.

E o terceiro homem – H. J. Klopper, lembra-se agora que é este o seu nome –, que será que faz aqui?

Sacode os pensamentos e põe-se a caminhar o mais discretamente que lhe é possível, tentando chegar às escadas que vão dar aos quartos.

‘Señor Miller! Señor Miller!’

O gerente do hotel acena-lhe de longe. Hans pára. O homenzinho corre para ele, muito agitado. Conta-lhe que algo de muito grave se passou. Entrou um ladrão no seu quarto, em pleno dia. No hotel, ninguém sabe explicar exactamente como tal aconteceu. Evidentemente que o hotel cobrirá todos os prejuízos. Evidentemente que, também, os empregados de turno serão punidos.

Hans apressa o passo, sobe os degraus dois a dois. O gerente do hotel vai atrás dele, desdobrando-se em desculpas e em explicações. No corredor, o incidente deixou sinais indefinidos: murmúrios, criados apressados, uma cortina esvoaçando numa janela, a penumbra de sempre removida pela luz crua que faz lá fora.

‘Evidentemente, todos los prexuísos!’

A porta do quarto está entreaberta. Empurra-a.

Lá dentro passou um vendaval: os lençóis revoltos como o mar no dia em que aqui chegou, a mala escancarada, os casacos retorcidos pelo chão, os frascos entornados (é esta a origem da miríade de cheiros que esvoaçam pelo quarto), as gravatas como cobras mortas. E, no espelho da casa de

banho, uma frase enraivecida, escrita com um *bâton* que Florence certa vez ali esqueceu: *Onde está aquilo que procuramos?*

Fica um tempo matutando, com um sapato na mão. Vai à janela espreitar, como se quem fez aquilo se pudesse ter esfumado por ali em direcção ao projecto de jardim. Tiveram a mesma ideia que ele, quem quer que sejam: enviar uma mensagem. Só que não a anunciaram num jornal. Parece-lhe uma ideia antiga, recorrente, já tentada dentro de uma garrafa, tinha ele acabado de chegar. Será que foram os mesmos?

Olha-se ao espelho e vê uma face transfigurada pela raiva e pelo cansaço, por cima dela aquela frase vermelha que resume os seus próprios pensamentos. *Onde está aquilo que procuramos?*

10

O lugar deixava adivinhar um fausto antigo, mas também uma lenta decadência que teve o condão de me intrigar. Explico-me: as guerras são repentinas, deixam marcas diferentes daquelas que ali havia. As guerras golpeiam, mas o que a superfície das coisas mostrava ali não eram golpes, era erosão. Não feridas fundas mas arranhões, camadas sucessivas de arranhões, se é que me entende. Como se, por obra do tempo, tivesse sido possível ir bem fundo na carne sem fazer sangrar.

Chegámos a cavalo, Lettow e eu, acompanhados por um pequeno pelotão de *askaris* comandado por Müller. O capitão foi com alguns deles inspeccionar o terreno ao redor da casa, para evitar ciladas. Passado um pouco, regressou dizendo que podíamos avançar. Lettow esporeou o cavalo, eu fiz o mesmo, e lá seguimos os dois num trote ligeiro pela colina acima.

De ambos os lados do caminho havia renques de laranjeiras cuidadosamente alinhadas, com restos de cal nos troncos, junto ao pé. Todavia, os frutos apodreciam sob as copas, e isso revelava não só a tal decadência mas também ausência de povo. Ou então, abundância de comida.

A casa ficava no cimo da colina, com os seus telhados de zinco verde desbotado. Da varanda lobrigava-se o vale inteiro, em volta. Desmontámos e tocámos o sino de cobre, ao lado da porta de entrada. Por cima das nossas cabeças, algumas chapas de zinco que pareciam soltas, abanadas pela brisa, produziam um monótono ruído – assim como um leve martelar. Lettow limpou as botas num esgarçado tapete de sisal, eu fiz o mesmo. Só depois nos chegou o som de um ferrolho a ser corrido, e a pesada porta de madeira entreabriu-se para deixar ver, espreitando, uma velha mulher branca.

Tinha o cabelo grisalho, apanhado atrás. Usava uma espessa maquilhagem que a tornava muito pálida, salvo umas rosetas nos málares e os lábios de um vermelho muito vivo, golpeados por aquelas rugas verticais

– verdadeiras fendas – próprias da velhice avançada. Pareciam cicatrizes de entalhes feitos por uma pequena faca, afiadíssima. Ou então marcas de quem passou a vida de boca crispada. Estava aperaltada, como se de manhã cedo tivesse sido tocada pela premonição da nossa visita. Observou-nos pela frincha da porta com uns olhos muito azuis, indagadores. Uma daquelas aparições de nos deixar sem saber o que dizer.

Imperturbável, Lettow anunciou-se, no seu inglês nasalado, como general das *Schutztruppe*, e a mim como seu ajudante-decampo. Era a primeira vez que se referia a mim nesses termos.

Mrs. Greene (foi assim que, pouco depois, a mulher se apresentou) emitiu um som agudo, vagamente parecido com uma exclamação de triunfo. Afinal, o exército de Sua Majestade sempre havia correspondido às suas expectativas, enviando alguém com quem se pudesse falar!

Face à nossa perplexidade, explicou que umas semanas antes havia estado ali uma força inglesa que, não contente com ter-se servido dos produtos da horta e espezinhado as orquídeas e as dalias com as patas dos cavalos, ainda por cima entrara em casa com as botas enlameadas, deixando a sala numa lástima. Indignada, Mrs. Greene tratara logo de escrever uma carta, na qual dirigia ao superior daqueles vândalos o seu mais veemente protesto, e de entregá-la em mão ao oficial que parecia comandá-los. Se é que aquilo era um oficial! Muito a surpreendia – e, claro, lhe agradava – que surgisse agora um general em pessoa para os desculpar.

Lettow não se descompôs. Pelo contrário, asseverou que o incidente não se repetiria, enquanto atravessávamos o pequeno *hall* para chegar à sala.

Ali, sentados em velhas poltronas de espaldar de vime ressequido e almofadas com o brocado no fio, foinos servido um estranho chá. Digo isso porque Mrs. Greene dava ordens a um criado imaginário, ao mesmo tempo que se levantava para ir ela própria fazer o serviço, e lamentava a qualidade dos serviços da região. A agitação com que falava, como se receasse a insidiosa intromissão das pequenas pausas de silêncio entre as palavras, era indício de uma arrastada solidão.

Quanto a mim, fui obrigado a reconhecer o meu erro, pois à entrada também me ocorrera que aqueles entalhes verticais fossem marcas da boca

apertada de quem jurara há muito nunca mais proferir palavra. Pelo contrário, ela mastigava as palavras com verdadeira sofreguidão! E, com esta atitude, revelava também que a decadência com que os nossos olhos deparavam lhe provocava uma certa humilhação, que ela deste modo procurava disfarçar (enquanto falasse, era de bom tom que mantivéssemos os olhos fixos nela, e portanto afastados daquilo que nos cercava).

É claro que não havia criado algum, todos já haviam partido.

O chá que acabou por servir, com as mãos trémulas e deformadas pela artrite, em desirmanadas chávenas de louça, estava frio e sabia a mofo. Mais uma vez Lettow se conteve, tomando-o pausadamente como se escaldasse, ao mesmo tempo que fazia perguntas interessadas sobre a propriedade: quantos hectares, que culturas, o número de trabalhadores, e por aí fora. Perguntou também se a guerra os incomodava muito (dirigia se a ela no plural, presumindo que houvesse algures um Mr. Greene, nesse momento porventura ocupado nos campos a supervisionar os trabalhos).

Mrs. Greene respondeu que era viúva, o que embaraçou ligeiramente o *kommandant*. Mas, ao mesmo tempo, pareceu encantada com a possibilidade de poder descrever-nos as conquistas dos Greene em terra tão inóspita. Referiu, apontando para poente, campos de algodão brancos como a neve (que mais tarde verificámos não passarem de mísero mato desgrenhado), laranjais pujantes que no caminho para aqui havíamos visto o que eram: pequenas árvores que, embora alinhadas, há muito não sentiam no corpo a disciplina da poda, dando frutos por inércia.

Já referi que no decorrer de toda a campanha me assaltou com particular intensidade o mal da divagação. Mrs. Greene descrevia, e eu imaginava um laranjal com o freio nos dentes, lançando ramos retorcidos e ilegais, cuspiendo laranjas cada vez mais pequenas e amargas numa desregrada euforia de liberdade. O alinhamento inicial, que eu presumia tivesse sido meticuloso, apresentava já curiosos desvios, como se as sôfregas raízes, que há muito ninguém regava, fizessem mover as pequenas árvores no solo. Estes meus perdidos e escusados pensamentos eram alimentados pelo cheiro indescritível de laranjas há muito apodrecidas e secas, espalhadas pelo chão. Um cheiro que nos chegava pela janela quando a brisa soprava

de feição, qualquer coisa entre o putrefacto e o adocicado, sem chegar contudo a ser repugnante. A natureza reclamava de volta aquilo que oferecera e não tinha sido aceite.

De alguma maneira, também a esses meus pensamentos alimentava o diálogo de fundo entre Lettow e Mrs. Greene, que saltitavam sobre os temas mais inesperados com uma naturalidade desconcertante. Várias vezes pisquei os olhos, não podendo crer no que ouvia. O *kommandant* partia docilmente atrás dos delírios da mulher, que falava agora nas obras do caminho-de-ferro que já andariam pela parte de trás da colina, perguntando-nos mesmo se não as ouvíamos. Lettow aguçava os ouvidos, ansioso por colaborar, mas evidentemente que só lhe chegava o monótono martelar das chapas de zinco do alpendre.

Entretanto, eu abafava dentro daquela velha sala, e lá partia outra vez à desfilada, imaginando uma massa ondulante de trabalhadores que castigavam com os seus enormes maços aquele chão adormecido para nele lançar traves e carris, e empurravam colina acima uma locomotiva que urrava de dor, expulsando por pequenos orifícios espalhados pelo corpo o vapor que trazia no seu âmago. Estalavam no ar os chicotes dos capatazes, encorajando a massa a um último esforço, já que o topo da colina estava próximo. Assim que conseguissem essa última vitória, então sim, vê-los-íamos a partir daqui, da sala onde nos encontrávamos. Imaginando isso, ouvindo os sons por detrás do laranjal e sentindo a colina tremer, não conseguia desprender-me do vidro martelado da janela, que deformava a paisagem.

Enfim, lá acabei por regressar àquela sala, ajudado pelas insistências de Lettow, que buscava em mim confirmação de algo que havia dito a Mrs. Greene, sem obter qualquer resposta.

‘Não é verdade, tenente? Não é verdade?’

Mas o forte, na propriedade dos Greene, era segundo ela as plantações de chá. Infinitas, ondulando por aquelas colinas arredondadas, ponteadas de gente curvada pelo peso de cestos de vime a abarrotar. Escusado será dizer que aquilo que vimos mais tarde, quando regressávamos ao acampamento,

eram searas de capim interrompidas aqui e ali por vestígios ressequidos dessa bela planta. A ter havido ali alguma coisa, há muito se acabara.

Menciono a referência que Mrs. Greene fez às suas plantações de chá porque a acompanhou de um gesto largo na direcção daquela mesma janela de vidro martelado, um gesto destinado a que melhor as pudéssemos imaginar. E foi nessa altura, seguindo a sua mão com o olhar, que notámos os três um vulto escapando-se do quintal.

A princípio, pensámos – tanto eu como o *kommandant* – tratar-se de um dos criados da velha senhora, ocupado em algum dos múltiplos afazeres a que as quintas normalmente obrigam. Mas a reacção de Mrs. Greene desfez-nos de imediato essa impressão: saltou da poltrona com uma agilidade surpreendente para a sua idade, passou à nossa frente, muito agitada, e pôs-se a vociferar pela janela com o punho levantado. Parecia um peru sacudindo as peles penduradas.

Convém dizer, neste ponto, que os nossos informadores avançados consideravam esta zona muito perigosa. A crise de autoridade provocada pela guerra deixara nascer pequenos potentados como ervas daninhas, na sua maior parte desertores das forças portuguesas e criados trânsfugas das fazendas, que se agrupavam em bandos dedicados a saques e a razias.

Lettow levantou-se atrás da anfitriã, derrubando o tabuleiro do chá e dando um fim definitivo a algumas daquelas chávenas, muitas das quais, de resto, já rachadas. Ao mesmo tempo que se desfazia em desculpas, berrou para mim algo como ser inconcebível que a força que guardava a casa tivesse deixado aproximar assim um intruso.

Nunca se havia dirigido a mim com tal rispidez. Apressei-me a sair para cumprir as suas ordens.

Facilmente a pequena guarda capturou e trouxe à nossa presença o indivíduo. Para nós ficou claro (até porque Mrs. Greene se dirigiu a ele chamando-o pelo nome) tratar-se de um antigo criado que resolvera regressar para a roubar. Aliás, os *askaris* traziam consigo o produto do roubo, uma cadeira de palhinha meio apodrecida que ele retirara da varanda.

No pequeno interrogatório que se seguiu, apurámos que, aos poucos, todos os criados de Mrs. Greene a haviam abandonado com a chegada da guerra e a diluição da autoridade. Este fora um dos últimos a partir. Muitos deles costumavam regressar furtivamente para roubar, com mais sentido de oportunidade que o infeliz que havíamos capturado. Por enquanto tolhia-os ainda um resto de pudor: limitavam-se a levar pequenas coisas ao redor da casa, uma mesinha esquecida na varanda, madeiras de uma cerca, assim como um leão dando patadas divertidas na presa antes de a devorar. Apesar de tudo já o faziam em pleno dia, pouco preocupados com a possibilidade de serem vistos.

No regresso, levámos connosco o ladrão. Passámos pelos tais campos com vestígios antigos de chá. De vez em quando surgia-nos um imenso tractor immobilizado, com rodas de ferro mais altas que os nossos cavalos. Eram uma espécie de elefantes de metal mortos de pé, que o sol e a chuva iam aclarando. Seguíamos em silêncio, cada um remoendo a seu modo aquele extraordinário encontro.

No que me dizia respeito, não pude deixar de sentir uma certa sintonia com a estranha Mrs. Greene. Ambos tínhamos marcada na carne uma grande viagem: a minha em pleno curso, a dela por consumir. Digo isto porque, antes de deixarmos a casa, ela se desculpara de não nos convidar para jantar. É que não tinha condições; as suas coisas, dizia, estavam já embaladas em caixas, prontas a partir de volta à sua terra, o que aconteceria dentro de alguns dias, talvez mesmo um ou dois. Ouvimos em silêncio e agradecemos na mesma, desejando-lhe boa viagem de regresso a uma terra que, na certa, há muito a havia esquecido.

Uma vez em cima do cavalo, trotando em silêncio, não pude deixar de concluir que ela não partiria nunca. A ideia da viagem não passava de um astuto artifício para combater a solidão; o seu anúncio, uma forma de atenuar a humilhação.

Ao lado, Lettow pareceu adivinhar-me os pensamentos. Observou, algo enigmaticamente, que no contexto em que se encontrava, Mrs. Greene havia sido muito sensata em deixar se enlouquecer. E concluiu, num tom funesto,

que um dia destes acabariam por entrar-lhe em casa. Após o que esporeou o cavalo, como se quisesse deixar tudo aquilo para trás.

Lettow via sempre muito longe, já o disse mais que uma vez. O episódio em casa de Mrs. Greene deixou nele uma ponta de inquietação. Não em relação à velha senhora (embora digamos que, no plano mais pessoal, tal inquietação pudesse existir), mas sobre o significado daqueles roubos e da impunidade de quem os levava a cabo. Depressa pôs Glück em acção, ordenando-lhe que recolhesse elementos que lhe permitissem entender que terreno era aquele que nós pisávamos. Também já referi que Lettow tinha um modo muito especial de considerar as notícias colhidas dos informadores locais. Acreditava e não acreditava nelas. Achava que eles exageravam.

De forma que Glück começou por interrogar o ladrão de Mrs. Greene. A princípio, o homem optou por manter a boca fechada e um olhar vazio, quase mineral. Quem os conhece sabe que fazem sempre assim, parece que não há nada que os ponha a falar. Mas, logo que sentem uma pressão (a visão de uma lâmina afiada aquecendo ao fogo, ou mesmo, se a isso o obrigarem as circunstâncias, um dedo esmagado), soltam-se em lamuriosa torrente, de tal modo que só com dificuldade se consegue depois calá-los.

Não roubara para ele, roubara a mando de alguém. Glück continuou a esmiuçar com malévola paciência e, quando achou que já tinha o suficiente, montou a cavalo e partiu com os seus homens, levando o infeliz a correr na frente, preso por uma corda atada ao pescoço. Ele era assim, sem um pelotão de *askaris* nem nada. Apenas os dois homens que não o largavam nunca, Issa e Mzee Ali.

Passou uma semana fora sem dar sinal. Quando por fim regressou, tinha muito para contar. Haviam dado com um lugar fortificado junto a um rio largo, a três dias de marcha do nosso acampamento. Fortificado é como quem diz, pois não havia muralhas ou coisa parecida, apenas umas plantas espinhosas que deviam ter sido plantadas há muito tempo, a deduzir dos caules grossos como árvores, das folhagens afiadas como canivetes. Uma barreira intransponível no caso de um avanço de corpo e baioneta, embora

expediente ingénuo se o atacante estivesse em situação de poder recorrer à artilharia. Chamavam-lhe *aringa*.

Sebastian Glück entrou nessa *aringa* pela entrada principal, exigindo, ante o pasmo dos de dentro, falar com quem mandava. Apresentou-se como oficial dos *magermane* (era assim que designavam as nossas forças em toda a Zambézia), ciente de que a nossa fama nos antecedia.

Tinha razão. Depois de alguma agitação, mandaram-no esperar enquanto o chefe se preparava para o receber. Foi levado à presença deste, um homenzinho modesto e de ar preocupado, esmagado pelo curso dos acontecimentos. Usava uns óculos despropositados, e imediatamente perpassou pela mente do coronel a certeza de terem sido roubados a Mrs. Greene. Glück apresentou-lhe o rol de queixas de Lettow, que mais não eram que as queixas de Mrs. Greene postas de uma maneira, digamos, mais razoável.

O homenzinho ouviu de olhos postos no chão, mas o que impressionou Glück não foi ele, foi antes o par que estava a seu lado, um homem e uma mulher altivos, como se, esses sim, fossem verdadeiros reis.

O coronel sabia ser expediente comum, nas conversações, os reis colocarem outros na frente para se protegerem e melhor poderem observar e reflectir. Afinal, havia ali algo mais interessante do que aquilo que o fizera vir. Arranjou maneira de saber quem eram, e a sua suspeição revelou-se acertada.

O homem chamava-se Nongwe-Nongwe, e herdara de seu pai Macombe um grande império em nome do qual liderara, no ano anterior, uma revolta contra os portugueses, mais a sul, da qual saíra todavia derrotado. Refugiara-se aqui, tentando ganhar forças para tirar a desforra. Quanto à rapariga, Mbuya, era uma feiticeira muito jovem, encarregada de receber de Kabudu Kagoro, o grande Deus local, as mensagens que transmitia aos combatentes. Formavam uma boa parelha.

Astucioso, Glück esqueceu o homenzinho que respondia pela *aringa* e tratou estes dois com grande deferência, o que lhes agradou sobremaneira. Além disso, cumulou-os de presentes. Nascia-lhe já uma ideia.

E pelos vistos a eles também, pois Mbuya nessa noite tivera um sonho, um sonho em que vinham de longe grandes guerreiros para os ajudar a vencer o Diabo. Não o disse de modo tão directo, é claro; envolveu antes essa mensagem com ervas de cheiro intenso quando ardiam, e conchas atiradas ao ar e que caíam em disposições a que ela atribuía grandes significados. Por meio destes artifícios, o sonho voltou a descer e ela apanhou-o e traduziu-o para os circunstantes (era essa, afinal, a sua função). Tratava-se de um convite.

Glück esqueceu a recuperação dos bens de Mrs. Greene – no fim de contas, trastes velhos – e regressou ao acampamento a galope, eufórico com a possibilidade de uma aliança com um grande potentado que nos abriria as portas do sul. Como uma espécie de bónus, trouxe com ele, para entregar a Lettow, os óculos de Mrs. Greene que o infeliz chefe da *aringa* fora obrigado a devolver.

Num certo sentido, Sebastian Glück tinha razão. Desde que entráramos em território português que não nos tinham faltado apoios locais, é certo, mas eram apoios dispersos, resumidos à prestação de informações sobre as forças inimigas, informações essas quase sempre exageradas, quando não completamente falsas. Era a primeira vez que se nos deparava a possibilidade de um aliado minimamente organizado, ainda que já derrotado. Isso não preocupava Glück: fá-lo-ia forte outra vez!

Deve estar a perguntar-se porque gasto tempo com estas minudências. Não pense, contudo, que me perdi mais uma vez por descaminhos, as tais lembranças paralelas que não servem para nada. Este desvio foi necessário porque, como verá, se inscreve no conjunto de acontecimentos que prenunciaram uma grande mudança de sentido da campanha. Explico-me. Mas antes é necessário que faça ainda novo desvio. Peço-lhe portanto um pouco mais de paciência, só mais um pouco.

Por estes dias Glück andava irrequieto. Alternava tardes de prostração doentia, ouvindo a sua música, com saídas repentinas na companhia dos indefectíveis Issa e Mzee Ali. Devo dizer que nessa altura não notei nada de anormal nisso, uma vez que, de uma forma geral, toda a gente andava impaciente. Apesar da relativa abundância de comidas, a imobilidade e a

suspeita de movimentações inimigas ao redor tornava-nos assim. A experiência dizia-nos que só o movimento acalmaria a coluna.

Voltando a Glück. Um certo dia regressou das suas deambulações exploratórias acompanhado por dois homens brancos. De longe, pensei que fossem prisioneiros portugueses ou ingleses, dado que nesta região havia muitos empreendimentos coloniais. Assim que se aproximaram e desmontaram dos cavalos, verifiquei que me enganara. O coronel levou-os directamente para a tenda de Lettow. Deviam ser emissários de alguém, ou então tinham informações importantes.

Permaneceram lá dentro muito tempo, em acesa discussão. Eu não podia saber ainda o que debatiam pois encontrava-me fora da tenda, embora por perto e louco de curiosidade. A certa altura Lettow assomou à entrada, de semblante fechado, e ordenou-me que dissesse a Baba, o seu cozinheiro particular, para servir o jantar ali mesmo na tenda. Ao mesmo tempo, pedime que procurasse por Von Schnee e Müller, e que viéssemos os três jantar com eles.

Suspeito que o que se segue lhe vai interessar. Entretanto, julgo perceber a sua surpresa. De facto, esqueci-me de referir que demos com o governador Von Schnee em Navila, junto de Köhl, pouco depois do grave surto de que Lettow foi acometido. E, portanto, que ele reintegrou a coluna com os seus queixumes e as suas lamúrias.

Quando começámos a jantar, a discussão ia já adiantada. Os dois homens eram sulfricanos e vinham da União. Um deles chamava-se Klopper (do outro não retive o nome). H. J. Klopper. Um sujeito jovem, de olhos claros e barbicha pontiaguda, com uma verdadeira obsessão pela consulta do relógio, que tinha preso ao bolso do colete por uma corrente dourada. Um diabo.

Nenhum dos dois parecia ter especial prazer em ali estar. O outro (tinha ares de reverendo, acho que era um reverendo) estava sempre a queixar-se da dureza da viagem que haviam empreendido para ali chegar, dos riscos que haviam corrido. Ao mesmo tempo que anuía, Klopper consultava o seu relógio de uma maneira curiosa: puxava pela corrente com um gesto seco, apanhava-o no ar com a palma da mão aberta, dirigia-lhe uma rápida

mirada, e voltava a enfiá-lo no bolso do colete com o polegar e o indicador. Deduzi tratar-se de um homem urbano, pois no mato o tempo não se mede daquela maneira. Um diabo urbano.

Findo o jantar, assim que foram servidas as aguardentes, regressaram à discussão que os trouxera até ali. Ou seja, uma proposta que eles e Glück faziam a Lettow. Embora extraordinária, a ideia era muito simples. Apesar da relativa impunidade com que atravessáramos todo aquele território, apesar do relativo conforto em que vivêramos as últimas semanas, a verdade é que há mais de um ano éramos uma força acossada, sem qualquer base para onde regressar (a *Ostafrika* transformara-se num vespeiro de ingleses), obrigados portanto a uma fuga para a frente que ninguém sabia quando e onde iria terminar. Pois bem, a referida proposta conferia um sentido a essa fuga: Lettow marcharia com a sua força sobre Joanesburgo!

Abrimos a boca de espanto. Como podia uma força tão reduzida – mesmo se eficaz – levar a cabo uma acção com aquela envergadura? Isso para não falar no sentido estratégico (ou, melhor, no não-sentido) que uma tal acção teria.

Glück entrou em cena. Fez algumas considerações gerais sobre a presença alemã na África Austral, e de como ela podia ditar o curso dos acontecimentos na Europa. Banalidades. Prosseguiu dizendo que uma presença sólida na União asseguraria a ligação entre os nossos territórios oriental e ocidental. Esta última ideia despertou, apesar de tudo, algum interesse. Todavia, um interesse que não era suficiente para afastar o irrealismo do empreendimento, do ponto de vista estritamente militar. A arte militar é uma arte do real, todos nós o sabíamos desde a academia. Tenho a certeza de que por essa altura passou pela mente dos presentes (com a possível excepção de Von Schnee e, claro, dos estrangeiros) que Glück nunca havia passado por qualquer academia. Pesasse embora uma eficácia ampla e repetidamente demonstrada, ele não passava de um falso coronel. Mas enfim, sagaz que era, não deixou de notar essa ponta de interesse, passando de imediato a abordar questões mais táticas. Os ingleses concentravam-se na costa, esperando que daí nos viessem possíveis

reabastecimentos. Surpreendê-los-íamos, portanto, dirigindo o nosso golpe para o interior profundo.

Falava agora com a cadência de uma metralhadora, sem dúvida para nos impedir de pensar antes de chegar ao fim do seu argumento. Atravessaríamos a Rodésia do Sul como uma faca cortando a manteiga. Nyamapanda, Marondera, Masvingo, Zvishavane, Rutenga (Glück havia feito o trabalho de casa, era claro que as suas tardes, além da música, eram também preenchidas pelo estudo minucioso das cartas geográficas). À medida que passássemos, deixaríamos um rasto de revolta no seio dos pequenos chefes, que tornariam o território ingovernável e dariam que fazer aos nossos eventuais perseguidores durante um tempo precioso. Tornearíamos as pequenas cidades para irromper de surpresa em Beitbridge, no rio Limpopo, que atravessaríamos facilmente. Entrávamos então no território da União propriamente dita, onde ninguém nos esperaria. Por esta altura os exércitos ingleses andariam ainda à nossa procura na Zambézia; e o seu estado-maior, na Dar-es Salaam ocupada, estaria ainda a tentar compreender o que visávamos!

Seria pois, ao mesmo tempo, uma espécie de vingança da derrota que havíamos sofrido na nossa terra (piscava o olho a Von Schnee, o governador sem território) – Messina, Orwinning, Potgietersrus – e seríamos uma praga alastrando (mais chefes africanos em revolta), uma seta negra apontada ao coração do inimigo: Pretória, Joanesburgo!

À frente, a um dia ou dois de viagem, avançava Müller para evitar a surpresa que nos podia armar quem nos esperasse; na retaguarda estaria Köhl, para impedir que alguém viesse atrás de nós (agora era ao *kommandant* que ele piscava o olho, pois esta era a disposição de forças preferida de Lettow). Com o intuito de nos ajudar a imaginar, e assim trazer mais peso ao argumento, Glück abria muito os braços – uma ave de longas asas magras. Que imensidão de território conquistado! Que grandeza a da Alemanha!

Müller pediu licença para interromper. Quis saber quais as cartas que ele havia consultado, que informação tínhamos sobre a disposição das forças inimigas, se o Limpopo era atravessável a vau nesta altura do ano, e por aí

fora. Interessava-se por questões mais técnicas, a sua voz tinha o timbre metálico de quem já estava dentro da acção. Ou seja, embarcara já na aventura, pretendia saber apenas como pô-la em prática.

Evidentemente que isso preocupou Lettow, até porque Müller era um dos seus soldados de eleição. Calou-o com um gesto seco, olhando ao mesmo tempo para Von Schnee. Por uma vez necessitava do pragmatismo deste homem de olhinhos brilhantes por detrás das lentes grossas. Mas, surpresa das surpresas!, o governador sem território também ele se empolgara, mesmo se, para o fazer, tivesse de se pôr do lado de Glück. O único traço do Von Schnee antigo – o único vestígio da sua proverbial prudência, que frequentemente roçava a cobardia – manifestou-se quando perguntou, piscando sempre os olhos, se uma vez na União estaríamos capazes de segurar a nossa posição.

O semblante de Glück iluminou-se: era evidente que esperava esta pergunta. Sorriu e, com uma ligeira vénia, deu a palavra ao misterioso Klopper.

Klopper levantou-se, olhando em volta. Deteve-se por um momento no tal reverendo que o acompanhava, como que silenciosamente a perguntar-lhe se podia contar com ele para o que ia seguir-se. Captou um gesto de anuência, consultou rapidamente o seu relógio, e pôs-se a perorar durante cerca de meia hora sobre um certo movimento que formara para correr com os ingleses da União. Chamava-lhe *Jong Zuid Afrika*, ou seja, a Jovem África do Sul. Falava depressa, embora sem aquele ritmo de metralhadora característico de Glück. O entusiasmo era idêntico, mas falava mais baixo, entrecortando o discurso com palavras em língua africânder (nomes, expressões), resultando de tudo isso um tom agressivo que prendia os circunstantes. Não sei como explicar-lhe, até porque muitos dizem que o alemão é, ele próprio, uma língua agressiva. Mas enquanto nós expelimos sons guturais, de certa forma almofadados, os dele eram mais angulosos e cortantes. Disparava os erres e os capas como lâminas de pontiagudas baionetas, ao mesmo tempo que as vogais, muito abertas e proferidas um tom acima do resto, tiravam à fala toda a serenidade, emprestando-lhe ao mesmo tempo uma grande convicção.

Dir-me-á que a convicção lhe vinha antes das ideias, não das palavras. Lamento, contudo, não poder concordar consigo. Ele era um homem convicto, disso não tenho dúvidas, mas é que além da convicção havia mais qualquer coisa que se associava a ela para a potenciar, e que provinha dessa espécie de técnica em que se mostrava realmente exímio. Enfim, deixemos isso por agora.

Algun de nós tinha ideia do que haviam sido os campos de concentração criados pelos ingleses para encerrar o seu povo?, perguntava. E abanava a cabeça, manifestando de imediato o seu cepticismo. Nenhum de nós estava em condições de a ter. Idosos arrastando-se pela lama em trabalhos forçados, crianças arrancadas aos pais, jovens mulheres violadas, varões sumariamente executados. Não nos poupou a uma minuciosa descrição da violência e da miséria a que os ingleses os haviam submetido. A seu lado, o reverendo (lembro-me agora que se chamava Naudé, é isso: Jozua Naudé) acenava furiosamente com a cabeça, como que a comprovar, mais que a veracidade, a intensidade da tragédia.

Mas enfim, a paz chegou e aquele povo, bendito directamente por Deus, dispôs-se a esquecer todo esse passado em nome da reconciliação. Ele próprio, H. J. Klopper, começara por advogar essa atitude.

Ingénuos!, berrou de repente. Ingénuos que nós fomos!

Aos poucos, começaram de facto a aperceber-se de que os ingleses ainda não estavam satisfeitos. Asseguravam a propriedade das minas e das quintas e ainda não estavam satisfeitos. Tomavam conta das fábricas e ainda não estavam satisfeitos. Queriam mais, sempre mais. Nas escolas, a língua falada era o inglês. Nas igrejas, o inglês era a língua da oração. Klopper começou então a notar que havia irmãos com vergonha da sua própria língua; a notar que muitas das crianças desse povo já nem sequer a sabiam falar. Os valores dos ingleses ocupavam os interstícios da sociedade como um gás letal que extinguia a paisagem verdejante que ali houvera um dia. Ou seja, a guerra estava longe de terminada.

Apesar de tudo, de início o movimento tinha uma atitude defensiva. Destinava-se simplesmente a preservar os valores da língua e da cultura africânder. Nas escolas, na literatura. Pretendia simplesmente resistir.

Sebastian Glück, ali presente, podia confirmá-lo, dado que testemunhara esses primeiros passos, na sua passagem por Joanesburgo.

Todos nos virámos para um Glück visivelmente embaraçado, presumo que por ver assim exposto um passado que ele sempre se esforçara, tão ciosamente, por manter privado.

Continuando. A intenção da *Jong Zuid Africa* começou por ser essa, ao mesmo tempo que apoiava o general Hertzog, o único político com coragem e valores para se bater pela causa do seu verdadeiro povo.

Poupo-o à biografia minuciosa do general Hertzog, que Klopper nos forçou a escutar. Sobretudo, o desentendimento com os seus companheiros de governo, a dissidência e a decisão de formar um movimento em defesa dos bóeres, em 1913; enfim, a sua feroz oposição à entrada da União na guerra, ao lado dos ingleses. Klopper era sagaz, deteve-se particularmente neste aspecto, esperando com isso ganhar a simpatia de Lettow. Não se esqueceu até de mencionar as origens alemãs de Hertzog, nome ducal que também pode ser *Herzog*, *Gertzog*, *Hertogs*, as armas eram as mesmas, três estrelas atravessadas e as cores amarela, azul e negra, o elmo guerreiro e as asas imperiais alemãs.

Lettow nem pestanejou.

Veio a guerra, a União acabou por entrar nela e o general Hertzog ficou de mãos atadas, foi perdendo força. Em suma, Hertzog havia cumprido o seu papel, transportando durante um par de anos a lanterna que iluminava o caminho africânder, mas já não estava capaz de fazer mais. E o que é que isso queria dizer? Simplesmente que a *Jong Zuid Afrika*, com Klopper modestamente na frente, tinha de arcar com a responsabilidade de prosseguir essa luta.

Passou então a garantir-nos as condições do nosso avanço. Assim que atravessássemos a fronteira no rio Limpopo, o povo africânder abandonaria fábricas e quintas, casas da cidade, para vir para a rua em nosso apoio; de armas, alfaias e ferramentas na mão.

E Klopper consultava mais uma vez o relógio, como que para determinar a hora exacta em que tal iria acontecer.

Confesso que, cansado de escutar aquela voz pontiaguda e agressiva, me desliguei dela, enveredando sem saber como pelos meus costumeiros devaneios.

Entrávamos por uma cidade quase europeia, não fosse a cor da sua miséria. Na frente, o *kommandant* montado num cavalo branco e envergando o uniforme de gala, comigo por perto nas minhas nóveis funções de ajudante-decampo. Seguiam-se os oficiais mais valorosos: os capitães Müller (o farejador, o mais ousado e leal a Lettow), Stümer, Goering e Stermmermann, o major Kraut (o herói de Ngomano), o tenente Scherbening. Depois, as companhias de *askaris* alemães, impecavelmente uniformizadas e alinhadas, de espingarda ao ombro. O major Köhl deambulava pela retaguarda como sempre, para prevenir surpresas. As alas estavam cobertas pelos guerrilheiros de Klopper, que apagavam as pequenas fogueiras de resistência dos ingleses, quase já só cinzas. Cabia-lhes a eles esse empreendimento menor, uma vez que nós já havíamos feito o trabalho principal. Avançávamos pelas avenidas largas do centro dessa cidade ondulante e infinita, à sombra dos prédios imensos que ali há, inundados de *confetti* atirados lá de cima, respondendo com acenos ao delírio da multidão. Sebastian Glück, claro, primária pela ausência, enfiado em algum bar ou na alcova de uma antiga amante, dos tempos que ali passara. Glück, verdade seja dita, era amigo de urdiduras, não de obras feitas.

‘Não!’

Esta exclamação cortante e rouca acabou com tudo isso, cortou cerce os meus devaneios e os dos outros. Os meus eram aqueles que acabo de relatar. Quanto aos dos restantes, Klopper talvez se visse a si próprio montado no cavalo branco de Lettow, respondendo aos acenos da multidão com uma mão, com a outra consultando o seu relógio, seguido do seu ajudante-decampo, o reverendo corcunda Jozua Naudé, de manto escuro drapeando ao vento; e só depois, em terceiro lugar, o nosso *kommandant*. Von Schnee talvez imaginasse tudo de outra maneira, ele que era avesso a multidões: um salão interminável dos paços do governo, em Pretória, pé direito altíssimo, recebendo das mãos de um magistrado de toga escura e cabeleira branca os

instrumentos que simbolizavam a posse desse imenso território, um território que o compensaria largamente da perda do outro. Enfim, Müller e os outros oficiais pensariam simplesmente na sensação do dever cumprido.

E Glück? Imagino que se estará perguntando, divertido, o que imaginaria Glück. Voltarei a isso mais adiante, uma vez que nesta altura aquilo que o fazia mover era para mim um enigma.

Lettow gritou:

‘Não!’

E os corcéis e os *confetti*, as marchas triunfais à sombra dos arranha-céus, tudo isso se desfez. Depois, ele levantou-se, muito sério, e pôs-se a falar. Os seus olhos tinham a clareza das águas do porto de Hamburgo no Inverno: isto é, eram opacos.

O que o movia a ele, Lettow, não eram aventuras, era a lealdade à Pátria-Mãe e o sentido do cumprimento do dever. Tinha uma missão e ia cumpri-la até ao fim: resistir enquanto o curso da guerra se decidia na Europa, não aqui ou em Joanesburgo. A nossa presença em terra estranha devia-se apenas a não termos tido condições de permanecer no Tanganica, mas lá voltaríamos, podiam estar todos certos de que assim seria. E o que esperava dos oficiais e das suas forças era disciplina e essa mesma lealdade. E por aí fora, mas por pouco tempo. Foi um discurso categórico, mas curto.

Klopper ouviu o *kommandant* em silêncio, sem sequer olhar para ele. Fixava Glück, cofiando a sua barba de diabo. Altivo, Glück devolvia-lhe o olhar em desafio. Eram dois diabos encarando-se, ao som das nobres palavras de Lettow.

Intrigado, também eu ouvia sem olhar Lettow, preso àqueles dois.

A atitude de Klopper era fácil de perceber: sem dúvida que Glück lhe prometera uma coisa que, ao que tudo indicava, não iria ser cumprida. Era a raiva de assim ser que se estampava no olhar do sulafricano. Quanto a entender o que movera Sebastian Glück, tratava-se de uma questão muito complexa. Confesso que só mais tarde, na posse de outras informações, o consegui fazer.

Lettow e Glück prosseguiram a discussão dentro da tenda, depois de nos termos todos retirado. É evidente que Glück tentava tudo para demover o

kommandant. Digo isso não por ter ouvido os argumentos (embora cá fora e por perto, junto da guarda de corpo de Lettow, não entendia claramente o que diziam), mas pelas inflexões da voz do nosso homem. Usou-as todas, tanto aquelas a que já me habituara como outras novas, que me surpreenderam. Chegou a ser um queixume, chegou a ser também uma voz grossa, quase uma ameaça, nas alturas em que Glück, de estribeiras perdidas, se esquecia que falava com o seu chefe. Entre eles havia muitos segredos.

Por várias vezes senti que os soldados se crispavam, que quase irrompiam na tenda para prender o insolente. Mas segurei-os com um gesto, achando que era uma conversa que os dois tinham de levar até ao fim. E quanto mais a discussão se arrastava, mais intrigado eu ficava quanto ao que estava ali em jogo, do ponto de vista de Glück. Porque seria para ele tão importante satisfazer o lunático capricho de Klopper? Porque seria para ele tão importante marchar sobre Joanesburgo? Debatia-me com estas interrogações quando ouvi a voz seca e cristalina de Lettow, ordenando a Glück que se retirasse imediatamente. Era o fim da reunião.

Logo em seguida, o nosso homem surgiu à entrada da tenda, disparou-me um olhar furioso e prosseguiu com um andar resolute em direcção à sua palhota, onde se encerrou para não mais sair.

Klopper e Naudé também esperavam cá fora, mas a distância mais discreta da tenda de Lettow. Também viram Glück passar, e não tardaram a ir bater-lhe à porta. Seguiu-se nova acesa discussão, que terminou com insultos e gritos de traição. Pouco depois, os sulafricanos partiam de regresso, acompanhados por uma pequena força que Lettow, apesar de tudo sempre cavalheiro, lhes dispensou.

Quanto a Glück, permaneceu na palhota e castigou-nos toda a noite com a sua grafonola. *C'était pendant l'horreur du Quatorze Juillet, il faisait chaud, très chaud, sur la Place Pigalle*. Nesse dia, nem o próprio Lettow se atreveu a mandá-lo calar.

Acredite que são muitas as razões que me levam a maçá-lo com os pormenores daquela reunião. Algumas delas ficarão claras um pouco mais adiante no meu relato. Para já, quero dizer-lhe apenas que, quanto a mim,

aquele preciso momento em que Lettow ordenou a Glück que se retirasse da tenda, foi o momento da viragem, o momento em que o destino dos dois para todo o sempre se apartou.

Estiveram juntos mais umas semanas, é certo, trocaram mesmo palavras de simpatia que pareciam querer significar um regresso ao tempo anterior, o tempo em que eram unha com carne. Pura ilusão! Se havia em Glück uma característica que ressaltava acima de todas as outras, era a de guardar com precisão demoníaca os seus rancores. Mais tarde, mesquinho que era, negou sempre em LettowVorbeck, o seu benfeitor, o mais pequeno gesto de nobreza.

No dia seguinte, 21 de Junho, deixámos o Alto Molócuè. A 27 estávamos em Mugeba e a 29 em Mulevala, que Müller tomou sem qualquer resistência. As aldeias eram férteis, os matos suaves. Positivamente, voávamos.

11

‘Diz-me então, tu que és tão sensível às meias verdades: porque não te chamas Florence de la Rey?’

Hans precipitou-se para as escadas, em busca de Florence Greeff. Talvez devesse ter esperado um tempo, a fim de serenar; a invasão do quarto deixara-o muito perturbado. Sobretudo aquela pergunta vermelha olhando-o, raivosa, no espelho: *Onde está aquilo que procuramos?*

Boa pergunta, uma pergunta que faz a si próprio todos os dias, desde que aqui chegou. Onde está aquilo que procuramos? Há portanto, a partir de agora, alguém mais a procurar. Alguém que sabe que ele também procura.

Enquanto voava pelas escadas abaixo, quatro a quatro, as palavras de Glück não cessavam de ressoar-lhe nos ouvidos, sobretudo aquele nome cortante que a partir de determinada altura o coronel passou a pronunciar sempre com um supremo desdém: H. J. Klopper. O homem do relógio. Assim que a visse, perguntar-lhe-ia em que circunstâncias conhecera Klopper, e que fazia ela na varanda na companhia dele e da sinistra figura de veludo azul. Qual o significado daquele improvável trio, ela e os dois homens, cada um deles apontando um caminho, qualquer deles um caminho de péssimo agouro. Iria pôr tudo em pratos limpos.

Atravessou quase em corrida o *hall* do hotel, sem sequer retribuir os preocupados cumprimentos que o pessoal lhe dirigia. Tinha pressa. Irrompeu na varanda e deu enfim com o vulto de Florence Greeff no canto mais distante, em frente à invariável chávena de *roiboos*, folheando o *Lourenço Marques Guardian*. Dos outros, nem sinal.

Avançou por entre as mesas, pronto a disparar as perguntas que trazia engatilhadas. E, já agora, perguntar-lhe-ia também o que viera fazer a Lourenço Marques. Contudo, assim que chegou perto, a pergunta que saiu da sua boca foi antes:

‘Diz-me então, tu que és tão sensível às meias verdades: porque não te chamas Florence de la Rey?’

Talvez o instinto lhe tivesse dito que precisava de a perturbar, talvez fosse esse instinto a ditar-lhe a pergunta que fazia. Por isso, quando se acercou dela para pôr tudo em pratos limpos, foi isso que perguntou: porque não se chamava ela Florence de la Rey.

Florence pousa a chávena de *roiboos* no pires. Pega no guardanapo de linho e pressiona-o ligeiramente nos lábios. Será que ganha tempo? Pousa-o também. Dobra cuidadosamente o jornal. Os seus gestos são os de quem se prepara para fazer uma coisa que vai levar muito tempo.

Só depois se volta, para encarar o interlocutor.

‘Não te disse que me chamo Florence de la Rey simplesmente porque não é esse o meu nome. E já agora, diz-me tu: como descobriste esse nome?’

‘Isso agora não interessa.’

‘Só pode ter sido Natalie. Foste procurá-la?’

Hans impacienta-se.

‘Já te disse que isso agora não interessa. Se queres saber, sim e não. Encontrei-me com Natalie, é verdade. Mas ela nada me disse a teu respeito.’

Falaram sobre muita coisa enquanto passeavam fustigados pelo vento, sobrevoados por gaivotas furiosas. Ao fundo, plantados na baía, os barcos eram bichos enormes e quietos. Mas Natalie perdeu-se por outros caminhos, à sua maneira inesperados, e acabou por nada lhe dizer. Foi isso.

‘Pois bem, senta-te aqui e eu conto-te porque não me chamo Florence de la Rey.’

E, depois de o fitar um momento, indecisa sobre como começar:

‘Sabes quem foi o general Koos de la Rey?’

Hans desespera. Todos lhe fazem as mesmas perguntas, todos lhe respondem com perguntas.

Com voz arrastada, uma espécie de artifício para trazer lembranças antigas desde longe até aqui, Florence começa a falar em De la Rey.

De certo modo, Natalie não deixa de ter razão. De certo modo De la Rey foi o seu pai. Todavia, não se lembra se algum dia teve pais de verdade que lhe dessem um apelido, qualquer que ele fosse. Sabe, no entanto, porque o seu apelido não chegou a ser De la Rey, e é isso que se dispõe a contar.

Uma das suas memórias mais antigas, indelével, é precisamente a do dia em que viu pela primeira vez o general. Estavam num daqueles campos em que os ingleses haviam concentrado os prisioneiros durante a guerra. Lama, frio, intermináveis filas para a ração, um guisado espesso e escuro onde afloravam objectos pontiagudos, estilhaços de ossos sem origem, tudo isso envolvido por um cheiro nauseabundo. Ainda hoje a assalta esse cheiro. Quando imagina a Inglaterra (aonde nunca foi), vê-a sempre mergulhada nesse cheiro, o cheiro a que, por isso, não consegue deixar de associar ao cheiro dos ingleses. O cheiro do guisado inglês.

Para todos os efeitos, foi nesse lamaçal, envolta nesse cheiro que não a larga nunca, que veio ao mundo. Os seus pais hão-de ter morrido nessa guerra, ou então abandonaram-na. De outro modo, porque estaria ela ali? Gosta de pensar que os pais morreram, que protegê-la estivesse acima das possibilidades deles. Sim, foi ali que ela nasceu. Um lugar onde as crianças, escanzeladas, fungavam um frio sacudido. Lembra se vagamente de coisas, ou então foi a mãe que lhe contou.

‘Mãe? Como? Se acabas de me dizer que não tiveste mãe?’

Sim, mãe, porque um pouco mais tarde viria a ter uma mãe quase verdadeira. Já não consegue distinguir entre o que viveu e o que lhe disseram ter vivido. De qualquer maneira, a história é simples. Ele que tenha um pouco mais de paciência para a ouvir até ao fim. Então compreenderá.

Nesse dia de que fala, o dia da sua primeira memória (ou então, de tantas vezes pensado, o seu primeiro dia verdadeiro – gosta de pensar que tudo o que o antecedeu não existiu), já terminada a guerra, o general Koos de la Rey irrompeu altivo pelo que restava do campo, onde haviam ficado aqueles para quem a paz já pouca diferença fazia: mendigos, doentes. E também crianças, muitas crianças.

Será que ele viera exercitar a sua proverbial nobreza, verificar se esses restos de gente recebiam um tratamento humanitário? Nada disso. Montado no seu corcel, passou uma revista demorada, escrutinando todos os que se concentravam no pátio lamacento para o saudar (afinal, era a primeira vez que um general visitava o campo). A certa altura parou; e, de cima do cavalo, apontou o dedo autoritário para a escolher:

‘É esta que quero!’

Era aquela, entre muitas outras crianças ali concentradas, à espera que os dias voltassem a correr.

‘É esta que quero!’

O que o terá levado a escolher Florence entre todas elas? O seu cabelo de um louro ainda hoje quase branco? Os seus olhos de um azul ainda hoje quase transparente?

‘O que o terá levado a escolher-me a mim?’

Hans não lhe responde. De resto, não sente que a pergunta lhe seja dirigida. Há-de ser uma daquelas perguntas que nos fazemos a nós próprios todos os dias, quando nos levantamos. Cada um tem a sua, esta é a de Florence Greeff. O que o terá levado a escolher-me a mim. Ouve o que ela diz e, no lugar de Koos de la Rey, coloca um outro general (ainda os seus devaneios). O mesmo cavalo de crina revolta, o uniforme de gala e o pingalim, o dedo apontado. É esta que quero! É este que quero! LettowVorbeck escolhendo, entre tantos outros, o tenente Mahrenholz. Pensa nisso e quase sente saudades do seu general; quase deixa esmorecer a crispação com que ouve o relato da rapariga.

O criado aproxima-se com um ar inquiridor. Hans afasta o com um gesto.

Sem lhe dirigir palavra, De la Rey levou-a na garupa para a *farm* de Elandsfontein e ofereceu-a à mulher, assim como quem dava uma prenda. Não havia nome, não havia nada. Florence era uma prenda, uma espécie de folha branca onde os De la Rey escreveriam aquilo que lhes aprovesse (os De la Rey colecionavam folhas brancas: para além dos doze filhos naturais, haviam adoptado mais cinco crianças; Florence era a sexta, e acabou por ser a última). A primeira palavra que escreveram na sua folha foi precisamente esta: Florence. Daqui em diante serás Florence.

Este nome, Florence, é portanto a primeira verdade – e também mais preciosa – que possui. Depois, quando a registaram, acrescentaram-lhe um apelido: Greeff. Ficou portanto Florence Greeff, não Florence de la Rey.

Embora sem ser De la Rey, o apelido que lhe deram não era de todo arbitrário. Florence explica. De la Rey adoptara o princípio curioso de dar aos filhos não verdadeiros o apelido que calhasse. É até provável que concedesse à mulher, nestes casos, o direito de escolher. No caso de Florence, e quebrando a regra, a mulher do general avançou com o seu próprio apelido para proteger a criança. A mulher do general chamava-se Jacoba Elizabeth Greeff.

Embora sendo branca, a folha que coube a Florence tinha pois uma qualidade por assim dizer superior à de outras cinco crianças que pululavam assustadas por ali. Sim, assustadas. Assustadas pela rispidez do ambiente que o general impunha àquela casa. Horas certas, punições exemplares, uma subtil distinção entre os verdadeiros e os outros. Florence, claro, só muito mais tarde teve idade para notar o facto. Quando tal aconteceu, tratou de pagar ao general na mesma moeda, assumindo Jacoba Elizabeth (chamava-lhe *Nonnie*) como mãe verdadeira, mas olhando o general como se olha uma distante autoridade. Respeitava a força dele, não a sua moral. Felizmente que De la Rey só raramente passava por Elandsfontein, nos curtos intervalos entre os seus inúmeros afazeres. Florence cresceu portanto com uma quase mãe e um esporádico general.

Hans levanta-se, irritado. Dá grandes passadas na varanda enquanto o criado, com gestos trémulos e concentrados, recolhe a louça do chá. Sente que está novamente a ser levado por caminhos que não vão dar àquilo que pretende. O que Florence diz pode até ser muito interessante, mas tem a certeza de que ela o conta para esconder-lhe o resto. A rapariga é hábil. Certeira quando falou de Natalie, nebulosa quando fala de si própria. Vira-se para ela, disposto a cortar a direito.

Está de pé, ela sentada. Quase lhe vai perguntar, finalmente, como conheceu H. J. Klopper. Não acredita em coincidências. Mas sai-lhe um nome diferente.

‘Como foi que conheceste Natalie?’

Como foi que conheceu Peggy.

Florence dáse um tempo, à espera que o criado se retire. Só depois responde. Diz-lhe que lá chegará, mas antes é preciso que percorra este caminho. Este é o único caminho que vai dar àquilo que ele pretende saber, um caminho que passa por uma fatídica noite.

Noite?

Uma noite de chuva persistente (chovera durante quase todo o dia). À mesa, *Nonnie* e as quatro filhas que restavam naquela casa, depois que foram casando e partindo. Desde que se conhece que era um ritual estrito, o do jantar. Por imposição do general, que exigia de todos um comportamento sem mácula: no uso da faca para cortar a carne, no levar do guardanapo aos lábios antes de agarrar o copo; no silêncio, a menos que lhes fosse perguntada qualquer coisa. Quantas vezes foi castigada por falhas que ainda hoje não descortina se foram reais, se meros pretextos do general para dar largas a uma qualquer irritação.

Mas não é isso que agora interessa. O que interessa é essa noite em que estavam todas ao redor da mesa, *Nonnie* e as quatro filhas que sobravam, e chovia muito lá fora (o general saíra, avisara que não o esperassem para jantar). Haviam terminado a acção de graças, dirigida por uma das irmãs, já não se lembra qual. O som da chuva lavrava a noite, os criados cirandavam silenciosamente entre a sala e a cozinha. Foi nessa altura que uma espécie de sopro percorreu o compartimento, agitando a chama dos candeeiros. Um sopro suave mas profundo, sentido por todas.

Jacoba Elisabeth ficou pálida e rígida. Havia naquele sopro um rasto de tragédia. Levantou-se, chegou junto da janela e afastou o reposteiro para espreitar a noite lá fora.

A chuva cessara, exceptuando a falsa chuva que pingava do telhado. No céu, as nuvens tinham um estranho tom encarniçado. Jacoba Elisabeth aconchegou o xaile e voltou a sentar-se, muito calada. As filhas brincaram com ela (o que são os sinais, senão aquilo que neles quisermos ler?), mas nada a demoveu.

E Florence, de repente:

‘Já ouviste falar em Siener van Rensburg?’

Hans havia baixado a guarda, embalado pela arrastada voz da rapariga. Estava dentro daquela sala ele próprio, iria jurar que sentiu o suspiro da tragédia, que viu a cor daquelas nuvens. E de repente, uma pergunta que ele não entende, como se Florence brincasse ao gato e ao rato.

‘Já ouviste falar em Siener van Rensburg?’

‘Não, não sei quem é.’

Responde com o agastamento de quem, sempre que lhe parece ter chegado ao umbral da porta verdadeira, depara com mais portas do outro lado, mais nomes, mais pistas que não sabe onde vão dar.

Alheia à sua irritação, Florence prossegue.

Siener van Rensburg era um soldado oriundo de Potchefstroom, cujo nome verdadeiro era Nicolaas Pieter Johannes. Um patriota da campanha contra os ingleses, desde muito jovem com notórias qualidades de vidente. Olhava o céu e via símbolos, símbolos que interpretava para chegar ao conhecimento de realidades ainda por acontecer. Achava que os sinais estavam todos lá, claros como a água: touros de diversas cores, árvores e plantas, gafanhotos e gazelas, o sol e a lua, a roda quebrada de uma carroça, arame farpado pingando orvalho, tabuletas com dizeres quase ilegíveis apontando para determinadas direcções.

Nada de mais para quem soubesse ler, dizia. Se o touro era vermelho, para ele era evidente que simbolizava os ingleses; se negro, os patriotas. A planta de sisal atravessada no caminho, indicava que uma reunião importante estava prestes a acontecer, e por aí fora. Diz-se que muitas batalhas foram ganhas graças às extraordinárias capacidades de Van Rensburg; de tal forma que, em vésperas de acontecerem, o rapaz não tinha mãos a medir, convocado pelos generais. Nas entranhas de uma peça de caça descortinava o mapa da região; nos coágulos mais escuros, os pontos onde o inimigo se acoitava na tocaia.

Veio o armistício e Siener van Rensburg granjeou a parte de sucesso que lhe cabia, prevendo as conversações (ainda o touro vermelho, exangue, tombado sobre os joelhos), sabendo exactamente o desfecho de cada acontecimento. Infatigável, continuou a prever o futuro, falava agora de uma guerra que iria cobrir o mundo inteiro.

O criado aproxima-se com nova chávena de *roiboos*. Florence dá-se uma pausa, à espera que ele a coloque na sua frente. Depois, retoma o que dizia.

Acontece que, uns dias antes da fatídica noite, mais uma vez Siener van Rensburg teve uma visão: o general Koos de la Rey regressava à sua quinta de Elandsfontein numa carruagem florida, seguido de uma verdadeira multidão. Como sempre, assim que a visão saiu nos jornais foi objecto das mais diversas interpretações, a maioria vendo nela um sinal de triunfo. Todavia, o próprio Van Rensburg se apressou a desdizê-los. É que por cima da carruagem pairava uma nuvem escura com o número 15, e dela escorriam cascatas de sangue.

Jacoba Elizabeth persignou-se quando passou os olhos pelos jornais, e voltou a persignar-se assim que sentiu aquele suspiro atravessando a sala. Mais uma vez, e apesar do que diziam as filhas (o que são os sinais, senão aquilo que neles quisermos ler?), Siener van Rensburg havia de ter razão.

Nessa mesma noite o general jazia varado por uma bala, dentro do automóvel, numa rua de Langlaate. E acabaria por voltar à sua *farm* de Elandsfontein dentro de uma urna, em cima de uma carroça, imersa num mar de flores, seguida de uma verdadeira multidão.

Hans pensa nas palavras de Natalie, na praia, sobrevoados ambos pelas gaivotas. Natalie dizia-lhe que Florence sofreu muito, o que era compreensível: afinal, verdadeiro ou falso, tratava-se do seu pai.

Florence interrompe-lhe os pensamentos.

‘A morte de Koos de la Rey foi para mim uma espécie de libertação.’

‘Libertação? Como, libertação?’

Florence explica. Era como se a presença do general fizesse da relação que a unia à mãe uma relação clandestina. E como se, com o seu desaparecimento, Florence tivesse passado a ser uma verdadeira Greeff, filha de Jacoba Elizabeth, neta de Hendrik Adriaan Greeff, o fundador de Lichtenburg. Não precisava da estirpe dos De la Rey, tinha a sua própria e antiga estirpe por via da sua mãe.

Hans engole em seco, irritado consigo próprio. Toda a gente o transporta por caminhos que não são os seus; e quando dá por si, as perguntas que

formula são já as que quem responde espera ouvir, não as perguntas que ele trazia.

Libertação do nome, e libertação também de ter de optar. Mas, para entender isso Hans tem de perceber as circunstâncias políticas em que o general morreu.

Florence prossegue.

Nesse mesmo ano rebentava a guerra, e Louis Botha pretendia enviar tropas para o Sudoeste Alemão. Contemporizador, o governo da União tinha pressa em dar um sinal positivo aos ingleses. Todavia, os nacionalistas, chefiados por Hertzog, resistiam a esta decisão que, na prática, significava para eles a rendição. Quanto a De la Rey, debatia-se entre o dever de obediência ao governo e o sentido de lealdade para com os seus velhos camaradas de armas. Era enorme a reputação do general, e portanto ambas as facções o disputavam. Os generais Wet e Maritz diziam-lhe que estava nas suas mãos o destino da nação africânder; mas Botha e Smuts insistiam que só ele podia evitar a desunião e a tragédia. E De la Rey, por esses dias, andava uma verdadeira pilha de nervos. Circundava pela casa e nenhuma das mulheres se atrevia a dizer palavra. Por esses dias, o único som era o das suas passadas, o do rilhar dos seus dentes.

Nessa fatídica noite recebeu vários telefonemas, por duas ou três vezes chegaram mesmo estafetas militares a trazer-lhe mensagens. De la Rey lia-as ali mesmo, junto ao candeeiro de pé alto que havia no *hall*, ou dava um salto à escrivaninha da biblioteca se requeriam resposta. A certa altura, quando aguardavam que o jantar fosse servido, ouviu-se o som de um automóvel dentro do som da chuva, subindo o caminho que ia dar à entrada. Florence lembra-se bem, a luz dos farolins lambendo as janelas da sala como um sinal aziago.

Pouco depois, um criado anunciava a presença do general Beyers em pessoa. F. C. Beyers era o comandante general das Forças Armadas, ou pelo menos havia sido até há uma hora atrás. Foi essa a notícia – a da sua demissão – que largou como uma bomba assim que entrou, antes mesmo de cumprimentar Jacoba Elizabeth. Estava muito alterado.

De la Rey levantou-se da poltrona, com o seu cálice de *brandy* na mão, de caminho apanhou mais um cálice vazio e o frasco da bebida, e dirigiram-se os dois para a biblioteca.

Por duas vezes o criado chegou para dizer que o jantar estava pronto a ser servido; por duas vezes, também, Jacoba Elizabeth o afastou com a mão, ordenando-lhe que esperasse mais um pouco. Da biblioteca chegavam vozes alteradas, o som de vários telefonemas. Finalmente, De la Rey assomou à porta para comunicar que ia sair e não o esperassem para jantar.

Meteram-se os dois no carro rumo ao campo militar de Potchefstroom, onde, soube-o Florence mais tarde, decorria uma reunião de velhos camaradas de armas dissidentes do governo.

‘Sabemos o que aconteceu nessa fatídica viagem.’

Florence pega na chávena mas devolvea ao pires. O chá está frio. Encolhe os ombros.

Para uns, De la Rey dirigia-se ao campo de Potchefstroom para trazer os seus velhos companheiros de volta à razão; para outros, Beyers tinha-o convencido a juntar-se à revolta. Foi portanto gente do governo que o matou, ou então gente dos revoltosos. Claro que há ainda uma terceira possibilidade, de resto aquela que acabou por prevalecer: a de se ter tratado de um trágico acidente. Um acaso.

E Florence conclui:

‘Por falar em acaso: embora ainda sem nos conhecermos, foi essa noite que me ligou a Peggy, como te será fácil perceber.’

Nos dias seguintes, as páginas dos jornais anunciaram com grande destaque o falecimento, em circunstâncias trágicas, do general Koos de la Rey, nascido em Doomfontein, distrito de Winburg, Estado Livre de Orange, filho de Adrianus Johannes Gijbertus de la Rey e de Adriana Wilhelmina van Rooyen, herói e soldado maior da União (seguia-se o rol de batalhas ganhas, o rol de acções políticas para conseguir a paz e a consolidar), deixando viúva Jacoba Elizabeth Greeff e órfãos dezoito filhos. E, em cantos inferiores, uma referência curta ao suicídio, na sequência de um confronto com a polícia, dos meliantes William e Peggy Foster, Carl Mezar e John Maxim, que até aí vinham aterrorizando a região.

Os dois enterros ocorreram no mesmo dia, quase em simultâneo. Um envolto em pompa e circunstância, o outro mais modesto, assistido apenas pela família Korenico.

Quis o acaso que Florence, regressando do jazigo dos De la Rey por uma ala secundária, passasse mesmo em frente das campas rasas onde ainda decorriam as cerimónias do segundo enterro. Abrandou o passo, curiosa, e ficou dali observando o fim daqueles que, ainda que involuntariamente, haviam sido os causadores da morte do seu pai; e reflectindo no facto de o lençol da morte cobrir da mesma maneira heróis e vilões. Foi então que reparou numa jovem com um xaile preto que a tapava por completo, deixando à vista apenas uns óculos escuros. Chorava convulsivamente. Florence impressionou-se com o facto de bandoleiros como aqueles acabarem por ter, no desfecho, alguém que chorasse por eles daquela maneira.

Embora não soubesse ainda quem era a mulher, foi nessa altura que, num impulso, resolveu aproximar-se para interpelar Peggy Foster.

* * *

Hans vagueia perdido pela cidade. *Teatro Gil Vicente, de Manoel A. Rodrigues, A magnífica fita em 3 partes «Estalagem da Morte», Amanhã quinta-feira continuação da misteriosa fita «Seita Tenebrosa», 3 episódios, 6 partes, sessão completa, 3º episódio «Roda hipnótica».* Uma possibilidade, mas não sente disposição para passar a tarde no escuro do cinema, assistindo a um programa soturno.

Prossegue de rua em rua, ao acaso, mas o ambiente não está para grandes passeios. Por toda a parte correm rumores de novos confrontos com a polícia. Parece que as autoridades querem trazer trabalhadores do Aeroclube para substituir os estivadores grevistas. Estes vão ripostar com a violência a que se sentem com direito, o que por sua vez constituirá um bom pretexto para a carga da guarda. Definitivamente, a rua não é o melhor lugar para se estar. Os polícias circulam aos pares, atentos, com as suas ferramentas aperradas. Além disso, pode ser que chova.

Em frente à Tabacaria Americana, um empregado suspende a retirada dos jornais dos escaparates montados no passeio (notou que Hans abranda a marcha para ler as parangonas, aguarda paciente). A Alemanha declara aos Aliados que as condições de paz que lhe foram apresentadas não podem ser aceites por não estarem de acordo com os 14 enunciados do presidente Wilson. A Alemanha oferece-se para pagar indemnizações no valor de mil milhões de libras dentro de sete anos, e mais cinco mil em prestações anuais a partir de Maio de 1927. No caso da restituição de uma parte da frota mercante alemã que se encontra em poder dos Aliados, o governo de Berlim promete desarmar toda a sua esquadra e reduzir o efectivo do seu exército para 100 000 homens. A Alemanha julga-se com direito a administrar as suas colónias sob a égide da Liga das Nações. Como compensação dos prejuízos causados pelo bloqueio, o governo alemão exige dos Aliados a importância de doze biliões e oitocentos e cinquenta milhões de francos.

Notícias de uma terra distante. Que pensará Lettow de tudo isto, onde quer que se encontre?

No meio dos jornais estrangeiros, o último número de *O Brado Africano*. Ao contrário dos restantes, todo ele virado para a realidade de Moçambique, e sobretudo para o falso progresso e a falsa euforia desta estranha cidade. Estampado na primeira página, sobranceiro, o título bombástico do editorial de João Albasini: *Bandalheira de Costumes: As Eleições*.

As primeiras linhas deixam claro o tom. *No nosso país, e para nosso uso, ficou já radicado e há muito que isto de política é uma grande porcaria.*

Entra na tabacaria e compra o jornal, aproveitando também para levar uma embalagem de *D. Jaime Partagás*, os seus charutos favoritos. Acha que neste momento os merece.

Com o jornal dobrado debaixo do braço, prossegue pelas ruas que se habituou a palmilhar mas ainda desconhece, labirintos de uma cidade de espelhos onde os acontecimentos que pareciam definitivos não passam afinal de um mero reflexo de verdades sempre novas, escondidas dentro dele. Imagina um infatigável Albasini esmiuçando a realidade com a sua adunca pena, preso à ilusão de que um dia encontrará, atrás de um desses reflexos, a verdade verdadeira. Enquanto caminha, perpassam-lhe pela

mente esta e outras ideias. Por exemplo, que esta é uma cidade de pedra envolvida numa falsa azáfama de bem-estar e de progresso, mas cercada de uma auréola cinzenta feita de força bruta, sofrimento e palha: o mundo dos condenados. Numa só cidade, duas. Lado a lado.

Quase sempre os de dentro gostam de se pensar universais (pertencendo a ambos os mundos), para que, zelando pelos interesses de todos, possam envolver em nobreza o acto de zelar por si próprios. Ou então (nova verdade escondida na anterior), para que a tal periferia de palha se convença de que é assim que as coisas estão dispostas desde que o mundo é mundo.

Ruíram todos os teoremas; a velha mentira caiu por fim como máscara inútil. As guerras que se feriram em nome do altruísmo, do bem geral, da integridade moral e de outras coisas bem cantadas e bem trombetadas resultaram, as palavras confrontadas com os factos, em meras e jocosas metáforas: muito no íntimo, no recôndito das tetas ignóbeis da porca política, as ambições, as inconcebíveis vilanias da ambição humana, que tornam o Homem o maior inimigo do seu semelhante! Posse, absorção. Eis tudo!

João dos Santos Albasini no seu melhor. Que será que o faz mover? Que equilíbrio é este que ele procura, entre a pose dos que vivem na cidade de pedra e o arfar asmático daqueles que estão escondidos na escuridão da palha? Aqueles que deixam assar os corpos sob um sol abrasador, que deixam fugir os sonhos à luz azul da lua?

Dobra a esquina para entrar na Avenida 18 de Maio, perde-se durante um bocado a olhar, para lá dos caixotes empilhados e dos mastros, a linha rasa da Catembe. Nova esquina, e tem na frente o Café Varietá. *Grande Restaurant & Café Varietá, Rua Araújo, Cozinha sem rival!, Neste amplo e confortável restaurant encontra o público o melhor serviço de cozinha, agradável a todos os paladares, A tudo preside o mais esmerado asseio e o público é sempre servido com a maior atenção, A comida, que é dirigida por um hábil cozinheiro italiano que tem servido nos melhores hotéis do Transval e da Europa, recomenda-se pela excelência da sua confecção e bastará este facto para de antemão se ter a certeza de que se é optimamente servido, Durante as refeições toca um esplêndido quarteto.*

Sente fome. Espreita pelo vidro e vê uma sala imersa na penumbra, as cadeiras de pernas para o ar assentes nos tampos das mesas, os lustres de cristal apagados e baços. Encenação, eis tudo. Pura e simples encenação de nobreza para esconder obscuros propósitos.

Os habitantes da palha usam uma metáfora rasa para imaginar o mundo, eles cá fora e os outros dentro. Os da pedra, não! São mais presos a uma ordem vertical, gostam de se imaginar em cima, suportados, organizando os outros. Por isso falam de um todo que amalgamam com o artifício das eleições. É esta a argamassa que une os dois mundos, dizem. É esta a argamassa que faz deles um mundo só, a que outros emprestam a força e eles a organização.

Não pode deixar de admirar Albasini, este homem franzino que podia simplesmente virar costas, e todavia persiste nas suas acusações. *Mas, mais forte que o ouro dos banqueiros, que as espadas dos generais, se levanta hoje a consciência das multidões. Desordenada por ora, desorientada sim, ainda – e talvez explorada, convenhamos, pela ambição que em um ou outro peito assentou arriais –, ela avança, caminha incerta embora, mas avança impetuosamente. É já uma força, é já uma bateria apostada para vencer o despotismo. É preciso agora tão-somente que à sua desordenada e tumultuária organização se dê alguma forma harmoniosa, que se revele o plano, o método que se pretende imprimir à Sociedade Nova.*

Sorri amargamente. Entrando novamente na Rua Araújo, conclui quanto Albasini é também ingénuo. A maneira como cada um vê o mundo não depende da sua perspectiva, depende muito mais da sua condição. Não é um qualquer sentido de justiça que faz mover o jornalista, é antes este desconforto de uns o verem como um branco de pedra, outros como um preto de palha. É por isso que ele, nuns editoriais se indigna com uns, noutros com outros. Daí a importância que dá a esta questão sobre a qual escreve com tanto calor – eleições para unir dois mundos que, sente, são irreconciliáveis.

Para quê as eleições gerais? Continuar a mesma vida de mentiras não nos serve – pelo menos quanto nos toca cá por casa (que isto, ainda que

queiram, nunca deverá ser um coio de facciosos nem deve ser um centro de desordem). Protestamos!

Chegado a este ponto do editorial, Albasini esquece o arrabalde da cidade e esmiúça o mundo de dentro. As suas vilezas e os seus artifícios, a maneira como se estrutura, aqui sim, claramente vertical, todo ele assente na dependência da solitária figura do governador-geral. Como se o funcionamento da máquina não fosse ditado pela finalidade com que é empregue mas por uma cega lógica de mando e de obediência. *Portanto, escolher dentre os candidatos que se apresentam à disputa aqueles que pela sua honestidade e desinteresse nos oferecerem garantias de que uma vez no poleiro não irão formar na fila apagada e muda daqueles que podiam fazer parte da corte do Rei Sol, que por desfastio perguntou a um cortesão venal, servil e baixo, só para desfrutar o bandalho, que horas eram. O venal personagem, de cócoras quase, lábio abjecto, expressão senil de criatura para quem já morreu o brio e o carácter, responde babado, descoberto: «são as horas que V. Majestade quiser que sejam». É que nem sempre a verticalidade da espinha e o dom da palavra, atributo com que Deus dignificou o homem, servem em todas as criaturas de Deus para lhes dar o cunho da sua grandeza. À uma sim, mas cuidado com os cantos das sereias e os sermões encomendados.*

Não é portanto a cidade que é feita de espelhos. Pelo contrário, ela é dura e fixa. Baça. A condição dos seus habitantes é que se esconde numa miríade de reflexos. Por isso, Albasini, incapaz de uma única condição, vive esta dor quotidiana, esta indignação que lhe ateia as palavras.

O dia está a acabar-se. O jornal também. Encostado a uma esquina, Hans passa os olhos pela última página, antes de o dobrar e se pôr a caminho do hotel:

Enterramentos feitos: Ya Assam, 69 anos, natural da China, proprietário; Jamenandas, 48 anos, natural de Bombaim, negociante; Francisco Matias da Fonseca, 17 meses, natural de Lourenço Marques, branco; Caetano da Costa, 28 anos, natural de Goa, lavadeiro; Panagiotes Vlandis, 49 anos, natural da Grécia, pedreiro; Pimbi, 3 anos, natural de Chamanculo, preta; uma criança do sexo feminino de um dia de idade, parda; Alexandre David,

natural de Coimbra, militar; Rodrigo Cesario Teixeira de Melo, 45 anos, natural de Lisboa, serralheiro; Abdala, 40 anos, natural de Moçambique, carregador; Sulemane, 18 anos, natural da Índia Portuguesa, empregado comercial; Jaime de Jesus Graça, natural de Portalegre, militar; José António Martins, 24 anos, natural de Portalegre, militar; dois recém-nascidos, cor preta, um masculino e um feminino. No mesmo período foram enterrados no Cemitério Municipal de Lhanguene 23 indígenas do sexo masculino e um do sexo feminino.

12

A 1 de Julho do ano passado chegámos a Namacurra, local onde conseguimos a maior vitória da campanha.

Bebamos. Proponho um brinde a Lettow. Vá, copos ao alto! Um brinde só! Acho que o *kommandant* o merece. O mundo a desfazer-se, tudo a ruir à nossa volta, e ele persistindo serenamente nos golpes de génio! Tudo aquilo em que Lettow pensava se transformava em ouro puro. Bebamos ao Midas da nossa era!

Mas, que digo eu?! Desculpe-me, acho que já tenho a minha conta. Afaste de mim esse copo ou não prometo chegar ao fim do relato. Desculpe-me. Prometi a mim mesmo que lhe contaria tudo, é absolutamente imperioso que o faça. De outra forma, o que iria pensar de mim? Voltemos pois a Namacurra (ou Kokosani, como os locais chamavam àquele lugar).

Dizia eu que voávamos. Müller na frente, como sempre, com dois ou três dias de avanço. O destacamento de Spangenberg na retaguarda. E Köhl, desta vez, guardando-nos o flanco. Não havia acaso nesta disposição: Lettow suspeitava que o inimigo nos tentava ultrapassar pelo interior, preocupado com uma eventual ameaça sobre a cidade de Quelimane. Termos a experiência de Köhl guardando-nos o flanco era uma forma de nos precavermos.

Nesse 1 de Julho atravessámos o rio Licungo, acicatados pela ideia daquilo que encontraríamos na outra margem. Os informadores mencionavam uma grande *boma* um pouco mais a sul, cheia de caixas com coisas dentro. E, claro, nós imaginávamos armas, munições e mantimentos à nossa espera. Há meses que se resumia a isso a nossa imaginação: aquilo que encontraríamos dentro das caixas do inimigo.

Tínhamos o formato da cobra e o pendor felino do leão, se é que me entende. Sei o que vai dizer-me. Que volto à convocação dos animais da floresta, que o faço sempre que me falta a arte de descrever os homens

como humanos, de explicar os seus procedimentos. Não sou jornalista, embora me tenha apresentado como tal (penso que isso está mais do que evidente nesta altura). Por outro lado, lamento mas não posso abdicar desta imagem que me parece ir ao âmago da coluna, capaz de representar com exactidão a natureza dos que a integravam. Se você fosse militar, explicava-lhe a coisa exactamente nesses termos, e estou certo de que me entenderia. Diria que tacticamente, naquilo que era visível, éramos uma cobra serpenteando por entre as árvores, ao longo das margens dos rios; umas vezes lenta, outras disparando com grande rapidez em direcção ao objectivo. Já quanto à estratégia, tínhamos, desse ponto de vista, a voracidade de um leão, a eficácia das suas patadas mortíferas que deixam rasgos fundos, feridas irreversíveis.

Mas enfim, não quero maçar-lo com isto. Direi apenas que, de Lettow à mais humilde *bibi*, o que nos fazia mover era algo que pudéssemos obter adiante, a jóia que chispa na lama e orienta a mão. Literalmente, como verá.

Os estafetas mantinham os diferentes destacamentos em ligação, pondo-nos ao corrente daquilo que uns e outros iam encontrando pelo caminho, das iniciativas que tomavam e daquilo que o *kommandant* decidia que deviam fazer. A coisa resultava de tal modo que trazia à ideia uma coreografia repetidamente encenada. E, como se tudo isso não fosse suficiente, ainda por cima chegava o acaso para nos ajudar. Müller atravessou um cuidado campo de sisal e surpreendeu um comboio proveniente de Lugela, abrandando a marcha para entrar na vila. Foi como esticar a mão para a árvore e colher a fruta madura.

Entretanto, nós progredíamos ao longo de uma linha *decauville*, daquelas que são utilizadas para trazer a cana-de-açúcar dos campos. Passámos a noite em estado de grande prontidão. Sabíamos mais ou menos por onde andava o inimigo, sabíamos que este suspeitava que andaríamos por ali.

Começou a chover, fazia muito frio. De madrugada, Lettow deu ordens à companhia do tenente Von Ruckteschell para abrir fogo sobre a estação dos caminhos-de-ferro. O destacamento do capitão Poppe veio ajudar Von Ruckteschell, a fim de se manter acesa uma pressão que aliás se revelaria desnecessária. É que o fogo de resposta não passou de bravata, uma bravata

que mal conseguia disfarçar o mais puro desespero. Pouco depois o inimigo recuava para o rio Namacurra, abandonando por completo as suas posições. Muitos desgraçados penetraram nele, morrendo afogados naquele que assinalou sem dúvida um dos maiores reveses que os ingleses tiveram em toda a campanha. Entre os infelizes encontrava-se o major Gore Brown, comandante das forças ali estacionadas.

Já ouviu os gritos dos afogados? Não? Sorte sua. Ouvi-os eu, no meio dos tiros e do som das águas agitadas, vozes que parecem vir do além. Nem chega bem a ser um pedido de socorro, é apenas a forma que encontram de assinalar a transição. Na verdade, nem chegam bem a ser gritos. Engraçado: agora que lhe falo nisto, vem-me a memória visual dos braços agitados de quem parecia querer deixar assinalado o sítio exacto onde se afundava, mas não os gritos. Não havia som, para além dos estampidos secos da guerra e do rugido grosso da torrente. Esse som de gritos que eu referi é mais um eco imaginado, o eco de um som que porventura nunca chegou a existir, mas que mesmo assim deixa um rasto poderoso, do qual, nas noites de insónia, por mais voltas que dê na cama, não me consigo libertar. Um não-som que me castigará até ao fim dos dias.

Imagino o que estará pensando: porque não levantaram eles a bandeira branca (Lettow era um cavalheiro, respeitava as convenções, imediatamente teria ordenado a suspensão das hostilidades)? Andei às voltas com essa questão durante meses: porque não haviam eles levantado a bandeira branca? Sabe qual foi a conclusão a que cheguei? A de que não o fizeram por nossa causa, por terem notado que já não estávamos capazes de negociação. Porventura a presa negocia com o leão? Dialogar implica serenidade, um estado de espírito que, com o correr dos dias, fomos inexoravelmente perdendo. Lá voltarei.

Capturámos sete metralhadoras pesadas e três ligeiras, duas peças de artilharia, imensos caixotes de munições e de géneros europeus. Mesmo sendo uma festa para os oficiais, o achado – ironia! – não deixou de constituir um pesadelo para o intendente, o tenente Besch, que não sabia como transportar tanta carga. Na fábrica foram achadas cerca de trezentas toneladas de géneros e açúcar, facto que alargou a festa aos *askaris* e

carregadores (nem imagina o que a visão do açúcar provoca naquela gente, põe-os tão desvairados quanto o álcool). Cada europeu ficou fornecido para meses. Infelizmente, houve que destruir muito vinho por não ser possível transportá-lo. O *kommandant* permitiu que todos bebessem à vontade durante um dia, mas mesmo assim houve que esvaziar alguns barris sobre o rio Namacurra, que nesse dia correu mais escuro. É esse, aliás, um dos cenários mais incómodos dos sonhos que me castigam: afogados navegando serenamente numa corrente de vinho tinto.

Para maior desespero de Besch, ditou o acaso que nesse mesmo dia acostasse um vapor com armamento para as forças inglesas ali estacionadas. Felizmente que não trazia tropas, pois, no estado em que se encontrava a maioria dos nossos, podia ter-se dado um dramático volte-face. Da maneira como correram as coisas, era apenas mais uma inesperada prenda: ao mesmo tempo que se dava ordem de prisão a um pequeno grupo de soldados de intendência, desembarcavam-se trezentas caixas de cartuchos e quase quatrocentas e cinquenta espingardas modernas, inglesas e portuguesas, o que nos permitiu pôr de parte as nossas velhas 71. O leão afiava as garras!

Castigo-o com pormenores, sei disso, mas asseguro-lhe de que o faço por uma forte razão. É que esta vitória tão completa acabou por dar ideias a alguns oficiais, reforçando a posição de Glück e aprofundando uma ferida que trazíamos connosco e que, a meu ver, nos viria a ser fatal. Pelo menos no que a mim dizia respeito. Tranquilize-se, eu explico.

Por mais completas que sejam as vitórias, não é possível evitar o dia seguinte. Que fazer? Tenho a certeza de que era esta a pergunta que ecoava nas cabeças de cada um. Ou melhor, que iria decidir Lettow? Digam o que disserem, as nossas acções resultam sempre do estímulo provocado por outros, não de nós próprios. Em combate não é diferente. Ou seja, é o comportamento do inimigo que determina as nossas próprias opções.

Acontece, no entanto, que este princípio era de muito difícil aplicação nas circunstâncias em que nos encontrávamos, libertos de qualquer pressão. Depois da vitória não se sentia viva alma na periferia, as informações que os pisteiros traziam remimamente concentrada para nos incomodar. Apesar

de tudo, suspeitávamos que Deventer estaria algures (as forças portuguesas remetiam-se aos pequenos postos, só nos davam luta se tropeçássemos nelas), matutando na sua próxima estocada. A única coisa que sabíamos ao certo, por conseguinte, era que tínhamos de deixar quanto antes aquele lugar.

Mas, para onde? Em que direcção?

Apesar das obstinadas insistências de Glück, Lettow achava que avançar para sul seria o mesmo que entrar numa ratoeira, no que não deixava de ter razão. Pela frente teríamos o grande Zambeze, desta vez um obstáculo sem as brechas de qualquer vau, mais a mais ramificado junto ao delta em milhares de pequenos rios e campos lamacentos. Numa palavra, intransponível. E de onde, uma vez lá chegados, teríamos grande dificuldade de escapar se o inimigo apertasse a sua tenaz.

Devo confessar que, para mim, nesse momento, a grande questão era Glück. Klopper e o reverendo Naudé haviam partido há muito, o desentendimento no seio daquela pequena quadrilha parecia definitivo. Mesmo assim, Glück pretendia o sul. Evidentemente que havia a questão da inércia, que levava um grande número de oficiais a resmungar os seus apoios a esta perspectiva: se nos havíamos dado bem com a progressão para sul, para quê mudar? Até Von Schnee, pesassem embora os seus receios de cobarde consumado, intrigava timidamente nesta direcção. O sul.

Mas, o que atraía Glück para lá?

Confesso que nunca obtive uma resposta inteiramente satisfatória a este respeito, embora alguns dias depois tenha surgido uma hipótese de explicação, de que falarei adiante.

Como dizia, Lettow decidiu-se. Ele era assim: ouvia, ouvia, mas depois decidia segundo critérios muito próprios. Afinal, é para isso que existe a figura do chefe supremo num exército, para assumir as suas responsabilidades, não para fazer de cada pormenor objecto de elaborados consensos. Segundo ele, permaneceríamos em Namacurra alguns dias para fazer crer ao inimigo que estávamos dispostos a resistir, e que preparávamos o assalto a Quelimane. Decisão a vários títulos inteligente: obrigava o inimigo a tomar a iniciativa enquanto, ao mesmo tempo, não

matava por completo a esperança daqueles que, tal como Glück, continuavam a pensar no sul.

Enquanto ali permanecemos, imbuía-nos um estado de espírito por assim dizer contraditório. A euforia da vitória tomou conta da força durante vários dias. Explorávamos a vila, fazendo descobertas surpreendentes. Não digo apenas documentação preciosíssima sobre a envergadura, disposição e intenções do inimigo, mas pequenas coisas como iguarias portuguesas (queijos e chouriços, um peixe seco delicioso), uma tradução inglesa das *Elegias* de Rilke que guardei como uma preciosidade, e até um par de discos de grafonola achados por um imediato de Köhl nos aposentos de um oficial levado pela enxurrada, que foram oferecidos a Glück na esperança de desanuviar a melancolia em que este andava mergulhado.

Na segunda-feira seguinte, Lettow mandou finalmente armar a coluna para partir. Na véspera à tarde, na habitual reunião de oficiais, dera ordens para se preparar um avanço rápido para norte; ou seja, no sentido diametralmente oposto àquele que Glück almejava.

Para dizer a verdade, há uns dias que eu andava inquieto por saber desta decisão de Lettow. Como sabia eu? É simples. Como já dominava razoavelmente a língua portuguesa, o *kommandant* encarregara-me de interrogar alguns oficiais prisioneiros. E as suas perguntas não deixavam margem para dúvidas: o que havia no caminho entre Namacurra e Angoche, forças, guarnições, comunicações e tudo o mais. Há uns dias, portanto, que eu matutava nas consequências desta decisão.

Partimos pois para norte, à velocidade que as circunstâncias permitiam (íamos agora, como imagina, muito mais pesados). Receoso da vulnerabilidade em que uma única coluna, demasiado comprida, nos deixaria, Lettow mandou formar três colunas que avançavam em paralelo, separadas entre si pela distância de alguns quilómetros. Tratava-se de uma decisão de certo modo arriscada porque, embora salvaguardasse o comando (que seguia na coluna do meio, ficando as outras como uma espécie de flancos reforçados), colocava-nos perigosamente na linha de fogo uns dos outros.

Curiosamente, nos dias seguintes esta situação viria a evoluir de uma forma totalmente inesperada, dado que o inimigo que seguira no nosso encalço à aproximação de Namacurra – uma força mista dos *King's African Rifles* e dos Cape Corps – avançava igualmente em linhas paralelas, de tal forma que houve uma noite em que nos cruzámos todos sem nos defrontarmos, cerca de seis ou sete colunas paralelas separadas entre si por pouco mais de uma dezena de quilómetros! Imagine a confusão dos estafetas que percorriam itinerários transversais e deparavam com forças hostis onde pensavam estar os companheiros!

Lettow apercebeu-se rapidamente desta situação, e penso que o mesmo terá acontecido com os ingleses. Romper hostilidades, naquelas circunstâncias, significava o risco de nos submeter ao nosso próprio fogo, de modo que nessa noite prosseguimos a marcha no maior dos silêncios, o mesmo tendo acontecido com as forças inimigas.

De qualquer maneira, tínhamos como vantagens uma melhor consciência de tudo o que se passava (sabíamos que os ingleses nos perseguiam, enquanto eles, convencidos de que nos preparávamos para marchar sobre Quelimane, se encontravam completamente confundidos com a nossa manobra), além de uma mobilidade muitas vezes superior, dado que eles se apoiavam em meios motorizados cuja progressão, naquele terreno acidentado e pedregoso, constantemente cortado por riachos e pântanos, era difícilíssima. Ao alvorecer, voltávamos a ser apenas um conjunto de três colunas paralelas deixando rapidamente aquele lugar, enquanto o inimigo levaria pelo menos dois ou três dias até entender a situação.

Na quarta ou quinta noite, já não sei bem, ocorreu um episódio deveras curioso. Dava eu uma das minhas habituais voltas pelo acampamento, a fumar o meu charuto, quando deparei com uma reunião de meia dúzia de *askaris* locais em volta de uma pequena fogueira. Falavam alto, não estou certo se discutiam ou se era simplesmente aquela maneira acalorada que costumam usar para trocar argumentos. Aproximei-me, já nem sei se por notar que Jonas, o meu impedido, se encontrava ali (por esses dias ele estava constantemente a escapar se), se por ter ouvido um deles mencionar o nome de Glück.

O diálogo desceu respeitosamente de tom à minha chegada, mas como eu não mostrasse intenções de os deixar, curioso que estava, foi lentamente retomado. Enquanto falavam, Jonas, a meu lado, foi traduzindo tudo num sussurro.

Era curioso como, não fazendo parte das nossas reuniões de análise e de tomada de decisões, eles se encontravam a par da situação. Não sei se já lhe disse que os *askaris* (como de resto todos os africanos) eram excelentes observadores de carácter, debatendo até à exaustão os pormenores do comportamento de cada oficial. Quantas noites não terão discutido a música de Glück, o meu hábito de fumar um charuto ao fim do dia, os tiques de Von Schnee, os silêncios de Müller ou os delírios nocturnos de Lettow! Ouvíamos a vozearia acalorada e alguém os mandava calar, pensando estarem prestes a matar-se uns aos outros. Afinal, escutinavam minuciosamente as características dos seus oficiais! É certo que as suas explicações eram requentemente fantasiosas (penso ter já referido que interpretavam os delírios palúdicos de Lettow como diálogos com os espíritos), mas por vezes, como nessa noite, chegavam a conclusões de uma agudeza surpreendente.

Falavam de Glück. Um deles asseverava que a obsessão de Glück pelo sul se devia ao facto de ser oriundo de uma região da margem sul do rio Zambeze, a não mais que uma ou duas semanas de distância de Namacurra. Nascera ali, fruto de uma noite de amor entre uma branca que por lá passara e um mestiço goês muito influente, por o apoiar um cortejo de espíritos poderosos.

Ao longo do relato, muitas vezes, num sussurro, interpelei o pobre Jonas, pedindo-lhe que elucidasse uma ou outra passagem, que fosse mais preciso nas suas aproximadas e resumidas traduções.

Segundo o homem, a mulher chegara integrada numa coluna (ao que tudo indicava, uma expedição científica), que, como um insecto, avançava apalpando e farejando tudo. Não se moviam como quem tivesse um objectivo (chegar a um lugar, fazer guerra a alguém ou caçar um rinoceronte, por exemplo), demoravam antes um tempo imenso para ir de um a outro lugar, intercalando os avanços com pequenas surtidas laterais.

Arrancavam as folhas das árvores e desfaziam-nas para lhes observar a seiva, perfuravam os morros de muchém, guardavam bocados de casca de árvore em frascos, mediam os homens e os animais, remexiam as entranhas e a dentição destes últimos, e iam anotando tudo em pequenos cadernos de capas grossas. Só depois de esgotado tudo aquilo que havia no lugar onde se encontravam, se dispunham a avançar para o seguinte. Sem dúvida que procuravam os espíritos que havia em cada lugar.

Quanto à mulher, tinha o importante trabalho de retratar tudo – pessoas, plantas e animais – e fazia-o, segundo o *askari*, com uma fidelidade assombrosa. Empolgado com o seu próprio relato, o homem chegou mesmo a descrever um dos pássaros por ela desenhados, com dois bicos aguçados em vez de um (um dente de rinoceronte na ponta de cada bico) e asas de uma amplitude tal que, quando as movimentava, era como se o sol desaparecesse tapado pelas nuvens. Os restantes ouviam em silêncio, muito impressionados.

Sei o que está pensando: que acreditar num animal desses não passa de uma infantilidade, que o tal *askari* descrevia ao pormenor acontecimentos que não podia nunca ter presenciado (era bem mais novo que Glück), e por aí fora. De acordo. Mas, o que é a realidade senão aquilo em que nós acreditamos? E garanto-lhe que nenhum dos presentes duvidava de uma palavra do que o *askari* dizia!

Voltando ao que interessa. O goês recebera o grupo com grande amabilidade, dera-lhes casa para habitarem, criados para os servir, pisteiros para os levar aos lugares que lhes interessava examinar. Ele próprio os vinha visitar sempre que os seus afazeres o permitiam, ficando por ali em grandes conversas para os impressionar. Nessa altura já devia andar de olho na mulher branca.

De uma das vezes, em que ela se distraiu até mais tarde na margem do rio a desenhar árvores raras ou coisa assim, o homem aproximou-se pela calada para surgir de surpresa à sua frente e a agarrar. Não havia mais ninguém por perto. Seguiu-se uma curta luta na folhagem (sim, mais outra contradição, que todavia não parecia perturbar os circunstantes: se não houve testemunhas, como podia o narrador descrever o hediondo acto com tanta

minúcia?). A pintora acabou por amansar, fascinada pelo poder que o goês tinha. Trazia atrás de si, como referi, todos os espíritos de sua casa. E, fruto desse encontro na margem do rio, nasceu o coronel.

Um dos presentes observou que ficavam assim explicados os poderes de Glück, a facilidade com que os espíritos herdados do pai se deixavam convocar para o ajudar a consumir os seus desígnios. Os restantes concordaram.

Retomámos a marcha no dia seguinte. Eu ia bastante impressionado. Não pense que por obra do episódio em si (já lhe disse que estas versões do passado de Glück há muito não provocavam em mim mais que um misto de tédio e divertimento, apenas isso). O que me impressionava deveras era a minha própria reacção, mas num sentido novo e inesperado. Explico-me: já não encarava estas histórias com distância, já me sentia perigosamente próximo do nosso homem, próximo a ponto de só com dificuldade ter conseguido reprimir o impulso de me levantar e desdizer o *askari* mentiroso.

Enfim. Nesse mesmo dia, Jonas, que havia notado o meu interesse e fazia tudo para me agradar, veio dizer-me que o *askari* que contara a história era um mentiroso. Não no sentido de ter contado mentiras, mas porque não assistira pessoalmente aos factos que narrara. Na verdade, tinha-se limitado a reproduzir a história que ouvira da boca de um velho recrutado nesta região para ajudar Baba, o cozinheiro privado de Lettow, a descascar batatas e depenar galinhas. De imediato ordenei a Jonas que me levasse à presença desse homem.

O ajudante de cozinheiro, que se chamava Santana, ofereceu de início alguma resistência. Havia nele a timidez de quem não queria decepcionar o oficial branco com as histórias estapafúrdias do seu povo, e o medo de que eu estivesse ali a mando de Glück. Mas enfim, lá serenou e acedeu a contar-me o outro lado da história. No fundo, o que ele fez foi proceder a uma espécie de narração dinástica dos mandantes desse tal lugar, a que chamou Massangano. No fim da sua explicação, fiquei com a ideia de que, enquanto o *askari* se limitara a reter os aspectos digamos que mais picarescos da

história (aves de dois bicos, a violação à beira do rio, etc.), o ajudante de cozinheiro parecia de facto saber do que falava.

Segundo ele, Glück era filho de um indivíduo a quem chamavam *Bonga* (o seu nome verdadeiro era António Vicente da Cruz), cínico e manhoso, que manteve uma guerra sem quartel contra os portugueses. A história de Santana começava quando o avô de *Bonga*, um tal Nicolau Pascoal da Cruz, homem muito alto e muito magro, goês da Índia, de canelas muito finas (assim o descreveu), chegou à margem do rio Zambeze para caçar elefantes e lhes tirar os dentes, que eram muito apreciados na sua terra. Ali ficou durante um tempo, até que se cansou dessa actividade e escolheu um lugar chamado Nhabzigo, onde construiu uma casa para descansar. Entretanto, casou-se com dona Luísa da Costa, oriunda de uma poderosa família mulata da Zambézia, e teve com ela sete filhos.

Com a ajuda de um dos espíritos trazidos de Goa, um desses filhos insinuou-se junto das autoridades portuguesas, tendo chegado a capitão da guarnição da cidade de Tete. Mas era má rês, bebia muito e metia-se em conspirações, envolveu-se na morte de um oficial português, de modo que acabou por ser enforcado na Ilha de Moçambique.

Um dos seus irmãos, chamado *Nhaúde* (o seu verdadeiro nome era Joaquim José da Cruz) seguiu um rumo diferente. Mais parecido com o pai, desprezava os portugueses e queria fundar o seu próprio reino. Comprou duas pequenas terras em Pandamaze e Nhaminse, que não lhe agradaram muito, e com o rendimento destas obteve enfim o território de Massangano.

Nesta altura a região era assolada por hordas guerreiras vindas do sul. Como o *Nhaúde* não estivesse disposto a desistir sem uma boa luta, formou um grande exército a fim de resistir-lhes. Enquanto os seus vizinhos vendiam os camponeses mais fortes que tinham nas terras para ganhar algum dinheiro e se porem a salvo, ele optou por transformar os seus em soldados, e treinou-os com tanta destreza que foram somando vitórias umas atrás das outras. Tanto sucesso acabou por afectar o *Nhaúde*, que começou a ser tomado por manias de grandeza (uma doença própria dos chefes que não têm quem os contrarie). Proclamou-se dono do rio e, para poderem passar, os barcos tinham de pagar-lhe pesadas taxas. Com isso enriqueceu, mas

arranjou também muitos inimigos. Santana referiu um punhado deles: os Caetano Pereira, os Cruz Coimbra (seus primos), Gualdino José Nunes, João de Jesus Maria, João Bonifácio Alves da Silva e outros de que não retive o nome, quase todos eles portugueses traidores, ou filhos de portugueses traidores e de mães locais, indivíduos de origem obscura e propósitos também difíceis de entender. Quando o *Nhaúde* morreu, deixou a fama de grande combatente, e também dezassete filhos feitos em várias mulheres da região.

António Vicente da Cruz, o *Bonga*, era um desses filhos, e viria a ser o pai de Glück. Tinha a coragem e a argúcia militar de *Nhaúde*, mas também uma qualidade que o pai e o avô desconheciam – a manha da política. Não tinha amigos ou inimigos, fazia-os conforme ao seu interesse do momento aprouvesse. Transformou Massangano num verdadeiro reino, com uma capital defendida por plantas cujos espinhos eram do tamanho de lanças, e fossos dissimulados, onde quem caísse morria trespassado por paus aguçados cujas pontas eram embebidas de venenos poderosos. O seu palácio (Santana chamou-lhe assim) tinha uma entrada ladeada por vários postes encimados pelos crânios daqueles que haviam ousado defrontá-lo, ou simplesmente aborrecê-lo. Até de brancos tinha caveiras, duas, uma delas de um infeliz explorador morto pelo seu avô Nicolau Pascoal. Tinha-a ali para se lembrar da sua origem, para nunca se esquecer da raça dos Da Cruz.

Mas a soberba acabou por lhe toldar o raciocínio. Passou a tratar o seu reino como se fosse terra inimiga, sem a preocupação de repor o que dela tirava: matava os elefantes para lhes tirar o marfim, queimava árvores milenares que o impediam de ver aproximar-se as canhoneiras que subiam o rio, vendia o povo às caravanas dos comerciantes de Zanzibar como se não fosse mais que gado, eliminava súbditos fiéis por dá cá aquela palha. Todavia, persistiu nele a argúcia suficiente para manter com os portugueses de Tete alguma relação, desconfiado de que teria muito a perder em caso de confronto aberto com eles. Em troca, eles elevaram-no à categoria de sargento-mor e, quando da sua morte, organizaram cerimónias fúnebres dirigidas por um padre vindo expressamente daquela cidade, ao som de música tocada por uma banda militar (quando Santana me contou isto,

imaginei, nem sei porquê, uma versão desafinada de um extracto do *Requiem* de Mozart, cantada por um coro dos espíritos que povoavam aquele lugar).

Um dia chegou a expedição da tal pintora e aconteceu mais ou menos aquilo que o *askari* nos contara, embora com pequenas diferenças pouco importantes: o cenário não era a margem do rio mas a casa do próprio *Bonga*, cercada dos tais postes encimados por caveiras, sobrevoada pelos espíritos malignos que o homem estava sempre a convocar; a altura não era o fim da tarde mas noite avançada, manchada de vermelho pelas fogueiras que a lambiam; e finalmente, quem cobriu a mulher não foi o *Bonga* mas o próprio *m'phondoro*, o grande espírito do leão, que se apossara do corpo daquele numa desesperada tentativa de gozar de um prazer a que só os simples mortais têm acesso. Segundo a curiosa visão do ajudante de cozinheiro, não são só os mortais que têm limitações.

Histórias como esta, que acabo de lhe contar, espalham se pelo mato como o fogo na palha. Já ouviu falar na crença do *m'phondoro*? Não? Naquela região dizem que quando morre um homem importante, um homem especial, a sua alma se transforma num leão que vela por aqueles que comandava em vida, e castiga cruelmente quem os quiser prejudicar. Esse leão é o *m'phondoro*. Segundo Santana, o *Bonga* andava para todo o lado com o *m'phondoro* do seu avô Nicolau Pascoal às costas, de modo que um dos dois atacou e cobriu a mulher.

De qualquer maneira, também nesta versão a mulher foi incapaz de resistir, ludibriada até ao fascínio pelas artes do leão. O fruto de um acto destes, incitado por espíritos demoníacos, só podia ser o próprio demónio. Era a semente deste demónio que a mulher levava no ventre quando, dias depois, a expedição partiu sem sequer suspeitar do que havia acontecido.

Nada se soube do destino da mulher. Quanto ao reino, assim que o *Bonga* morreu estalou uma luta sem quartel pela sua sucessão. Os anciãos da corte escolheram um dos irmãos do falecido, de nome Luiz Vicente da Cruz (a quem chamavam *Muririma*), logo seguido de outro irmão, Vitorino da Cruz, o *Inhamissengo*. Todavia, nenhum deles foi capaz de travar o declínio de Massangano. De todos os filhos do *Nhaúde*, só *Bonga* tinha a cepa de um

verdadeiro chefe. O *Inhamissengo* ainda conseguiu reinar durante um certo tempo, mas apenas porque era fraco e permitia aos portugueses fazer o que bem lhes aprouvesse. Por essa altura o rio Zambeze era uma porta escancarada por onde passava quem quisesse, sem que dessa passagem se pudessem retirar os rendimentos de que o reino andava tão necessitado. O Zambeze nem parecia um grande rio.

O *Inhamissengo* saiu pois como entrou, sem glória nem relevância, ameaçado a partir do sul pelas gentes de Manuel António de Sousa, rei do Bárue e rematado facínora. Sucedeu-lhe ainda um outro irmão, António Vicente da Cruz, o *Chatara*, que também nada fez. Zangou-se com a família e com os *grandes*, e acabou por ser entregue aos portugueses e enviado prisioneiro para Cabo Verde.

Quando o poder chegou por fim às mãos de João Santana da Cruz (o *Motontora*), já nada havia a fazer. Conseguiu ainda ocupar a casa que lhe pertencia por direito, mas foi sol de pouca dura. Foi obrigado a fugir, acossado como um cão tihoso por portugueses e pequenos chefes locais, abutres seguindo o rasto da carniça.

Rei sem reino, o *Motontora* tentou aliar-se à escória do lugar para se vingar, nomeadamente ao *Chaneta*, o pior dos Caetano Pereiras da Macanga, ou ao capitão mercenário Cambuembua, que aterrorizava os rios de Sena com uma crueldade gratuita e sem limites. De pouco lhe serviu. Na altura em que esta história me foi contada, há muitos anos que não se ouvia falar nele, embora se sentisse a sua sombra rondando por ali. Segundo Santana, era este *Motontora* que Glück pretendia achar, por ser seu irmão. Era com ele que tinha de resolver o problema do direito a Massangano, um reino que entretanto deixara de existir.

A narração ganhou então uma intensidade curiosa, cujo motivo de imediato não entendi. Santana insistiu nas injustiças a que havia sido sujeito o último dos Cruz, reclamava para esse todo o direito ao território. Mostrava-se muito desanimado por os *magermane*, os únicos que podiam fazer frente aos portugueses, terem optado por dar meia volta e regressar.

Jonas, a meu lado, estava também estranhamente agitado.

Quanto a mim, só dias depois – já Santana se tinha escapado a meio da noite, como tantos outros – me apercebi de que ele não era afinal senão o próprio João Santana da Cruz, o *Motontora*; que me revelou tudo aquilo sabendo que, por o fazer, teria em seguida de fugir.

Aquilo em que está a pensar foi o que na altura também a mim intrigou. Por que razão um rei como ele, embora acossado, se submeteu ao humilhante papel de ajudante do cozinheiro de Lettow? E, pior ainda, o que o levou a contar-me tudo, sabendo que desta maneira cedo ou tarde ficaria com a identidade exposta? Evidentemente que podemos encontrar todo o tipo de respostas para a sua atitude, embora suspeite que nenhuma delas seja satisfatória. Será que aderiu à coluna para poder estar por perto quando os alemães derrotassem os portugueses na região de Massangano? Saberá ele da existência de Glück e aguardava uma oportunidade para o defrontar? Podíamos ficar aqui o resto da noite a adivinhar. Quanto a mim, o *Motontora* (ou Santana, como lhe quiser chamar) simplesmente não foi capaz de resistir à tentação de me contar tudo para que a sua história ficasse registada à maneira dos brancos. Em si, isto significava uma perda de confiança nos mecanismos do seu povo para preservar a memória dos seus feitos, um desligamento portanto das suas próprias tradições. Uma aceitação da irreversibilidade da sua decadência e condição. O *Motontora* já não era um rei, era um trãnsfuga; um marginal no verdadeiro sentido da palavra.

Canso-o, seio bem. Todavia, é necessário que lhe fale nisto para que possa imaginar o estado a que havíamos chegado: já não nos bastavam os lugares para explicar o carácter de Sebastian Glück, nem sequer as metáforas zoológicas para o descrever. Recoríamos agora aos espíritos e aos demónios. Glück era a personificação do demónio. E, mesmo assim, os pobres *askaris* convocavam a sua protecção. Isso: era como se, sem mais a quem recorrer, se submetessem de livre vontade à protecção do demónio!

Claro que hoje, decorridos todos estes meses, olho para esta história com maior distância. Mas ponha-se no meu lugar, imagine um mato povoado de ingleses que a qualquer momento nos podiam atacar, um calor insuportável, o álcool que trouxéramos de Namacurra correndo solto, a humidade infernal aguando-nos o cérebro. E aquela febre que há meses nos acompanhava num

crescendo, a incerteza relativamente ao futuro, a falta de um sentido para a nossa acção.

De qualquer forma, senti fundo na carne essa transformação: a minha imaginação já não ia longe buscar explicações para as coisas; limitava-se a achar as explicações disponíveis no lugar.

Ainda por cima, dois factos coincidentes vieram reforçar a avaliação sombria que eu fazia da situação. Primeiro foi a morte do major Matthaus (sim, o mesmo que uns meses antes me falara das deambulações de Glück pela Rússia revolucionária). Levou-o um tiro fortuito, num recontro com uma patrulha inimiga. Pouco depois, foi a fuga de Gasparini, o médico de Lettow, um verdadeiro golpe para todos nós. Não me pergunte o que o levou a tomar essa decisão. Andava com o *kommandant* há tanto tempo, não estávamos em situação de ameaça iminente, e portanto eu não teria qualquer resposta para lhe dar a não ser o clima que descrevi, e talvez o facto de Gasparini não ser alemão. É isso, talvez tenha concluído que aquela guerra não era sua, talvez se tenha cansado. De qualquer maneira, encarei esses dois episódios – mesmo sem o reconhecer abertamente – como a presença de uma mão demoníaca que eliminasse as testemunhas dos passados alternativos de Glück. A partir dessa altura, Glück tinha como única origem os demónios do Zambeze. De resto, muitas outras pequenas indicações reforçavam essa minha conclusão.

Vejo-o cansado de me ouvir, não vou portanto deter-me nelas. Adiante.

Por essa altura, vivíamos pois uma profunda crise de fé. Não sei se percebe o que quero dizer. Não nos faltava coragem nem nos sentíamos mais ameaçados pelo inimigo do que nas semanas precedentes, não. Todavia, o regresso ao norte roubara o resto de sentido que havia na campanha. Ao mesmo tempo, sucediam-se aqueles surdos sinais, aquelas coincidências inquietantes. Reflecti, nessa altura, mais que nunca. Olhei a nossa condição sob todos os ângulos, sem chegar contudo a conclusões. Sentia perda para sempre toda a nossa escala de valores, o bem contra o mal, a importância da misericórdia e por aí fora; com o desaparecimento dela chegava uma outra, para mim desconhecida, assente não em restos da anterior mas inteiramente nova, em que predominava a força e a astúcia

como fins em si. Que são o bem e o mal senão construções levadas a cabo por nós próprios? Já a vida e a morte, essas sim, são elas que, encostadas uma à outra, traçam a grande linha essencial.

Todavia, também esta conclusão se esboroava quando os *askaris* me revelavam um *m'phondoro* capaz de transpor essa linha a seu belprazer. Imagine o poder que tinha o fruto da semente do leão germinada no ventre de uma mulher capaz, ela própria, de representar com assombrosa minúcia as diversas faces do diabo. Imagine o poder de Glück.

Entretanto, era cada vez mais pesada a sombra do desastre pairando sobre todos nós. Entenda-me: não tanto por causa do inimigo (praticamente todos os recontros se saldavam em ganhos para nós), mas uma sombra criada por nós próprios. Os ajudantes locais começaram a fugir. Três num dia, quatro noutro. Pressentiam mudanças importantes. Depois, foi gente insuspeita como Gasparini. Mais do que atraí-los a perspectiva que aquele lugar oferecia, era esse espírito que os afastava. Embora os oficiais mais capazes – Müller, Köhl e mais um punhado – mantivessem uma fé no *kommandant* aparentemente imune a qualquer desgaste (neles, o único sinal era um brilho mais metálico no olhar, uma leve crispação), a maioria andava ansiosa e agitada. Von Schnee falava sozinho, desistira de interferir com a pequena intriga no curso dos acontecimentos.

E Lettow? Lettow era uma sombra do que fora anteriormente. Lembra-se das águas leitosas do porto de Hamburgo durante o Inverno, de que lhe falei? Era assim que Lettow tinha os olhos, já não apenas de quando em quando mas todos os dias. Por outro lado, lembra-se da música de Satie, que Glück ouvia de vez em quando nas palhotas que lhe cabiam quando bivacávamos? Pois bem, agora ouvia-a quase sempre, enquanto esperava. Apesar da derrota simbolizada por aquele regresso ao norte, parecia seguro de que o tempo jogava a seu favor.

Já lhe disse em algum momento que Glück era louco? Se o fiz, desdigo-me agora. Peço desculpa por esta e outras incoerências do meu relato, que justifico com o cansaço e com a bebida (de que parece termos ambos – você e eu – abusado um pouco), e sobretudo com a própria realidade. Sim, a realidade desses meses era ela própria incoerente. Mas, dizia eu que Glück

podia ser estranho, multifacetado, errático, temperamental, mas em nenhum momento me pareceu louco. Ao contrário de Von Schnee e de alguns dos seus mesquinhos seguidores, nunca senti que Glück conspirasse contra Lettow. Estar em desacordo e magoado com o *kommandant* era uma coisa; esfaqueá-lo pelas costas, outra bem diferente. Simplesmente, passou a deixar correr o tempo em vez de o apressar ou contrariar. Nunca mais saiu de moto-próprio para as suas famosas batidas pelos arredores. Se recebia ordens para tal, obedecia; mas voltava de mãos a abanar. Na maior parte dos dias encerrava-se na palhota com a grafonola, ouvindo Satie.

Quanto a Lettow, tenho a certeza de que esta separação lhe era igualmente dolorosa. Habitara-se a esse estranho coronel, que ouvia as suas reflexões concordando sempre com elas (dando-lhe, portanto, o conforto das decisões consensuais sem a contrariedade que estas normalmente trazem quando o são de verdade). Passou, cada vez mais, a ser um homem só. Desde a fuga de Gasparini que se tratava a si próprio sempre que a maleita crónica o afligia. Fechava-se na tenda a delirar a meia voz. Para quem passasse perto, era como se rezasse.

Por vezes pedia-me que viesse ajudá-lo, mas num tom inteiramente novo. Deixara de ter para comigo aquela atitude paternal, à sua maneira carinhosa, de quem me dava espaço para aprender. Impunha agora uma relação impessoal, de general para subordinado. Embora deitado, disparava ordens secas, do tipo ponha-me uma compressa molhada na testa, queime-me umas folhas de eucalipto, dê-me um trago de genebra, massage-me os pés.

Foi de resto numa dessas ocasiões – ele completamente prostrado, eu cirandando por ali, tentando ser útil – que tive a oportunidade de consultar o seu diário. Custa-me dizê-lo assim, vai pensar que sou bisbilhoteiro. Na verdade, andava à procura nem sei bem de quê. Talvez apenas me interessasse encontrar um sinal de que o seu comportamento não passava de pura encenação, vestígios do velho e bom Lettow de sempre sob a máscara crispada que persistia em afivelar nos últimos tempos. E também, sou obrigado a confessá-lo, o seu ponto de vista relativamente ao desentendimento com Glück. Depressa, porém, me desenganei. Tudo o que ali havia eram registos de natureza estritamente militar, observações sobre o

comportamento das tropas, avaliações táticas, considerações geográficas. Muito esporadicamente, permitia-se uma ou outra nota sobre os povos da região, mas apenas no sentido em que tal podia ser útil para a condução da guerra.

A única exceção era um molho de cartas presas por um cordel, no topo do qual figurava a tal fotografia, que já referi, dele com uma mulher.

Apesar de tudo, continuei convicto de que Lettow era quem mais sofria com o regresso. Raciocine comigo: até então ele decidira-se por uma fuga pura e simples, mesmo se disfarçada atrás de uma pose de leão. E fugir – digam o que disserem – é, apesar de tudo, um propósito. Pôr-se a salvo, evitar que o inimigo nos aniquilasse. Ganhar tempo até, à espera (e disso me parece que Lettow nunca duvidou) que a Alemanha vencesse na Europa. Então as coisas mudariam, como ele não cessava de dizer. Elas mudavam e nós regressávamos em glória a Dar-es-Salaam. Mas agora a situação era bem diferente. Passado esse pequeno ganho que fora surpreender os ingleses, nenhum propósito nos restava, nem sequer o de fugir. E todavia, em nenhum momento nos sentíamos particularmente ameaçados. Estranha condição, essa, que, associada à crueza da guerra, nos ia retirando a humanidade.

Quanto a mim, sentia-me órfão com Lettow ainda presente, olhava para Glück (que apesar de tudo me dedicava esporádicos momentos de atenção) como um náufrago olha uma tábua sem saber que tábua é, em pleno oceano. Que raio de doença é esta de que todos padecemos, de só nos podermos estruturar a nós próprios através das relações que estabelecemos com os nossos semelhantes? Que doença era a minha, de depender sempre de alguém?

Desgraçadamente, um dia Glück (até ele!) caiu doente. Havíamos estacionado na pequena aldeia portuguesa de Regone, então abandonada. Lettow decidira presentear-nos com um dia inteiro de paragem a fim de nos prepararmos para as etapas seguintes, que se afiguravam muito duras com a aproximação à região de Metil, onde sabíamos que o inimigo tinha forças concentradas. De manhã cedo, quando a coluna se preparava para partir, Mzee Ali veio informar-me que o seu patrão estava tomado pelos espíritos.

Dirigi-me de imediato à palhota do coronel, e encontrei-o pendurado no ombro de Issa, tentando debalde montar o seu cavalo. Os dois impedidos tinham, estampada no rosto, a perplexidade de quem até aí acreditara piamente que o patrão era invulnerável.

Glück estava muito pálido, tinha os olhos encovados – dois círculos negros emitindo uma luz baça, incrustados numa máscara de cera. Toquei-lhe e senti-o gelado. Barafustou quando o empurrei de volta à palhota, embora num fio de voz. Estava claramente incapaz de cavalgar.

De imediato levei o problema ao *kommandant*. Este ouviu-me em silêncio, com a habitual reserva que caracterizava a sua postura nos tempos mais recentes. Em situação normal, tenho a certeza de que imediatamente se dirigiria à palhota do coronel. Mas desta vez limitou-se a ordenar-me que falasse com o intendente Besch, a fim de que este disponibilizasse uma padiola e quatro carregadores.

Partimos com um Glück inerte, sacolejando em cima da padiola como um peso morto, embora evidentemente os *askaris* considerassem que se fingia de morto para melhor dialogar com o além. Procedia, com esse além, a uma negociação difícil, de cujo desfecho dependeria a sorte da coluna. Encontraram, aliás, um curioso paralelismo com as árvores que nos cercavam, que, se de longe pareciam imóveis, de muito perto conseguíamos vê-las e ouvi-las crescer, lançando ramos retorcidos com um discreto silvo, uma espécie de ténue fervilhar.

Aves agoirentas levantavam voo de tais ramos em inquieta revoada, perturbadas pela sombra que pairava sobre nós (os *askaris* jurariam que eram aves de dois bicos). Sempre que atingíamos a crista de uma elevação abriam-se vales imensos e desolados, imersos na bruma, no final dos quais, muito ao longe, se levantavam montanhas com formas absurdas, como se um demónio gigante tivesse revolvido a terra com a sua enxada. Mais perto, os morros de muchém elevavam-se à altura de vários homens, muito aguçados, conferindo ao conjunto uma preocupante agressividade. Até o silêncio em que todo aquele mundo parecia mergulhado estava longe de ser um silêncio verdadeiro, era antes uma espécie de grito suspenso, engolido pela natureza, por o tal gigante lhe ter tapado rudemente a boca quando ela

estava prestes a soltá-lo. Um não grito que ribombava calado na cabeça de cada um.

Havia pouco povo por ali, pequenas e miseráveis palhotas dispostas muito esparsamente como sementes que se sabia não poderem nunca vingar. À nossa aproximação, os camponeses atiravam terra sobre as suas tímidas fogueiras, evitavam olhar nos nos olhos, tremiam convulsivamente. Parecia estarem seguros da chegada do fim. Foi nessa altura que notei, pela primeira vez, como a coluna deixava atrás de si um rasto de desarrumação e caos.

Glück não havia meio de melhorar. Urinava sangue, ao mínimo pretexto vomitava fios de uma gosma escura. Confabulava com os demónios.

Numa das nossas paragens (acabáramos, do cimo de uma colina, de ter a primeira visão do mar em muito tempo, o que de certa forma serenara toda a coluna), Lettow convocou-me à sua tenda. Entrei e aguardei respeitosamente que me dirigisse a palavra. Estava debruçado sobre um mapa da região, que estudava com minúcia à luz trémula de um candeeiro. Devo dizer que a informação era escassa, os mapas tinham enormes manchas brancas sem qualquer indicação, e isso fazia do seu raciocínio táctico, em grande medida, uma espécie de exercício de adivinhação. O seu cabelo estava mais branco e ralo. As mãos tremiam-lhe.

Sem me olhar nos olhos, observou com voz inexpressiva que a situação se tornara insustentável. Glück atrasava a coluna. Havia portanto que o deixar para trás, atitude que aliás não era inédita entre nós. Não via porque haveria de ser diferente com o coronel.

Abri a boca de espanto, não queria acreditar no que ouvia. Evidentemente, o *kommandant* não tinha ideia do peso que a sua decisão colocava nos meus ombros. Há muitas semanas que eu percorria um lento e tortuoso itinerário de lealdades e obediências, um itinerário que ia desde Lettow até Glück. Aquela decisão colocava-me de chofre numa encruzilhada, sem a mínima indicação que me permitisse descobrir a opção certa.

Lettow era sagaz, adivinhou-me os pensamentos. Apressou se a afirmar que, desta vez, seria ligeiramente diferente. Ou seja, à vista do confronto,

recuou. Eu ficaria com o coronel até que ele melhorasse, ou se consumasse o outro desfecho que nenhum de nós, claro, pretendia. Em seguida, juntar-nos-íamos ao grosso da coluna (os impedidos de Glück saberiam onde encontrá-la).

Não pude deixar de estabelecer um paralelismo com o envio do governador Von Schnee, largos meses antes, em direcção à costa. Lettow, brilhante como sempre, livrava-se de Glück e punha à prova a minha lealdade numa única jogada. Ou então, ajudava-me a traí-lo.

Despediu-se de mim com a frieza impessoal dos militares. Assim mesmo, como se não tivesse conhecido a minha família, como se não tivéssemos vivido juntos toda a campanha: um oficial general falando com o seu subordinado.

E é assim que ainda hoje o vejo, assim que ainda hoje me assalta: muito direito no seu cavalo, desaparecendo na curva do caminho sem sequer olhar para trás.

13

Hans chega esbaforido à porta do Central Hotel.

Obede só se faz presente para lhe interromper as re flexões, nunca quando dele precisa. Não o vendo por perto, tomou um eléctrico que passava, desceu nele até à Avenida da República, saltou em andamento quando este abrandou, tilintando, para alertar um carro indeciso sobre onde virar. Correu por aquelas malditas vielas onde se perde sempre, Travessa de S. Pedro, Rua da Botica, cortinas de fumo, meandros que o desafiam e confundem, mas que felizmente, desta vez, o levaram aonde pretendia chegar. De súbito, depois de uma esquina.

Encosta-se um minuto à balaustrada de madeira da varanda térrea, para que lhe volte o fôlego. Limpa, com um lenço, o suor do rosto. *Central Hotel, Esquina das Ruas Ferrer e Araújo, Proprietário C. Apostolos, Neste hotel situado no centro da cidade, perto da Estação dos Caminhos de Ferro e do Cais de embarque – um dos melhores e mais antigos hotéis de Lourenço Marques, frequentado pelo principal funcionalismo militar e civil, encontra o público o mais esmerado serviço de cozinha, Amplos e bem arejados quartos, esplêndidas casas de banho, Conforto, seriedade e economia, Às excelentíssimas senhoras atende uma senhora portuguesa, Todo o pessoal deste hotel é devidamente habilitado.* Cidade estranha, esta em que as misérias são sempre envolvidas por uma pomposa roupagem. Suspira e entra.

Atravessa o *hall* de pé-direito muito alto, forrado de azulejos, onde as vozes e as passadas se desdobram num eco metálico. Ao balcão, pergunta pelo quarto de *Miss Natalie Korenico*.

Já com a resposta, volta a sair, percorre a varanda que cerca o edifício atirando fugazes sorrisos de circunstância, pouco mais que esgares, para os hóspedes e visitantes espalhados pelas mesas, conversando e tomando

whisky e *soda*. Segue ao longo dos quartos térreos das traseiras, até chegar ao número 7. Bate e aguarda, impaciente.

Assim que a tem na frente, de bata japonesa e chinelos de pano, os cabelos por arranjar, atira-lhe de chofre:

‘Vi Florence com o homem do casaco de veludo azul!’

Podia ter-lhe dito que viu Florence com Klopper, mas Natalie não saberia quem é Klopper. Ou saberia?

Natalie olha-o de cima a baixo.

‘E quem é esse homem?’

‘Não sei ao certo, presumo que seja da polícia. O homem que pretendia dançar com Florence no Gato Preto.’

Em frente aos quartos corre outra varanda, mais estreita. Natalie indica-lhe uma cadeira, convida-o a sentar. Apesar do edifício principal do hotel lhes barrar a visão, sobra ainda uma nesga por onde se consegue ver a rua, a esta hora muito agitada. Quanta gente tem esta cidade!

‘Não me surpreende.’

Hans desespera.

‘Como não a surpreende? Da polícia, percebeu bem?’

Natalie permanece um momento em silêncio. Os chinelos nos pés e os papelotes no cabelo provocam um inesperado contraste com a gravidade da razão que traz Hans ali. Depois, ela parece finalmente decidir-se.

‘Esqueça esse homem por agora.’

Da última vez que se viram, as gaiotas rondando no alto, preparava-se para lhe contar uma história, a história de como os dois destinos – o dela e o de Florence – se cruzaram. Mas a sombra de Wally veio interrompê-los; e depois Rapsides, em carne e osso.

‘Como esquecer esse homem?’

Natalie olha-o, muito séria.

‘Há coisas mais importantes que deve saber.’

‘Não tente fugir. Quero simplesmente a verdade.’

‘É justamente a verdade que pretendo contar-lhe. Mas para chegar até ela tenho de começar por aqui.’

Sempre que alguém retoma aquela história, Hans sente-se adormecer. Reclina-se na cadeira, solta a vista pelo espaço em volta: os hóspedes do hotel na varanda; mais longe, os transeuntes. Tanta agitação naqueles espaços e ele serenando, como se ouvisse uma história de embalar. A experiência diz-lhe que quando Natalie se calar persistirão as dúvidas que antes o assaltavam. Mas é mais forte do que ele: assim que ouve a nova entoação, não de quem fala mas de quem conta, lança um último olhar em volta e fecha os olhos para poder beber as palavras.

Os funerais tiveram lugar uns dias mais tarde (havia que concluir a investigação policial). Os de Bill, Maxim e Mezar. Estava também presente a urna da própria Peggy, que Natalie, de uma posição discreta – óculos escuros e um lenço preto para esconder a dor e o arranhão que afinal não dera em nada – viu descer para dentro da terra. Vazia, ou então com uma indigente que o inspector Leach terá achado para pôr lá dentro; nunca o soube ao certo.

Evidentemente que, de tão recentes, os acontecimentos ainda a perturbavam: assistir ao seu próprio funeral, ver acabar-se ali o seu único e grande amor. Enquanto lidava com essas poderosas sensações (enquanto apenas entrevia a mais forte de todas elas, a de ter de começar tudo de novo), estava longe de suspeitar da chegada de algo ainda mais terrível, face ao qual tudo o resto se tornaria, digamos, manuseável.

O absoluto só beneficia desse estatuto enquanto não surgir algo ainda mais absoluto que o relativize. Mas enfim, Natalie não está aqui sentada, de bata e papelotes na cabeça, para discutir com Hans filosofia.

Estava, dizia ela, encostada a uma árvore, a assistir aos funerais, quando uma voz fria lhe surgiu nas costas, cortante como uma das lâminas de Mezar:

‘Sei quem és.’

Assim mesmo, sem preâmbulos. Florence foi sempre muito voluntariosa. Quem tem em casa dezassete irmãos acaba por tornar-se assim para conseguir vingar.

‘Sei quem és. Podemos ser amigas.’

E a vida nova de Peggy, a vida de Natalie, foi desta forma abalroada. Uma mancha na folha branca. Um toque de inverosimilhança neste nome Natalie, sobre a pureza do qual tantas esperanças a velha Peggy acalentara!

Natalie nunca chegou a saber ao certo como Florence descobriu o seu segredo. Perguntou-lhe mais tarde, claro, quando a relação entre elas se estreitou. Florence escudou-se na intuição feminina. Fora essa intuição que, no cemitério, regressando do jazigo do seu pai, a levou a olhar Natalie e a ver nela Peggy (a foto do bando de Foster estava em todos os jornais).

Evidentemente, Natalie não acreditou. E mais preocupada ficou quando Rapsides lhe contou, dias mais tarde, ter visto aquela mulher rondando uma certa casa uns tempos antes, a casa de Glück.

Hans não conhece Joanesburgo, mas imagina uma cidade grande. Coincidências deste tipo estão para lá de qualquer cogitação.

‘Glück?’

Glück atraindo Wally desde Paris até ali; Glück, agora, dentro desta história, cruzando-se com Florence, com Rapsides, com Natalie. Quando terminará o jogo? Onde?

Sim, Rapsides vira Florence rondando a casa de Glück e disse a Natalie que tivesse cuidado com essa mulher. Mas, que cuidado podia ela ter?

De qualquer maneira, Florence tranquilizou-a. Desde logo porque lhe chamou Natalie, nunca Peggy. O passado pouco lhe importava, dizia, prezava-o apenas na medida em que proporcionara que as duas se tivessem tornado amigas. Nada pretendia dela a não ser a amizade. Afinal, haviam sofrido ambas uma dura perda. Se o acaso ditara que se cruzassem, para quê contrariá-lo?

Florence ajudou Natalie nos primeiros passos desta sua nova vida. Um dia levou-a pela mão a visitar uma amiga no bairro exclusivo de Belgravia. Casas grandes como hotéis, piscina, *court* de ténis, cavalaria e essas coisas todas. A amiga de Florence era uma jovem excêntrica chamada Mary Westenra que, além de passar a vida a sonhar em ser aviadora, casara há pouco tempo com Abe Bailey, o magnata das minas. Ambos frequentavam a *farm* dos De la Rey em Elandsfontein com uma certa assiduidade.

E Natalie, de súbito:

‘Já ouviu falar em Abe Bailey?’

‘Não.’

Tomaram chá as três, conversaram sobre muitos assuntos, principalmente acerca de aviões. Mary era obcecada pelo tema. Falou longamente de Harriet Quimby, a mulher piloto americana morta uns anos antes, num trágico acidente; falou de Calbraith Rogers e muitos outros. Enfim, mostrou-se empolgada com o primeiro voo regular que acabava de acontecer entre a Rússia e a América, pilotado por Tony Janus.

Só no final da tarde, já as luzes se acendiam (iam elas no terceiro *roiboos* e no centésimo voo!), Florence achou uma aberta para referir, casualmente, que Natalie era uma excelente fotógrafa.

Natalie quase se engasgou. O que sabia de fotografia, muito pouco, aprendera no tempo em que ainda se chamava Peggy e se interessava por tudo o que se relacionava com Bill Foster. Foster fora um jovem fotógrafo amador cheio de entusiasmo.

E Natalie, de repente:

‘Acontece que Abe Bailey, o marido de Mary Westenra, era dono do jornal *Rand Daily Mail*.’

Faz-se um longo silêncio.

E Natalie, novamente:

‘Você não é jornalista?’

‘Não, sou empresário.’

‘Engraçado, fiquei com a ideia de que trabalhava para o *Rand Daily Mail*. Quem mo disse deve ter-se enganado.’

Di-lo com um sorriso divertido.

E Hans, aliás Henry Miller, jornalista do *Rand Daily Mail*:

‘Sim, deve ter-se enganado.’

Mas Natalie não está ali para esmiuçar as incongruências de Hans. Quis deixar-lhe apenas um sinal. Prossegue.

Mais tarde, quando o táxi veio buscá-las à mansão de Belgravia, Natalie levava consigo a promessa de um bom emprego. E, passados uns dias, mudava-se para o apartamento de Florence, no centro da cidade.

Tudo correu bem durante cerca de três anos, davam-se bem uma com a outra, não tinham segredos para além das esporádicas escapadelas de Natalie, a visitar, em Germistown, a filha que havia tido numa vida já distante. Isso e o ocasional surgimento de Rapsides, por quem Florence nutria um profundo desprezo.

Hoje, olhando para trás, Natalie não pode senão considerar a presença de Rapsides nesta história como uma ironia do destino. Exceptuando a criança, cujo envolvimento ela sabia controlar perfeitamente, aquele homem era a única ponte que a ligava ao passado (pelo menos assim pensava, nessa altura). Quanto ao que o movia a ele, é difícil dizer. Talvez uma espécie de lealdade amalgamada a um complexo de culpa, a convicção de que devia continuar a protegê-la mesmo com Foster morto. Como se Rapsides, de alguma maneira, tivesse sido culpado da desgraça e só na protecção de Natalie pudesse encontrar a expiação desse pecado.

Infelizmente, a sua presença era para Florence insuportável. Tratava-o rudemente. Tinha ciúmes desse passado que Rapsides trazia estampado nas suas cicatrizes, e sobre o qual as duas nunca haviam conversado, um passado que irrompia sem qualquer aviso sempre que Rapsides se fazia presente. Mas ele – e Natalie já o referira mais do que uma vez – era modesto, suportar ofensas fazia parte desde sempre do seu itinerário e da sua maneira de ser. Modesto mas também bastante louco, espalhando por todos os que o cercavam a sensação de que havia ali o leve tremor de uma lava em fermentação, lava essa que sem qualquer aviso podia bem irromper à superfície, queimando tudo em volta.

Natalie fazia tudo o que estava ao seu alcance para apaziguar um e outro. Não só por feitio, não só porque compreendia as razões de ambos, mas sobretudo porque temia que um desentendimento pudesse despoletar uma situação incontrolável. Arranjava pretextos para espaçar as visitas de Rapsides, combinava encontros longe de casa. Embora, quando o não conseguia evitar, o defendesse com valentia das iras da companheira. Afora isso, foi uma altura em que Natalie muito aprendeu, fotografando o trabalho das minas e chás de beneficência, greves e inaugurações.

Um dia, Rapsides apresentou-lhe uma rapariga escanzelada que não tinha onde cair morta. Não falava inglês nem africânder, não conseguia arranjar trabalho. Natalie teve pena dela, ajudou-a, levou-a para o apartamento que partilhava com Florence.

Esta começou por reagir com frieza (a solidariedade, como sentimento, era-lhe estranha), depois com verdadeiros acessos de fúria. É que, além de ter surgido pela mão de Rapsides, a rapariga disputava, mesmo que inadvertidamente, as atenções de Natalie. O mínimo gesto desta, desde que dirigido à pobre rapariga, dava azo às cenas mais tempestuosas. Geralmente, no decorrer das frequentes discussões, a rapariga refugiava-se na varanda com os olhos brilhantes perdidos nos montes de cascalho das minas, no horizonte de uma cidade que ela claramente não compreendia.

Lamentavelmente porém, e apesar de todos os cuidados postos em fazer ver o contrário, a relação entre Natalie e a rapariga foise estreitando. É que, por esses dias, Natalie andava entusiasmada com a fotografia (que, dizia ela no aceso das discussões, fora a própria Florence a fazer nascer dentro de si), enquanto a escanzelada rapariga aprendia afincadamente a pintar.

A princípio, Natalie convenceu-se de que fora ela própria que influenciara a rapariga nessa direcção; só mais tarde soube que a motivação dela tinha raízes mais profundas, perdidas no tempo. Mas isso agora não interessa. Interessa, isso sim, que esta intimidade, estabelecida numa base meramente artística, transportou as reacções de Florence para uma dimensão por assim dizer irracional.

Certa vez, regressando do jornal, Natalie deu com o apartamento transformado num inferno. Na sala, as cadeiras estavam reviradas, os *bibelots* em cacos, por toda a parte havia retratos de Natalie rasgados (há tempos que exercitavam as suas artes uma na outra, Natalie fotografando a rapariga, esta desenhando-a a ela). Havia também vozes alteradas vindas da varanda. Dirigiu-se imediatamente para lá, e chegou a tempo de ver Florence a agredir a rapariga com uma violenta bofetada, e esta, numa reacção surpreendente, a agarrar numa faca e avançar resolutamente para a agressora.

Natalie interveio, pedindo-lhe mansamente a faca. No rosto de Florence estavam estampados o medo e a surpresa. O da rapariga era uma brasa viva, um clarão de ódio que surpreendeu as outras duas. A voz de Natalie fê-la, contudo, voltar a si. Deixou cair a faca, virou-lhes as costas e pôs-se a olhar os montes de cascalho das minas de Joanesburgo, ao longe.

As coisas tinham chegado a um limite. Assim que serenaram, Florence ordenou em voz rouca que Natalie levasse a rapariga do apartamento. Natalie obedeceu (não tinha outra solução), e tratou de procurar Rapsides. Foi este que, surpreendentemente, achou uma solução. A rapariga não podia continuar ali, nem de resto em Joanesburgo, uma cidade que ela não entendia e na qual não conseguiria sobreviver. Propôs se partir com ela para Lourenço Marques. Conhecia, nesta cidade, gente que a podia ajudar.

‘Foi assim que Wally veio parar aqui. Sim, porque é de Valerie Neuzil que falo. Era ela a escanzelada rapariga.’

Hans engole em seco. Com o cair do dia, cresce, na esplanada do hotel, o movimento. O comércio e as repartições encerraram, as pessoas procuram divertimento. Não a interrompe.

Natalie regressou sozinha ao apartamento, e essa cedência deixou Florence levemente embaraçada. Durante semanas imperou entre elas um silêncio todo novo, como se ambas se sentissem culpadas do acontecido. Foram semanas de extrema polidez entre as duas, mas em que não existia um sentimento verdadeiro. Apenas cuidada polidez.

Até que um dia, desesperada, Florence propôs que empreendessem juntas uma longa viagem. Compreende-se o seu raciocínio: por mais que as duas se esforçassem, circulava uma sombra esguia, mas espessa, naquele apartamento. Talvez uma mudança drástica de cenário tornasse essa sombra mais rala, cada vez mais rala até enfim desaparecer.

Uma prima de Florence deu-lhes guarida durante um par de meses em Graaff-Reinet, passaram em seguida umas semanas no luxuoso *cottage* de Abe Bailey em Franschhoek. Mas nem a natureza nem os vinhos doces desses lugares as apaziguaram. A sombra persistia.

Um dia, regressada de um longo passeio entre as vinhas, levemente afogueada, Florence entrou, desapertou as fitas do chapéu de palhinha,

bebeu um copo de água e anunciou que partiriam num navio português rumo a Lourenço Marques.

De olhos fechados, Hans bebe as palavras que o transportam para uma história sem qualquer relevância, mas que todavia o fascina. Assim que os abre por momentos (assim que ouve o nome do navio, a data de partida e o destino), nota que Natalie, enquanto fala, tem os seus presos nas suas costas, como se ali houvesse alguém. Vira-se.

De pé, um mandarete aguarda, respeitoso, que terminem a conversa e lhe deixem dizer ao que vem. Transpira dentro de uma casaca puída nas mangas e no colarinho, apertada por botões dourados até ao pescoço. Quantos mandaretos terão usado aquela mesma casaca? Quantos mais a usarão depois de este ser despedido, por algum erro que vai cometer, um recado mal dado, um atraso, uma impertinência até, ou então alguma coisa que não conseguiu aprender? Aguarda respeitoso. Tem os pés descalços.

Natalie não tem como continuar. Cala-se. E Hans, liberto por esse silêncio das amarras que o prendiam dentro daquela história, levanta-se para se despedir.

Mas eis que, aproveitando o silêncio de Natalie, o rapaz anuncia que está à entrada alguém que precisa de falar com ela com urgência. Um condutor de riquexó.

Assim que ouve essas palavras, Hans tem a certeza de saber quem é: alguém que estará preso a esta história por fios que, até agora, ele desconhece. Torna a sentar-se. Fecha os olhos e aguarda que Natalie mande entrar Obede, o homem que só se faz presente para lhe interromper as reflexões, nunca quando dele precisa.

E Obede entra afogueado, para dizer a Natalie que Rapsides está a morrer.

* * *

Partem desarvorados pelas ruas da cidade. Obede faz um duplo esforço, transporta um duplo fardo. Veio em corrida para os avisar, regressa em corrida para os levar. Que une este homem – que Hans, até agora, pensava

ser um conhecimento privado que tinha, uma espécie de reserva fora do enredo – a Natalie? Avenida da República, *Marta da Cruz & Tavares, Avenida da República e Rua Francisco Ferrer, Lourenço Marques, Importadores de todos os artigos nacionais e estrangeiros, Especialidade em tecidos e lanifícios de todas as qualidades de manufactura portuguesa, Roupas brancas para senhora, Zefires percais e riscados, Camisaria e calçado, Casimiras para fatos de homem e senhora, Envia-se amostras de fazendas para a província assim como listas de preços, Satisfaz-se prontamente qualquer encomenda.*

Onde os leva Obede?

As ruas sobem todas e ele não abrandava a passada, ainda agora começaram a corrida e ele já alagado em suor. Avenida Paiva Manso, e sucedem-se os anúncios e letreiros, como se a cidade se divertisse a dar-lhes pistas falsas, veredas sem qualquer nexos. *Galos e galinhas de raças puras, Wyandolies e Langhorns brancas, As melhores raças para o nosso clima, Ovos para incubação garantidos.* O empedrado das ruas começa a dar lugar ao pó e à lama, a alvenaria à palha. Quase abruptamente, como se transpusessem uma fronteira.

Engasgam-se aqui os anúncios, vão deixando de ter o que dizer, uma vez que é um lugar com escassa gente capaz de comprar, sequer de os ler. A algaraviada dá lugar a uma monótona ladainha, o português a uma língua de segredos: *Vende-se carvão, Ni xavissa makhala.*

Correndo sempre, Obede deixa as ruas e entra em vielas, deixa estas e entra em caminhos que serpenteiam por entre as palhotas. Tão estreitos são eles, tão juntas estas, que o riquexó, sempre em corrida, avança como se pedisse licença a corpos de palha que não se podem mover. Choveu há pouco, e a chuva está secando. Brilha a palha e brilha o zinco; no chão, brilham as poças de lama líquida, frementes do trinar dos grilos e do coaxar das rãs. Brilham ainda, atrás das paliçadas, as pequenas fogueiras cercadas de domésticos murmúrios e exalando um fumo acre. Trémulas fogueiras que são o âmago das casas.

Por vezes não houve palha suficiente, e as paredes são anúncios desmembrados roubados às lojas da cidade. Aqui é o cartaz de uma

perfumaria, de pernas para o ar, logo em seguida *A. Pinheiro e Cia, Comissões e consignações, Únicos depositários da tinta a água Muraline, Negociante de todos os produtos da Província de Moçambique e África do Sul*, e não há uma parede que pintar; mais adiante, *Salão Chic, Alves & Fonseca Limitada, Antiga Casa Laura Alves, Bela colecção de peles, Preços sem Competição (Precisam-se modistas para trabalhar no estabelecimento)*, e não há o que vestir.

Novamente Hans dá-se conta de que entraram na outra cidade, no negativo da cidade verdadeira, na cidade das sombras. Se os anúncios não dizem o que diriam os habitantes deste lugar, que diriam estes? É esse discurso por dizer que Albasini, infatigável, procura com a ferramenta dos seus editoriais. Enquanto correm por cima da lama, olha em volta, na direcção do coração do mundo de palha, e só encontra mais cartazes desmembrados, servindo para tudo menos para dizer o que neles vem escrito – para cobrir a casa da chuva, para isolar o quintal dos ladrões. Que diriam eles? Para lá do grito desconexo dos cartazes, que diriam eles se não fosse este silêncio?

Chegam a um ponto em que Obede não pode mais. Está encharcado em suor, o peito arfa-lhe descompassadamente, o coração quase lhe salta pela boca. Além disso, o riquexó não caberia no caminho que persiste em abrir-se na frente (como se só pudessem parar quando acabassem todos os caminhos). Diz:

‘Temos de continuar a pé.’

Descem, pois, para o meio da lama, depois de uma curta hesitação de Natalie. Mas é nela mais forte o que a atrai adiante, no caminho, algo que Hans nunca sentiu bem explicado. Prosseguem.

Obede vai mais leve sem o riquexó, ganhou um segundo fôlego, conhece bem o lugar. Os outros dois, só com dificuldade o acompanham. Às vezes, é pura lama que resultou da chuva; outras, rios de dejectos, excrementos, lixo.

Era assim, perfurando o desconhecido dédalo, que a coluna de Lettow voava, isso no tempo em que ainda sabia o que pretendia encontrar. Os rios eram maiores, é certo, as árvores mais altas, mas em contrapartida sabiam o

que pensava quem os esperava na tocaia. Não estes olhos que espreitam à sua passagem, os únicos que brilham para além das achas das fogueiras.

‘Falta muito?’

‘É já perto, ali.’

E o caminho desemboca noutro caminho, como se o fim fosse um recomeço, neste labirinto onde se perdessem Obede perder-se-iam por toda a eternidade. Os três são uma coluna veloz que acende uma vozeria à sua passagem, que deixa um rasto de inquirições. Que coluna é esta que passa em silêncio, sem o ladrar dos cães ferozes da polícia retesando as trelas? Que coluna é esta, de que não se ouve o nervoso salpicar dos cascos dos cavalos, o som grosso da autoridade?

‘Falta muito?’

É sempre já perto e ainda longe, sempre ali, no início de outro caminho que Hans suspeita que já percorreram. Procura mesmo as suas pegadas, no escuro, para o comprovar. Mas eis que o espaço se alarga pela primeira vez numa grotesca caricatura de praceta perdida num beco, onde nem sequer falta o monumento, uma caleche sem rodas, a carcaça de um camião, restos descartados pela cidade de pedra ganhando aqui um novo sentido. Como se os habitantes deste lugar, intrigados, tentassem, com estes objectos que fazem felizes os outros, chegar eles próprios a uma espécie de felicidade. Um enigma feito de alfaias sem terra que lavrar, motores perdidos dos veículos que movimentavam, os referidos restos de um camião pelo qual parece já terem passado, ou então é outro igual. Como terão ido eles ali parar? Nunca por esses caminhos onde não cabe mais do que um alguém de cada vez, caminhos que nunca viram rodados, onde o preço de os calcorrear foi sempre a energia despendida pelo próprio corpo.

‘Falta muito?’

E, de súbito, uma fenda numa frágil paliçada de caniço quase podre, um estreitíssimo quintal povoado por uma matilha de cães rafeiros e galinhas espavoridas, atravessado por um arame retesado de onde pendem trapos velhos a secar, e que quase lhes corta as gargantas, a entrada de uma toca escura, tudo azul, iluminado pela primeira lua, ainda grande, ainda sem a cor gelada que irá ter daqui a pouco. E, do outro lado, não Rapsides mas

ainda apenas o seu som, o gargarejo de um sangue que quem emite procura a custo reter dentro do corpo; e que, no seu errático ritmo, estabelece com a pulsação agitada dos recém-chegados um estranho compasso.

Natalie é a primeira a falar. Grita por panos limpos, água quente, ingredientes a seu ver necessários para fazer a roda do destino andar para trás. Obede parece não entender o que ela diz. Para o entender, seria necessário que ali houvesse, não só esses ingredientes mas também uma concepção diferente do destino; que ali houvesse alguém suficientemente ingénuo para descrever da sua força.

Estão, ao que tudo indica, em casa do próprio Obede, a casa de um condutor de riquexó. Há-de ser aqui que Obede se recolhe a desoras, quando não tem a quem transportar pelas ruas de uma outra cidade que conhece como as palmas das suas mãos. E, de alguma maneira, é nesta altura que Hans se dá conta de que existe um outro Obede; de que até ele não se entregou por inteiro quando lhe perguntava se queria ir a algum lugar, se queria vender ouro, se o estrangeiro tinha um outro capricho qualquer que ele pudesse satisfazer.

Entretanto, Obede move-se pelo escuro com essa segurança de quem, também aqui, tem o espaço todo dentro da cabeça. Ouve-se o som das suas mãos mexendo em objectos, procurando coisas atrás de outras coisas, e quando por fim acende uma pequena lamparina de azeite, o compartimento abre-se por inteiro à visão: uma miríade de objectos, uma caverna de Ali Babá repleta de coisas inúteis, um par de sapatos velhos sobre a terra batida do chão, uma panela fuliginosa, mas também uma pequena maleta de cabedal quase nova, um chapéu de coco, esquecidos por clientes no assento do riquexó; ou então, roubados.

É este pensamento, totalmente irrelevante, que acorre à mente de Hans, a despropositada inveja de um conhecimento muito particular e eficaz que Obede tem do espaço das duas cidades.

Ao lado, arfando na esteira, alternando flacidez e espasmos, o torso imponente feito massa informe, avermelhada pela luz da lamparina, Rapsides.

Obede sai em busca daquilo que Natalie pediu (sabe-se lá onde o vai encontrar). Natalie está à porta, indecisa entre ir atrás dele, para o apressar, ou ficar esperando. Quanto a Hans, aproxima-se para ver enfim de perto aquele que há tanto tempo queria ter assim, ao seu dispor. Até agora só o entrevira fugazmente, de chibata de cavalo-marinho à ilharga numa fila de mineiros, ou irrompendo pela praia de cenho carregado, desarvorando as gaivotas. Nunca assim, desta maneira.

Sempre preso aos devaneios, Hans passa agora em revista aquilo que, apesar de tudo, os une: Sebastian Glück. Esse passado comum, mais o facto de não saber qualquer deles para onde se virar.

Aproxima-se dele, para o ver melhor. As cicatrizes, sinuosas, são um resumo do longo itinerário daquele homem. Uma delas é um arco irregular que o obriga a sorrir (a marca de um dos combates engendrados por Rufus Naylor? Um dia mau na vida do exímio atirador Maxim?). Mais abaixo, levantada a roupa ensanguentada, nova cicatriz, dois orifícios apenas no ventre macio, como marcas de uma dentada de cobra, orifícios minúsculos mas gulosos, alimentando-se vorazmente do resto de vida que ele ainda guarda.

É a curiosidade de Hans que alerta Rapsides. É essa curiosidade que o obriga a descer ainda uma vez de onde está prestes a ficar, ela que o obriga a concentrar-se. Apesar dos olhos fechados, do gargarejo do sangue, sentiu essa proximidade. Tenta retesar os músculos e cerrar os punhos, tenta soerguer-se, mas o corpo deixou de obedecer ao comando. Apenas a atenção se mantém acesa, sem punhos que a protejam.

Hans aproxima os lábios da orelha onde começa a tortuosa cicatriz e sussurra:

‘Descansa, não foi Glück. Tal como tu, Glück ainda anda à procura.’

Em seguida, procura convencer-se de que Rapsides, ouvindo isto, serenou. Pareceu-lhe até notar que o sorriso rígido do lábio repuxado pela velha cicatriz se transformou aos poucos num sorriso verdadeiro. É imperioso que se convença disto, é assim que, no futuro, vai querer lembrar este momento.

Pouco depois, desfazendo os nós do caminho de regresso à cidade iluminada, Natalie vai perguntar a Hans o que segredou ele ao ouvido de Rapsides. E Hans responderá que não disse nada, apenas umas palavras para o confortar.

* * *

Corre para o número 101 da Rua Araújo. Precisa de contar a Albasini o acontecido. Não tem como comprová-lo, é certo, mas farejou, na morte de Rapsides, a mão do homem do casaco de veludo azul. O jornalista conhece as manhas da polícia, saberá o que fazer. Percorre as vielas de sempre, em passo apressado. Travessa António Furtado, à esquerda a Travessa Tenente Valadim, à direita a Travessa da Catembe, novamente à esquerda, por fim, a Rua Araújo. Vai percebendo melhor a geografia, conhece os letreiros e anúncios, já quase nem os lê. Mas, ao mesmo tempo, continua a escapar-lhe-lhe o sentido mais profundo desta cidade. Porque mataram Rapsides? Sim, Albasini saberá o que fazer.

Estranha a pequena multidão à entrada. Passa por ela pedindo licença, sobe os íngremes degraus, imersos num cheiro intenso a desinfetante, e encontra a porta escancarada.

Lá dentro, passou um vendaval. Os livros foram arrancados às estantes assim como quem arranca fruta verde às árvores e a larga no chão, sem qualquer proveito; os jornais são folhas secas dessas mesmas árvores, levadas pela aragem. Há cadeiras tombadas, de um tinteiro virado escorre tinta negra que embebe as tábuas do soalho, alastra em riscos grossos pelas frinchas. Um a um, os aparos das penas foram quebrados, sem dúvida um aviso para que o jornalista não voltasse a escrever. Até os cheiros, antes diversos mas tão arrumados – do papel e da tinta, da cera e do tabaco –, andam soltos por ali em desalinho.

Albasini vagueia como um cego no meio de tudo isto, sem saber por onde começar. Terá sido a polícia, avisando-o de que não se tratam assim as greves no jornal? É isso, querem meter-lhe medo. Olha em volta, procurando o seu chapéu (sempre que não sabe o que fazer, começa por

procurar o chapéu), e dá com Hans espedado à entrada, de boca aberta. Imediatamente se crispa.

Há dias assim, em que ao mínimo pretexto nos desentendemos com o mundo. A gota de água que faz transbordar o copo. Aqueles que sabemos que nos querem mal há muito foram descartados, cabe agora a vez aos outros, um a um, assim que lhes notamos o mínimo defeito. Ficar só é uma espécie de luxúria, um antes partir do que dobrar. Ninguém vê o mundo como eu, não me interessa como vós o vedes. Para dizer a verdade, nem me interessa como eu próprio o vejo. É simples: desisto.

Tudo isto Hans nota no olhar de Albasini, quando este se cruza com o seu. Ia oferecer-se para o ajudar, mas já não se atreve a fazê-lo. Escolhe, antes, um outro caminho. Aquele que no fim de contas o trazia aqui.

‘Rapsides morreu.’

Atira-lhe a notícia de chofre, com uma voz encenadamente neutra, desesperado artifício para fazer o jornalista sair da toca em que se meteu.

Albasini não comenta. Continua a deambular pelo compartimento, agarrando e largando coisas.

Hans faz, por isso, nova tentativa.

‘Não me chamo Henry Miller. O meu nome verdadeiro é Hans Mahrenholz. Não sou quem digo ser. Nunca trabalhei para o *Rand Daily Mail*. Não sou sequer jornalista, como suspeito que há muito tempo você desconfiará. Estou pronto a contar-lhe a verdade. Preciso de contar-lhe toda a verdade.’

Assim mesmo, em catadupa. Desesperado gesto para arrancar o outro dos escombros. Nada mais pode oferecer para além da verdade. Atrás disso não há nada.

Albasini continua a procurar nem sabe bem o quê. Mas nos seus olhos acendeu-se qualquer coisa, um brilho ténue, ainda assim suficiente para que Hans possa reparar.

Insiste.

‘Foi Glück que me enviou. Trata-se de uma longa história que estou disposto a revelar.’

Albasini pára finalmente. Torna a olhar em volta e encontra o seu chapéu, caprichosamente pendurado onde devia estar, no bengaleiro. Põe-no na cabeça, apanha o casaco de linho branco do meio do chão.

‘Venha comigo!’

Descem as escadas, ganham a Rua Araújo. Como sempre, Hans sente algum conforto em não ter de ser ele a escolher a direcção, em limitar-se a seguir o jornalista.

Caminham durante um bocado. *Carpintaria e Marcenaria Mecânica de Giuseppe Buffa Buccellato, Travessa da Catembe com a Rua Araújo.* As gelosias de madeira estão descidas, o comércio encerra as suas portas. Não tarda, os bares e lupanares vão surgir iluminados. *Silva & Ferreira, Perfumarias e artigos de toilette, Jóias e papéis de crédito, Lotarias da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, grande variedade de números.* É assim que gosta de atravessar as ruas desta cidade, levado pela mão de quem as conhece.

Depois de uma esquina, surge-lhes a fachada esconsa e soturna do Hotel Paris, *O mais central e próximo da estação do caminho-de-ferro e pontecais, Confortáveis quartos e esplêndidas casas de banho, instalações sanitárias pelos processos higiénicos mais recentes, Encarrega-se de toda a espécie de banquetes no hotel ou em qualquer parte, para o que tem bom pessoal, etc., Toma encomendas de pastelaria pois tem um hábil chefe recentemente contratado em Lisboa, Preços módicos, Proprietária Zulmira Afonso Rodrigues.* Ao lado, por cima de uma pequena porta lateral, uma tabuleta vermelha anuncia o bar Estrela do Oriente.

Albasini entra por essa porta, seguido docilmente por Hans. Acena com familiaridade à mulher que está atrás do balcão, escolhe uma mesa encostada à parede, e senta-se. Hans senta-se também.

‘Aqui estamos bem. Normalmente há pouca gente, podemos conversar sem ser incomodados.’

Hans admira, calado, a generosidade do homem que tem na frente. Cheio de problemas, acochado por todos os lados, e todavia disposto a ouvir o que os outros têm a dizer. A curiosidade de um verdadeiro jornalista. Ou então suspeitará de que aquilo que vai ouvir tem algo a ver consigo.

O pavimento é de mosaico em xadrez preto e branco. Em volta, as paredes estão cobertas de retratos, fotografias de pequenos grupos, símbolos: um grande cartaz com a letra G a negro sobre fundo claro (G de geometria, sinal de ciência e de conhecimento, o fundamento do progresso), uma reprodução do homem vitruviano de Leonardo, várias representações de deltas, uma pequena chapa de metal com um esquadro e um compasso em alto-relevo. A mulher que está ao balcão aparece em muitas das fotografias. Albasini refere-a como a Zulmira Rodrigues do anúncio, velha amiga, proprietária do hotel e do bar onde se encontram. Ao mesmo tempo acena-lhe, sorri e mostra-lhe dois dedos espetados.

A mulher retribui o aceno, revelando ter compreendido. Coloca duas cervejas numa bandeja.

Na parede, atrás dela, há um quadro em cada uma das extremidades da prateleira de copos e bebidas. Um deles é uma estrela de cinco pontas, ainda um símbolo mação, obviamente na origem do nome do bar. O outro, uma frondosa acácia. Albasini nota a direcção do olhar de Hans e sorri amargamente.

‘A acácia é o símbolo por excelência da maçonaria. Representa a pureza, a inocência, a justiça e as ideias claras. É também o símbolo desta cidade de Lourenço Marques, bela como a acácia, mas desgraçadamente tão afastada desses valores.’

As palavras são de circunstância, ocupa o tempo enquanto espera pelas bebidas, pela revelação de Hans.

Na sala, apenas mais duas mesas estão ocupadas. Na mais distante, dois indivíduos pagam a conta e levantam-se. Vestem ambos integralmente de linho creme, com o chapéu a condizer. Levam ambos a mão ao chapéu, num discreto cumprimento. Albasini responde, levando também ele a mão à cabeça, descobre que não tem lá o chapéu. Lamenta-se:

‘Nunca sei onde tenho o maldito chapéu.’

Os homens aproximam-se e Hans reconhece um deles. É o padre José Vicente do Sacramento. O outro é-lhe apresentado como Rufus Naylor, o nababo das lotarias. Parte hoje mesmo para a Europa, aproveita para se despedir de Albasini.

Os dois homens saem para a rua. Resta apenas uma mesa, onde um casal toma cerveja. A mulher ri alto, debruça-se por cima dos copos e dá na bochecha do homem repenicados beijos que o embaraçam. É óbvio que já bebeu demais.

A proprietária, Zulmira Rodrigues, aproxima-se com as cervejas. Troca com Albasini umas palavras amigáveis. Este apresenta-lhe Hans como Henry Miller, jornalista do *Rand Daily Mail*, diz-lhe que estão ali os dois para uma conversa muito importante.

A mulher entende. Deixa as cervejas e dirige-se para a mesa do par com um ar carrancudo. O que quer que lhes diz surte efeito imediato, pois pagam a conta, levantam-se e deixam a sala. O homem distribuindo vagas desculpas, a mulher rodopiando alegremente à sua frente.

Estão enfim sós, atravessando a curta mas nervosa expectativa que antecede as grandes revelações. Hans gira lentamente o seu copo entre o polegar e o indicador, os olhos postos na mesa. Atrás do balcão, a mulher parece perdida nas suas contas. Mesmo que quisesse, está demasiado longe para os poder ouvir.

Albasini olha Hans nos olhos, e diz:

‘Fale-me então de Sebastian Glück.’

A casa era de pedra, um simples cubo de paredes muito grossas, caiadas. Devia estar ali há muitas gerações. Por fora, uma escadaria, também de pedra, levava a um terraço de onde se via o mar.

Na semana que ali passámos subi e desci milhares de vezes aquelas escadas. Arrastando Glück como podia, o seu braço por cima do meu ombro para o manter de pé. Por vezes ele sentia um frio intenso aninhado nos ossos, que o punha a tremer convulsivamente apesar de todas as mantas que o cobriam. Pedia-me então, num fio de voz, que o levasse até lá cima para que o sol o aquecesse. Deitava-se com a face encostada à pedra quente e conseguia serenar. Mas, passado um pouco, ardia em febre, o suor a escorrer-lhe em cascata pelas têmporas, e eu tinha de voltar a trazê-lo para dentro. Humedecia então um pano numa moringa que ficava sempre à mão, e passava-lho pela testa para o refrescar.

Não que Issa e Mzee Ali não quisessem ajudar. Pelo contrário, mantinham-se sempre por perto, com os seus olhares inexpressivos. Mas era o próprio Glück que os afastava com imerecida brusquidão. Queria-os ao largo, batendo os matos de onde podia chegar, dizia, o inimigo. Ou então mandava-os à praia perscrutar o largo, a ver se descobriam a vela do *dhow* que na sua imaginação iria chegar. O homem parecia estar a enlouquecer.

Por vezes mandava-nos calar a todos, apagar os candeeiros e aperrar as espingardas. Empunhava ele próprio a sua *Luger*, que tinha sempre à mão, debaixo das mantas, e punha-se a olhar o tecto com os ouvidos atentos. Ia então dando significados vários aos ruídos da noite – botas, sussurros, culatras, rastejares –, indiferente aos nossos protestos de que seria impossível alguém aproximar-se sem que os habitantes do lugar disso tivessem conhecimento. Talvez fossem os grilos, ou então um pescador atrasado voltando com a sua rede, mas ele nunca o entendia assim.

Mas, dizia eu que ele afastava os seus fiéis guarda-costas e me queria a mim por perto. Era como se tivesse necessidade de me esmiuçar pelo cheiro, de me tocar, para se certificar ainda uma vez se a sua escolha havia sido a mais acertada. Hoje, olhando para trás, é disso que me convenço. Que ele sentia o tempo fugir-lhe mas precisava ainda de garantias. Sentia o tempo fugir-lhe, digo isso porque o cheiro que forçosamente me chegava, com tal proximidade, era um cheiro a cravo-da-índia, a suor frio e a morte.

Por esta altura Glück tinha metade do peso. Também a voz desaparecera, reduzida a um fio trémulo, um regato na iminência de secar. Isso, rouca como um rio que é já só lama. Por essa razão, ou pelo enorme esforço que despendia para pensar, passava horas em silêncio. Apenas os olhos chispavam um brilho quiçá mais intenso ainda que o de outrora, e os ouvidos aguçavam-se para os sinais do inimigo ou, se este lhe dava tréguas, para ouvir ainda uma vez, como se fosse a última, aquela música que tinha guardada na grafonola. Satie. O corpo abandonava-o, apenas na cabeça (nos olhos que lhe saltavam das órbitas, nas orelhas desmesuradas) se concentravam as suas últimas energias.

Não é assim com todos nós? Você e os seus editoriais, eu e os meus devaneios: tudo se esconde nesse maldito cofre-forte que temos na cabeça. Desconverso.

Uma tarde pediu-me, como sempre, que o levasse ao terraço. Queria ver o mar. Nunca antes alegara este motivo, e portanto eu senti que algo estava para acontecer. Tinha razão, pois assim que o instalei lá em cima, assim que ajeitei a almofada – e passado o momento de se certificar de que o *dhow* que lhe atormentava o pensamento ainda não era visível no horizonte – Glück começou a falar. Arrastadamente. A lama espessa fluindo devagar.

Chegou a Joanesburgo em Abril de 1914.

Ainda lhe perguntei de onde vinha. Já agora, sentindo que ele se dispunha finalmente à verdade, queria aproveitar para confirmar qual das muitas versões sobre o seu percurso anterior era a verdadeira, embora isso já há muito tivesse deixado de ser importante para mim, mas ele, ou não me ouviu ou não estava disposto a seguir por essa via. À beira do fim, este homem extraordinário continuava ainda, e só, a fazer as contas do futuro.

Voltando ao que interessa. Chegou a Joanesburgo em Abril de 1914. Não tinha grandes contactos, salvo um ou dois nomes. Falava mal a língua. E, todavia, mantinha intacto o condão de se meter em problemas. Os homens como ele não forçam as coisas e o faro é a arma mais valiosa que possuem, confiam nele. O problema é quando o faro é um faro retorcido como o de Glück.

Passou a frequentar um bar de Hillbrow, o Pig's Peak, bebendo a sua genebra pura com uma lasca de canela (era assim que gostava dela) e aguardando que acontecessem coisas. Lá estaria ele para notá-las, e delas se aproveitar. Foi assim que conheceu Rapsides.

Foi a primeira vez que ouvi este nome, Rapsides. Saído da boca de Glück como um silvo, um som de cobra. Pelo facto de ser um nome grego, lembro-me de o ter associado a um monstro de dois metros, com grandes bigodes luzidios (Glück referiu que ele era um sujeito maciço). Descreveu-me a cicatriz de Rapsides com curiosa minúcia. Lembro-me, também, de me ter espantado ligeiramente quando ele disse que se tratava de um mulato. Pouco mais. Na altura estava longe de suspeitar que o caminho desse Rapsides se cruzaria com o meu.

Enfim. Rapsides era um sujeito reservado, tímido mesmo, apesar da sua envergadura. Conheceu Glück, que, como já disse, era franzino e seco, e com surpresa do próprio coronel, passou a ver nele não um protegido mas um protector. Isso, claro, sem serem necessárias as palavras. Glück notou essa relação nas mais pequenas coisas. Por exemplo: Rapsides não se levantava para ir ao balcão encher os copos, se os via vazios em cima da mesa; olhava primeiro para Glück, à espera que este lhe desse um sinal de que o devia fazer. E, quando o fazia, certificava-se se o *barman* enchia bem o copo do companheiro, se não se esquecia do pau de canela. Se jogava na lotaria, aguardava que Glück lhe dissesse em que número apostar.

Muitas vezes serviu de guarda-costas ao nosso homem, quando este se via envolvido nos malentendidos que estão sempre a acontecer nos bares. Nada mais ajustado, uma vez que o gigante – foi isso que Glück me disse, e eu mais tarde comprovei – precisava de protecção. Haverá protecção maior do que servir a alguém desta maneira? Por vezes, Rapsides desaparecia

durante largas temporadas, mas quando reaparecia estabelecia-se imediatamente aquela curiosa relação. Em suma, era Glück quem exercia nele grande influência, não o contrário.

Um dia, vários meses mais tarde, Rapsides surgiu na casa onde Glück morava. Era a primeira vez que se viam fora do Pig's Peak, vinha muito agitado. Disse que acontecera uma desgraça, que o seu patrão andava fugido da polícia (era tam bém a primeira vez que lhe dizia ter um patrão). Fora ali por não ter mais a quem recorrer, pedia encarecidamente a Glück que fizesse qualquer coisa. Apesar da força bruta, era um homem impotente. Estava, repito, muito agitado.

Glück tentou acalmá-lo, dispôs-se a escondê-lo ali por uns dias, fez-lhe um chá quente encharcado em *whisky*, mas o homem não havia meio de serenar. A certa altura, entregou a Glück um saco de veludo negro, fez-lhe prometer que o guardava até ele vir buscá-lo quando pudesse, e sumiu simplesmente dentro da noite.

Glück, claro, não tardou a espreitar o que havia dentro do saco. Para surpresa sua, o que lá estava era um bom punhado de jóias, muito ouro, anéis de esmeraldas, rubis, opalas, e sobretudo diamantes. Muitos diamantes. Glück entendia de jóias, aprendera a conhecê-las sabe-se lá em que outra das suas muitas vidas. Tornou a fechar o saco e escondeu-o debaixo de uma tábua do soalho, onde costumava guardar aquilo que tinha de valor – nessa altura muito pouco.

Passou-se então um largo tempo, quase três anos, em que o nosso homem não voltou a ouvir falar em Rapsides. No Pig's Peak ou outros bares que frequentava, aliás com cada vez menos regularidade, por ter outros afazeres que lhe ocupavam os dias, ninguém havia visto o mulato, ninguém sabia onde parava. Talvez se tivesse metido em alguma encrenca que acabou mal, talvez tivesse fugido ou morrido. Eram ambientes pouco recomendáveis, onde os grupos, imersos em fumo e encharcados em álcool, não faziam senão conceber ousados golpes futuros, dividir o saque de passados ou comentar a sorte de quem era apanhado pela polícia.

Devo dizer que Glück o procurava não por se sentir ligado a ele por algum sentimento particular: conhecendo Glück como acabei por conhecer,

tenho a certeza de que nada de humano o unia a outras pessoas. Simplesmente, intrigava o aquele saco de veludo negro; talvez encontrando Rapsides pudesse chegar à origem das jóias que o saco continha, talvez houvesse mais. Glück tinha uma curiosidade insaciável.

De qualquer maneira, acabou por desistir de procurar o homem e virou a atenção para outras e perigosas paragens, nomeadamente a política. Ocupou-se sobretudo a consolidar uma amizade recente com um jovem bóer chamado H. J. Klopper. Sim, o mesmo Klopper que eu já conhecia, da tempestuosa reunião na tenda de LettowVorbeck, um tempo antes do combate de Namacurra.

Confesso que esta revelação me perturbou um pouco. Acaso? Podia até ser. Mas, à medida que a história me era revelada, tinha a sensação de que o passado esticava o seu braço para nos tocar, uma sensação que com o tempo só viria a acentuar-se.

Adiante. Presumo que a relação que Glück estabeleceu com Klopper há-de ter sido muito mais sofisticada. Ou seja, embora Klopper fosse oriundo de famílias tradicionais (e, ao que parece, muito bem relacionado), e o coronel não passasse de um mero desconhecido, tenho a certeza de que em pouco tempo seria o segundo que influenciava o primeiro.

Na altura em que se conheceram, Klopper desenvolvia o projecto de uma espécie de sociedade secreta destinada a preservar valores africânderes e a combater aquilo a que chamava de pernicioso influência inglesa, que eles pareciam ver em toda a parte. Lembro-me, quando Glück falou nisto, de me terem vindo à memória as palavras do major Matthaus sobre o fascínio que este tipo de sociedades exercia sobre o coronel; e também, as palavras de Gasparini sobre o ódio ganho por Glück aos ingleses, na Somalilândia. Tudo, a esta nova luz, possíveis verdades.

Entenda-me bem: não eram opções políticas ou uma qualquer noção de justiça social que moviam o coronel, mas simplesmente a atracção pela intriga e secretismo. Deixava-se levar pelo brilho da superficialidade, a substância confundia o e entediava-o.

Entretanto, para se manter, Glück ia vendendo uma ou outra jóia do saco que Rapsides lhe confiara. Vendeu apenas duas ou três (eram jóias

valiosas), mas foi o suficiente para se meter em sarilhos. Isso porque as peças eram muito *marcadas* (acho ser este o termo que usavam), o que fez com que a partir daí as coisas se tivessem precipitado.

Numa ocasião sentiu que o perseguiram na rua, teve mesmo de mudar duas ou três vezes de táxi para se sentir seguro. Glück não era ingénuo, imediatamente relacionou o incidente com as jóias, pensando que elas haviam de ser roubadas e que a polícia andaria no seu encalço. Passou a ter um comportamento mais prudente, evitando os locais que anteriormente frequentava. No entanto, tal não foi suficiente. Certa vez deu com a sua casa totalmente revirada. Embora o saco de veludo negro estivesse no esconderijo do soalho, era evidente que alguém ali tinha estado com intenções de o achar. E, pior que isso, alguém diferente da polícia, pois esta não costuma agir dessa maneira. A polícia limitar-se-ia a esperar calmamente que ele chegasse a casa para o prender. Era este o seu raciocínio. Mas, se não era a polícia, quem seria? Rapsides também não podia ser, pois este, se é que ainda estava vivo, limitar-se-ia a vir buscar aquilo que confiara a Glück e era seu de direito. Quem seria então?

Debatia-se com esta questão quando recebeu um telefonema de Klopper, avisando-o que fugisse, que nesse momento ia alguém a caminho para o matar.

Confirmava-se pois que não era a polícia. Mas, na situação em que agora se encontrava, essa questão passara a ser meramente secundária. Glück tinha o raciocínio rápido, e, embora com sete vidas como um gato, não queria deixar nenhuma delas naquela cidade, que de resto pouco lhe dizia. De maneira que só teve tempo de meter o saco de veludo negro no bolso do casaco, e sair pela porta das traseiras enquanto ouvia os primeiros encontrões para arrombarem a da frente. Galgou o muro, acompanhado do ladrar de cães, e internou-se na escuridão.

Na altura, esta parte do relato só relativamente me interessava. Ou seja, satisfazia-me de certa forma a curiosidade saber o que acontecera a Glück em Joanesburgo, mas nesse momento a minha preocupação concentrava-se apenas no perigo que corríamos assim expostos, no estado em que se

encontrava o coronel, nas mudanças que um desfecho trágico inevitavelmente trariam.

Foi nessa altura que, pela primeira vez, me ocorreu com clareza a ideia absurda de que o maldito Glück substituía insidiosamente o *kommandant* no meu Olimpo pessoal. Quão baixo eu havia caído, em que miserável estado me encontrava para me associar a uma figura assim! Lettow era a nobreza personificada, alguém com quem eu tinha muito a aprender (e aprendi!), não só relativamente aos aspectos militares mas também nas questões de carácter. Que tinha eu a aprender com este falso coronel?

Entretanto, apesar do seu estado, ele não se mostrava disposto a desistir de me contar tudo até ao fim. Prosseguiu.

Procurar Klopper era um risco. Se ele o avisara era porque sabia qualquer coisa, e Glück, nesse momento, não estava interessado em saber o que era. Para ele a lealdade era uma ideia sem sentido, nunca lhe passaria pela cabeça que Klopper estivesse do seu lado.

Sei o que vai dizer-me. Que me contradigo. Como é que a lealdade não tinha para ele sentido se se mostrou leal a Lettow durante toda a campanha? De acordo, também a mim isso ocorreu. Só nesta altura descobri que o que o unia ao general não era bem lealdade, mas antes um tácito contrato: permaneceria leal enquanto esse sentimento lhe fosse conveniente, nunca depois disso. Será que isso é lealdade? Francamente, não sei.

Voltando ao que interessa. Klopper não estava do seu lado. Ocorreu-lhe até (o que de resto não era de todo descabido), que, ao telefonar-lhe, Klopper tivesse querido espezivar a caça, já que não dera com as jóias; na certeza de que, ao fugir, Glück as levaria consigo.

Naquele momento, portanto, só desaparecer dali servia ao nosso homem. Percorreu meia dúzia de quarteirões até achar um táxi e se atirar para dentro dele, pedindo-lhe que voasse para a estação do caminho-de-ferro. A meio do percurso lembrou-se de que não tinha dinheiro (ter as jóias no bolso – suprema ironia! – não era o mesmo que ter dinheiro), e deu nova direcção ao condutor do táxi, nem mais nem menos que a da residência do pai de Klopper, em Rosebank. Ele era assim: minutos antes iria para qualquer lugar menos para ali!

Uma vez chegados, pediu ao táxi que esperasse e anunciou-se ao mordomo com um nome falso e um recado urgentíssimo para o filho do patrão. Assim que o jovem Klopper lhe surgiu na frente, no *hall da* entrada, agarrou-o pelos colarinhos com a mão direita, enquanto com a esquerda lhe apontava a *Luger* (outro pormenor sem importância, que todavia me surpreendeu, dado que sempre pensara que a *Luger* fosse um presente de Lettow) e lhe exigia uma grande soma em dinheiro vivo.

Nesse momento Klopper há-de ter ficado muito arrependido do telefonema que fizera! Uma coisa é a política, a outra os riscos concretos que se correm quando nos envolvemos com gente da estirpe de Glück. Pediu-lhe que se acalmasse, tinham convidados para jantar (de facto, o pátio estava pejado de limusinas brilhando no escuro, presumivelmente de magnatas e políticos importantes), tudo se resolveria. Ele que voltasse no dia seguinte que tudo se resolveria.

Mas Glück não foi na conversa. Queria uma grande soma em dinheiro, e queria-a imediatamente. Sem deixar de o ter na mira da pistola, arrastou-o até à biblioteca onde não foi difícil localizar o cofre, dissimulado na parede, atrás de um quadro que, apesar da pomposa moldura em talha dourada, não passava de uma execrável reprodução, uma pradaria ao solpoente com um antílope no meio, ou coisa assim. Glück percebia de pintura. Interrogou-se mesmo como era possível ter se tanto dinheiro e não se ser capaz de comprar uma obra decente. Ao mesmo tempo que ironizava desta maneira, obrigou o infeliz a abrir o cofre, enchendo os bolsos com as cédulas que arrancou lá de dentro às mãos cheias. Teve ainda tempo de apanhar uma garrafa de *whisky* de malte da pequena garrafeira da biblioteca, após o que voltou calmamente a atravessar o jardim e a meter-se no táxi que o aguardava, ordenando-lhe que desta vez rumasse mesmo para a estação do caminho-de-ferro.

Klopper ficou para trás, na biblioteca; enraivecido, provavelmente dividido entre encontrar um argumento que justificasse a sua ausência perante os convidados e telefonar a alguém que perseguisse o meliante.

Fomos nesta altura interrompidos por Issa, que subiu rapidamente as escadas do terraço para nos vir avisar que um pelotão se aproximava da

aldeia. Esta possibilidade bailava na minha cabeça desde que ali chegáramos. Mas, agora que se concretizava, apossava-se de mim um quase pânico, como se pensasse nela pela primeira vez. Levámos Glück para baixo (estava esgotado, quase desfalecido, a ponto de nem se dar completa conta do que acontecia), metemo-lo no catre e tapámo-lo com as mantas, depois de lhe ter posto na mão esquerda a sua velha *Luger*, sempre a mesma. Os seus dois ajudantes foram postar-se no meio do capim em frente à porta, deitados, de forma a tê-la na linha de fogo. Quanto a mim, entrei e saí várias vezes, estudando atabalhoadamente qual seria a melhor posição. Acabei por entrar e ficar cosido à parede, de modo a que, se a porta se abrisse, pudesse permanecer escondido atrás dela. Fi-lo mesmo a tempo, pois logo se começou a ouvir o som surdo dos cascos dos cavalos na areia do caminho.

Deviam ser perto de uma dúzia, não tínhamos a menor possibilidade de lhes fazer frente; na melhor das hipóteses levaríamos apenas uns quantos connosco. Pelas vozes, eram portugueses. Quanto aos *askaris* que trariam não fazíamos a menor ideia: os pés nus não fazem ruído.

Entraram na aldeia sem a preocupação de se esconder. Desmontaram, falaram com alguns pescadores; tudo isso deduzi pelos sons que nos chegavam. Andaram um pouco por ali, olhando em volta. Pareciam não saber bem o que pretendiam. Sinais? Acabaram por aproximar-se da casa. Afinal, era a única casa de alvenaria. Senti-lhes os tacões subindo a escada exterior que conduzia ao terraço, e depois andando em círculos por cima da minha cabeça. Rezei para que não tivéssemos lá esquecido nada que nos pudesse comprometer. Procurariam alguém? Queriam simplesmente olhar dali o mar? Passado um pouco voltaram a descer, trocando palavras entre si. Pareciam ser dois, e pela conversa percebi que um deles era o coronel Sousa Rosa, o chefe das forças portuguesas. Nem queria acreditar! O outro devia ser o seu ajudante-decampo.

Depois as coisas precipitaram-se. Alguém pôs a mão na maçaneta, disse qualquer coisa, e de repente a porta escancarou-se, disparando sobre o quarto um jorro de luz concentrada que chegava aos pés do catre.

Ainda hoje não sei o que me impediu de disparar; ou seja, de deitar tudo a perder. Ainda hoje não tenho ideia de como puderam os acontecimentos tomar aquele rumo.

O oficial deu dois passos e ficou praticamente a meio do quarto (era um quarto pequeno); de costas para a porta, na minha mira. Ele tinha a pistola no coldre, a mão na coronha. Não estava portanto na posição de disparar. Era baixo. Olhou em volta, e depois simplesmente rodou nos calcanhares e saiu, deixando atrás de si a porta escancarada. Logo em seguida, montaram nos cavalos e deixaram a aldeia.

Aconteceram, portanto, vários milagres de uma vez só. Desde logo, o facto de Issa e Mzee Ali não terem investido aos tiros sobre a porta, assim que viram o oficial entrar. O que lhes terá tolhido esse impulso, mais a mais significando o facto que Glück ficava em perigo iminente? Depois, conhecendo Glück como eu pensava conhecer, não me surpreenderia se ele levantasse a mão esquerda e desferisse um tiro à queima-roupa sobre o oficial, com a sua *Luger* (verifiquei, mais tarde, que não o fez simplesmente porque desmaiara; ou seja, nem chegara a aperceber-se da presença do infeliz). E eu? Porque não disparei eu sobre ele?

Já que estamos em maré de interrogações, há ainda a questão do oficial português que entrou dentro da casa, Sousa Rosa. Porque não prendeu ele Glück? Porque não o abateu? Por medo? Se quer saber a minha opinião, acho que foi simplesmente porque trazia nos olhos a luz intensa lá de fora (como eu disse, tinham estado lá em cima a ver o mar), porque não teve tempo de se habituar à escuridão.

Finalmente, já se sabe que para Issa e Mzee Ali, tal como para a generalidade dos pescadores, o português não encontrou Glück simplesmente porque este, quando queria, sabia tornar-se invisível. Defenderam isto com grande seriedade, quando mais tarde comentámos o incidente.

De qualquer maneira, Glück estava esgotado. Houve que esperar por isso pela tarde do dia seguinte, altura em que ele, como sempre, me pediu que o levasse lá acima e retomou a história no ponto exacto em que a havia deixado. Acho que nem chegou a ter consciência do perigo que correra.

Não retive os pormenores da fuga de Glück para Lourenço Marques, e isso agora pouco interessa (conhecê-los-á você muito melhor do que eu). Disse-me apenas que passou aqui uns dias como um leão numa jaula, vendo inimigos por toda a parte. O coronel era assim. Já lhe contei que tinha sete vidas? Apesar de tudo, não gostava de esbanjar nenhuma delas. Estes excessos quase paranóicos que tinha não devem ser tomados por cobardia, eram antes uma espécie de meticulosa prudência, um agudíssimo instinto de preservação. Foi aqui mesmo, em Lourenço Marques, onde em cada sombra continuava a ver alguém atrás de si, que decidiu que só se sentiria seguro se pudesse interpor entre si e os seus perseguidores nada menos que um exército. Ouviu bem, literalmente um exército! Assim, tomou um navio que partia para Mombaça, o *Beira*, que me disse ter sido antes o *Herzog*.

É curioso que este é mais um dos pormenores de que me esquecera, mas que me voltou à memória quando eu próprio cheguei aqui e dei com esse navio fundeado à entrada do canal. Aliás, pude claramente ler-lhe o nome antigo debaixo do actual: *Herzog*. Fixei-o também por uma outra razão, que perceberá qual é quando lhe contar o resto.

Adiante. Na viagem, que durou duas semanas, o coronel era um dos poucos passageiros. Nada mais natural, uma vez que se estava em plena guerra e o movimento marítimo se havia tornado relativamente arriscado. Por isso mesmo, nada mais natural também que Glück tivesse estabelecido uma certa intimidade com o comandante, um tal Van Zyl.

É aqui que começa a parte mais extraordinária do relato, no fundo a razão de me ter aqui. Quando Glück me contou isto, no seu fio de voz enfraquecida, não pude deixar de duvidar. Afinal, era uma construção ainda mais fantasiosa que as de Matthaus ou Gasparini. Mas o melhor é que a ouça tal como eu próprio a ouvi, e depois tire as conclusões que achar mais adequadas.

Nas longas conversas que tiveram na amurada do navio, enquanto este subia lentamente ao longo da costa, Van Zyl revelou-se um germanófilo. Nada de extraordinário nisto, Klopper e muitos outros também o eram. Mas, além de germanófilo era também muito falador, coisa pouco comum entre os velhos lobos do mar, e também conhecedor, sabia do que falava. E,

fosse porque a solidão convidava à revelação de segredos ou porque, embora lentamente, o navio se afastasse do território da União, Van Zyl acabou por fazer isso mesmo, por revelar a Glück um episódio curioso, de certa forma um segredo que ouvira a amigos seus na Cidade do Cabo. É natural também que o tenha feito sob influência do próprio Glück, um homem muito hábil a ouvir; ou seja, a fazer falar.

Abro aqui um parêntesis para dizer-lhe que Glück me confessou que, na altura do episódio das jóias de Rapsides, a sua falta de prudência o enfurecera a tal ponto que, quando chegou a Lourenço Marques, jurou nunca mais dizer nada de si a ninguém, gastando antes as energias que pudesse canalizar nesse sentido num objectivo muito mais útil, que era o de ouvir. Grandes nomes se perderam por causa da vaidade – o que é falar de nós, deixar rastros por aí, senão a mais imbecil das vaidades? Era esta a lição que ele tirava do susto que apanhara.

Adiante. O tal segredo do comandante Van Zyl começava doze anos antes numa mina de Elandsfontein, em Pretória. Ouça com atenção, que é uma história curiosa. É, de certa forma, a chave de tudo.

Ali, em Elandsfontein, num fim de tarde do mês de Janeiro, um certo superintendente Frederick Wells e o seu ajudante De Jong levavam a cabo uma inspecção de rotina às paredes da mina quando algo lhes chamou a atenção. Apontaram as suas lanternas e notaram um brilho intenso na superfície de uma das paredes. A princípio pensaram tratar-se de uma brincadeira dos mineiros, que tivessem posto ali um bocado de vidro para se rirem deles. Mas Wells era experiente, e rapidamente começou a suspeitar do que podia ser. Com a ponta do canivete descravou um cristal de um tamanho que nunca antes vira. Era difícil de acreditar numa coisa assim. Por via das dúvidas, meteu o cristal no bolso para ser analisado no dia seguinte.

Nessa mesma noite, enquanto dormia, o superintendente teve um sonho estranho. Alguém o chamava para lhe entregar um bocado de luz que queimava as mãos até sangrar, estranhamente sem provocar qualquer dor. Pagavam-lhe os serviços de uma vida passada nas profundidades, com os pulmões cheios de pó e sem a perspectiva das superfícies amplas que

trazem a felicidade. Wells aceitava a paga, embora no íntimo achasse ser pequena. Depois, já ele tinha virado as costas, chamavam-no novamente. Haviam notado a decepção no seu olhar, e portanto ofereciam-lhe uma luz ainda maior e mais brilhante.

Acordou com os ecos desse sonho na cabeça. Voltou imediatamente à mina, procurou em volta do local onde achara o cristal, mas não encontrou mais nada. A ser verdadeiro, o achado do dia anterior era já em si um milagre. O resto pertencia ao sonho. Dali correu para o laboratório onde, horas depois, lhe confirmaram tratar-se de um diamante com elevado grau de pureza e 3106 *carats*, o dobro do tamanho do maior diamante até então conhecido. O resto já se sabe, é do domínio público. Wells levou a pedra a Thomas Cullinan, o dono da mina, que a vendeu ao governo do Transvaal, que por sua vez a ofereceu de presente ao rei Eduardo VII no dia do aniversário deste.

Nada de extraordinário nisto, a não ser o caso de Wells não ter reparado, quando voltou à mina no dia seguinte, em outro buraco fresco na parede. Cego que estava com a possibilidade que tinha no bolso, não deu ouvidos ao sonho, ou pelo menos não lhe deu ouvidos suficientes.

Acontece que, enquanto descravavam o diamante, De Jong, o ajudante de Wells, havia notado a existência de mais qualquer coisa. E, quando regressavam, deu a Wells uma desculpa para voltar atrás (havia-se esquecido do capacete, ou algo assim). Na mesma parede, a menos de meio metro de distância, e também à superfície, descravou um cristal ainda maior e mais brilhante que o anterior.

Evidentemente que a descoberta de um diamante como o Cullinan é um milagre, fruto do acaso como o são todos os milagres. A descoberta de um segundo, ainda por cima maior e mais brilhante, é algo mais. É um sinal. Pelo menos foi esta a conclusão de De Jong, na mesma altura em que Wells sonhava e ele vagueava pelo seu quarto com a segunda pedra na mão.

Ao romper da aurora, enquanto Wells corria de novo à mina, dali para o laboratório e do laboratório para o escritório de Cullinan, De Jong havia chegado a uma firme conclusão: aquela segunda pedra era a contribuição de

Deus para a libertação do povo africânder do jugo inglês. Foi desta maneira que ele leu o sinal.

Nesta altura, Glück há-de ter feito um enorme esforço para não interromper Van Zyl. Isso porque este referiu que De Jong – e aqui você não vai acreditar – foi entregar a pedra clandestina a um industrial de Rosebank chamado Klopper. Sim, o pai de H. J. Klopper! De Jong, humilde mas acérrimo defensor da irmandade africânder, ficou deste modo ligado aos Klopper e, com o passar dos anos, tornou-se numa espécie de homem de mão de Klopper filho, quando este se envolveu em actividades conspirativas. Quanto a cabeça de Glück não há-de ter fervilhado na amurada do navio, ao som das palavras de Van Zyl!

Uma pedra daquelas não se movimenta de ânimo leve sem despertar suspeitas; mais do que isso, verdadeiros terremotos! Além disso, as ambições do velho Klopper eram de outro tipo que não o dinheiro (o homem era rico). Meteu a pedra no cofre da casa de Rosebank que Glück tão bem chegou a conhecer, para a deixar esfriar. Só alguns anos mais tarde voltou a pegar nela, quando remexia nuns papéis, ou então terá sido o filho que, avisado por De Jong, se apropriou dela (isto agora são suposições, de resto, pouco importantes). O que interessa é que numa das suas viagens conspirativas à Cidade do Cabo, H. J. Klopper levou consigo a pedra para ser avaliada.

Nova interrupção, desta vez por insistência minha. Glück estava demasiadamente cansado, arrastava as palavras, por vezes permanecia longo tempo à procura daquilo que queria dizer. Levámo-lo para baixo, pusemo-lo a dormir com uma boa dose de aguardente portuguesa, restos ainda dos despojos de Namacurra.

Aproveitei para passar uma tarde mais descansada, conquanto não conseguisse libertar-me da ansiedade provocada por um futuro que só podia imaginar incerto. Deambulei pela praia, observando os pescadores a aparelhar as suas redes. A guerra por toda a parte, o mundo a mudar a uma velocidade estonteante, e aqueles homenzinhos calmamente a deixarem-se levar por um instinto sem idade!

Jantei com Issa e Mzee Ali, que discutiam animadamente os poderes de Glück, a forma como desapareceu assim que sentiu a presença do oficial português. Não era conversa que me animasse. Comi pouco, deitei-me cedo. Era como se algo me dissesse que precisava de retemperar as forças para o resto da história. Glück passou uma noite agitada, povoada de nomes e lugares que lhe vinham do passado. Teve febre. Sem razão especial, associei essa agitação, mais que à doença, ao facto de ainda não ter concluído o que tinha para me contar. Por isso mesmo, de manhã, assim que o vi mexer-se no catre, trouxe-lhe chá e convidei-o a subir para apanhar sol. Acedeu imediatamente.

Voltou a Van Zyl e ao navio *Beira* (ao longo do seu relato chamou-lhe sempre *Herzog*). Passavam ao largo de Quelimane quando o comandante lhe falou na viagem de Klopper para a Cidade do Cabo.

Chegado lá, sabia exactamente aonde dirigir-se. Falou com camaradas de conspiração, uns jornalistas que trabalhavam no jornal *Die Huisgenoot*, e por eles chegou a uns tais Abraham Grusd e I. Hirschsohn, proprietários de uma joalharia de Longmarket Street, The American Swiss Watch Company. Pediu-lhes que avaliassem a pedra. Deve ter explicado para o que serviria, caso fosse verdadeira.

Por falar em verdade, foram estes mesmos Hirschsohn e Grusd que contaram a história a Van Zyl, e portanto Glück ia tendo cada vez menos razões para duvidar dela. Afinal, tratava-se de intervenientes directos.

Voltando ao que interessa, é preciso entender que nessa altura, tal como muitas outras sociedades e seitas formadas para defender o *Het Volk*, o povo africânder, também estes estavam decididos a apoiar o Partido Nacional de Hertzog, fundado um ano antes. Era preciso unidade para contrariar os fracassos – para eles verdadeiras traições – dos líderes da União. Só uma força de peso conseguiria fazê-lo.

A uma primeira observação, os joalheiros concluíram estar possivelmente em presença de uma pedra como nunca houvera antes, e que era pouco provável vir a haver depois. E ali mesmo, atrás do balcão, com as portas cerradas, os três celebraram, com uma bela garrafa de *Paarl*, a descoberta daquele que informalmente baptizaram de o *Olho de Hertzog*. Com isso

queriam dizer que estavam ali os recursos para derrotar os Bothas, os De Wets e os Smuts; queriam dizer que aquela era a lente com que Hertzog os faria ver o novo mundo: o *Olho de Hertzog*.

Mas, evidentemente que era preciso mais que uma suspeita, por mais forte que esta pudesse ser, sobre a genuinidade do diamante. Por isso Klopper deixou-o lá, a fim de que os joalheiros procedessem a testes mais conclusivos. Guardaram o diamante no cofre e saíram os três para prosseguir com as celebrações. Celebrações essas cuja antecipação se viria a mostrar imprudente, uma vez que nessa mesma noite – golpe de teatro! – a joalheria foi assaltada e desapareceu tudo o que havia no cofre, jóias e também a dita pedra.

A princípio, Klopper e os joalheiros viram ali a mão do governo, ou então do proprietário da mina. Mas, poucos dias depois, começaram a surgir notícias nos jornais sobre a recuperação de uma parte do saque no edifício da Estação Central, e sobre a identidade dos assaltantes. Não passava pois tudo de uma terrível coincidência. Klopper era bem relacionado, a sua seita tinha prosélitos em cada canto, inclusivamente na polícia, e por conseguinte foi-lhe fácil saber que nas jóias recuperadas não constavam as mais valiosas, nem sobretudo o *Olho de Hertzog*.

A partir daí passaram a ter um alvo. Seguiram atentamente os passos dos ladrões, regozijaram-se com a sua prisão, mas não havia meio de as coisas lhes correrem de feição. Quando estavam prestes a deitar a mão ao cabecilha dentro da penitenciária, um tal William Foster, eis que este se escapa. Infatigáveis, retomaram a caça. Seguiram o grupo, entretanto reconstituído, até Joanesburgo. Farejaram cada assalto, pagaram a polícias e jornalistas que seguiam o caso, contrataram detectives. Mas todos estes se limitaram a encontrar lojas arrombadas, vidros estilhaçados, cadáveres. Ou seja, sombras.

Até que um dia, ou mais precisamente uma noite, acontece novo golpe de teatro. Cercados pela polícia, os bandoleiros suicidaram-se. A reacção de Klopper foi rapidíssima, e um superintendente da polícia que militava na irmandade foi um dos primeiros a chegar ao local. Esmiuçaram o buraco

onde eles se escondiam, e nada: nem jóias nem a maldita pedra. Apenas os corpos esfacelados pelas balas.

Dois dias depois, o *Rand Daily Mail* noticiava, numa pequena caixa de última página, um pequeno mistério: segundo a polícia, entrevistada no local, faltava no rol dos assaltantes que se haviam suicidado um antigo atleta que enveredara pela criminalidade e que há muito se juntara ao bando, um tal Rapsides. Havia portanto um sobrevivente. Klopper passou a concentrar na descoberta deste homem todos os seus esforços.

Imagine como Glück se terá sentido nesse momento! Ao longo desta última parte da narrativa de Van Zyl, o coronel assistiu à materialização nítida, na sua memória, de um saco de veludo negro, das jóias dentro dele, e sobretudo de uma pedra de aspecto inócuo, certamente deixada ali por acaso; um amuleto, algo que ele próprio só não chegou a deitar fora porque não calhou. Algo que, infelizmente, não percebeu na altura o que era.

Penso já lhe ter dito da decisão que Glück tomara, de daí em diante ouvir dos outros o máximo que podia e, por sua vez, nada lhes contar daquilo que sabia. Pois bem, a partir des se momento Glück passava a saber quase tudo. Embora mantivesse a calma, para não intrigar Van Zyl, por dentro fervia e dirigia a Klopper juras de vingança – o mundo dá muitas voltas, um dia haveriam de se encontrar –, mas o que mais enfurecia Glück era o facto de ter tido o *Olho de Hertzog* nas mãos e tê-lo deixado escapar. É isso mesmo que ouviu: tê-lo tido nas mãos para o deixar escapar!

É que aqui a história tem outra inflexão extraordinária, que lhe relato brevemente, embora esteja quase certo de que não vai acreditar. Conto-lhe simplesmente o que ele me contou.

Glück trazia, de um dos seus inúmeros passados, uma amizade que lhe era muito cara (não sei se terá sido mais do que simplesmente amizade, mas isso agora não interessa), uma francesa com a qual mantinha uma correspondência irregular. Ou seja, ela escrevia-lhe sempre que sabia por onde ele andava, ele respondia sempre que podia. Acontece que, tempos antes de fugir para Lourenço Marques, recebeu uma carta dessa amiga que, a par das notícias, lhe falava numa jovem protegida sua que, coitada!, experimentava uma crise existencial que a levava a partir para África em

busca de uma solução para a sua vida. A amiga estava certa de que Glück não lhe negaria o favor de acolher a jovem e lhe orientar os primeiros passos nesse inóspito continente.

Glück não pensou mais nessa carta nem na amiga, até porque nessa altura vivia os dias intensos que já conhecemos. Todavia, por uma razão que ele não me conseguiu explicar, lembrou-se da carta precisamente quando fugia da casa de Klopper, naquela noite, disposto a seguir para Lourenço Marques. Não me soube explicar quando lho perguntei – naquele terraço, onde falava e agonizava – porque nem sequer sabia explicar para si próprio a razão de ter cometido a loucura de ter ordenado ao condutor do táxi nada mais nada menos que o regresso a casa. Quando lá chegou, o grupo que o procurava já partira, deixando tudo revirado. (Escusado será dizer que por esta altura o motorista do táxi já estava muito desconfiado. Glück teve mesmo de lhe acenar com algumas das cédulas que trouxera de casa de Klopper para o convencer a esperar ainda uma vez.) Glück devia prezar muito aquela amiga para se dispor a mais este risco, ou então seguia simplesmente a inclinação que tinha, de flirter com o perigo, que o levava a regressar para deixar um bilhete à amiga da sua amiga, cuja chegada adivinhava iminente.

No bilhete, depois de alguns conselhos, escreveu que razões inadiáveis o obrigavam a partir, pelo que pedia desculpas. Deixou-o em cima da mesa da entrada, bem visível, ao lado de dois braceletes cravejados de brilhantes para ajudar a rapariga nas suas primeiras despesas, pedindo-lhe que os transaccionasse com muita descrição. Junto dos braceletes, não sabe explicar porquê, deixou também a maldita pedra, o *Olho de Hertzog*.

Quanto daria ele para voltar atrás! Por ironia do destino, a distância que quisera interpor entre si e os seus perseguidores era agora a mesmíssima distância que o separava do diamante! Mas enfim, foi isso que fez antes de voltar ao táxi e seguir definitivamente para a estação do caminho-de-ferro.

Dias depois, o *Beira* fazia escala em Zanzibar. Glück despedia-se de Van Zyl e desembarcava com a intenção de pôr em prática o seu plano de juntar-se a LettowVorbeck.

Tinham sido necessários alguns dias de narração difícil e minuciosa, no terraço daquela casa de pedra, para chegarmos aonde ele pretendia. E ainda lhe fiz várias perguntas para satisfazer a minha curiosidade: como conseguira atravessar as linhas militares para chegar aos alemães, uma vez que desembarcara em solo inglês, ou pelo menos muito disputado; como conhecera os seus dois fiéis ajudantes; enfim, como conseguira a influência que chegou a ter junto do *kommandant*. Mas a todas elas Glück respondeu com evasivas, um pouco impaciente até. Fora alistado para treinar *askaris*, e isso bastava. Não insisti, uma vez que ele não estava em estado de ser contrariado.

Todavia, uma coisa eu não podia deixar passar. Se as coisas haviam acontecido como ele contara, como explicava então a presença de Klopper no Alto Molócuè? Sem uma resposta convincente para esta questão, ser-me-ia impossível continuar a acreditar nele.

Glück ensaiou um sorriso fraco, e explicou.

Desde antes da travessia do Rovuma que o *Olho de Hertzog* não lhe saía da cabeça. Pelo que ele valeria, é certo, mas sobretudo pela obsessão de reparar o erro que cometera. Por outro lado, na altura em que Lettow foi acometido pelo surto de malária que quase o levou, Glück deu-se conta da fragilidade em que todos nos encontrávamos: assim que o *kommandant* desaparecesse, desapareceríamos nós também numa questão de dias ou semanas. Além disso, tinha perfeita consciência do sentimento que a maioria dos oficiais nutria por ele. Era portanto imperioso que se deixasse de colectivismos e se dedicasse aos seus projectos. Com isso voltou-lhe a ideia do diamante, mais forte do que nunca.

Por mensagem escrita, ou outro processo que não chegou a revelar-me (como vê, mantinha ainda alguns segredos), consegui chegar ao contacto com Klopper para lhe propor um negócio muito simples, que aliás já lhe contei: ele convenceria Lettow a invadir a União para a libertar do jugo inglês e, em troca, Klopper cedia-lhe o diamante. Ideia simples mas engenhosa, pois que, ao propô-la, Glück convencia Klopper de que não tinha o diamante. De outro modo, para que se daria ele ao trabalho?

Quanto a Klopper, respondeu de imediato que aceitava o negócio. Percebe-se a posição de Klopper: não queria ele o diamante para financiar o derrube do regime e a expulsão dos ingleses? Ora bem, como que por artes mágicas (por intervenção divina, diria o reverendo Naudé), surgia-lhes agora a possibilidade da consecução desse fim mesmo sem terem nas mãos o diamante!

Evidentemente que era um negócio entre dois loucos. Que mente sã poderia aventar estarem os alemães em posição de invadir a União? De qualquer forma, as vitórias sucessivas das *Schutztruppe*, associadas à obsessão conspirativa de Klopper, foram suficientes para que este se dispusesse a empreender a difícil viagem até ao coração da Zambézia. Ali, foi o que se viu: apesar de um grande esforço de argumentação, Glück não conseguiu convencer o *kommandant* e Klopper regressou a Joanesburgo mais furioso do que nunca.

Se serviu para alguma coisa aquele tempestuoso encontro, foi para revelar que nenhum deles tinha consigo o *Olho de Hertzog*. Havia que procurar noutra direcção, e fazê-lo separadamente, pois Glück e Klopper, após aquele curto interregno, voltavam a ser inimigos figadais. Eis tudo o que Glück tinha a dizer-me acerca daquele encontro, sobre o qual não se dispunha a voltar a falar. Tinha pouco tempo e queria aproveitá-lo para falar do resto. Algo lhe dizia que não passaria daquela noite, além de que, se as suas contas estavam certas, não tardaria a surgir ao longe, na linha do horizonte, o *dhow* que ele há muito esperava.

Não voltei a interrompê-lo, para não o enervar. Era claro – até por aquela insistência num *dhow* que surgiria no horizonte – que perdia a lucidez.

O plano que passava a propor-me fora maduramente pensado. Na verdade, surgira gradualmente à medida que me ia conhecendo melhor (não pude deixar de encontrar uma certa ironia no facto de eu ter passado todos esses meses a estudá-lo sem me aperceber de que ele me estudava a mim, e ainda com maior intensidade, uma vez que havia um propósito nesse estudo). Embora não o manifestasse, e a princípio nem sequer para si o reconhecesse, a descrição da minha viagem no dirigível, para ali chegar, impressionara-o. Via nisso um sinal de que eu era, por natureza, um

sobrevivente; e que não media esforços para atingir os meus objectivos. À medida que progredíamos para sul, a sua decisão foi tomando forma. E foi por alturas do fracasso da reunião com Klopper e Naudé, pouco depois da visita que Lettow e eu fizemos a Mrs. Greene, que por fim se decidiu: seria eu quem o ajudaria a recuperar o diamante.

Em seguida, aconteceu Namacurra e a decisão de Lettow, contra todas as expectativas, de recuar. Glück nem queria crer no que ouvia quando o *kommandant* lhe deu a conhecer o facto. Tentou demovê-lo, chegou a falar-lhe no *Olho de Hertzog* para o aliciar. Sempre para sul parecia ser a base do pacto que o unia a Lettow, sempre para sul até Joanesburgo.

Mas o *kommandant* tinha, como sabemos, um carácter ímpoluto. Não tirava os olhos da perspectiva mais ampla, isto é, do curso dos acontecimentos na Europa. De modo que foi a partir daí, quando iniciávamos o regresso, que Glück começou a urdir o seu plano de traição. Não pense que o movia qualquer ressentimento, não. Considerava apenas que a partir dali se separavam os destinos de cada um – o dele e o do homem que tanto o havia apoiado. Como disse, era este o sentido profundo que Glück dava à lealdade.

Evidentemente que isso implicava ter-me a mim debaixo de olho. Ou seja – e esse era o desafio mais difícil –, tinha de fazer com que eu fosse atrás dele, tinha de me levar a trair também o *kommandant*. Digo mais difícil porque ele sabia o que Lettow representava para mim.

Mas enfim, da mesma maneira que do nada podem surgir as maiores dificuldades, estas às vezes também por si só desaparecem. Glück caiu doente, surgiu a necessidade de deixá-lo para trás, e depois nova decisão inesperada do *kommandant*, que nos surpreendeu a todos: a de me deixar também com ele. Será que Lettow, sempre muito perspicaz, se apercebera do plano de Glück e resolvera deixar-lhe a minha pessoa como prémio por serviços prestados? Será, pelo contrário, que deixando-me com Glück, e sabendo o quanto eu lhe era leal, não fazia mais que garantir que nos reuniríamos ao grupo se o coronel sobrevivesse?

Em qualquer dos casos, Glück sabia o que fazia. As tropas inimigas – inglesas e portuguesas – enxameavam a região, o cordão umbilical que nos

ligava ao grosso da coluna parecia irremediavelmente cortado.

Foi isto que Glück me contou. Eu ouviao e ficava confuso quanto às minhas opções. Arrastá-lo de volta a Lettow, assim que estivesse em condições de viajar, era aquela que desde o início estava subentendida. Mas, pelos vistos, isso para ele estava fora de questão. Não lhe passava pela cabeça que esse cenário pudesse acontecer, e tinha Issa e Mzee Ali para o garantir. Partir então com ele numa fuga para a frente, que não sabia no que iria resultar?

O coronel sorriu quando eu coloquei essa questão a meia voz. Não, nem sequer era isso que tinha em mente, uma vez que se sentia demasiado perto do fim. Ensaiou mesmo uma tossezinha trémula para sublinhar a gravidade do seu estado. Como se isso fosse, para mim – que há dias lhe velava as noites – uma novidade!

A ideia dele era que eu partisse sozinho à procura do diamante.

Evidentemente, rime do absurdo daquela proposta. Como deduzia ele que eu estivesse interessado?

Respondeu, de pronto, que uma pedra daquelas, uma pedra única, interessava a qualquer um.

E que teria ele, Glück, a ganhar?, duvidei eu.

Talvez nada, quanto muito metade de pedra. No primeiro caso (o mais provável), nada porque dali não sairia vivo. Se se desse o milagre de sobreviver – e esta era a segunda e muito remota possibilidade – então sim: chegaria junto de mim, onde quer que eu estivesse, para reclamar a parte que lhe cabia por direito.

Glück era um homem estranho. Desconfio que nem era o diamante que estava ali em jogo, mas apenas a raiva que guardava aos deuses pelo ludíbrio do destino. Queria simplesmente vingar-se deles.

Discutimos aquilo que me propunha durante mais de uma hora. Por cada obstáculo que eu levantava – e acredite que foram muitos – ele apresentava de imediato uma solução. Via-se que havia pesado maduramente o caso, em todas as suas vertentes, embora por vezes com pequenas falhas de argumentação, compreensíveis atendendo ao seu frágil estado de saúde.

Perguntei-lhe por onde começaria, caso me decidisse finalmente a colaborar.

Em jeito de resposta, tirou do bolso do dólman, que agora lhe ficava muito largo, uma espécie de carta de recomendação onde estava escrito com letras trémulas: *Para João Albasini, Escritório de Joaquim Pereira, Rua Araújo 101, Lourenço Marques.* O destinatário me ajudaria.

Perguntei-lhe então o que faria, uma vez chegado a essa cidade de que mal ouvira falar.

Deveria começar por procurar um tal Rapsides. Se não fora Klopper a entrar em sua casa para se apropriar do diamante, quem mais podia ter sido? Este raciocínio era, para ele, a prova irrefutável de que Rapsides estava vivo (sempre que pronunciava esse nome fazia um trejeito de desprezo, como se o infeliz o tivesse prejudicado, e não o contrário!). Levou bastante tempo a descrever-me as características do homem, uma determinada cicatriz que não seria nunca capaz de disfarçar, a compleição física incomum, a falsa humildade que não passava de uma artimanha que a vida lhe ensinara, e a que era capaz de recorrer sempre que necessário. Que eu tivesse muito cuidado com ele.

E quem me garantia que Rapsides tivesse a pedra? Quem me garantia, até, que ele estava em Lourenço Marques? Pelo que entendera, a pedra podia bem estar com a rapariga que viera da Europa para viver na casa de Glück, em Joanesburgo.

Pacientemente, com pequenas pausas para descansar, Glück ia respondendo. Voltou a frisar que a pedra só podia estar com Rapsides, uma vez que só ele sabia que ela estava naquela casa. O bando de Klopper já a tinha revistado e, se a princípio pensara ter sido levada por Glück quando este fugira, a visita à Zambézia havia-o convencido do contrário. Só Rapsides voltaria àquela casa, só ele tinha uma razão forte para o fazer. Quanto à rapariga, quem era ela para fazer frente a um colosso daqueles? Além disso, ela desconhecia por completo o valor da pedra, portanto, nunca a iria defender. De qualquer maneira, a rapariga desaparecera de Joanesburgo, talvez tivesse regressado à Europa, ou então morrido. Talvez, até, nunca tivesse empreendido a viagem. Finalmente, quanto à questão de

Lourenço Marques, tratava-se de uma simples dedução. Para onde mais Rapsides – que era natural dessa cidade – fugiria, mais a mais perseguido que era por toda a polícia da União?

Formulei outras perguntas, tantas que lhes perdi a conta. Procurava desesperadamente uma razão para o levar a desistir, ou então eu próprio já tinha abdicado das minhas reservas e testava a solidez do plano. A dado passo, Glück irritou-se. Sentia ter chegado ao limite das suas forças. Disse-me asperamente que, quanto ao resto, eu me limitasse a seguir o meu instinto.

Todas as minhas objecções foram sendo removidas como véus que ele ia pacientemente levantando, até ficarmos cara a cara. Restava finalmente a última pergunta, meramente técnica. Como sairia eu dali?

Respondeu-me apontando para o horizonte, onde, ao solpoente, se via já, nitidamente, a vela cinzenta do *dhow* que ele há tanto tempo aguardava.

15

É madrugada. O bar tem as portas fechadas. Só não foram postos na rua porque Zulmira Rodrigues desde há muito deve favores a Albasini: hábeis notas no jornal quando alguém lhe punha em causa a reputação, sempre que surgia a ameaça de lhe fecharem as portas. A pobre passou a noite a tentar fazer-se notada – tossicando, produzindo um barulho desnecessário no lavar dos copos atrás do balcão, empilhando com encenada rudeza as cadeiras em cima das mesas para, na manhã seguinte, os criados poderem lavar o chão. Nada disto resultou, nada disto os demoveu, de modo que acabou a dormir com a cabeça tombada sobre o balcão.

Preso ao relato de Hans, Albasini mal se apercebeu de todos estes esforços. Se levantava os olhos, era para pedir mais um par de cervejas com um sinal da mão direita. Mais tarde, noite avançada, passou ele próprio a ir buscá-las atrás do balcão, dando a volta ao corpo adormecido, sem se esquecer de empilhar as garrafas vazias para, no dia seguinte, a amiga as poder contar.

Fosse outro o curso do destino e Hans Mahrenholz teria dado um bom jornalista. A narrativa está-lhe no sangue.

Repara que bebeu além da conta, ele que nem sequer pode beber. Olha para a porta e sobressalta-se com a possibilidade de a filha Beatriz entrar, carrancuda, para lhe reprovar a falta de juízo, dizendo-lhe que os seus vinte anos há muito que passaram, perguntando-lhe a quem quer ele magoar com a sua atitude. Sorri.

É madrugada e vai fazer muito calor. Hans já desembarcou, já deambulou pela praça semeada de estranhos quiosques onde conheceu Obede. Já subiu as escadas do número 101 da Rua Araújo, por entre cheiros e pregões; já bateu à porta e afirmou:

‘Procuo o senhor João Albasini.’

Diz isto e cala-se. Quem procurava está agora na sua frente, separado apenas por um mar de copos e garrafas vazias, sorrindo com os olhos postos na porta, como se ali fosse surgir alguém. Por exemplo, a filha Beatriz.

Também Hans bebeu muito durante toda a noite, sente o agora. No entanto, desde que contou o que tinha para contar que o invadiu uma espécie de inédita leveza. Dá-se uma pausa. Mas, uma vez que Albasini também permanece calado, girando nas mãos um copo vazio (quicá preso à cauda da história, ou então imaginando o que responderia a Beatriz), resolve arrastar a conclusão.

Seguiu no *dhow* para Angoche; ali, embarcou num navio inglês que regressava à União com tropas da segunda do Cape Corps. Viajava como repórter ao serviço do *Diário de Notícias*, um jornal português. Mais uma vez ideia de Glück, tirando partido do domínio que Hans tinha já da língua.

Ouvindo isto, reaviva-se em Albasini o sorriso. Não há dúvida de que o jornalismo lhe está no sangue.

Desembarcou em Durban, levando no bolso do casaco o envelope lacrado destinado ao jornalista João Albasini, que Glück recomendou que pusesse no correio mal chegasse a esta cidade, devendo depois esperar um par de semanas para que o referido jornalista criasse as condições de o receber. Cumpriu à risca, pôs a carta no correio, divertiu-se (passara muito tempo sem ver as luzes de uma cidade), e acabou por embarcar naquela galera portuguesa, a *Ferreira*, proveniente da Cidade do Cabo e tendo Lourenço Marques por destino.

Agora, que contou tudo o que tinha para contar, além da inédita leveza sente igualmente um certo embaraço. Enganou o homem que tão generosamente o recebeu, e enganou-o em todos os sentidos. Sobretudo, fê-lo por uma razão mesquinha, por causa de um diamante; ou talvez nem isso, talvez apenas para corresponder às expectativas que Glück nele depositara. Isso: apenas para mostrar que era capaz. Uma forma oca de vaidade, portanto, mesclada (sente-o agora) de alguma subserviência. E porquê? Qual a razão profunda? Conclui que, com a degradação de Lettow, se cansara de admirar pessoas vivas cujo comportamento está em permanente mutação. Apesar de todos os seus defeitos, morto, Glück não mais mudaria.

Mas, ao mesmo tempo, sente que foi quando entrou naquele *dhow* que a sua vida passou a ser um jogo de espelhos e de mentiras. Subitamente pesa-lhe nos ombros o álcool todo da noite que neste momento se acaba.

Albasini pigarreia, sinal de que se decidiu finalmente a dizer qualquer coisa. Nada ainda, todavia, que diga respeito ao itinerário ou à atitude de Hans.

Sim, um certo dia Glück bateu-lhe à porta daquele mesmo escritório, Albasini não tem ideia como ele lá foi dar. Dizia ter sido encaminhado por um tal Gordon Lee, sindicalista de Durban de quem se afirmava camarada, embora Albasini só conhecesse esse sindicalista dos jornais. Mas, agora que ouviu a história toda, talvez tenha sido Rapsides que o indicou, à mesa do Pig's Peak, o bar onde bebiam (é assim que se chamava, não é?). Não esqueçamos que houve um tempo em que Rapsides distribuía o jornal *O Africano* à porta das minas e dentro dos *compounds*.

De qualquer maneira, Glück bateu-lhe à porta um dia e apresentou-se como militante da Liga Socialista Internacional, uma organização que Albasini sabia ter sido fundada uns anos antes em Joanesburgo, para defender os direitos dos trabalhadores. Afirmava-se responsável pela secção dos trabalhadores de cor: indianos, mulatos e negros. Dizia-se influenciado pelas ideias de Gokhale e Mahatma Ghandi. Em suma, estava em Lourenço Marques para estabelecer contactos.

Estranha cidade esta, pensa Hans, onde todos os que chegam se dizem movidos por razões que não são as verdadeiras.

De qualquer maneira, foi isso que Glück afirmou; ali mesmo, sentado na cadeira onde tantas vezes Hans se sentou. Albasini simpatizou imediatamente com ele. E, confessa-o agora, até pensou que Glück daria um excelente correspondente do seu jornal. Afinal, além de militante era um homem de elevada cultura, comprovada no decorrer daquele primeiro encontro. Revelou conhecer pessoalmente muitos dos revolucionários russos, augurava para breve uma segunda revolução naquele país.

Ao mesmo tempo, porém, falava com um ar acossado, dizendo-se perseguido por forças obscuras mas poderosíssimas, que embora se afirmassem defensoras da claridade da pele vinham directamente do lado

mais escuro dos homens. Forças que um dia, se nada se fizesse, tomariam conta da União.

Albasini entendeu portanto como verdadeira a mentira de Glück (uma mentira que, à luz do relato de Hans, se torna agora novamente, de certa forma, em verdade: na realidade andavam atrás dele). Acolheu o homem, colocou-lhe à disposição todos os recursos que tinha, embora o comportamento dele não cessasse de o surpreender. Nada na cidade despertou o interesse de Glück, o que era estranho em quem se dizia ter chegado aqui à procura de contactos. Fechou-se no hotel (o novíssimo Carlton Hotel), fazia as refeições no quarto. Albasini procurou genuinamente ganhar-lhe a confiança: afinal, os inimigos que o perseguiram eram os mesmos contra os quais o jornalista assestava baterias nos seus editoriais. Queria saber mais, juntos far-lhes-iam frente. Afinal, na Província ainda reinava o direito; de certa forma, ainda que na maioria dos casos muito fragilizada, ainda reinava a justiça. Mas pouco conseguiu arrancar de Glück, que falava sempre com um olhar acochado, como se por toda a parte houvesse, escondido, alguém a espreitá-los. Nada conseguiu. Acabou por ajudá-lo apenas a embarcar clandestinamente no barco de um comandante seu conhecido (sim, esse mesmo *Beira*, à altura comandado por Van Zyl), e ficou a vê-lo partir acenando da amurada. Foi a última vez que o viu, a última vez que ouviu falar dele.

Tudo aquilo era algo estranho, mas Albasini acabou por tirá-lo da cabeça. Agradece agora a Miller (ou antes, a Mahrenholz: pede desculpa mas necessita de um tempo para se habituar ao novo nome) tudo o que ouviu, pois grande parte das perguntas que antes pairavam suspensas acabaram por encontrar respostas no relato. Pode enfim dar por encerrado o episódio.

Hans fica de certa forma decepcionado. Esperava mais qualquer coisa sobre a estadia de Glück nesta cidade. Esperava mais qualquer coisa de Albasini: que o acusasse de traição, que o insultasse até. Qualquer coisa mais que um simples agradecimento, mais que esta curta utilidade que foi trazer respostas para as perguntas que a estadia de Glück havia deixado em suspenso. Mas, enfim, cada um é como é.

Em volta, um criado lava afanosamente o chão. Pede-lhes que afastem os pés para o poder lavar em baixo da mesa que ocupam. Albasini obedece enquanto fala, afasta até a cadeira onde tem o chapéu para facilitar a tarefa ao rapaz, mas só se dá conta de que estão ali a mais quando Zulmira Rodrigues, arrastando os pés, vem despedir-se. A pobre mulher tem a sua conta, não pode mais. Vai retirar-se para descansar, dentro de uma hora ou duas terá de voltar a abrir o bar.

Albasini percebe enfim. Levanta-se precipitadamente, pedindo desculpas e prometendo voltar mais tarde para saldar a sua conta. Não deu pelo tempo passar.

Saem para a rua. Também aqui, em frente aos bares, os criados se afadigam a apagar os vestígios da noite que passou, para que os escritórios possam voltar a funcionar. Por vezes ainda se notam grupos de foliões tentando lutar contra o tempo, grupos que o sol em breve vai desfazer.

Albasini vai na frente, satisfeito. Ao menos a história do rapaz acabou com as sombras que se haviam acumulado a seu respeito. Embora tenha simpatizado com ele à primeira vista, trazia consigo um aziago cortejo de sinais: uma mal definida relação com Glück, uma profissão que todos os dias dava provas de lhe ser desconfortável. Mentiras atrás de mentiras, grande parte das quais raiavam a ingenuidade. Aliás, foi essa ingenuidade que notou nele que o levou a conceder-lhe, digamos assim, uma segunda oportunidade. E uma terceira, uma quarta, e por aí fora: não conseguia olhar para ele com hostilidade.

Mas, por outro lado, também não conseguia tê-lo como amigo, as incongruências eram muitas, as amizades que o acompanhavam sempre suspeitas. Nomeadamente aquela rapariga, Florence, cercada de um halo de problemas, embora problemas de natureza diferente. Havia ainda a questão do diário – Micaela (sente nas faces o calor do embaraço) –, embora até hoje não esteja certo se foi ele que lho deu, se foi Miller que o apanhou. De qualquer maneira, foi um tempo, meses, em que à trôpega dissimulação de Hans só conseguiu responder, ainda que inadvertidamente, com a verdade. Felizmente que a história extraordinária que ele acaba de narrar esclarece muita coisa, de facto, quase tudo.

Olha por cima do ombro, vagamente, e sente que Hans ainda o segue. Leva a mão à aba do chapéu para cumprimentar um conhecido, e repara que se esqueceu dele no Estrela do Oriente. Atravessa a rua para o outro lado a fim de prosseguir, à sombra, a caminhada. Hans atravessa atrás dele.

Entretanto, habituou-se a que ele o siga assim, como um cão atrás do dono, e quem segue assim outra pessoa é porque necessita desesperadamente de alguém em quem confiar. O embaraço que a lembrança do diário lhe trouxe desvanece-se, volta a sentir a velha segurança.

De facto, é extraordinária a história dele, e de louvar a preocupação em esclarecer as coisas, em acabar com as ambiguidades. Revela inquietação, e portanto consciência. De resto, quem não vive imerso em ambiguidades? Se houver alguém, que avance e atire a primeira pedra! Como pode ele, Albasini, ser severo com o rapaz? Não terá, também ele próprio, as suas ambiguidades e segredos?

Volta-lhe a lembrança do diário, Micaela; volta-lhe o rubor às faces.

Que dizer, por exemplo, da maneira como assina os seus editoriais? Uns dias com o nome próprio, é certo, mas outros – se escreve à maneira de um branco, se o seu coração bate em português – como *João das Regras*; e outras ainda, quando lhe apetece ter defeitos de sintaxe, errar na gramática, assumir a voz da rua contra os malditos que abafam a Província, como *Chico das Pegas*, uma assinatura que é todo um programa, como se dissesse que este sou eu, vindo da rua e sem educação, atirando-vos à cara as minhas imperfeições; sujo, imundo e escuro, mas mesmo assim não desistindo de vos olhar de frente. Que dizer de todas estas suas *personae*? Não farão elas parte do jogo de ambiguidades com que se constrói a si próprio?

Além disso, num sentido mais geral, há ainda a forma como é tratado pelas autoridades, cada vez mais ambígua desde que saiu a lei do assimilado. Que lei é esta, que diz que, para ser gente, o preto tem de se comportar como civilizado, isto é, tem de assumir os modos e os gestos do homem branco? A propósito vem-lhe à memória a carta aberta de protesto que ele e os seus camaradas do Grémio Africano publicaram há dias no jornal, dirigida ao governador-geral. Uma carta cheia de revolta e ironia. Se

houvesse um funcionário administrativo que, pelo aspecto, pela conversação, pelo porte, não distinguisse um homem dentro dos moldes da colonização portuguesa, essa autoridade deveria ser imediatamente substituída por um moleque, que certamente sempre saberá distinguir quem se senta com propósito e à vontade numa mesa e pega com correção num talher... V. Ex.^a que conhece África, V. Ex.^a que vem d'Angola, conhece como Ridder Haggar que há cafres nus que são uns gentlemen, e conhece o inverso. Mais adiante, além de revolta e ironia, passavam ao aberto desafio: Não é preciso, Ex.mo Snr. andar com alvarás, tirar alvarás aviltantes para mostrar a padeiros analfabetos, que são brancos, mas que, brancos como são, por culpa sua ou dos pais ou do Estado, não lêem o papel e seguem adiante tocando no burro! E finalmente, desembocavam em amargura, em quase desistência: Quanta amarga verdade há na frase de Cipião, o Africano: Ingrata Pátria, não possuirás os meus ossos!

Não será, por tudo isto, a sua vida uma monstruosa ambiguidade? Como pode ele, então, julgar as ambiguidades de Miller?

Vira-se e sorri, sem deixar de caminhar. Quase fala, quase lhe conta as suas reflexões, mas acaba por sentir-se incapaz. Acaba por concluir cinicamente que é o álcool a exercer, também nele, os seus efeitos. Atrás, Hans devolve-lhe o sorriso.

No dia da festa resolveu voltar a aproximar-se de Hans (ainda uma nova oportunidade que lhe dava). Sentiu, até, que com todo aquele aparato das suas duas mãos sentadas na esteira, dos tambores e das fogueiras, da pele de leão sobre os ombros e tudo o mais, o impressionara. Mas, no dia seguinte não voltava ele próprio a envergar um fato de linho de três peças, com chapéu a condizer? Não trocava o escudo e a lança, a pele de leão, pelo aparo da pena com que escreve os editoriais?

Chegam à porta do escritório, sobem as escadas.

Finalmente, não será até a sua raça – nem branco nem preto – ela própria uma ambiguidade?

Albasini gira a chave, empurra a porta e surge-lhe um caos de que já se havia esquecido. Baixa os braços, desalentado. Aquilo vai levar dias a reordenar. Vira-se para Hans, sorrindo amargamente:

‘Vá descansar. Eu chamo um táxi e vou também. Hoje já tivemos a nossa conta.’

Hans despede-se, enquanto o jornalista mexe ao acaso nos papéis espalhados por ali. E vai já no corredor quando, talvez por ter pegado num molho de cartas, Albasini o interpela:

‘Espere. Antes, quero contar-lhe eu próprio uma pequena história.’

Hans pára. Vira-se. Não consegue resistir a uma história.

Sim, só uma pequena história. Deve-lhe ao menos isso, depois da noite que passou. E ali mesmo, à soleira da porta, Albasini começa a falar.

Há muitos anos, mais de vinte, chegou a Lourenço Marques um homem chamado Ernesto Torre do Vale. Sempre que o lembra (como agora aconteceu, remexendo na desarrumação e descobrindo as suas cartas), Albasini vê com grande nitidez aquela figura alta e esguia, ligeiramente curvada, palmilhando a ponte-cais. Cara comprida e enormes patilhas, sobranceiras espessas que, as duas juntas, lhe conferiam o ar de quem estava sempre a pedir desculpa. Mãos grossíssimas. Ernesto era um *mumadji*, um homem branco, daqueles que chegavam como gado, no bojo dos navios, para trabalhar na construção do caminho-de-ferro. Ficaram amigos.

Não era difícil ficar amigo de um homem como aquele, um homem que, dias depois, foi capaz de tirar do bolso uma navalha para enfrentar a navalha de um colega, só por achar que este tinha injustiçado um preto. Assim mesmo, em frente a todos os companheiros; em frente aos capatazes que olhavam de soslaio, com esgares irónicos na face. Estava-se, salvo erro de Albasini, em 1889, altura em que era ainda mais difícil do que hoje defender um preto contra um branco. Mas ele, um branco, foi capaz de o fazer, com aquele mesmo ar de quem pedia desculpa. E o mais curioso é que, tempos depois, ele e o colega da navalha eram não amigos mas pelo menos companheiros de trabalho que se não se hostilizavam. Isso porque era difícil ter o *Mavulanganga* (era este o nome ronga que alguém lhe deu, e que ficou) como inimigo.

Além dessa, a outra das suas grandes qualidades era uma extrema curiosidade. O *Mavulanganga* interessava-se por tudo, desde o

funcionamento das locomotivas e dos motores dos navios à agricultura e pecuária. Soletrando devagar, uma vez que a sua educação era modesta, lia os jornais que lhe chegavam às mãos de ponta a ponta. Interessava-se também pelo comércio e pelos negócios, estava sempre a ter ideias, só não tinha quem lhe emprestasse capital para as pôr em prática. O *Mavulanganga* era, na acepção mais nobre da palavra, um verdadeiro colono.

Hans encosta-se à parede e ouve calado, sem saber onde Albasini pretende chegar.

A dada altura, talvez sensivelmente um ano depois de aqui ter chegado, o Ernesto Torre do Vale começou a interessar-se pelo negócio do carvão. Via as mulheres transportarem grandes sacas de carvão à cabeça, para o vender à saída do recinto do cais, aos operários que regressavam à Malanga, e intrigava-se. Por esta altura também, ele já tinha um surpreendente domínio da língua ronga, e portanto não lhe foi difícil saber mais sobre os contornos do negócio. Em pouco tempo estava a alugar carroças para trazer carvão das matas de Boane e Umbelúzi, e fornecê-lo às ditas mulheres. Em seguida, era ele próprio que produzia carvão e as contratava como vendedeiras. Ou seja, em pouco tempo – e sem fazer por isso nada de que pudesse envergonhar-se – o Torre do Vale tornou-se um magnata do carvão.

Largou o cais do porto, claro; deixou de ser operário. Mas não foi isso que o tornou diferente. Permaneceu o mesmo *Mavulanganga* de sempre, o mesmo olhar de acento circunflexo. Casou com uma negra, teve filhos, aproveitou os tempos livres que a riqueza lhe trouxe para se cultivar. Envolveu-se com o próprio Albasini numa campanha feroz contra o vinho português que aqui chegava em barris, sempre barato e muitas vezes estragado, e que era vendido a todos – incluindo os velhos, as mulheres e as crianças –, tornando-os alcoólicos e apáticos, endividados nas cantinas, incapazes de preservar a dignidade. No melhor dos casos, era a sofreguidão do lucro que guiava os comerciantes que traziam esse vinho. No pior, tratava-se de um plano maquiavélico para impedir que os pretos se tornassem gente. Albasini lembra mesmo um dos inúmeros editoriais que escreveu a respeito: *Temos o vinho que vem de Portugal, caramba! Temos o*

comércio de vinhos, que é a riqueza da Mãe Pátria, e temos o preto – enteado de uma madrasta pérfida – para o beber todo. Impingem-nos a civilização em barris.

Combates como esse trouxeram aos dois enormes dissabores, é certo, mas também uma amizade resistente às provações que não tardaram a surgir. Em 1908, o Torre do Vale caiu gravemente doente dos pulmões, e partiu de volta à ilha da Madeira para se tratar. Nunca mais regressaria. Entretanto, Albasini cuidou das filhas que ele deixou, e de que hoje é pai, pelo menos tanto quanto é pai dos seus filhos verdadeiros.

E Albasini pergunta-se: porque conta a história do *Mavulanganga*? Para ilustrar aquilo que considera uma verdadeira amizade? Não. Desta vez – e apesar da importância que atribui à amizade – não é por isso. Quis apenas dizer a Hans que, apesar de tudo o que ele e o Ernesto passaram juntos, do feroz combate ao álcool que juntos empreenderam, Albasini foi capaz de ter passado a noite a beber sem sentir ponta de remorso, sem sentir que traía a memória do amigo. Quis dizer-lhe que somos todos feitos de determinadas características e das suas contrárias, somos conjuntos de ambiguidades e contradições, e que a amizade se constrói precisamente na atribuição de um espaço amplo para o outro poder respirar. Albasini tem a certeza de que, se o *Mavulanganga* aqui estivesse, bom como era de feitio, beberia um copo com eles, ou pelo menos não levaria a mal que Albasini bebesse o seu.

* * *

Hans despede-se, sem estar certo de ter entendido a mensagem de Albasini. Suspeita, no entanto, que este lhe quis dizer algo mas não foi capaz de o fazer abertamente. Algo de positivo. Vai por isso mais leve, apesar da fadiga e do peso do álcool.

Rua Araújo. Caminha alegremente, cercado por restos ainda da frescura rósea da madrugada. *Carlton Hotel, de J. J. de Carvalho, o maior hotel da cidade, com todas as comodidades e confortos exigidos nos principais hotéis da Europa, A cozinha está a cargo de Monsieur Cailleau, um dos*

mais afamados cozinheiros de Paris, Preços especiais para os seus antigos fregueses ao dia, à semana ou ao mês, Rua Araújo, telefone 295.

Foi então aqui que Glück se hospedou. Foi aqui, encerrado no seu quarto do terceiro andar, que viu inimigos espreitando de todos os lados.

Caminha vagorosamente pelo passeio oposto, olhando as esguias colunas de ferro forjado, a balaustrada da varanda delicadamente trabalhada, como se ali houvesse um sinal da presença do coronel. Quase o vê lá no alto, afastando o reposteiro para espreitar, envergando um casaco grosso, de golas levantadas, apesar de ser Verão. Sorri da ideia.

Retoma a caminhada em direcção ao seu hotel. Atravessa ruas onde desponta o movimento, o tilintar dos eléctricos, o som surdo dos rodados dos riquexós. A cidade desperta. Caixeiros vagarosos içam as portadas de madeira e ferro, espanejam o sono e os tecidos, ajeitam a disposição das montras. Ainda roucos, são ensaiados os primeiros pregões. Começam a chegar os amanuenses mais madrugadores, há já pacotes levando recados. Entra na Avenida Aguiar, onde a inclinação que tem de vencer o avisa da força com que o sol vai fustigar o dia, lhe faz ver a noite que passou em claro, a quantidade de álcool que a humedeceu.

Chega ao hotel. Sobe as escadas com um peso nos ombros, e eis que se apaga nele o sorriso, transformado pelo suor azedo da ressaca em revoltada irritação. Estaca em frente à porta de Florence, no início do corredor. Bate com certa violência. Para sua surpresa, a porta abre-se de imediato. Como se Florence estivesse desde há muito à sua espera.

‘Entra.’

Surpreende-o o tom de voz, arrastado. E o cheiro que estava retido no quarto e se solta pela porta. O cheiro de uma noite de insónia, como se ela soubesse o que acontecia no Estrela do Oriente – enquanto Zulmira Rodrigues lavava copos e dormitava – e aguardasse o desfecho. Um rasto vago do perfume que a ronda sempre, misturado ao álcool pesado que a ajudou na espera. Também ela bebia enquanto atravessava a noite. A voz entaramela-se. Na desesperada tentativa de o manter como aliado, Florence simula desejo.

‘Vem.’

Hans vacila. Nenhum deles está em condições de conversar. Foi um erro ter parado em frente àquela porta, ter batido. Não saberia por onde começar. Mas, quando se vira para partir, é mais forte do que ele, não consegue deixar de lançar a pergunta.

‘Porque mentiste? O que te levou a chegar perto de Natalie?’

Na verdade, não é bem uma pergunta. Quis apenas deixar uma mensagem. Sei quem és, sei o que pretendes. Tem a mão na maçaneta, está pronto para ir dormir. Agora, que a longa conversa com Albasini o deixou leve como uma pena, desejaria tudo menos voltar a sentir-se pesado. Fez uma pergunta para a qual não quer resposta. Quis deixar apenas um sinal. Fez uma pergunta, mas logo se arrepende. O *Mavulanganga* de Albasini jamais interpelaria Florence desta maneira. O *Mavulanganga* daria a Florence o espaço necessário para ela ser quem é, e ao mesmo tempo o seu contrário. Mas é já tarde para recuar.

‘Porque lhe chamas Natalie? É Peggy! Peggy Foster!’

É Florence na defensiva. Foge da questão principal estendendo-lhe os braços. Procura ainda, desesperadamente, atirar-lhe areia para os olhos. Que interessa agora o nome de Natalie?

Daria tudo para não ter feito a pergunta. Mas, agora, só lhe resta seguir em frente.

‘Seja como for que ela se chame, sei o que te atraiu a esta cidade. Sei do diamante.’

Uma noite inteira a acumular uma reserva de álcool que nos dê alento para prosseguir uma história ou uma espera, e eis que uma simples frase o evapora; nos torna inteiramente lúcidos. Sei do diamante.

No olhar de Florence estampa-se a surpresa, logo seguida de um estupor cinzento e frio. Os olhos mudam de cor. Vêm à memória de Hans as palavras de Natalie sobre esta rapariga: quem tem dezassete irmãos precisa de muita força para poder sobreviver. Agora Hans já não vai poder partir, agora vai ter de ouvir tudo até ao fim.

‘Então ela contou-te tudo, estás convencido de que sabes tudo. É verdade, há por trás de tudo isto um diamante. Mas não só. Desconheces ainda muita coisa, não sabes o principal. Escuta-me.’

Há muito que Hans deixou de acreditar nela. Todavia, não consegue resistir a estes malditos preâmbulos, não consegue resistir ao anunciar de uma história. Larga a maçaneta, avança pelo quarto como se estivesse enfeitiçado, senta-se na borda da cama. Fecha os olhos, pronto a ouvir.

Sim. Natalie não deixa de ter razão sobre como tudo começou. Florence deixou a mãe e as irmãs junto do jazigo do general De la Rey, ainda o curto momento de reflexão que se segue ao ruído seco do fechar do tampo de mármore não havia terminado. O momento em que todas pensavam na vida que iriam ter daí para a frente. Mas Florence tinha pressa, a oportunidade era rara. Perdeu-se nas intrincadas âleas do cemitério, no meio de anjos e demónios de pedra, por um momento chegou mesmo a pensar que não chegaria a tempo. Mas, depois de uma curva, atrás de uma enorme sebe de buganvílias, lá estava o outro enterro – felizmente que ainda decorria. E, um pouco afastado, dentro da sombra de uma árvore enorme, um vulto de mulher, óculos escuros, um lenço negro na cabeça. Soube imediatamente quem era essa mulher.

Batem à porta. Hans levanta-se precipitadamente e refugia-se na casa de banho. Pela nesga da porta vê entrar um criado com uma bandeja de chá. A casaca, apertada até cima, está puída na gola e nos colarinhos. Apesar do dia ir ainda no início, o pobre homem derrete dentro dela. Vem-lhe à lembrança outra casaca igual àquela, conclui que os criados de todos os hotéis daquela cidade vestem as mesmas casacas (ainda os seus inúteis devaneios). Quanto a Florence, vai ter de beber litros de *roiboos* para recuperar a proverbial serenidade.

O criado põe a bandeja em cima da mesa, e sai, desfazendo-se em medidas. Hans regressa, levemente embaraçado. Noutras circunstâncias teria permanecido sentado enquanto o criado servia o chá. Afinal, num e noutra caso ele não passaria de uma sombra neutra. A fuga para a casa de banho é um sinal da distância que se cavou já entre os dois.

Florence parece não ter reparado, ou pelo menos não comenta. Prossegue.

Evidentemente, Hans tem todo o direito de duvidar. Afinal, como saberia Florence que Peggy estava viva? A resposta é contudo de uma simplicidade

desarmante, embora obrigue a uma inflexão do curso da narrativa.

Dias depois da tragédia, Jacoba Elizabeth Greeff, a *Nonnie* de Florence, recebia em Elandsfontein uma estranha visita. Tratava-se de Edward Leach, inspector de polícia, que vinha apresentar-lhe os pêsames formais da corporação. Mais do que isso, Leach vinha em busca de alívio para o peso que lhe atormentava a consciência, algo que só a viúva lhe podia conceder. Afinal, na origem da morte do general estava uma chamada telefónica para Langlaate que ele não chegara a completar. Foi isso que, corajoso, revelou à viúva do general De la Rey. Era disso que, no fundo, se vinha penitenciar.

Ela, que também era muito crente, surpreendeu-se e agradou-se com tanta frontalidade, tanta rectidão. Consolou Leach, disse-lhe que não podia culpar-se daquilo que, afinal, havia sido obra do destino. Ele havia tentado, ela acreditava nisso. Só Deus determina os grandes cursos.

Conversaram toda a tarde, bebericando também eles chávenas de *roiboos*. Quem as servia era Florence (*Nonnie* tinha por hábito, nas visitas mais privadas, dispensar a criadagem e contar com uma das filhas para lhe servir o chá). Da primeira vez que Florence o serviu, falavam das roseiras de *Nonnie*, que ocupavam boa parte dos dias da agora viúva. Também o inspector as tinha nas traseiras do seu modesto *cottage* na cidade, embora nada que se parecesse com estas (viam-nas a partir da janela da sala, mais tarde saíam para as ver de perto). Da segunda vez que Florence o serviu, o tema da conversa era muito diferente, precisamente a questão do peso da consciência. Leach contava o estranho episódio da ressurreição de Peggy, pedindo obviamente descrição. Afinal, a sua decisão de dar uma oportunidade à rapariga fora altamente irregular. Mas, quem era ele para ir contra um desígnio que lhe pareceu claramente vir de onde vinha? Jacoba Elizabeth concordou de imediato, e é claro que tal concordância fazia parte, para o inspector, do tal alívio que ali fora buscar. Afinal, ela significava formalmente o perdão das vítimas da acção do bando, o perdão do erro que ele próprio cometera quando não chegou a concluir o telefonema para Langlaate.

Entre as suas idas e vindas, Florence ouviu a confissão com grande interesse. Afinal, Peggy era a única pista viva que levava ao diamante

roubado por Foster na joalheria de Longmarket Street, na Cidade do Cabo.

No rosto de Hans estampa-se a incredulidade. Sentado no canto da cama, empertiga-se ligeiramente.

‘Mas, como podias saber do diamante?’

A resposta é ainda mais simples. Nova inflexão no curso da história. A mina onde De Jong roubou o segundo diamante localizava-se afinal em Elandsfontein, a dois passos da *farm* dos De la Rey. Por causa dessa proximidade, e por ser, na região, a figura primeira do nacionalismo africânder, Koos de la Rey foi também um dos primeiros a saber da existência do *Olho de Hertzog*. É certo que o diamante foi parar às mãos dos Klopper, mas foi-o com a plena anuência do seu pai. Coube aos Klopper tratar de o transformar em meios para libertar o povo africânder do jugo inglês tal como podia ter calhado a alguns outros. Koos de la Rey em primeiro lugar, se não tivesse a sua lealdade dividida, o que o levou a enjeitar tamanha responsabilidade.

‘Mas tu, não o teu pai: como soubeste tu da existência do diamante?’

Nada mais simples. De la Rey tinha por hábito falar dos seus assuntos à mesa. Era assim, em voz alta, que reflectia. Falou, claro, no diamante, ao qual de resto não atribuía a importância que lhe davam os Klopper e outros. Para ele, o empenho e a justiça eram mais fundamentais (desgostava-o o interesse mesquinho e material que ia tomando conta da Irmandade). Além disso, nunca lhe passaria pela cabeça que em sua casa alguém pudesse ser indiscreto. Tinha uma tal fé na hierarquia que para ele a família não passava de mero cenário, alguém que estava ali para assistir às suas reflexões. Desde a infância, portanto, que Florence ouvia falar no *Olho de Hertzog*, a reserva da nação africânder.

Hans levanta-se. Abafa-se dentro daquele quarto, abafa-se dentro daquela história. Chega perto da janela, espreita lá para fora. Os anúncios são sempre os mesmos, mas é também o mesmo o impulso irresistível de os ler. Como se a cidade estivesse sempre a enviar-lhe enigmáticas mensagens e ele não soubesse como interpretá-las. *Gil Vicente (Empresa M. A. Rodrigues & Companhia Cinematográfica de Portugal), Hoje reprise da 3ª e última jornada da fita «Náná», Domingo às 17 horas Matinée Elegante,*

Continuação da sensacional fita «O Conde de Monte Cristo», 2ª Época «O Tesouro de Monte Cristo ou o Abade Faria», 4 partes, à noite às 21 horas Sessão d'arte toda nova «A Fugitiva», Sensacional drama da conhecida e acreditada casa francesa Film Success pela atriz Maria Luísa Derval – 4 partes, «O Canário do Coronel» – 1 parte, «Isidoro Procura Fresco» – 1 parte, «Sobretudo Económico» – 1 parte, Terça-feira Sessão d'arte toda nova, «Hilda, Flor da Holanda», Comédia e drama pela conhecida atriz da Famous Players, Mary Pickford – 5 partes. Não há aventura nem mistério nem sedução a esta hora. A cidade acorda para a luz, nada a levaria a encerrar-se no escuro de um cinema.

Vira-se. Florence está de pé, no meio do quarto.

Acompanharam as diligências de Klopper na Cidade do Cabo, o roubo na joalheria e tudo o mais. Foi o próprio Klopper que os visitou um dia, para falar a De la Rey no bando de Foster, na pista que esse conhecimento abria para a recuperação do diamante.

Foi nesse dia que Florence ouviu falar pela primeira vez em Peggy, e desde então ficou com esse nome a bailar-lhe dentro da cabeça.

Depois da morte do pai, Florence convenceu-se de que a família tinha todo o direito ao diamante. Para ela, a morte de De la Rey não fora fruto do acaso, nem sequer de um lamentável erro da polícia, mas devido ao diamante. Há muito que as dúvidas do general eram notórias; reprimira, em nome do governo, as manifestações dos mineiros africânderes contra o emprego de mineiros negros que lhes roubavam o trabalho. Ou seja, Florence convenceu-se de que, para a Irmandade, De la Rey passara a ser um traidor, ou pelo menos de uma ambiguidade para eles inaceitável.

Hoje, passado todo este tempo, não está tão certa de ter tido razão. Não está tão certa, até, se foi o diamante que a levou até Peggy, ou se o fascínio que despertou em si, contado por Leach a Jacoba Elizabeth, o itinerário dessa mulher. Mas, quando um quadro se torna claro para nós desenvolvemos a extrema habilidade de colocar dentro dele tudo aquilo que acontece, caiba ou não. Nessa ordem de ideias, ao não ter telefonado para Langlaate, Leach montava já a armadilha. A realidade inteira montava já a armadilha. De maneira que, quando Siener van Rensburg surgiu a alertar

para nuvens encarniçadas e carruagens transportando o féretro, era já tarde, ninguém acreditou. Falavam antes em marchas triunfais, ou seja, ajustavam os nós da armadilha. Talvez não tenha sido inteiramente assim, mas na altura era nisso que Florence acreditava. Daí a achar que *Nonnie* e as filhas tinham pleno direito ao diamante foi apenas um pequeno passo, mesmo se um mero pretexto. Koos de la Rey de algum modo dera a vida por aquele diamante. E Florence estava determinada a cobrar.

Mas, morreram os Foster e perdeu-se o rasto do *Olho de Hertzog*. Se nem Klopper e a sua extraordinária máquina chegavam até ele, o que podia Florence fazer? É certo que havia um sobrevivente, o tal Rapsides, mas esse estava desaparecido. E, ou surgiria morto ou seriam outros – a Irmandade, a polícia – os primeiros a chegar até ele.

Até que aconteceu a visita de Leach e aquela revelação. Peggy havia sobrevivido e, mais importante ainda, nem Klopper nem a polícia sabiam da sua existência. Um caminho promissor, que se transformou em larga avenida quando, dias depois, Leach se suicidou.

Depois os funerais, e tudo o que neles se passou. Florence tornou-se amiga de Peggy, mais amiga até do que desejaria. Esqueceu até que Natalie se chamara assim um dia. Readquiriu uma certa serenidade, deixou de pensar no diamante.

‘Sim, é a mais pura das verdades. Deixei de pensar no diamante.’

Mas a vida flui como um rio, o final da caminhada não passa do início da caminhada que se vai seguir. Das sombras surgiu Rapsides, rondando Natalie como um pedinte que se afeiçoa a quem lhe dá uma moeda todos os dias. O mesmo Rapsides que ela tempos antes daria tudo para encontrar e, agora, tudo para perder. Sim, porque Florence passou a querer esquecer esse passado com mais intensidade que a própria Natalie. Pior ainda, um dia o maldito bateu-lhes à porta com Wally pela mão. Uma rapariga escanzelada, perdida e vulnerável, com artes de aranha fabricando a sua teia.

Ingénua, Florence estava atenta aos perigos do passado, trazidos por Rapsides e pelas insónias de Natalie, tão atenta e concentrada que deixou escapar um perigo ainda maior, vindo de uma direcção inteiramente nova e inesperada. Wally, a aranha. De pronto Natalie deixou-se enfeitiçar,

prendeuse naquela teia. De tal modo que, decorridas escassas semanas, quem antes pedia tinha agora formas de ordenar, quem dava ficara transformada em pedinte. Sempre que Wally se ausentava era como se, para Natalie, o apartamento perdesse o brilho; se Wally espirrava, Natalie passava a noite em claro cuidando que ela não adoecesse.

E Florence? Florence não podia mais. De bom grado esqueceria de uma vez por todas o diamante, fecharia os olhos às visitas furtivas de Natalie a Germistown, a ver a maldita criança. Mas com isto não podia. Um dia chamou Natalie pelo nome verdadeiro – Peggy – e isso equivalia a uma surda ameaça. Recorria ela própria ao passado que até então evitara, procurava, com isso, enfrentar os perigos que vinham de outros quadrantes. Na situação em que se encontrava, voltava a preferir Peggy a Natalie. Acabou por exigir que Wally partisse.

Que fique bem claro: Florence não tinha ideia do fim que haviam dado a Wally, e isso pouco lhe importava desde que fosse longe dali, bem longe; que fique bem claro que Florence não tinha ideia de que haviam despachado a rapariga para Lourenço Marques. De outra maneira, qual o sentido de se terem metido as duas – ela e Natalie – naquele barco, o *Ferreira*, que vinha precisamente para esta cidade? Esta cidade onde, na noite do Gato Preto, voltou a encontrar a maldita aranha escanzelada?

De facto, que sentido teria?

Florence está ciente do poder deste argumento, porque enquanto fala volta a aproximar-se de Hans e a estender-lhe os braços. Mas eis que estaca de repente, e pergunta:

‘Que fazias tu com essa mulher naquele dia? De onde a conheces?’

Hans acorda do torpor, arrancado por esta pergunta incisiva. Que fazia ele com Wally? Como explicar a Florence que a conheceu dentro de uma canção, num dia de muito calor? Como falar-lhe de Satie?

Mas compreende a tempo tratar-se de uma armadilha. Chegou ali acusando, e Florence, com muita habilidade, transformou-se ela própria em acusadora. Levanta-se, passa ao largo daqueles braços, do hálito de álcool e insónia, e caminha para a saída.

Já no corredor, quando se vira para fechar a porta, tem ainda tempo de lhe perguntar se ela sabe quem, numa certa noite, num certo arremedo de jardim, lhe lançou uma garrafa com uma mensagem dentro. Uma mensagem em que estava escrita uma gaia palavra, WENELA, como podiam ter estado outras. Rapsides, por exemplo.

Mas Florence, no meio do quarto, os braços descaídos, nem sequer parece ouvi-lo. Tem o olhar perdido para lá da janela, e é esta a imagem dela que Hans vai reter para sempre.

16

A corda com as pancadas na porta. Está exausto. Levanta-se e avança aos tropeções até à casa de banho, abre a torneira e mete a cabeça por baixo dela. Fica assim um tempo, como se o fito fosse o de lavar os pensamentos. Volta a erguer-se, a cabeça pingando, e olha-se ao espelho. Vê ali um estranho cujos olhos baços desconhece; rugas que, embora mais mansas, imagina como as cicatrizes de Rapsides. Precisa de fazer a barba. Aquilo que a princípio pareciam estrondos e explosões, não passa afinal de tímidas pancadas na porta. Dá a impressão de que o seu autor lamenta vir incomodá-lo assim desta maneira.

Pega numa toalha para se limpar, vai abrir com ela nas mãos. Do outro lado está um criado receoso.

‘O senhor João Albasini espera-o lá em baixo.’

O recado tem o condão de o despertar. Algo lhe diz que, depois de uma noite como aquela, só uma razão muito forte traria aqui o jornalista a esta hora. Que hora, afinal? Agarra no colete, puxa pela corrente do relógio e verifica que dormiu muito menos do que pensava.

Veste-se rapidamente, sai para o corredor. Tem pressa. Abranda ligeiramente em frente do quarto de Florence. Pensando em como a deixou – imóvel a meio do quarto, os braços descaídos e o olhar perdido para lá da janela –, quase bate à porta. Levanta mesmo o punho para o fazer, com os nós dos dedos. Mas não lhe ocorre nenhum pretexto. Além disso, é provável que ela esteja a dormir.

Encolhe os ombros e lança-se pelas escadas, desce os degraus dois a dois, passa a correr pelo *hall* e chega à varanda, onde dá com um João Albasini alvoroçado, agitando na mão um jornal.

‘Depressa! Não há tempo a perder! Responderam ao seu anúncio!’

Hans pega no jornal. Orlado por um filete negro, um anúncio de uma seguradora: *Seguros de Mar e Guerra, Desde o dia 1 de Dezembro a*

Companhia de Seguros Comércio e Indústria oferece nos seus seguros de mar e guerra um bónus de 5% sobre os prémios cobrados, Agente na Província, Anthero Gandra & Cia. À direita, encerrados por outro filete, os filmes do dia no Teatro Gil Vicente: Hoje último episódio em 4 partes, «Vampiros – Bodas Sangrentas», Amanhã o sentimental drama em 5 partes «Limite da Vida ou Almas Torturadas», Acompanhamento por um Sexteto Musical. No meio dos dois, uma discreta resposta ao seu anúncio, em corpo 8.

Indicações inequívocas sobre o Olho de Hertzog. Catembe, Casa Verde, 1 de Março, Meio-dia em ponto. Contactar Tolentino da Cruz.

João Albasini mal consegue represar a excitação. Ainda Hans tenta perceber o significado da enigmática mensagem e já o jornalista desce as escadas, a caminho da rua.

‘Depressa, ou chegamos tarde!’

Olham para um lado e para o outro. No passeio oposto, o habitual cacho de condutores de riquexó. Dirigem-se para lá. Um deles levanta-se, mais lesto do que os restantes, e Hans reconhece Obede. Recomposto, novamente com um sorriso nos lábios, por uma vez presente quando dele precisa.

‘Depressa, para o cais do porto!’

Obede agarra nos varais, desengata o travão e, assim que sente em cima os passageiros, larga a correr rua abaixo, ajudado pelo suave declive, passando perigosamente perto de um *trolley*, provocando buzínadas de automóveis e exclamações indignadas de transeuntes. Por cima de todos esses sons da cidade, o gargarejo rouco das rodas do riquexó sobre o empedrado da rua e das linhas dos eléctricos. E, dentro desse som, a mensagem repetindo-se como um eco: *Casa Verde, Meio-dia em ponto!*

Avenida da República, Rua da Gávea, Consiglieri Pedroso (onde só por milagre evitam um acidente), e o queixume rouco do riquexó vai mudando de tom consoante os pisos sobre os quais corre. As frontarias dos estabelecimentos passam por eles em grande velocidade. *Portsmouth Restaurant & Castle Bar de Manuel d’Abreu, Rua Consiglieri Pedroso próximo da Farmácia Barbosa (e Rua Araújo próximo ao Varietá), Fruta de excelente qualidade, Maçãs, pêras, alperces, laranjas, uvas e outras*

frutas, melões e melancias, Comprai! Comprai! Vinho branco da melhor qualidade instalado como a cerveja, cada copo igual ao da cerveja, a 10 centavos, Aberto todos os dias e aos domingos. Entrai! Entrai! Travessa da Catembe, quase até ao fim, cruzando a Tenente Valadim, onde um funcionário dos correios por pouco não é atropelado e larga uma praga, e Obede dobra à esquerda para entrar na Rua Araújo, onde o empedrado é mais fino, e portanto onde o riquexó, embora correndo sempre, de alguma maneira se aquieta.

Em volta, a tensão é grande. Parece que vai haver greve, parece que as autoridades vão trazer trabalhadores do Aeródromo para substituir os grevistas. Rua Araújo, que percorrem quase inteira, barulhenta, salpicada por sinais dessa ansiedade e também pelos pregões, pelo arrastar das vassouras à porta dos bares, pelo ruído metálico da água despejada dos baldes sobre os passeios. Por tudo isso passa o riquexó imperturbável, correndo sempre. E novamente, *Portsmouth Restaurant & Castle Bar de Manuel d'Abreu, Rua Araújo próxima ao Varietá (e Consiglieri Pedroso próximo da Farmácia Barbosa), Fruta de excelente qualidade, Maçãs, pêras, alperces, laranjas, uvas e outras frutas, melões e melancias, Comprai! Comprai! Vinho branco da melhor qualidade instalado como a cerveja, cada copo igual ao da cerveja 10 centavos, Aberto aos domingos. Entrai! Entrai!*

Hans sente o suor escorrendo-lhe nas têmporas, a cidade como um grande labirinto, enredos que se desenrolam para desembocar no princípio de novos enredos. À direita, travessa do Varietá, *Teatro Varietá, «Sêlo de Ouro» (4 partes) pela bailarina russa Napewoka, «Gatuno Inagarrável» (aventuras em 3 partes)*. E finalmente, Avenida 18 de Maio e o portão enferrujado da entrada do porto guardado por um polícia que não faz qualquer gesto de os deter: são, para todos os efeitos, passageiros atrasados correndo o risco de perder o vapor que larga rumo à Europa.

Depois, montes de caixotes, cordame enrolado, grossas correntes de ferro, toros de madeira, volumes de muitas formas que grupos de estivadores se afadigam a transportar e empilhar, vigiados à distância por capatazes refugiados na sombra dos beirais dos galpões, chicote na mão,

palito nos dentes. Por cima rangem os guindastes, cobrindo a azáfama com os arcos do seu movimento. Mais adiante, os barcos retesam as amarras. Ali, todos esperam uma greve que não se sabe se vai chegar, as notícias precedem os factos, anunciam do mesmo modo o que acontece e o desejo ou o temor de que aconteça.

Obede pára, ofegante. Deixa descair os varais até ao chão. Está encharcado em suor. João Albasini salta do riquexó, pede a Hans que aguarde e desaparece na multidão.

Que fazem aqui? Que sentido tem esta procura? Durante um tempo deambulou pela cidade lendo os seus letreros, esticando uma espécie de invisível corda longa que Glück lhe atou ao pescoço quando o enviou. Por vezes, quando menos esperava, a corda retesava-se, como se o coronel quisesse dar-lhe a entender que, embora distante, era como se estivesse ali controlando. Ainda aqui estou, tenente Mahrenholz, ainda te tenho preso a mim, ainda sigo atentamente aquilo que fazes. Depois, aconteceu a noite naquele bar com as paredes cheias de espadas e rosa-cruzes, incensos e símbolos, involuntário mas ideal cenário para o corte da corda de Glück, levado a cabo por dois jornalistas (dois?), e por uma história que demorou muito tempo a narrar.

‘Boa tarde, patrão!’

São mais gemidos que cumprimentos, estes que os estivadores vão largando sempre que passam perto, vergados pelo peso daquilo que transportam. Se viesse a greve, como seria?

‘Boa tarde!’

Ainda bem que o cumprimentam. Ainda bem que ele lhes responde, pois ao fazê-lo obriga-se a regressar a este mundo, atenua o risco de se perder no labirinto dos seus próprios devaneios. É aliás assim que se perderá um dia, tragado pelos itinerários desconexos que constrói (cordas e bares, estranhas mensagens).

Albasini regressa com um canoeiro. Tem os seus contactos nestas docas, navega nestas águas como ninguém. Diz a Obede que espere ali até que regressem, e descem os três os degraus de pedra do cais, pisando com cuidado por cima dos limos. Entram numa canoa e largam.

Afastam-se do paredão e lançam-se na travessia da baía. Os disformes pés de Obede são neste caso uns braços musculados segurando com firmeza o remo; afora isso, os mesmos gemidos ritmados da tracção. O mar está calmo e o homem rema com vigor, um novo riquexó que avança, desta feita por uma líquida avenida também ela preñhe de anúncios. *Union-Castle Line, Paquetes da Mala Real para Inglaterra, Serviço para os portos da África do Sul, Norte da Costa e Maurícias, Navegação de sonho, Via de todas as fugas, Regressos para todos os gostos, Partidas para todos os caprichos ou necessidades, Satisfação das mais singulares curiosidades, Para mais informações contactar The Union-Castle Mail Steamship Co Ltd, Praça 7 de Março (esquina com a Travessa da Fonte).*

Vão depressa, o mais depressa que é possível ao remador, incitado pelos apelos constantes de Albasini. Promete-lhe mundos e fundos se conseguir chegar a tempo.

E ele rema e vai gemendo:

‘Sim, patrão.’

Passam perto dos navios fundeados, gigantes tomando sol atrás dos quais se esconde a linha rasa da Catembe. Entre eles e ela surgem, de repente, pequenos barcos de pescadores, dezenas de barcos floridos e engalanados vogando em silêncio. João Albasini acena-lhes e sorri. E explica a Hans (curiosa coincidência!) que hoje é dia 1 de Março, dia de Nossa Senhora das Mercês, a padroeira dos pescadores da Catembe.

Um dia, há muitos anos – quase dez, ainda Albasini trabalhava nos Correios –, o seu padrinho e protector José Aniceto da Silva arrancou-o da secretária, era ainda hora de expediente, e arrastou-o para aqui a fim de participarem na celebração. Albasini tem nítida lembrança desse 1 de Março, era a primeira vez que os pescadores goeses agradeciam a Nossa Senhora das Mercês desta maneira. Acabavam de concentrar se na Catembe, expulsos da cidade pelo desarrumo que os seus barcos lhe traziam, pelo desagradável cheiro a peixe que a sua actividade provocava. A cidade, nessa altura, embranquecia; queria-se mais limpa e arejada.

Da Silva, ele próprio goês, ciente de onde vinha, ajudou-os. Negociou por eles a orla onde estabeleceram a aldeia, mesmo assim tão estreita que

tiveram de construir as suas casas quase por cima do mar (desce a maré e as casas assentam no lamaçal, sobe a maré e são quase barcos magros, embalados pelas ondas). Foi ainda ele que comprou o porco para a festa, num dos talhos do mercado, e desde então que não se agradece e celebra sem que se abata um.

O primeiro barco com que se cruzam leva na proa a imagem da Nossa Senhora. Imagem altiva, cujo olhar amansa as águas para que no resto do ano os peregrinos marinheiros possam ter o que pescar. Dois remadores de cada lado, um homem muito magro a meio, com uma cesta cheia de flores que vai atirando às águas para agradecer o serviço da santa. Atrás, seguem-no os restantes barcos, uns dez ao todo, vão dar a volta à baía para que dela não fique recanto por mostrar. Os pescadores envergam todos os seus trajes domingueiros.

Tão entretido vai Albasini nas explicações que uma vaga larga, embora mansa, o desequilibra dentro da canoa e quase o faz cair ao mar. Cai no entanto o caderno que trazia no bolso do casaco, e ele larga uma praga. Será que perdeu as notas de um editorial demolidor sobre a greve que se aproxima? Será que eram notas sobre a ferida que Micaela lhe deixou na carne, ainda em chaga viva?

O último troço é já feito com o remo fora da água, o canoeiro aproveitando o impulso, até que o calado da canoa não mais a deixa deslizar. Desembarcam perto do pequeno cais em construção, observados por trabalhadores que se afadigam nessa obra. Ao fundo, num pequeno telheiro que assinala o ponto de encontro do pontão com a terra firme, dois capatazes velam, chapéu descaído para a nuca, palito nos dentes. Passam perto deles, diminuídos pela precariedade da sua condição. É que a maré está baixa e eles foram obrigados a tirar as botas e a arregajar as calças para atravessar o pequeno deserto lamacento, um chão fremente onde pulsam pequenas criaturas – furtivos caranguejos e alforrecas derramadas, holotúrias exangues e amêijoas apavoradas, estrelas-domar rígidas da falta de humidade, uma ou outra cobra-de-água agitando a poça rasa que ainda não secou (tensas como chicotes), pequenos peixes reflectindo a luz do Sol como lâminas de prata – criaturas, todas elas agonizando sob um sol de

fogo. Cerca-os o cheiro do suor salgado de toda esta agonia. Atravessam o deserto de sapatos na mão, em direcção à aldeia dos pescadores.

Em frente, no pequeno casario assente em palafitas, surge a casa verde. Há-de ser esta, é aqui que tudo vai acontecer. E todavia está vazia, silenciosa. Consultam o relógio, verificam que afinal estão até um pouco adiantados. *Meio-dia em ponto!*, dizia a mensagem.

Dão a volta. Albasini vai na frente, o seu casaco imaculado resistindo como pode aos acontecimentos de um dia como o de hoje. Atrás, mais casas, um terreiro, redes secando ao sol, a sombra espessa de uma árvore que Hans não consegue identificar. No terreiro, um padre prepara o altar da missa na companhia de dois jovens acólitos; na sombra espessa há um grupo de mulheres afadigadas. É para lá que se dirigem.

Albasini cumprimenta e elas respondem com distância. Guardam reservas em relação à cidade, do outro lado da baía; e, em consequência, às gentes oriundas de lá, todos brâmanes e chardós. Paciente, Albasini apresenta-se, menciona o seu falecido tio José Aniceto da Silva, benfeitor deste lugar, e é esse nome que tem o condão de deitar abaixo todas as reservas.

As mais velhas recordam o senhor Aniceto, uma delas tem até uma vaga ideia do jovem sobrinho ao lado dele, sentados os dois no palanque, no dia da primeira festa. Além da lembrança, estampa-se nela a surpresa de ver como o jovem se tornou homem e, ao fazê-lo, quanto engordou.

Abasini sorri, um pouco embaraçado. De facto engordou mais do que devia (Beatriz não se cansa de dizê-lo).

As mulheres desculpam-se da surpresa com o facto de Tolentino da Cruz não as ter avisado da visita. Albasini aproveita para perguntar por ele. Ficam a saber que Tolentino da Cruz (que responde igualmente pelo nome de *Mutsevi*, o pescador), está ausente, chefiando a romaria, levando a imagem a passeio para que Nossa Senhora tenha contacto directo com o mar onde os maridos arriscam a vida todos os dias, e gaste uma das suas infinitas mercês em os manter vivos e com muito que pescar.

Portanto, só resta aos dois esperar. Fazem-no enquanto as mulheres ultimam os cozinhados da festa. O porco já foi desmembrado, a sua carne

jaz nas panelas do *vindalú* e do *balshão*, o fígado e os rins e as tripas borbulham no *sarapatel*; ao lado, há camarões e peixe ao molho de coco, coentros e piri-piri, chouriços de gengibre e açafrão, *chutneys* de beringela, cenoura e coentros, e muitas outras iguarias. Algumas crianças agitam raminhos para manter as moscas em respeito.

Chega-lhes uma lufada de ar fresco, sinal de que a maré está a mudar. Quase se esquecem do que os traz aqui, mergulhados na sombra e na brisa. Albasini abana-se com o chapéu que tem na mão, e conta do muito de profundo que o une a este lugar. Nesta comida que não tarda irão comer, em tudo aquilo que irão ver, e sobretudo por causa desse primeiro dia de festa, quando o tio José Aniceto, cheio de si, o arrancou ao expediente para lhe fazer ver que não era só aos brancos que ele impressionava, mas também às outras raças todas. E conclui:

‘Por isso, quando Glück aqui chegou falando em Gokhale e Ghandi, não pude senão simpatizar com ele.’

Eis que regressa a procissão. Os pescadores largam os barcos já quase sem flores, e vêm cruzando o areal com os seus fatos domingueiros, na mão os sapatos. Tolentino da Cruz deve ser o que vem na frente segurando a santa. Uma das cozinheiras fala.

‘É ele.’

Apesar de muito magro, tem um quê de autoridade.

Também Tolentino da Cruz, o *Mutsevi*, parece ter percebido quem são os estranhos. Coloca a imagem numa mesa, calça os sapatos, troca umas palavras com o padre que prepara a missa, vem dar uma vista de olhos ao trabalho das mulheres; e, finalmente, dirige-se para eles. Vem de cenho cerrado.

Albasini apresenta-se, fala de imediato em José Aniceto e, tal como as mulheres, também Tolentino da Cruz se abre num sorriso. O mundo é bem pequeno.

‘Quem diria!?’

Explica que sabia da vinda deles, embora pensasse ser só um.

Hans não consegue evitar:

‘Como sabe disso? Quem foi que nos chamou?’

Tolentino responde que foi um estrangeiro, ele que aguarde um pouco mais, que tenha paciência. Em breve irá conhecê-lo.

‘Leve-me até ele!’

‘Calma. Ainda não chegou a hora.’

A história do encontro é muito simples. Há uns dias, lamentavam os homens da comunidade o facto de não terem meios com que comprar o porco da festa (longe vão os tempos em que havia um senhor Aniceto para os ajudar!), chegou ali um estrangeiro anunciando que se dispunha a fornecer-lhes o bicho desde que eles o ajudassem a organizar este encontro.

Tolentino aceitou imediatamente, dado que só podia ser interferência da Nossa Senhora das Mercês. Dava-lhes uma mão para que eles a pudessem celebrar condignamente.

‘Ainda não chegou a hora. É preciso esperar.’

Compreendem a razão do homem ser tão meticoloso. É como se o encontro fosse uma ramificação da liturgia da festa. Enquanto ele fala, Hans nota-lhe um olhar que lhe parece familiar. Por isso pergunta:

‘Já esteve na Zambézia?’

Não, Tolentino da Cruz nunca esteve na Zambézia. Tem, no entanto, ou deve ter, primos que vivem nesse lugar. Mas há muito tempo que não tem notícia deles. Aliás, não sabe deles desde que se mudou para cá, há muitos anos. Segundo contavam na família, o seu bisavô veio de Salsete, na Índia, para caçar elefantes. Chamava-se Nicolau Pascoal da Cruz. Casou no mato, nessa tal Zambézia. Teve muitos filhos e netos, e um desses netos, que viria a ser o seu pai, afastou-se das actividades da família e foi estabelecer-se na Ilha de Moçambique para trabalhar nas contas do Estado. Mais tarde, também Tolentino começou a aprender esse ofício (ainda hoje escreve e faz contas com desenvoltura).

Quando a capital mudou da Ilha aqui para Lourenço Marques, o pai achou ser boa ideia que Tolentino viesse para cá. Era aqui que as oportunidades surgiriam, na Ilha as coisas só podiam piorar. Tolentino veio. Mas, apesar de todas as promessas, o seu destino veio a ser bem diferente. Foi-lhe difícil arranjar um emprego, por ser filho de um homem que, embora amanuense, não passava de um *faraze*, gente de casta inferior.

Restou-lhe a pesca e, com a ajuda do senhor Aniceto, tio do senhor Albasini, transferiu-se para a Catembe e ajudou a criar a comunidade que hoje aqui existe, com a supervisão geral de Deus e a ajuda particular de Nossa Senhora das Mercês. É tudo. Sim, tinha família na Zambézia, mas infelizmente nada sabe deles, nem sequer se ainda existem.

Confirma-se, portanto, a impressão de já ter visto aquele olhar. Hans afaga com as mãos o colarinho, voltando a sentir no pescoço a longa corda que Glück um dia lhe atou. Em volta, os cheiros da comida pronta andam soltos pelo ar.

Subitamente, Tolentino da Cruz crispa aquele mesmo olhar, que se torna mais parecido do que nunca com o outro. Tira as medidas ao sol e dispõe-se enfim a agir.

‘Dá-me licença?’

Estica a mão para o colete de Hans, puxa a pequena corrente de ouro, consulta o relógio, devolve-o ao bolso e segreda-lhe ao ouvido:

‘Vamos, chegou a hora!’

Hans despede-se de Albasini. No íntimo, amaldiçoa amargamente esta sua propensão. Houve um tempo em que se despediu de Lettow com a frieza impessoal dos militares; ainda hoje, quando o imagina, é em cima daquele cavalo, de costas, desaparecendo na curva do caminho sem sequer olhar para trás. Depois, foi a vez de Glück, acenando uma despedida trémula para o *dhow*, do cimo da casa de pedra. Vem-lhe à lembrança uma grande praça de Hamburgo que hoje não saberia localizar. Quem sabe não era pequena, quem sabe não eram os seus olhos que a faziam como hoje a lembra.

‘Depressa, não faça o estrangeiro esperar.’

Tolentino da Cruz tem um ar preocupado.

Aproximam-se da casa verde. Uma casa modesta, assente em estacas que revelam até onde pode subir a maré: escuras e húmidas até mais de meio, cheias de cicatrizes, sinais da amarração dos barcos, cracas fervilhantes. Penetram na sombra que existe em baixo da casa, agora que a maré está vazia. Hans procura umas escadas por onde se possa subir à varanda, mas não as encontra. Devem estar nas traseiras. Vira-se, para perguntar a

Tolentino da Cruz o que fazer, mas este já vai longe, sem sequer se despedir; regressa aos inúmeros afazeres que a festa lhe impõe.

Prepara-se para dar a volta quando uma voz, vinda de cima, o detém:

‘Espere! Fique aí mesmo!’

Imediatamente a reconhece. É uma voz metálica, gutural, eivada de inflexões agudas e angulosas, os erres soando como serrotes, os esses como lixas.

‘Fique aí mesmo!’

Hans pára e olha para cima, esmiuçando as frinchas das tábuas do chão da varanda. Nada consegue ver, a não ser uma sombra movediça que faz ranger a madeira velha, castigada pelo ar do mar.

‘Foi um erro ter vindo com o jornalista *kaffir*! Onde está ele?’

Hans mantém-se em silêncio. Percebe que a reprimenda não passa de um preâmbulo, que agora nada faria este homem recuar.

De facto, sem esperar pela resposta, Klopper começa a falar.

Estava seguro de que Hans viria, assim como está seguro de que, cedo ou tarde, o *Olho de Hertzog* acabará por aparecer. O próprio nome indica desde logo o seu destino, a sua finalidade. Klopper poderia enunciar as razões morais pelas quais teria forçosamente de ser assim desde o princípio: foi um dos seus que o encontrou, foi a si que a pedra veio ter (não acredita em acasos), foram defensores da causa que lhe determinaram o valor, na Cidade do Cabo. E, finalmente, foram todos juntos, na Irmandade, quem decidiu para o que o diamante serviria. São fortes e irrefutáveis as razões por que o *Olho de Hertzog* lhe pertence. É de moral que fala, e portanto Hans terá de perceber que o que está ali em jogo não são mesquinhas disputas.

Quando lhe falaram na existência de Henry Miller, um jornalista do *Rand Daily Mail* deambulando por Lourenço Marques, Klopper resolveu vir ver de perto. E quando o encontrou na varanda do hotel, um passado que julgava enterrado para sempre aflorou à superfície. Repentino, nítido nos seus contornos: uma tenda no Alto Molócuè, o maldito e arrogante Von LettowVorbeck recuando no momento da verdade (diz *von* com um efe que é um silvo de cobra, *Vorrrbéck* arranhando o erre como uma serra, abre a última vogal para que soe como um tiro de pistola); a seu lado, o mesquinho

e sinuoso Glück faltando à palavra dada, e por fim o grandioso sonho ruindo como um castelo de cartas. Mais atrás ainda, Glück outra vez, numa posição diversa mas mentindo sempre (a mentira estava-lhe entranhada na pele como uma segunda natureza).

E subitamente, numa irónica inflexão:

‘Que é feito de Glück?’

‘O coronel Sebastian Glück morreu.’

‘Antes assim.’

Antes assim, apesar de Klopper ter pena de não ter sido ele a matá-lo, com um tiro na nuca como se matam os traidores. De bom grado daria dois dedos da mão direita para o ter feito.

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome...

No descampado, a missa começou. As mulheres mais atrasadas limpam as mãos aos aventais e correm para lá. Refulgem os paramentos do padre sob o sol cru, o cheiro do incenso espalhado pelo turíbulo de prata mistura-se ao das iguarias prontas, dispostas sobre a mesa comprida, à sombra da enorme mafurreira. Albasini há-de estar lá, de chapéu na mão, dividindo a atenção entre o padre e Hans, imaginando o que lhe estará acontecendo.

Voltando ao que interessa, assim que viu Hans na varanda do hotel, Klopper compreendeu que esse passado não estava afinal tão enterrado. Que a traiçoeira árvore da cobardia, que Lettow regava lá no mato, lançava compridos ramos, alguns deles compridos o suficiente para chegar a esta cidade de Lourenço Marques.

Em baixo da casa verde, Hans desinteressa-se das elaboradas construções do sulafricano, do seu pretensioso exercício. É certo que ninguém mais do que ele se deixa embalar por uma boa história: cerra os olhos, reclina-se, une as mãos e entrelaça os dedos, pronto a ouvir. Mas falta aqui um encadeamento que nos transporte, uma finalidade que nos edifique, uma motivação ao menos que nos leve a perceber o ponto de vista de quem conta, as razões por que o faz. Nos estampidos que as palavras de Klopper provocam é quase tudo luz e som. A haver substância, seria apenas crueldade e vingança. Resolve intervir para o calar:

‘E Rapsides?’

É esta a pergunta que faz. É esta a pergunta que faz sempre, desde que aqui chegou. De certa maneira, uma pergunta que trai nele, ainda, a fidelidade a Glück. Foi por aqui que o coronel lhe disse que começasse, é aqui que regressa sempre que os outros caminhos não vão dar a parte alguma. E Rapsides?

Lá em cima, Klopper cala-se por um momento (Hans imagina que estará consultando o seu relógio). Rangem as tábuas, assinalando que mudou de posição. Sem dúvida que a pergunta o surpreendeu. Quando recomeça, fá-lo num tom mais baixo, como se reflectisse.

Rapsides era um rapaz fiel, é até uma pena não o ter tido ao seu serviço. No fundo, Rapsides é o resultado de uma tragédia que, embora rara, por vezes acontece: um bom conteúdo num invólucro inaceitável. Rapsides é mestiço, portanto marcado. Marcado em dois sentidos: na pele com que nasceu e por se ter envolvido nesta história do diamante. Durante muito tempo a Irmandade procurou-o, em certas alturas chegou praticamente a tê-lo na mão, mas por uma ou outra razão o rapaz foi conseguindo escapar. Apesar da corpulência de que a natureza o dotou, era escorregadio como uma cobra. Klopper soube da sua ligação a Foster e, depois, a Glück (é uma regra natural, os *kaffirs* não conseguem passar sem um patrão). Descobriu mais tarde – já Glück havia fugido – a ligação do rapaz a uma tal Natalie Korenico, amiga da filha do general De la Rey. Mas por essa altura já nem sequer lhe interessava tê-lo debaixo de olho, convencido que estava de ter sido Glück quem acabara por deitar a mão ao diamante. De qualquer maneira, aquilo era um negócio demasiado grande para o rapaz, não via que ele tivesse ambição que chegasse a tanto. É certo que, depois da viagem à Zambézia, com Glück novamente fora de cena, Rapsides voltou a ganhar um certo interesse. Mas no fundo nunca acreditaram que ele tivesse o diamante.

Tempos depois, eis que lhe chegam duas notícias de Lourenço Marques: que havia um jornalista do *Rand Daily Mail* a fazer perguntas curiosas e, também, que Rapsides emergira do buraco onde se havia metido, e era agora capataz ao serviço da WENELA. Quanto a este último, foi fácil tratar do caso assim que chegou. Contactou aquela companhia, onde tem muitos

amigos, e depressa correram com ele. Inventou, claro, uma pequena intriga, disse que Rapsides era amigo do jornalista *kaffir* d'O *Brado Africano*, um jornal onde regularmente se escreviam coisas desagradáveis acerca do recrutamento.

Rapsides foi portanto despedido, e tudo podia ter ficado por ali se o rapaz fosse sensato. Mas não era. Aliás, só mais tarde Klopper entendeu aquilo que o movia. Convencera-se de que ele se deixara prender à senhora Korenico por uma dessas lealdades muito comuns entre os serviçais, só depois se apercebeu de que essa relação era mais complexa: o rapaz sentia-se culpado de ter perdido o diamante, precisava daquele emprego para o procurar nos bolsos dos mineiros (tinha a convicção de que um dia o encontraria). Ou seja, o rapaz estava louco.

Evidentemente, nada disto interessaria a Klopper, agora mais certo do que nunca de que Rapsides não sabia onde estava o *Olho de Hertzog*. Mas, além de louco o rapaz era imprudente. Descobriu quem estava por detrás do seu despedimento, ou seja, quem o impedira de continuar a procurar o diamante onde pensava que o encontraria. Veio ter com Klopper, ameaçou-o, e portanto este ficou sem alternativas.

Hans ouve calado. Foram muitos os entalhes que a vida deixou na carne de Rapsides. Percebe enfim a última mensagem que escreveram no seu ventre, os dois orifícios, a dentada da cobra.

... Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do Vosso ventre...

Atrás da casa verde, a missa prossegue. Os mais impacientes vão rezando com a ideia posta na mesa que os aguarda. Albasini deve estar preocupado.

A outra notícia que chegou a Klopper, de Lourenço Marques, era mais inquietante. O jornalista do *Rand Daily Mail*. Sobretudo quando, como disse, o associou a Glück. Desde o infortunado encontro da Zambézia que Glück saíra de cena. Um infeliz acaso, um acidente de percurso que era preciso esquecer para não perder de vista o essencial. Pelo menos era o que Klopper pensava até àquele encontro, na varanda do Hotel Clube. O encontro em que Glück reapareceu na pele do jornalista, na figura daquele enigmático oficial alemão.

Hans sente um calafrio. Ao seu redor, multiplicam-se os sinais da subida da maré. Na humidade que vai voltando a impregnar o areal, na euforia que toma conta das pequenas criaturas: agitam-se as alforrecas, voltam a inchar as holotúrias, contorcem-se as estrelas-domar, os caranguejos encetam as suas diligentes correrias. É grande a expectativa deste pequeno mundo.

‘O meu amigo sabe, claro, como os *porrtuguesses* desta colónia odeiam os alemães.’

Novamente os erres de Klopper, como serras, os esses como chicotes. E Hans sente, rondando por cima de si, literalmente, uma sombra aziaga. Como sempre, apalpa-se por dentro na busca desesperada de uma pergunta que mude o curso das coisas.

‘E Florence?’

Lá em cima, Klopper emite um grunhido impaciente. Faz que não ouve. Agora que chegou ao âmago da questão, não é uma qualquer pergunta que o vai fazer dispersar-se.

Os portugueses são volúveis, amam e odeiam com grande facilidade. Ainda no outro dia o investigador da polícia dizia a Klopper, à varanda, o quanto os alemães haviam provocado baixas entre os seus compatriotas, e de como chegara a hora da vingança. Nessa altura, embora tivesse algo interessante a dizer a respeito, Klopper ouviu calado.

Hans olha em volta. Quase vê o homem do casaco de veludo azul encostado a uma das estacas que o cercam, lendo o jornal e cofiando uns bigodes que disfarçam o seu riso escarninho. Mas não. O que ali há é apenas o fervilhar das cracas, os movimentos da pequena vida no chão. E a maré, dissimulada, tentando lambe já as suas botas.

Subitamente, crispa-se a voz a Klopper. Os agudos tornam-se cortantes, o esforço de os soltar faz ranger as tábuas do soalho. Já perdeu muito tempo com explicações, sente que a missa pode terminar a qualquer momento.

É simples o que tem a propor. Não quer mais ouvir falar da multidão que se intromete nesta história, detesta Lourenço Marques, as acácias dificultam-lhe a respiração. Quer partir quanto antes de volta à União, e quer fazê-lo com este assunto resolvido. Como se tudo fosse um jogo que ele pudesse dar por terminado quando bem lhe aprouvesse.

Lamentavelmente, é quando o encontro chega ao momento crucial, aquele em que Klopper vai dizer o que pretende, que Hans se distrai (ainda os seus devaneios), voltando a prender-se no brilho que lhe pareceu ver no olhar de Tolentino da Cruz, o *Mutsevi*. Glück. Sente nos dois, apesar de todas as diferenças, o mesmo olhar.

Klopper prossegue lá em cima, incapaz de ler-lhe os pensamentos. Não está aqui para entender as razões do alemão, nem sequer para lhe propor qualquer pacto. Escreveu mensagens nos espelhos, certo de que, ao olhar a sua própria imagem, ele as entenderia; mostrou-lhe até aonde pode chegar quando a sua paciência se esgota. Tudo isso faz parte de uma linha de actuação abandonada. Agora quer apenas dizer-lhe que esta é a última oportunidade que lhe dá de dizer onde está o *Olho de Hertzog*. Ou, ao menos, de dizer o que vai fazer, e num prazo razoável, para o encontrar.

O devaneio, agora que se instalou, custa a partir. Entre Tolentino e Glück, o mesmo olhar. Que poderia ele fazer para encontrar o diamante, agora que Rapsides está ausente? Era por Rapsides que Glück lhe dizia que começasse. Talvez Tolentino da Cruz pudesse esclarecer qualquer coisa a respeito, já que tem tanto em comum com o coronel.

Atrás da casa verde, o rumor de vozes indica que a missa chegou ao fim. A pequena multidão deve estar a deslocar-se para a sombra da mafurreira, ouvem-se os músicos da pequena orquestra afinando a guitarra, o violino e o bandolim. Não tarda começarão a dançar-se os *mandós* e a cantar-se as *dulpodas*.

Pelos sons que vêm de cima, Klopper deve ter-se levantado. Também ele ouviu o *ite, missa est*, também ele ouviu os rumores da multidão esfomeada, o pigarrear dos instrumentos.

‘Que tem a dizer-me?’

É esta a última pergunta que planeou para o encontro. Disse o que tinha a dizer, falou até demais. Tantas palavras para desembocar numa única pergunta: que tem a dizer-me? Uma pergunta que só admite uma única resposta.

Hans pondera o mais rápido que é capaz. Desfilam, um a um, os personagens que foi encontrando nesta cidade, afinal tão diferente daquilo

que Glück descrevera. Cada um deles abrindo aos poucos a sua privada caixa de segredos, nenhum lhe dando uma clara solução.

Como poderia ele ter agora uma resposta clara para dar a Klopper?

‘Não faço ideia onde está o diamante.’

Responde-lhe, pois, com a verdade. Revela-lhe, também ele, o seu segredo.

Segue-se um curto silêncio. O tempo está esgotado. É isso que lhe diz o silêncio de Klopper. Mas, quando Hans se vira para deixar aquele lugar – as botas já molhadas pela subida da maré –, eis que cai lá de cima uma última frase, pesada como uma pedra.

‘Lamento por si. Lamento também pela sua amiga.’

Desde o princípio que Klopper tinha a impressão de que iria ser este o desfecho. De resto, desde o princípio que era demasiado tarde para um desfecho diferente.

Hans suspende o movimento, à escuta.

‘O que quer dizer com isso?’

E Klopper:

‘Já alguma vez observou como a chama fascina a borboleta?’

‘Como assim?’

A borboleta voa em círculos ao redor da chama, cada vez mais perto, incapaz de suportar tanta beleza. Voa em círculos, cada vez mais perto, e por fim mergulha na chama para a abraçar. Hans já observou ao que fica reduzida a borboleta depois de tocar a chama? A quase nada. Tanta pose, tanta elegância, e tudo se esfuma num instante! Para a borboleta é sempre demasiado tarde.

‘O que quer dizer com isso?’

‘Apenas isso, que para a borboleta é demasiado tarde...’

Hans mal ouve a resposta. Já saiu de baixo da casa verde, chapinhando no chão alagado pela maré. Ganha terra firme, dá a volta, atravessa a pequena multidão que abandona o terreiro em direcção à sombra, o padre já se desparamentou e alinha as crianças para o coro, as cozinheiras têm sorrisos orgulhosos. Na sua peanha de pedra, a santa vela.

Descobre Albasini mordiscando um *badgi puri*. Arrasta-o pelo braço.

‘Depressa, temos de regressar antes que seja tarde.’

Vencem a distância até à canoa, desta vez correndo, sem descalçar as botas. Zarpam de regresso à cidade, duas vezes mais distância e tempo apesar dos redobrados esforços do remador e da maré estar de feição, levando-os ao sabor da corrente. Passam perto dos navios fundeados, um deles é o *Beira*, nome pintado por cima de outro nome que não se consegue ler porque o fim do dia vai já avançado. Apesar do calor que fez, a noite traz sempre a promessa de uma brisa fresca; mais a mais se coincide com a mudança da maré. Em cima, um céu de fogo cobre a linha de costa e o casario da cidade, uma visão que a impaciência de Hans faz recuar. A encosta cor de sangue, o Clube Náutico, o imponente edifício do Capitania Buildings, tudo isso reluta em aproximar-se. A cidade foge-lhes na frente, parece que nunca vão chegar.

‘Depressa! Depressa!’

‘Sim, patrão.’

A anuência do canoeiro já não é mais que um gemido.

Chegam por fim à pedra fria, alta, do cais. Encostam. Sobem os degraus, escorregando por causa dos limos e da pressa. O céu está mais vermelho do que nunca, um último fulgor do dia antes de se deixar enfim vencer. Vermelho também do fogo que consome algumas pilhas de madeira, caixotes, cordame que faz as vezes de um gigantesco rastilho rumo a uma explosão final.

João Albasini nem quer acreditar:

‘É a greve! É a greve negra!’

Deita a mão ao bolso do casaco, mas já não tem o seu caderno. Terá de fixar tudo com os olhos.

Ao fundo, a tropa montada nos cavalos aguarda o momento certo de carregar. Já não há capatazes, a ordem necessária está muito para lá daquilo que eles conseguiriam impor. Já não há também operários e estivadores, transformados nesta mole que murmura e pulsa. As chamas brilham vermelhas, transformam-se em rolos de fumo negro que sobem alto para que a cidade, ao longe, veja.

‘É a greve negra!’

Os operários brancos não passam de um pequeno grupo encostado a um armazém, a condição da pele irrompe mais forte que os magros salários, que a pequena violência de todos os dias. É isto que Albasini segreda a Hans, já que não pode anotar, enquanto observam aquilo em que o cais do porto se tornou. Diz, ainda, que só o *Mavulanganga* seria hoje capaz de ir e voltar, atravessando a linha funda que entretanto se criou.

Mas Hans tem a cabeça em outro lugar. Numa preocupação que a visão das chamas avivou. Despede-se de Albasini e salta para o riquexó, pedindo a Obede que voe por essas ruas desertas.

Novamente o som dos rodados no empedrado da rua, o arfar da corrida no escuro da noite. Embora mal se vejam, os edifícios ainda hão-de ali estar, tal como os anúncios que não se conseguem ler.

Salta do riquexó, ainda este mal parou. Atravessa a varanda do hotel onde há hóspedes agitados pelo barulho dos primeiros disparos, lá para os lados do cais. Passa à ala dos quartos térreos e bate à porta do número 7 com violência. Procura uma borboleta encadeada pela chama. Vem disposto a arrombá-lo.

Natalie abre, surpreendida. Não, ninguém lhe fez mal, estava a dormir, nem sequer sabia que o cais do porto estava em chamas. Parece até um pouco desconfiada por Hans lhe vir bater assim à porta, àquela hora.

Por isso, já refeito da surpresa, e de certa forma para se justificar, Hans diz:

‘É inútil esconder-me as coisas. Sei de tudo.’

Natalie desperta agora por completo. Compreende – pelo olhar, pelo tom de voz de Hans – que ele não se satisfará com menos do que a verdade.

‘Pois bem, vou então contar-lhe aquilo que ainda falta contar.’

Não chegaram ao fim, da última vez, por terem sido interrompidos pela trágica notícia acerca de Rapsides. Jura que o que vai dizer agora é a mais pura verdade.

Florence não disse apenas ‘Sei quem és’, disse também que se podiam entender. E Natalie, até esse momento cheia de confiança – uma confiança suficiente para a levar a assistir ao seu próprio funeral – caiu em si. A princípio pensou que era o passado que vinha para a buscar, ou para lhe

vender o futuro por um preço alto. Pediu encarecidamente à desconhecida (porque era ainda uma desconhecida) que não falassem ali, era demasiado arriscado. Florence levou-a então para o apartamento. Conversaram, chantageou-a. Queria uma certa soma em troca do seu silêncio.

Hans sente uma onda de cansaço.

‘É inútil, ela não exigiu soma alguma. Sei do diamante.’

Natalie fica um momento em silêncio. Hans perscruta-a atentamente, mas não nota nela qualquer embaraço. Talvez porque esteja escuro, pensa.

Na varanda do hotel há alguma agitação. Espalhou-se já a notícia. E ouvem-se agora de quando em quando, nítidos, os disparos.

Natalie retoma em voz baixa.

Pois bem, há um diamante. Florence propôs-lhe esse negócio, o diamante por um futuro. Mas ela nessa altura ainda não se habituara à sua nova condição. A ideia de ter um futuro ainda a aterrorizava.

E Hans:

‘Como soube você do diamante?’

Sempre as perguntas erradas. O que devia ter perguntado era porque escondeu ela esse conhecimento. Hans deixou-se viciar pelo puro absinto que são aquelas narrativas. Procura pretextos para fechar os olhos e ouvir. Fecha-os.

Antes de ir para Inglaterra, Foster trabalhou nas minas como fotógrafo. Embora não fosse um especialista, sabia distinguir um diamante. Assim que viu aquela pedra bruta nos cofres da ourivesaria de Longmarket Street, suspeitou logo que estava ali algo de valor. Além disso, por que razão estaria ela misturada com as jóias, se não passasse de uma simples pedra? Nada disse aos outros sobre as suas suspeitas. Pegou na pedra e num punhado de jóias, e meteu tudo num saco de veludo. Foi esse saco que passou para as mãos de Rapsides, pedindo-lhe que o escondesse quando a polícia cercou a casa, na tarde daquele fatídico dia. Rapsides deixara a casa minutos antes de a polícia chegar.

O pobre rapaz vagueou pela cidade num estado de extrema ansiedade. As barreiras policiais eram inúmeras, o saco queimava-lhe nas mãos. Procurou Glück em casa deste, Natalie desconhece as circunstâncias em que Rapsides

chegou ao relacionamento com este homem. Mas, para ir ter com ele, das duas uma: ou estava muito desesperado ou depositava em Glück uma grande confiança. Na altura Natalie nada sabia disto, sabia apenas que só por intermédio de Rapsides podia chegar ao diamante.

Rapsides acabou por ser preso quando regressava da casa de Glück. Embora não conseguissem provar as suas ligações aos assaltos, havia o circo, o facto de ter sido ajudante de Maxim. Passou muito tempo na prisão. Foi torturado, mostrou-lhe mais tarde as marcas que lhe deixaram.

Mais sinais no corpo de Rapsides, pensa Hans. É como se todos os protagonistas desta história tivessem decidido escrever-lhe no corpo as respectivas versões.

Mas Rapsides resistia bem à dor. Nada disse, é até provável que tenha decidido dar de si a imagem de uma grande ingenuidade (apesar de homem simples, revelava por vezes uma surpreendente sofisticação). Acabaram por soltá-lo. Talvez o tenham feito para poderem seguir-lhe os passos à distância, ou então convenceram-se mesmo de que não passara de um joguete nas mãos dos outros.

Uma vez solto, Rapsides não teve dificuldades em descobrir Peggy. Bastou rondar a casa dos pais dela, em Germistown, para deparar com Natalie, que visitava ali a filha com certa regularidade. Ela andava e não andava escondida, jogava com o facto de o caso estar encerrado. Por outro lado, também ela esperava por Rapsides, o único que a podia levar até ao diamante.

Sim, não há agora por que negá-lo: Natalie achava-se com direito ao diamante. Afinal, era como se Bill Foster tivesse dado a vida por ele. E de certeza que era esse o destino que, se pudesse escolher, ele daria à pedra. Além disso, com o diamante na mão ficar-lhe-ia mais facilitada a travessia em direcção à nova vida.

Assim que Rapsides lhe surgiu na frente, perto do portão de casa, e observando como o seu olhar quase sempre duro se amolecia, Natalie concluiu que residia nele a mesma e velha lealdade. Explicou-lhe a situação, pediu-lhe explicações. Rapsides contou-lhe tudo o que acontecera.

No dia seguinte foram os dois a casa de Glück. Descobriram, não sem surpresa, que ele havia fugido e que lá vivia uma jovem mulher.

Interrogaram-na, chegaram a dirigir-lhe ameaças veladas que ela nem sequer parecia compreender. Não conhecia Glück, chegara a Joanesburgo indicada por uma amiga comum; sem ele presente, não sabia o que fazer. Aliás, mal entendia a língua, pelo que os diálogos que mantiveram com ela foram sempre caracterizados por ambiguidades e imprecisões.

No fundo, como não acreditar naquela cândida rapariga? Além disso, se Glück fugira era mais que provável tê-lo feito com o diamante no bolso. Natalie decidiu pois levá-la para o apartamento de Florence, apesar dos riscos que essa decisão comportava (já conhecia o carácter de Florence, era de esperar se grandes complicações). A ser inocente como parecia a rapariga corria, na casa de Glück, o grande risco de ser visitada por gente muito menos compreensiva do que eles. Se, pelo contrário, soubesse mais do que dizia, ficavam com ela debaixo de olho, cedo ou tarde se trairia.

Mas nem sempre o destino dispõe as coisas como se prevê. Com o correr dos dias, Natalie apercebeu-se de que, num curtíssimo espaço de tempo, pela segunda vez o destino a ligava a outra mulher. Natalie pensa ter já dito, da primeira vez que conversaram, da alegria que foi descobrir como ambas haviam tido passados que procuravam deixar para trás. Ambas se esforçavam por alisar as respectivas folhas brancas, por limpá-las de todas as impurezas. Imediatamente se apossou dela um sentimento verdadeiro em relação àquela rapariga, uma necessidade profunda de a proteger. Tornaram-se íntimas, partilharam alegrias e arte (Natalie fotografava, a rapariga começou a pintar). Wally perdeu aquele ar de gazela assustada, ganhou outra cor, ganhou até algum peso visto que comia melhor.

Este inebriamento de Natalie com a descoberta de coisas novas não a afastou contudo da procura do diamante. Mesmo que quisesse fazê-lo, lá estava Rapsides, para quem tudo resultara de um erro seu. E lá estava, também, Florence.

Florence foi sempre uma mulher muito alegre, geralmente viva e brincalhona. Daquelas mulheres cercadas de um halo brilhante que as faz sobressair no meio da multidão.

Natalie interrompe-se:

‘Que estou eu para aqui a dizer?! Você sabe-o melhor que ninguém...’

Pela segunda vez, Hans sente-se percorrido por um certo embaraço. Como se a sua ligação à bela Florence tivesse deixado de ser motivo de orgulho. Abre os olhos e endireita-se ligeiramente na cadeira de vime.

‘Continue.’

O que Hans talvez não conheça tão bem quanto ela são as suas fúrias desmedidas. Florence passava de um extremo ao outro sem transição, muitas vezes pelos motivos mais fúteis: um pincel esquecido em cima de uma mesa, o chá já frio (tomava o seu *roiboos* a ferver), uma porta aberta deixando que a chuva salpicasse o tapete. No fundo, eram mais pretextos que motivos, e a incógnita aqui era o que provocava nela a necessidade desses pretextos. Não em geral, claro (Natalie não é ingénuo, sabia que a presença de Wally no apartamento provocava em Florence ciúmes intensos), mas em cada situação particular. Pretextos que surgiam quando menos se esperava, que irrompiam do nada para provocar verdadeiras explosões. A uma gargalhada interrompida sucedia-se o voar de um cálice de vinho contra a parede, assim mesmo, enquanto as outras ainda riam. E, ainda elas empalideciam, já Florence se encerrava no quarto para passar a tarde no mais absoluto dos recolhimentos. Só saía de lá à custa de muitas atenções, descidas à florista ou à mercearia da esquina a buscar um *paté* que ela muito apreciava; e sobretudo, o mais completo silêncio dentro de casa.

Embora, como disse, lhes desconhecesse as razões, Natalie aprendeu em pouco tempo a detectar a iminência dessas súbitas mudanças de humor. Reparou que a presença de Wally, que a princípio apenas a perturbava e confundia, começou a enfurecê-la; e que, mais cedo do que tarde, a situação se tornaria insustentável. Hans que entenda bem: já nada do que ali se passava tinha a ver com o diamante. As razões eram mais fundas, ligadas ao difícil carácter de Florence, àquilo que ela tinha de mais íntimo. Simplesmente, não admitia ser contrariada ou desprezada.

Um dia, num dos seus acessos, chamou-lhe Peggy pela primeira vez. Mas, pior do que isso, verificou que o facto não surpreendeu Wally. Ou seja, Wally já sabia do passado de Natalie, e sabia-o pela própria Natalie.

Pela sombra que perpassou no seu olhar, Natalie soube que Florence estava à beira do desvario. Não mais uma das habituais explosões, mas a explosão, se é que Hans entende. A última, a definitiva explosão.

Foi nessa altura que, pela primeira vez, Natalie se assustou de verdade. Não propriamente por causa da sua segurança (trazia Rapsides colado a si como uma sombra), nem sequer, apesar da menção a Peggy, que ela fizesse regressar um passado nessa altura já longínquo. Mas receio por Wally.

Surpreendentemente, porém, Florence tranquilizou-se. Pediu um chá (que as outras se apressaram a ir buscar), e ficou a folhear umas revistas. Passado um pouco conversava alegremente, como se nada tivesse acontecido. De tal forma que Natalie se convenceu de que podia sair para o trabalho no jornal sem que a sua ausência abrisse espaço a mais complicações.

‘Foi nesse dia que, ao regressar, deparei com o apartamento revirado, e que aconteceu o episódio da faca.’

Seguiu-se a partida de Wally para Lourenço Marques, com Rapsides. Na verdade, confessa-o Natalie agora, a ideia foi sua, não de Rapsides. Desde os tempos de Foster que pairava aquela ideia da partida para Lourenço Marques. Da velha vida, era praticamente a única coisa que sobrava. Foster já pouco lhe dizia, transformado em osso, e depois em pó. Apenas essa viagem que juntos haviam imaginado. E, claro, o diamante.

Rapsides de pronto aceitou levar a rapariga. Também para ele esta cidade tinha, como sabemos, um especial significado.

A Florence, claro, foi obrigada a mentir. Disse-lhe que Wally tinha regressado a França, que saíra portanto da equação. E por um momento as coisas pareceram voltar ao que eram, apesar de não ter sobrado qualquer pista que conduzisse ao diamante.

Natalie chegou ao fim. Despejou a arca dos segredos, o seu tom é o de quem vira essa arca ao contrário para que Hans possa ver que nada restou dentro dela. A arca está limpa, jura que é verdade. E todavia, Hans não consegue libertar-se da sensação de que fica sempre algo por dizer.

* * *

Despede-se e embrenha-se vagarosamente pelas ruas da cidade. Vai pensativo, e as ruas estão desertas. Meteram-se todos nos buracos que lhes pertencem, ricos e pobres. Brancos e negros. Ainda se ouvem dispersos disparos vindos dos lados do cais do porto, um tropel de cavalos passando a galope por ruas vizinhas, uma ou outra frase alterada varando o ar. Todavia, o céu já se libertou das violentas cores que o tingiam, agora é escuro como um pano de veludo negro. Por cima dele cintilam as estrelas como pequenos brilhantes. No meio destas brilha a lua cheia, como um *Olho de Hertzog*.

O dia foi longo, sente descer sobre os ombros um cansaço mortal. Dentro das botas, as meias estão ainda húmidas do mar da Catembe. E a Catembe convoca dentro de si a imagem de Tolentino da Cruz, o homem que partilha com uma longínqua linhagem não só um determinado brilho no olhar mas também o hábito de ostentar um cognome. Tolentino da Cruz, o *Mutsevi*. E, claro, com esta lembrança chega também Klopper. Não sabe que contas fazer do dia que passou, sente se demasiado cansado para fazer quaisquer contas. Precisa de dormir. Dobra a esquina do Avenida Buildings e apressa o passo em direcção ao Hotel Clube.

Chega, sobe as escadas, atravessa o corredor e entra no quarto sem sequer abrir a luz. Espreita pela janela. Lá fora, dissimulado, o mundo continua a mover-se. E as suas sombras, trazidas pela lua, atravessam as cortinas de tule e movimentam se furtivamente pelas paredes. Aranhas silenciosas, enormes. Árvores do projecto de jardim, nuvens, novíssimos postes de electricidade, anúncios negros, tudo aranhas gigantescas voando pelo quarto, movimentando-se furtivamente pelas paredes. Cai pesadamente sobre a cama e fica um longo tempo olhando o tecto. Talvez sejam essas aranhas que não o deixem dormir, talvez precise de ouvir ainda uma nova história antes que consiga fazê-lo.

Volta ao corredor. Ao fundo, um risco de luz trémula desenha-se por baixo da porta do quarto de Florence. Está ainda acordada. Toca na porta e sente-a apenas encostada. Espreita.

* * *

Depois de Rapsides, coube a vez a Florence Greeff. Parece perdida na larga cama do quarto número 17 do Hotel Clube. Serena ilha lambida por ondas de cetim branco-pérola. Nunca viu um mar assim. A cabeça não consegue localizar-se com precisão, submersa numa revoada loira. Na alvura daquele mar, apenas um risco fino, da cor do conhecido *bâton* (afinal, havia ainda um resto de *bâton* para esta última mensagem). Risco diligente e ondulante, que chegaria à borda da cama não fosse o sangue entretanto ter secado. Uma minúscula cascata que secou. Escondido no milheiral está um sorriso fixo, não já eivado daquele sarcasmo que transportava enquanto vivo, um sorriso finalmente aquietado. Mais abaixo, espreitando por entre as vagas, há também um pé. As unhas desse pequeno barco são da cor do fio, enegrecem como ele a cada minuto que passa. E ainda, salpicando tudo, um bando de ganchos de cabelo, pequenas libélulas libertas da sua função. Espalhadas ao acaso como os insectos se espalham debaixo dos candeeiros municipais, depois da chuva.

É tudo o que Hans consegue ver através da frincha da porta, reflectido no espelho do toucador. Isso e uma sombra de veludo azul rodando a cama dentro do espelho; e uns fragmentos de ordens autoritárias que essa sombra vai dando aos outros polícias. Ainda bem que – atarefados que estão a tirar as suas notas, a medir distâncias, a verificar indícios e a imaginar o móbil – não sentiram o ligeiro entreabrir da porta, nem tão-pouco que ela voltou a encostar-se.

Encosta-se ele próprio ao corredor durante um tempo. Precisa de pensar. De um lado e do outro, as paredes são um mar cor de vinho salpicado de pequenas flores-de-lis. Pequenas e brancas flores-de-lis alinhadíssimas pelo corredor fora, formando um padrão inquietante que se prolonga até ao infinito. Nenhuma delas fora do lugar.

Depois de Namacurra, Lettow olhou para sul – esse desconhecido território ponteados de infindáveis árvores, todas elas à sua maneira iguais – e decidiu que não podia prosseguir. Faltavam-lhe as forças, faltava-lhe um sentido que lhe permitisse voltar a convocá-las. Só lhe restava, portanto, regressar.

É aqui que o destino dos dois se separa. Hans toma fôlego, como se fosse mergulhar, e começa a descer as escadas devagar. Ciente de que não mais poderá regressar.

Deambulou pelo centro da cidade, inundado da intensa euforia que é podermos ver sem sermos vistos.

Na Travessa António Furtado, deteve-se a observar o trabalho dos calceteiros que compunham com minúcia os seus enigmáticos desenhos: flores-de-lis, parras, sóis e luas (pedra negra, pedra branca, pedra negra, pedra branca...). Seguiu ao longo da Travessa da Catembe, onde quase o cegavam as faíscas de soldadores debruçados sobre uma grade de ferro forjado. Lanças aguçadas, laços rígidos, inusitadas frutas, minúsculas esferas com a forma do mundo, flores-de-lis ainda uma vez – pacientemente repetiam os mesmos elementos, na mesma ordem, até ao infinito. Como se não lhes tivesse sido imposto um tempo de acabar.

Às janelas do primeiro andar os amanuenses davam-se uma pausa, penteando as ruas com o olhar. Mas logo alguém os chamava para dentro, havia que concluir as somas ou copiar guias de remessa para grandes livros de registo. Cá em baixo, à porta dos estabelecimentos, caixeiros entretendo a espera, indecisos entre as unhas das mãos e o movimento dos passeios; paquetes apressados atravessando as avenidas com embrulhos e recados; condutores de riquexó alagados em suor; pedintes transportando sacos de serapilheira cheios de objectos inúteis; camiões ronceiros tentando levar os legumes ao mercado; senhoritas rodopiando os guarda-sóis, seguidas de perto por tias vestidas de negro; grupos de bacharéis a caminho dos cafés; marinheiros ruidosos de chapéu à banda; polícias aos pares, afagando os cassetetes. E, novamente, mais pobres catando coisas inúteis para acabar de encher os sacos.

Sentou-se em esplanadas, comprou jornais aos ardinhas, forçando-se por interessar-se pelo estado do mundo. Leu o novo editorial de Albasini. *Da mulher indígena então, Jesus! Nem falar. Essa está esquecida. O Estado não quer saber dela. E por isso de temer é que ela hoje tão desprotegida e*

tão abandonada como nos tempos primitivos – com a diferença aliás muito sensível de que vive num mundo de apertos e de dificuldades para obviar às quais o Governo Português só lhe aponta a porta imunda da cantina e lhe deixa a faculdade de se prostituir, pois não a educou para poder pelo trabalho honesto prover às suas necessidades – se insurja e comece a administrar o ódio aos dominadores no leite que der aos filhos. Assinado: João das Regras. Ou seja, o Albasini de sapatos engraxados, o Albasini do irrepreensível casaco, o observador das leis da sintaxe. Passada a greve, diluídos os murmúrios alterados e o som dos cascos dos cavalos no cais do porto, regressa para enunciar uma profecia ou manifestar um temor? Mais tarde ou mais cedo haverá outra greve ainda maior.

Voltou, claro, ao baldio, na esperança de encontrar uma árvore carregada de frutos. Mas o portão estava fechado, encoberto por um tapume que anunciava, a letras gordas, a futura sede de um banco da União. Sinal evidente de que o campo perdia terreno no confronto com a cidade. Que é um baldio senão o cadáver do campo dentro da cidade? Que sentido têm aqui as árvores e os capins, a não ser o de mostrar como as coisas foram um dia? Aos poucos, as formigas urbanas de pedreiros, carpinteiros, calceteiros, vidreiros, soldados, chegarão para, sob a batuta atenta dos capatazes, acabar de destruir todos os vestígios.

Lembrou-se daquela tarde composta como um cenário para que, no meio dela, Wally pudesse sentar-se a desenhar. A seu lado, um saco com pequenas pedras de carvão. Uma delas brilhava mais do que as outras, tocada por um último raio de Sol. Se encontrasse agora a rapariga, recuaria um pouco no tempo, pedir-lhe-ia ainda uma última história, a mais complexa de todas; não as costumeiras histórias em que se vão retirando véus até ficar desnudado por completo o acontecido, mas uma história nova, toda ela virada para diante.

Sente, no entanto, que lhe faltaria o tempo de ouvir essa história. Além disso, conclui que não são as histórias que se abrem para si assim que entrelaça os dedos e fecha os olhos para as ouvir. Pelo contrário, é ele que, com esses gestos, as convoca. Sempre que agiu, errou. A única forma de

evitar o erro é pois deixar absolutamente de agir. Deixar de ouvir histórias. Por isso resolve deixar todos os gestos em suspenso.

Todavia, olha o anúncio do tapume e já só consegue ler: *Alvissaras a quem fornecer indicações inequívocas que conduzam ao jornalista Henry Miller.*

Antes de suspender todos os gestos há pois que tomar uma ou duas medidas. Desde logo, evitar Wally ou Albasini, evitar quem quer que seja. Tudo aquilo em que toca fica para todo o sempre amaldiçoado. O tenente Mahrenholz é um Midas negro! E ali mesmo, à frente do tapume, sente a necessidade urgente de desaparecer.

Põe-se a caminho, mudando frequentemente de passeio. Passa ao largo do número 101 e do Central Hotel, em ambos os casos baixando a aba do chapéu para não correr o risco de ser visto. Vira à direita. *Teatro Varietá, Pela última vez e a pedido, a célebre fita em 8 partes, «O Olho do Submarino», Grandiosa matiné, a engraçada fita em 3 partes «M.elle Diabinho», À noite, despedida da revista «Ilucidai a Vossa Filha», E brevemente a grandiosa fita de enorme sucesso em Lisboa, «As Aventuras de Paulina».*

Pára. Pareceu-lhe ver o homem do casaco de veludo azul à entrada do cinema. Pareceu-lhe vê-lo também encostado a um poste da esquina da 18 de Maio, pedindo lume a alguém para acender o seu cigarro; e ainda, atrás de uma árvore ou sentado na esplanada de um quiosque, fingindo ler o jornal. O homem do casaco de veludo azul inunda a cidade.

Regressa à Rua Araújo, abranda à frente de uma porta, quase tentado a entrar. *Andrade, Meneses & Filhos, Casacas, smokings e abas de grilo, Gravatas e papillons de aluguer para festas e eventos sociais.* Mas, que faria ele assim vestido ao calor que faz cá fora? Olha por cima do ombro, é imperioso que o ubíquo homem não o veja.

O prédio seguinte é novamente o Carlton Hotel, o antigo esconderijo de Glück. Ao lado da entrada, duas portas de vidro fosco em batente, em que Hans nunca havia reparado. Talvez seja este o lugar que lhe convém. *J. Silva Cordeiro, Barbeiro e artigos de toilette, elixires dentífricos e loções*

capilares das melhores marcas, estolas em pele e mobílias de madeira, Rua Araújo 165-167. Empurra-as e entra.

Senta-se numa cadeira cromada, estofada a couro verde, pede um corte radical de cabelo, e que lhe raspem por completo a barba.

O barbeiro indaga um ou dois pormenores, o ângulo da patilha, como vai ficar o bigode, e começa a fabricar a espuma no pequeno pote de pedra.

Hans olha a mesa que tem na frente, cheia de objectos: tesouras e navalhas, uma taça de pó de talco, pedra-ume, boiões e potes de cremes, frascos de perfume. No meio deles, o *Almanach de Charadas de 1919*, que folheia. Jogos, adivinhas, palavras cruzadas, previsões do tempo, misteriosos desenhos a que não consegue chegar sem um esforço e uma astúcia que sente naquele momento estar longe de conseguir despender e possuir. Larga-o, desanimado. Pega no jornal que está ao lado, em frente ao espelho. Uma notícia dá conta das circunstâncias em que ocorreu a rendição de Lettow, a 23 de Novembro de 1918, em Abercorn. Envergava o uniforme de gala. Acompanhavam-no o governador Von Schnee, cento e vinte e cinco europeus, mil cento e cinquenta e seis *askaris* e mil, quinhentos e noventa e oito carregadores. A 5 de Dezembro os oficiais alemães eram transferidos para Kigoma, onde foram tratados pelos belgas com muita *camaraderie*, e a 8 chegavam a Dar-es Salaam. Nesse dia reuniu-se a eles o general Wahle, que havia ficado para trás uns meses antes, muito doente. A 12 de Janeiro de 1919 embarcavam para a Europa. A notícia era omissa quanto ao navio que os transportara.

Na página seguinte, nova nota de protesto do incansável Albasini. *Cemitério Novo – Já foi aberto ao público este novo campo de Sport... Já nele se enterram os proletários – os pretos vagos sem nome. A forma de condução dos cadáveres é que é na verdade vergonhosa: um carrão de limpeza da cidade a escorrer lixos viscosos é aproveitado para o fim. Dentro vai o cadáver morto do defunto falecido e sentados, também, dentro do carro, com as cabeças de fora 4 a 6 pretos de tanga e adiante duas bestas puxando. Quem vê presume que é apenas lixo; só às vezes pela pitada se desconfia de que vai no carro do lixo contrabando... Engenhoso*

processo não há dúvida... E dizem que anda peste no ar. Qualo... Deus vela por nós porque se não fora isso nem a alma se nos aproveitava!

Pouco mais tem o jornal que se aproveite. Talvez um anúncio discreto, ao fundo de uma página anterior, anunciando que partiu para a Europa o *Navio Beira-Herzog, Comandante Van Zyl, com escalas na Beira, Porto Amélia, Zanzibar, Moqtishu, Suez, Alexandria, Atenas-Pireu, Rimini e Trieste, Camarotes com o maior asseio e conforto, Garantidas histórias narradas na amurada, sob o luar*. Não há melhor que as viagens para o devaneio: Wally levando a urna de Glück; Glück levando Wally para a devolver à amiga, sã e salva. Natalie. Tudo possibilidades. Só Florence – perdida nas ondas de cetim, o sorriso enterrado num mar de trigo – deixou de caber dentro delas. A um canto, a discreta notícia da partida do conhecido jornalista João Albasini para Portugal, a fim de tratar uma doença.

Dobra o jornal e volta a colocá-lo em cima da mesa. O barbeiro já lhe protegeu os ombros com um pano branco, ouvem-se os estalidos da tesoura que ele acciona no ar. Ensaia o gesto para que o corte venha a ser sem falhas.

Olha o espelho que tem na frente. Repara que reflecte um prédio que não se lembra de ter visto antes. A frontaria é toda ela rebuscada: colunas coríntias com a pele cheia de escamas, encimadas por tritões com grandes barbas e garfos levantados ao céu, cobras enroscadas, lagartos escondidos na folhagem de pedra. Ladeando as portas de vitral de muitas cores, entediados leões com as fauces escancaradas. Mais um bocejo que outra coisa qualquer.

Entra. Atravessa um vestíbulo escuro e sobe uns íngremes degraus que vão dar ao patamar do primeiro andar. A toda a volta, mais portas emolduradas por caprichosos florões de estuque. Pisca os olhos, para os esvaziar da luz intensa que trazem lá de fora. As portas estão todas fechadas. Uma delas anuncia *Mrs. Murdock, Aulas de inglês, Piano e costura, Prefere-se principiantes*, e ouve-se o som hesitante de uma escala de piano, constantemente interrompida por três pancadas secas e sempre recomeçada. Ao lado, *Otto Mangold, Professor de línguas, Ensina alemão, francês, espanhol, inglês, italiano, português, Preços módicos, também faz*

*traduções e ensina escrituração, Compra vende e troca selos para coleções, e é uma porta silenciosa, com o aspecto de estar encerrada há muito tempo. De uma terceira porta saem dois vultos apressados, e nela está escrito apenas *Madame Blanch parteira, Asseio e segurança*. Tenta interpelar os vultos, mas estes baixam a cabeça e estugam o passo.*

Bate à quarta porta, aquela que lhe parece a mais adequada. P.A. Collot, Ópticos, Vossa excelência tem a certeza, mas a certeza absoluta de que a sua vista está perfeita? Mas repare: não se segue que a sua vista está perfeita pelo facto de V. Excia ver distintamente. Às vezes vê-se distintamente fazendo esforço com os músculos finos dos olhos! Doem-lhe os olhos? Dói-lhe a cabeça? Turva-se-lhe a vista? Eis alguns dos sintomas. Não os despreze, venha imediatamente a esta casa.

‘Entre.’

Obedece. Do outro lado está um homenzinho baixo, completamente calvo, envergando uma bata branca. Na sua frente tem uma pequena placa de metal onde está escrito *Doutor P. A. Collot. Especialista*.

O homenzinho faz-lhe sinal que se sente numa estranha cadeira cujos braços se alongam, articulados, e terminam em lentes, agulhas e pequenas lanternas. Na parede há vários cartazes com enigmáticas frases e símbolos que Hans terá de interpretar.

Apontando para eles, o homenzinho atira-lhe de chofre:

‘Que lê ali?’

Hans hesita. Parecia-lhe uma acácia mas é uma pirâmide; uma corda enrolada é afinal uma cobra; o areal de uma praia imita os lençóis de cetim onde Florence Greeff dormia o sono derradeiro. E as letras, as letras estão agrupadas de modo a formar desconhecidas palavras que lhe compete interpretar. Por momentos ocorre-lhe convocar o professor Mangold para que o ajude na tarefa, mas lembra-se de que a porta estava fechada, com ar de não ser aberta há muitos anos. Talvez ele tenha morrido, talvez tenha mudado de actividade.

O doutor Collot parece impaciente. Não tem o dia todo, não tarda estão a chegar novos doentes.

‘Então?’

Hans faz um esforço para se concentrar nas palavras, mas teme que elas lhe tragam sons que quer esquecer: o bater das chapas do telhado no alpendre de Mrs. Greene, a folhagem na floresta, as ondas do mar de Angoche; ou, mesmo, as serras e os disparos de Klopper. E ainda, claro, Satie. Mas não. O que ali vê são palavras incompreensíveis, palavras cuja enunciação provoca sons também eles incompreensíveis.

Por momentos apieda-se daquele homenzinho, cujo destino é receber pessoas que o ajudem na interpretação dos enigmas que lhe enchem as paredes. Levanta-se, lamenta não poder ser-lhe útil, alega uma desculpa qualquer e deixa precipitadamente o consultório.

Começa a descer as escadas quando repara numa última porta, mais austera, sem os arabescos que ornamentam as restantes. Uma porta incongruente num prédio como aquele, e todavia de algum modo cheirando a futuro. Nela há um letreiro que diz: *A. O. Salazar, Contabilista, Espírito de missão, Soma-se e diminui-se com grande segurança, Nesta casa encontram as famílias e empresas as respostas para os seus problemas, Projecto de futuro alicerçado em sólidos valores. Ordem e Progresso.*

Entra. A sala está praticamente vazia, exceptuando uma pequena secretária de mogno escuro e, a um canto, uma estante na mesma madeira, onde se alinham duas ou três pastas de arquivo. Em cima da secretária, um lápis afiadíssimo e um ábaco. O contabilista está quase de costas. Escondido atrás do reposteiro, espreita a rua. Observa sem ser visto. Hans repara que ele ainda é jovem. Tem um nariz aquilino, narinas finíssimas. Uma propensão para cheirar, portanto.

Sem se virar, o contabilista pergunta-lhe mansamente, com uma voz efeminada:

‘O senhor usa chapéu?’

Hans recua silenciosamente, sem lhe responder. Fecha a porta devagar e precipita-se para as escadas, ansioso por ganhar a rua.

‘Estão bem assim as patilhas?’

O barbeiro afia a navalha numa tira de cabedal. Prepara a escanhoadela final.

Sempre que agiu, errou. Agora, além de desistir de agir, procura concentrar-se a fim de abdicar da própria intenção; para que até esta se suspenda. Fá-lo de tal forma que consegue captar uma brisa ligeira que mal faz mover a cortina de tule da barbearia. Tão ligeira que nem sequer o barbeiro a nota. Em Durban, embebedou-se e perdeu a carta nalgum bar. Em Angoche, Sebastian Glück expirou com as palavras da proposta ainda presas na garganta, no terraço de uma certa casa de pedra. Nada aprendeu do *kommandant*, simplesmente porque se deixou ficar à entrada do hangar a ver o balão subir e a perder-se entre as nuvens. Nem sequer se lembra mais de uma certa praça de Hamburgo, fustigada por uma chuva inclemente.

Está pronto. Oxalá consiga agora despedirse da cidade.

Agradecimentos

Agradecimentos são devidos a quem me ajudou nesta viagem. Stiletto_33853 e Mike Benninghof orientaram o voo do *Afrika Luftschiff*, embora lhes tivesse escapado o troço secreto a sul de Khartoum. O general Von LettowVorbeck, ele próprio, com o seu diário *As Minhas Memórias da África Oriental*, forneceu o pano de fundo da campanha militar alemã no Norte de Moçambique, para a qual contribuíram, entre muitos outros, Azambuja Martins, Cardoso Mirão, Jan-Bart Gewald, René Pélissier e Proença Garcia. As famílias do vale do Zambeze devem-se a Allen Isaacman e Malyn Newitt, e o Graham Greene do *Journey without maps* apresentou-me uma solitária e excêntrica viúva que em tempos cultivara chá. Além de Deneys Reitz, Herman Guiliomee, Jane Falloon, Lucille Davie e Henry Junod, foram muitos os autores que me deram a conhecer os diamantes, generais e vilões da Joanesburgo das primeiras décadas do século XX – e sobretudo os terríveis acontecimentos da noite de 16 de Setembro de 1914 – tantos que não consigo nomear (a maioria escondia-se debaixo das saias de uma jovem avantajada chamada *Internet*). Alguns deles revelaram-me a fantástica saga de Foster e do seu grupo, embora a todos tivesse escapado o milagre que aconteceu com Peggy. O mesmo se aplica aos artistas austríacos e franceses que cruzam esta história. Sobrevoei a rebelde Somália pela mão de Abdissalam Issa-Salwe e Michael Hoffman II, embora à atenção destes tenha escapado o dissimulado Glück. João Albasini, com *O Livro da Dor*, confessou-me os seus dramas mais íntimos; sempre generoso, introduziu-me à Lourenço Marques do seu tempo com as suas crónicas e editoriais em *O Africano* e *O Brado Africano*. Percorri as ruas e conheci as figuras dessa cidade com a ajuda, entre muitos outros, de Ilídio Rocha, Jeanne Penvenne, José Moreira, Manuel Lemos, Alexandre Lobato, José dos Santos Rufino e Valdemiro Zamparoni. Finalmente, Maria

Branquinho e Luís Filipe Thomaz eram passageiros da canoa que atravessou a baía para visitar os goeses da Catembe.

[1]Aconteceu durante o horror do Catorze de Julho / Fazia calor, muito calor na Praça Pigalle / Silencioso, um grande balão ambulava gravemente / Pela rota celes te, única e nacional. / Havia sede, muita sede, e o pequeno repuxo / Escravo do destino, subia de baixo para cima.

[2]Deviam ser umas nove horas e trinta e cinco / A noite doce caíra com graça / E o pequeno repuxo chorava sobre o lago / Quando vi passar no meio da praça / Um ônibus automóvel, vejam só, / Com grandes olhos verde-rubros de mocho. / O óni bus ia vazio e o letreiro 'Esgotado' / Destacava-se sobre um fundo azul nas suas sete letras brilhantes.

[3]Segui a galope o monstro que passava / Esmagando, com ares de hipopótamo, / Mulheres, crianças, cães e cabos de esquadra / Deputados e muitos outros animais. / Parou enfim na Praça da Ópera / E vi que ia carregado de sacos de gesso. / Estes sacos, disse-me o condutor, estes sacos estão aqui / Fazendo as vezes de passageiros rabugentos; / Há mais de vinte meses que fazemos experiências / E estes sacos para nós representam gente com um peso equivalente.

[4]Mas porquê, pergunto eu ao bom motorista / Que acabava de esmagar esses anónimos peões, / Porquê sacos em vez da nossa querida populaça? / Porque, responde-me ele convictamente, / Porque, veja bem, é preciso evitar acidentes / Que envolvam passageiros.